

1956

AGOSTO - N.471

EU SEI TUDO

Cr\$ 10,00



A MINHOCASALVADORA DA HUMANIDADE ★ VOCÊ
PODE CURAR DORMINDO ★ EXISTEM OS VENUSIANOS?

É A "MELHOR CABEÇA"
DA ESCOLA...
E USA O "MELHOR
CALÇADO DO
MUNDO!"



insinuante

a maior e melhor
sapataria da América
Latina, e também
uma galeria à sua
disposição com água
geladinha sempre
às suas ordens.

O Brasil fabrica o melhor
calçado do mundo e a
INSINUANTE vende o
melhor calçado do Brasil

**CARIOCA, 46-48
SETE SETEMBRO, 199-201**



Música para a Juventude

•
José Siqueira

JOSÉ SIQUEIRA, compositor e regente, é o autor de **"MÚSICA PARA A JUVENTUDE"**, obra destinada à mocidade que ele ama e à qual tão bons serviços prestou criando, quando presidente da Orquestra Sinfônica Brasileira, os **CONCERTOS DOMINICAIS PARA A JUVENTUDE**. Dispondo de segura experiência didática, com livros publicados (**"Regras de Harmonia"**, **"Canto Dado em XIV Lições"**, **"Curso de Instrumentação"**, **"Modulação Passageira"**, **"Sistema Trimodal Brasileiro"**). Siqueira traça, neste livro, um programa de ensino, palpitante, do qual se beneficiarão quantos tiverem a oportunidade de o ler. **"MÚSICA PARA A**

JUVENTUDE" está dividido em quatro partes referentes às séries ginásias: **Teoria Musical**, **Canto Orfeônico**, **Música e Músicos Brasileiros**, **Contraponto**, **Harmonia**, **Grandes Épocas da História da Música**, **Escolas Musicais**, **Folclore Brasileiro**, **Prosódia Musical**, **Formas Musicais**, **Instrumentação**, **Orquestração e Banda de Música**. Ilustrado com fotografias e exemplos musicais, é um trabalho definitivo na forma e no conteúdo que vem preencher uma lacuna no ensino.

Preço dos 4 volumes pelo reembolso postal: Cr\$ 250,00

Pedidos a Rosa Paula Machado:
Av. Nilo Peçanha n° 12, salas 1207 e 1209, 12° andar — Telefone: 52-4856
RIO DE JANEIRO

Viaje nos trens

VERA CRUZ" e "SANTA CRUZ"



CARROS DE AÇO INOXIDÁVEL
COM AMORTECEDORES
HIDRÁULICOS
MODERNÍSSIMAS CABINES E
CARROS RESTAURANTES
COM AR CONDICIONADO



PREÇOS DE PASSAGENS E HORÁRIOS:

VERA CRUZ

IDA E VOLTA..... CRS 405,00
IDA CRS 226,00
BELO HORIZONTE
SAÍDA: 19,50 — CHEGADA: 11,00
RIO DE JANEIRO
SAÍDA: 20,10 — CHEGADA: 10,15

SANTA CRUZ

IDA E VOLTA CRS 356,00
IDA CRS 198,00
SÃO PAULO
SAÍDA: 22,40 — CHEGADA: 8,25
RIO DE JANEIRO
SAÍDA: 22,30 — CHEGADA: 8,20



MAGAZINE MENSAL ILUSTRADO — CIENTIFICO ARTISTICO HISTORICO E LITERARIO — FUNDADO EM 1917

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA. Diretor: Gratuliano Brito, redator-chefe: Mário Renato de Castro. Redação: Rua Visconde de Maranguapé, 15, Rio de Janeiro. End. Telegr.: «Revista». Telefones: Redação — 22-4447; Publicidade — 22-9570; Administração — 22-2550; Publicidade: L. S. Guimarães, A. Mendes e S. Sant'Anna. Em São Paulo: Distribuição: A. Zambardino, Rua Capitão Salomão, 69 — Representantes em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes de Melo, 34, 2dt., Lisboa. Na África Oriental Portuguesa: D. Spano. Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratário & Cia., Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: Inter-Prensa Flórida, 29, tel. 33, Av. 9108, Buenos Aires. Número avulso em todo o Brasil: Cr\$ 10,00. Número atrasado: Cr\$ 11,00. Assinatura anual: Registrada — Para o Brasil: Cr\$ 150,00, para o estrangeiro: Cr\$ 200,00.

A ARDMESSA

Conto de LAFCADIO HEARN

— I —

NÃO tenho medo de morrer — disse a mulher, com voz que se apagava. — Só uma coisa me preocupa neste momento. Queria saber quem ocupará meu lugar nesta casa.

— Querida — respondeu o angustiado espôso. — Ninguém ocupará nunca o teu lugar na minha casa. Nunca. Nunca tornarei a casar.

Falava sinceramente. Falava com o coração, porque amava a espôsa, que estava a ponto de perder.

— Juras pela fé do samurai? — perguntou ela, com apagado sorriso.

— Pela fé do samurai — afirmou êle, acariciando o pobre rosto consumido.

— Então, amado meu — pediu ela — quero ser sepultada no jardim, sabe?



Perto das cerejeiras que juntos plantamos. Há muito que desejava fazer este pedido, mas pensei que, se tornavas a casar, não seria agradável ter o meu túmulo tão próximo... Mas agora que me prometeste que nenhuma mulher ocupará o meu lugar, não há mal que assim seja feito... Tenho tantíssima vontade de ser sepultada no jardim! Imagino que ali ainda ouvirei algumas vezes a tua voz e que poderei ver as flores na primavera.

— Será feito como desejas... Mas não fales agora. Não é tão grave o teu estado que tenhamos perdido toda esperança...

— Eu já perdi... Morrerei esta manhã... Mas serei sepultada no jardim?

— Sim... à sombra das cerejeiras, que plantamos. E terás uma formosa sepultura.

— Com um sino?

— Um sino?

— Sim; quero que no ataúde ponhas um sino, como êsse que carregam os peregrinos budistas. Farás isso?

— Terás o sino... e qualquer outra coisa que desejes.

— Nada mais desejo — disse ela. — Sempre foste bom comigo, amado meu. Agora posso morrer feliz.

Fechou os olhos e expirou, com essa facilidade com que adormece uma criança cansada. Embora morta parecia formosa, e havia um sorriso em seu semblante.

Foi enterrada no jardim, sob a copa da árvore que amava; e junto com ela enterrou um sinozinho. Sobre a sepultura foi erguido formoso monumento, ornado com o escudo da família, e ostentando este Kaymio: Grande Irmã, Sombra Luminosa da Câmara da Flor da Cerejeira, Moras na Casa do Grande Mar da Compaixão.

MAS, ai! Antes de que transcorresse um ano da morte de sua esposa, os parentes e amigos do samurai começaram a instar com êle, para que contraísse novo matrimônio.

— Ainda és moço — diziam. — És filho único e sem descendência. Um samurai tem o dever de tomar esposa. Se morres sem filhos, quem fará as oferendas, quem recordará os antepassados?

Com muitos argumentos igualmente fortes, persuadiram-no, por fim, a casar

novamente. A esposa tinha só dezessete anos e o samurai a amou ternamente, apesar da muda censura do túmulo do jardim.

— II —

NOS seis dias seguintes ao do casamento, nada turvou a felicidade da jovem esposa. No sétimo, porém, o samurai recebeu ordem de cumprir certos deveres que exigiam sua presença, de noite, no castelo. A primeira noite em que se viu obrigado a deixar só a nova esposa, esta se sentiu intranquilha, sem poder explicar o motivo; vagamente atemorizada, sem adivinhar a causa, foi para o leito, mas não pôde dormir. Havia estranha opressão no ambiente, um peso indefinível, como o que costuma preceder o estalo de uma tormenta.

À hora mais quieta da noite, no silêncio pesado da madrugada, ouviu soar um sino... um sinozinho de peregrino budista, e indagou a si mesma quem seria o peregrino que em tal hora atravessava a propriedade do samurai. Depois de curto intervalo, o sinozinho voltou a tocar, agora mais próximo. Evidentemente, o peregrino se dirigia para a casa; mas por que motivo chegava pelo fundo, onde não havia qualquer estrada?

Repentinamente, os cães da casa começaram a gemer e a uivar de maneira estranha e horrível, e um temor como o que se experimenta em certos pesadelos, assaltou a jovem desposada... Não podia haver dúvida... O sinozinho tocava no jardim! Tentou levantar, a fim de chamar um servidor, porém sentiu que não podia erguer o corpo do leito, não podia fazer um movimento, não podia chamar... E o toque do sino de peregrino cada vez mais próximo, cada vez mais próximo... E como latiam os cães!...

Repentinamente, com a ligeireza com que desliza uma sombra, entrou no aposento uma mulher — embora todas as portas estivessem fechadas e imóveis todas as cortinas — uma mulher envolvida num sudário e que trazia numa das mãos um sino. Não tinha olhos... porque havia muito tempo que tinha morrido; e seus

cabelos, soltos, caíam em uma cascata rala sobre o rosto. Olhava sem olhos, através do emaranhado feio dos cabelos, e falava sem língua:

“Nesta casa, não. Nesta casa não ficarás! Aqui ainda sou eu a esposa! Tu sairás dela! E a ninguém dirás o motivo da tua partida. Se o disseres a êle, eu te farei em pedaços!”

Tendo falado, a aparição medonha pareceu fugir através da parede, desapa-

mais quieta da madrugada, os cães a despertaram com seus uivos e gemidos e novamente ouviu o sinozinho, que se aproximava lentamente, através do jardim; uma vez mais tentou levantar-se e chamar; e, como da vez anterior, a morta entrou no aposento e disse, com voz sibilante:

— Tens que sair desta casa! E a ninguém dirás a razão! Se o disseres a êle, embora num sussurro, eu te farei em pedaços!



recendo. A pobre esposa desmaiou de terror, e até o alvorecer não recuperou os sentidos.

COM a alegre luz do dia, porém, duvidou da realidade do que havia visto e ouvido. E embora a lembrança do aviso tanto pesasse no seu coração que não se atreveu a falar ao esposo nem a outra qualquer pessoa da visão que tivera, quase se convenceu de que fôra vítima de um pesadelo.

Na noite seguinte, no entanto, suas dúvidas se dissiparam. Uma vez mais, na hora

Esta vez a aparição se aproximou bastante do leito, inclinando-se sobre a pobre criatura, fazendo gestos e caretas terríveis.

Na manhã seguinte, quando o samurai regressou do castelo, sua jovem consorte se ajoelhou diante dêle, implorante:

— Suplico — pediu — que perdoes minha ingratidão e minha grande descortesia ao falar-te dêste modo. Mas quero deixar esta casa; quero dela sair imediatamente.

— Não és feliz, aqui? — perguntou o samurai, sinceramente surpreso —

Alguém se atreveu a ser pouco amável contigo durante a minha ausência?

— Ninguém ousou tal — disse ela, soluçante. — Todos foram honestos e muito bons comigo... Mas não posso continuar sendo tua esposa... Tenho que partir.

— Querida minha! — exclamou ele, profundamente assombrado. — É sumamente doloroso saber que encontres nesta casa motivo de infelicidade. Mas não posso sequer imaginar o motivo porque tanto desejas partir... a menos que alguém tenha sido descortês contigo... Seguramente não queres dizer que desejas o divórcio?

Ela respondeu, trêmula e chorando:

— Se não me concedes o divórcio morrerei!

Ele permaneceu um instante silencioso, tratando em vão de adivinhar o motivo daquela assombrosa declaração. Por fim, sem revelar emoção alguma, respondeu:

— Devolver-te ao teu lar, sem que hajas cometido qualquer falta, seria um ato vergonhoso. Se me revelas o motivo do teu desejo — qualquer motivo que me permita explicar as coisas honrosamente — dar-te-ei o divórcio. Porém, se não me deres o motivo, um motivo razoável, não o concederei, porque a honra de nossa casa deve manter-se inaccessível a qualquer censura.

Então a pobre mulher se sentiu obrigada a falar, e tudo revelou ao esposo, acrescentando, no cúmulo do terror:

— Agora que te contei, ela me matará... me matará!

Embora homem valente e pouco inclinado a acreditar em fantasmas, o samurai se sentiu no primeiro instante consideravelmente alarmado. Porém logo acudiu ao seu espírito uma explicação simples e natural para o caso.

— Querida minha — disse. — Estás muito nervosa e receio que alguém tenha

estado contando histórias tôlas para os teus graciosos ouvidos. Não posso conceder-te o divórcio só porque tiveste um sonho ruim nesta casa. Mas, na realidade, muito lamento que tanto tenhas sofrido durante a minha ausência. Esta noite também terei que ir ao castelo, mas não ficarás só. Ordenarei a dois de meus criados que montem guarda em teu aposento, e assim poderás dormir em paz. São homens leais, valentes e saberão cuidar de ti.

E falou-lhe ainda tão prolongadamente e com tanto carinho, que ela quase se envergonhou de seus terrores, e decidiu permanecer na casa.

Os dois soldados encarregados de cuidar da jovem esposa eram homens robustos, valentes e simples, experimentados na guarda de mulheres e crianças. Contaram à jovem senhora agradáveis histórias, a fim de mantê-la alegre. Quando por fim se recolheu para dormir, eles se postaram num canto do aposento, por trás de um biombo, e começaram a jogar uma partida de go, jogo semelhante ao de damas, porém muito mais complicado, falando só em murmúrios, para não despertar a senhora, que dormia como uma criança.

Porém uma vez mais, na hora habitual, a infeliz despertou com um gemido de terror... Ouvira o sinozinho! E já estava próximo! Ergueu-se a meio, lançou um grito, porém no quarto nada se ouviu... Apenas o silêncio da morte, um silêncio que crescia, um silêncio que se tornava espesso. Correu para os soldados: encontrou-os sentados diante do tabuleiro do jogo, imóveis, fitando-se com olhar parado.



Gritou outras vezes mais, sacudiu-lhes os ombros. Nada. Estavam como que gelados...

Mais tarde afirmaram ter ouvido o sino e os gritos da jovem senhora, sentindo mesmo quando os sacudiu, tentando despertá-los e que, no entanto, não tinham podido mover-se nem falar. A partir desse instante deixaram de ouvir e de ver: um véu negro se apossara de ambos.

A O alvorecer, entrando na câmara nupcial, o samurai viu à frágil luz de uma lâmpada o cadáver decapitado de sua jovem espôsa, num charco de sangue. Os dois guerreiros dormiam ainda, sentados num canto do aposento. Ao ouvir o grito de seu senhor, levantaram-se num salto, e ficaram olhando estupidamente para o horror que jazia a seus pés.

A cabeça não aparecia; e a espantosa ferida mostrava que não tinha sido cortada com uma espada, mas sim arrancada. Um rastro de sangue ia desde a câmara até um ângulo da galeria exterior, onde a madeira da porta parecia ter sido rasgada. Os três homens seguiram o rastro, internaram-se no jardim, atravessaram campos plantados e espaços esburacados, contornaram um tanque cercado de lírios, passaram sob densas ramagens de cedros e bambus. E, repentinamente, num cotovelo do caminho, viram-se frente a frente com uma coisa de pesadelo e que piava como um morcego: a figura de uma mulher, sepultada muito tempo atrás, erguida diante do próprio túmulo. Numa das mãos sustentava um sino, enquanto na outra a cabeça ensangüentada. Por um instante permaneceram os três homens imobilizados. Depois um dos soldados desembainhou a espada, pronunciando uma invocação budista e asestou terrível golpe na aparição, que despencou instantaneamente, em desarticulado montão de destroços de sudário, cabelos e ossos, ao mesmo tempo que largava o sino, que rolou, bimbando. Porém a descarnada mão esquerda, mesmo depois de decepado o pulso, ainda continuava retorcendo-se e seus dedos se aferravam ainda à cabeça sangrenta, arranhando e dilacerando, como as pinças de um carangueijo, tenazmente cravadas numa fruta caída...

[SSA é uma história perversa — disse ao amigo que me havia contado. — A vingança da morta, no caso de ser verdade, deveria recair sobre o homem.

— Isso pensam os homens — replicou ele, acendendo um cigarro. — Mas não é isso que sente uma mulher.

E tinha razão.

DISTRAIA-SE COM O SEU CÉREBRO

TIRAR... SEM TIRAR — Aqui estão dez fichas, numeradas (para facilitar a ação do leitor) e colocadas de tal maneira que seja possível contar três carreiras tendo cada uma quatro fichas. Senão, vejamos: Aí estão as carreiras... de 1 a 4, de 2 a 9 e de 3 a 10.

Muito bem, queremos que o leitor realize, simplesmente, o seguinte: retirando uma única ficha e modificando a posição de uma outra... deverão fazer de maneira que continuem aparecendo as três carreiras de quatro fichas cada uma.

Eis o que desejamos do leitor. Verdadeira "mágica"! E quem resolver o problema num mínimo de cinco minutos.

TELEPATIA PARA TODOS — Se o leitor quiser causar assombro, deixando intrigados os amigos é só fingir que sabe usar a força da telepatia. É um truque que sempre desperta o maior interesse. E aqui está uma "telepatia" para qualquer pessoa empregar. Uma das pessoas presentes (com a qual o leitor se entenderá antecipadamente) retira-se da sala. Os demais membros do grupo escolhem uma pessoa do mesmo, a qual a pessoa que se retirou deverá apontar como tendo sido a escolhida. Uma vez feita a escolha, todos permanecerão sentados. Tanto quanto possível as cadeiras estarão em local bem visível, sem nada pela frente, mesa, armário, etc.

A pessoa saída da sala é chamada. Após rápida observação, aponta sem erro possível, a pessoa que foi escolhida. Como isso é possível, se o ajudante nada disse, nem fez qualquer gesto suscetível de fornecer qualquer indicação, tendo permanecido tranqüilamente sentado? Caso o leitor não saiba as respostas, procure-as na página 12.



UMA NOITE À BEIRA DO NIGER...

PAUL Morand, o aplaudido escritor e crítico francês, em uma de suas viagens de recreio, encontrou-se certa noite no coração da África, onde viveu um momento que reputa inesquecível e que, na verdade, o será, principalmente para um indivíduo da sua sensibilidade.

Mas vamos deixar que ele próprio nos descreva esse instante imorredouro:

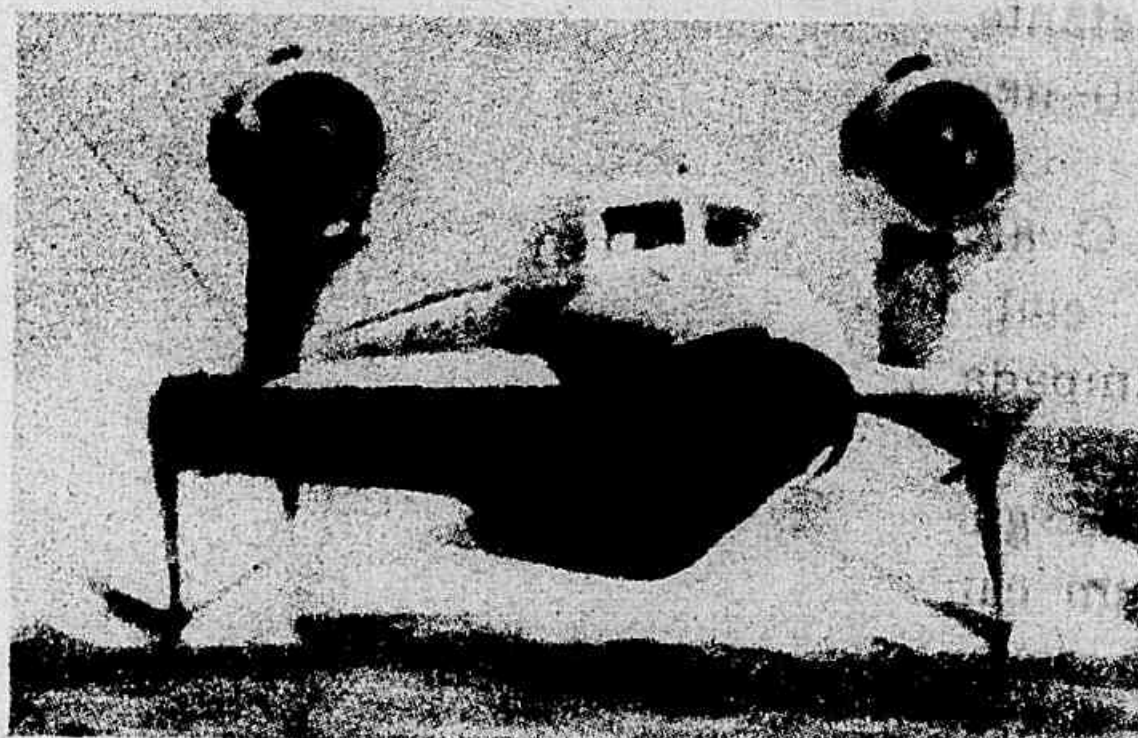
“Uma noite, à beira do Niger, a algumas léguas de Tumbuctu, eu me distraía com um fonógrafo portátil, cercado por toda a população de uma aldeia negra; algumas árias de Offenbach, valsas vienenses e “blues” americanos tinham obtido um sucesso de curiosidade; porém, o aspecto estranho do aparelho era causa maior dessa curiosidade que a música em si.

Pouco depois, coloquei no fonógrafo o adágio da “Sétima Sinfonia” O queixume betoviano, esse eterno lamento, subia para as estrêlas geladas do Sahara; e não poderei jamais esquecer as grandes sombras negras, acoradas, envolvidas nos grandes mantos, ou estiradas sobre a areia, repentinamente silenciosas, num silêncio religioso e absoluto, o papaguear das mulheres repentinamente interrompidos; essa estranha e imediata comunhão de uma raça primitiva com uma arte distante; esse terror mudo diante da tristeza romântica; aqueles homens e aquelas mulheres, quase extáticos com os rostos infantis e sempre prontos a sorrir, agora graves; o respeito profundo e emocionado dos bons pretos inocentes e os olhos fúnebres dos mouros surgindo dos rostos de nômades, mascarados com um pano apertado, que esmagava o nariz.

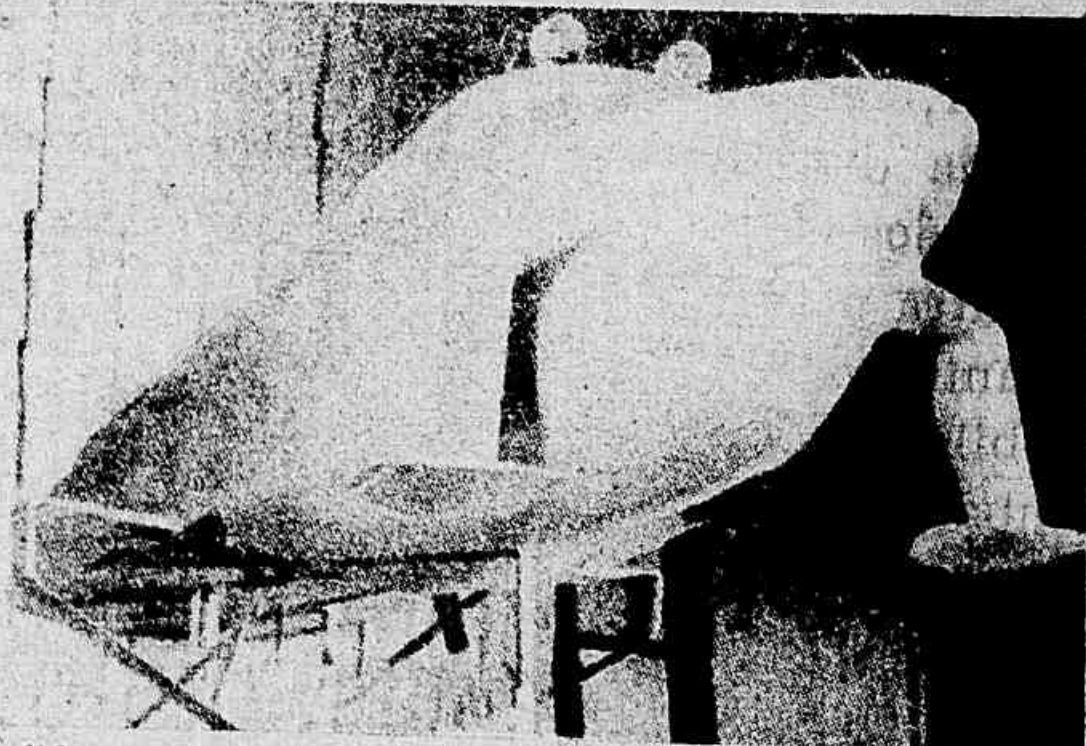
— Compreendi então — termina Paul Morand — que existe um esperanto da dor, porque a dor é profundamente humana... e que o maior denominador comum de todos os homens é a miséria.

OS FUTUROS TRANSATLÂNTICOS

ZOMBARÃO DAS VAGAS E NÃO MAIS HAVERÁ PASSAGEIROS “ENJOADOS”.

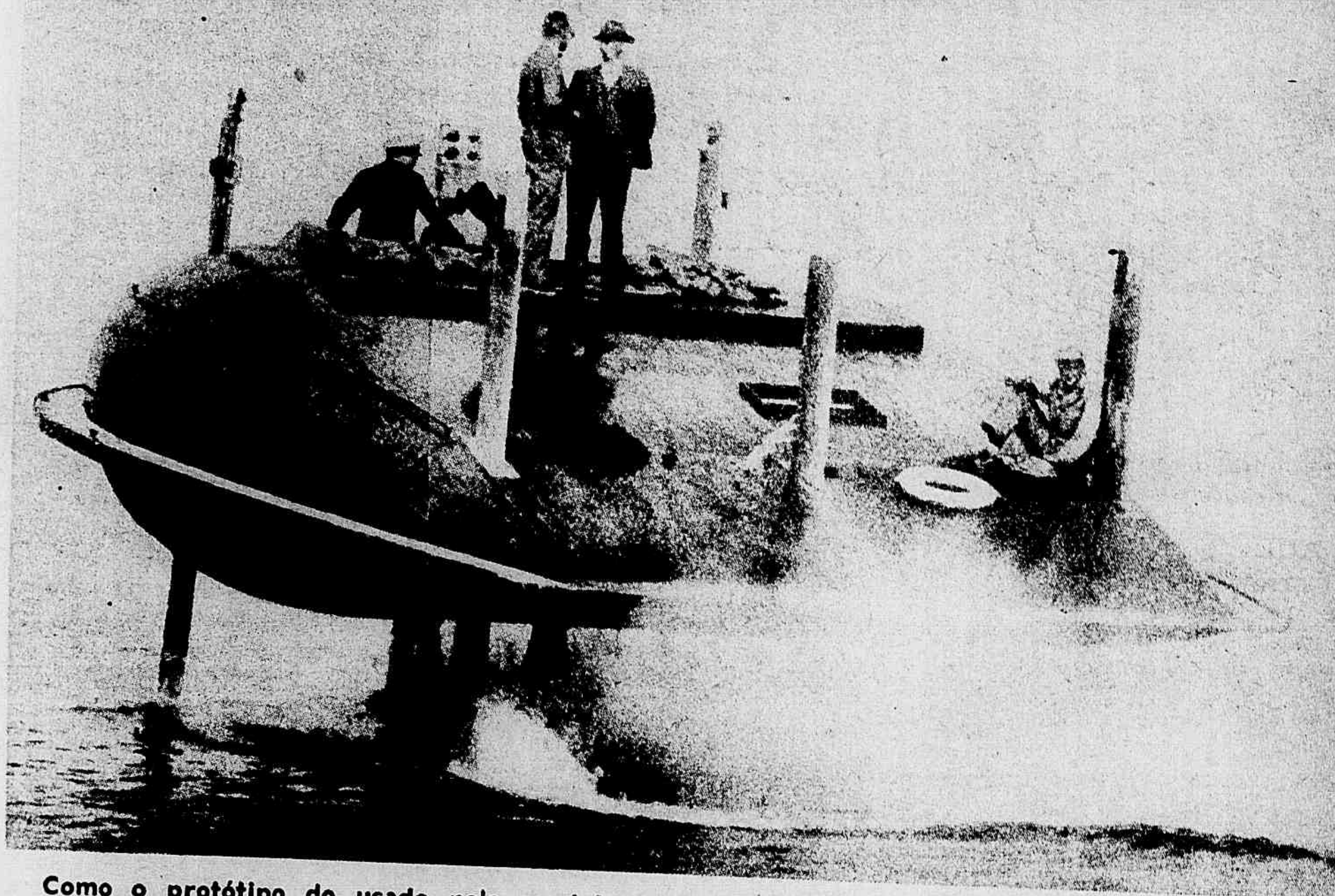


O “Hidrofoil”, norte-americano, atinge 120 quilômetros por hora. Tem dois motores de aviação, de 450 HP; na popa e de cada lado, três asas em “V”, sobre as quais, sobe à proporção que ganha velocidade. Para navegar em águas pouco profundas, as asas são erguidas.

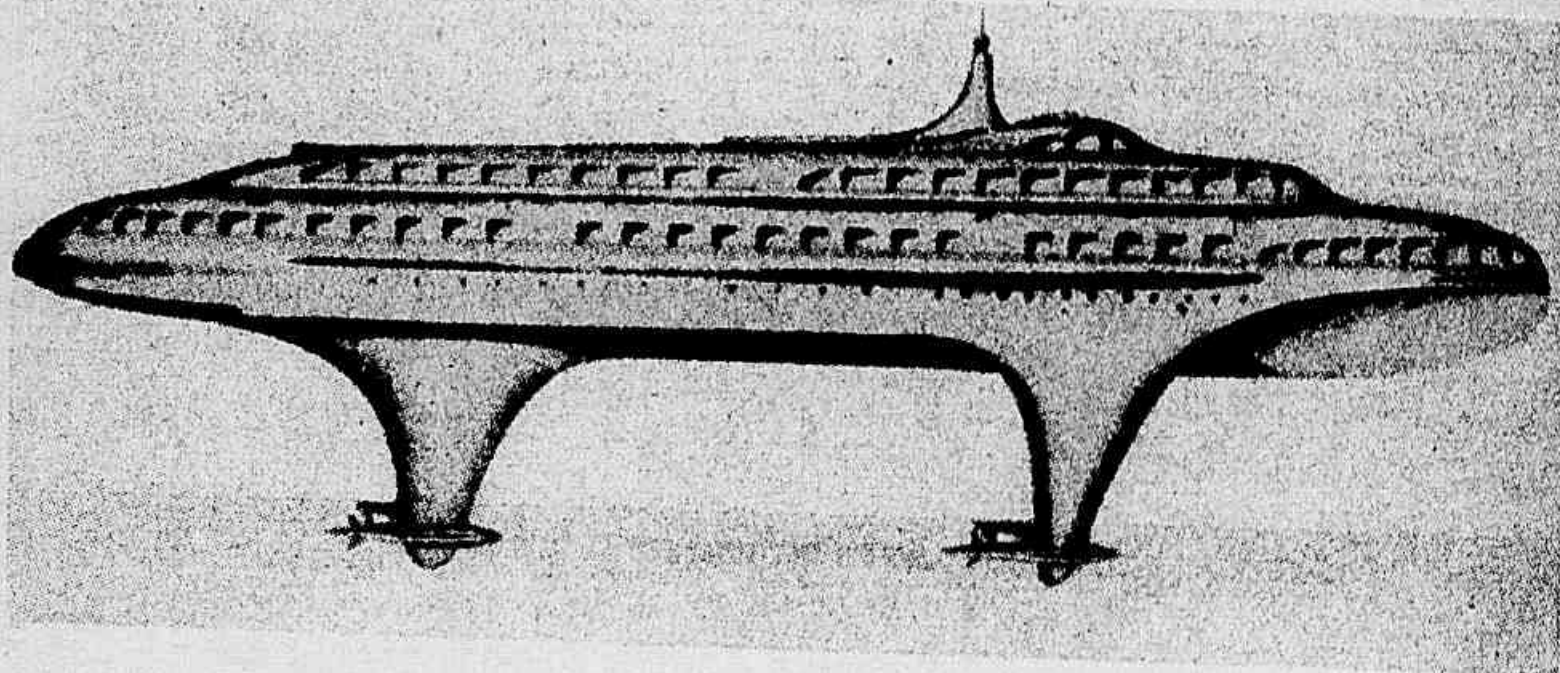
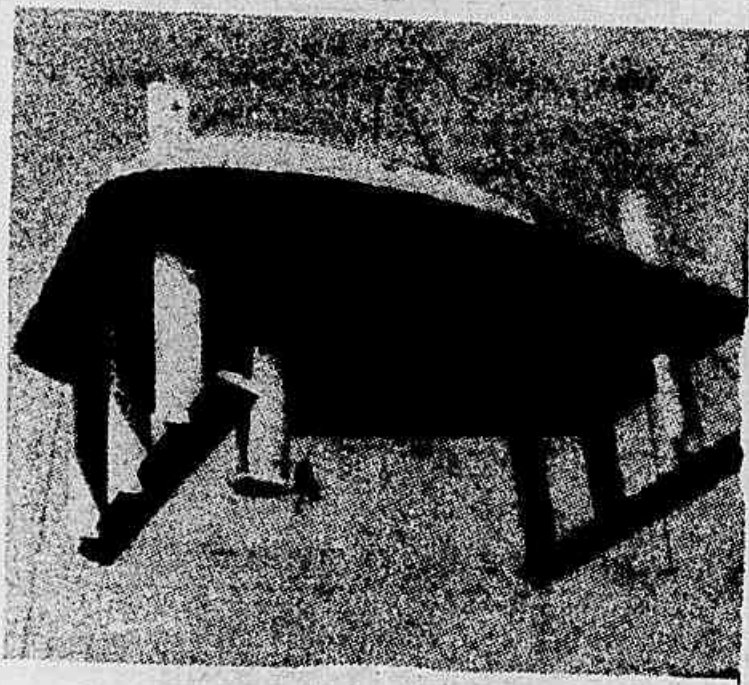


O “Aquastral”, construído para transporte de empregados na Internat. Aquavlon, em Maracaibo (Venezuela). Tem os patins laterais em “V” e bem menores que o da ré.

A busca da velocidade e do conforto sobre a água inspira no mundo inteiro um número crescente de tentativas originais. Delas, a melhor é, sem dúvida, o sistema de asas submersas para as embarcações, o que permite a navegação sem



Como o protótipo do usado pela marinha norte-americana, o "Lantern", ao alto e em baixo (esquerda), o navio do futuro, será montado sôbre asas marinhas. Poderá atingir 70 kms/h e não sofrerá balouço de qualquer espécie. Em baixo (direit.) o modelo concebido pelos alemães.



oscilações, com qualquer mar e, ainda, velocidades nunca sonhadas. Norte-americanos, canadenses, holandeses, ingleses, italianos e alemães. (Sim. Estes também estão no páreo e, como sempre, com probabilidades de deixar os concorrentes para trás...) procuram aprimorar o sistema e fazem incessantes experiências, havendo alguns tipos já aprovados.

Assim uma empresa holandesa, funcionando na Venezuela já emprega esse tipo de barco para conduzir seus empregados na região de Maracaibo.

É barco pequeno, porém os noruegueses já possuem para seus fjords barcos de 80 passageiros, estando em construção outros

para 170, que pretendem empregar numa linha transatlântica para a América do Sul.

Os norte-americanos cuidam, primeiro de dotar sua marinha de guerra de lanchas e embarcações maiores munidas de asas. Depois pensarão nos navios de passageiros.

Mas esperem que eles lá chegarão... e com barcos esmagadoramente superiores aos demais.

De qualquer forma, os passageiros do futuro estão de parabéns, pois, além do conforto e da travessia mais rápida, sabem que não mais enjoarão com o mar agitado, porque os navios do futuro deslizarão sempre como numa lagoa tranqüila.

CONHECENDO A CIDADE Por DON TOBIN



Foi muito gentil oferecendo-se para mostrar a cidade...



"... o mais alto edifício da avenida..."



"... monumento a Deodoro..."



"... Praia de Botafogo..."



"... Pão de Açúcar..."



"...Corcovado com o Cristo Redentor..."



"... Túnel Novo..."



"... Oceano Atlântico I"

BEM mais de um milhão de turistas estrangeiros estiveram, no ano passado, na Holanda, gastando mais de 200.000.000 de florins durante sua estada. Apesar da Holanda ser um centro tradicional de turismo, o fato constitui um recorde. Outro recorde alcançado pelos Países Baixos, em 1955, foi na exportação de ovos: 2.149.862.446 ovos de galinha e 44.396.431 ovos de pata.

N O decorrer de 1955, ano bastante favorável à economia ervateira, o Brasil exportou para o Uruguai mais de 24.962 toneladas de mate, enquanto as exportações para a Argentina atingiam 20.497 toneladas. Na Europa, o melhor cliente foi a Alemanha com uma aquisição de 333.120 quilos.

DISTRAIA-SE COM O SEU CÉREBRO

(Respostas da página 9)

TIRAR... SEM TIRAR — Retirem a ficha n. 5. Tomem a ficha n. 9 e afastem para a esquerda, na mesma linha horizontal, até ficar no prumo da ficha de n. 1. Com isso terão formado a terceira fileira de quatro fichas, com as de números 4, 6, 7 e 9.

TELEPATIA PARA TODOS — É coisa sabida que num grupo de 10 ou 12 pessoas, todas sentadas, não serão vistas duas sentadas da mesma maneira. Os pés, a cabeça, as mãos, a posição do corpo, até mesmo a expressão do rosto, enfim, qualquer coisa será diferente e muito pessoal. Caberá ao "ajudante" adotar posição idêntica à da pessoa escolhida e o outro, ao entrar, olhará primeiro para o ajudante e... a seguir reconhecerá a pessoa que deve ser apontada.

VIAGEM a SHANGRILA



O NEVOEIRO MUDOU O RUMO DE UM AVIÃO QUE SE DIRIGIA DE NEW YORK A CAPITAL FRANCESA. E TAMBÉM O RUMO DA VIDA DE DUAS PESSOAS QUE ENCONTRARAM ALGO QUE ACREDITAVAM HAVER PERDIDO PARA SEMPRE!

Conto de JAMES HILTON

COLSTON obedeceu à ordem de ajustar o cinto. O assento contíguo ao seu estava vazio. Na esperança de que ninguém mais viesse ocupá-lo, estendeu as pernas e começou a retirar papéis de sua pasta. Talvez pudesse trabalhar algumas horas, antes de chegar a Gander...

Colston era um homem forte, alto, e contava uns trinta e oito anos de idade. Ultimamente havia trabalhado em excesso, e sentia o peso dessa estravagância. Também os demais passageiros sentiam a mesma coisa e notavam o seu cansaço, quando o olhavam detidamente.

No último momento, uma mulher — bastante moça — subiu para o aparelho e caminhou em sua direção. Embora houvesse estado a ponto de perder o avião, Colston notou que ela não se achava alterada, o que significava, evidentemente, que não havia corrido. Intrigado, olhou detidamente para a recém-chegada e sentiu o coração bater de modo quase insuportável. Sorriu ligeiramente, enquanto afastava as pernas e os papéis; mas a bela criaturinha parecia não ter notado a sua presença, coisa que ele não se lamentou, pois não alimentava o menor desejo de ter um vizinho loquaz.

O avião decolou. Quando ainda sobrevoava Long Island serviram um coquetel.

Ele tomou Martini e ela um cálice de Xerez. A seguir, Colston tornou às suas anotações.

No momento em que faziam a primeira refeição, ele observou a absurda situação de duas pessoas que comem lado a lado sem trocar uma só palavra. Resolveu romper o silêncio:

— Vai à França? — perguntou.

— Vou à Europa — corrigiu ela.

Colston percebeu uma acentuação estranha na última palavra.

— Passear?

A desconhecida moveu a cabeça demonstrando um certo desalento. Colston se sentia humilhado e ao mesmo tempo alegre à simples idéia de que talvez sua companheira também não tivesse vontade alguma de ter um vizinho falador.

Ao cabo de uma hora o altofalante começou a produzir um som rouco e estridente, que logo foi substituído por uma voz:

“Senhoras e senhores passageiros. Aqui fala o capitão Knox. Estamos voando exatamente sobre o extremo sul da Nova Escócia, a seis mil metros de altitude. A temperatura exterior é de quinze graus abaixo de zero, e a velocidade deste avião de quatrocentos e oitenta quilômetros por hora.”

Colston comentou:

— O capitão Knox estaria melhor cuidando dos contrôles do que falando ao microfone.

Ela sorriu sem responder. Depois de um prolongado intervalo, o altofalante voltou a produzir o mesmo ruído; e em seguida:

"Aqui fala, novamente, o capitão Knox. Acabam de nos comunicar que não há visibilidade para a aterrissagem no aeroporto de Gander. Assim, temos que descer em Gull Bay dentro de quarenta minutos. No

restaurante do aeroporto poderemos tomar um café."

— Gull... — murmurou Colston, retirando um mapa da bolsa que ficava nas costas da cadeira da frente. — Nunca ouvi falar nessa cidade... Aqui está ela! É a primeira vez que vou estar no Labrador.



Como a sua vizinha não fizesse qualquer comentário, Colston fixou sua atenção nos papéis que haviam sobre as próprias pernas.

E, quando o avião começou a aterrissar, já escrevera várias páginas. Ao olhar, então, através da janelinha circular, viu um amplo caminho ladeado por elevados picos, cobertos de neve. As luzes de ater-

rissagem desceram sobre a pista com seus jatos coneiformes. E, quando o avião parou, a aero-moça avisou:

— Faz frio e neva abundantemente. Os que desejarem descer deverão vestir agasalhos.

Colston passou pela frente da sua vizinha, que parecia dormir. Ao atravessar a porta de saída, sentiu um repentino golpe de frio; era como se houvesse ido de encontro a um muro invisível. Um soldado canadense espalhava areia sobre os degraus da escada móvel, que se achava coberta de neve.

Não podia dizer que aquilo fôsse precisamente um restaurante; simplesmente umas cadeiras de palha e algumas poucas mesas; um aparador com copos e uma pequena cafeteira. E quando deram o sinal, Colston foi um dos primeiros a voltar ao avião.

Sua vizinha continuava sentada, com os olhos fechados. Parecia não perceber a presença dele que acabava de chegar.

Passaram-se alguns minutos e tudo estava pronto para a decolagem. Mas, por qualquer motivo ignorado, os motores não iniciaram o ronco habitual. Depois de meia hora de espera, o capitão Knox se desculpou brevemente pelo atraso, sem, contudo, dar explicações. Transcorreram outros trinta minutos. O frio invadia o avião; um frio que penetrava até aos ossos e que a aero-moça assegurava que desapareceria tão logo estivessem voando.

Repentinamente, o altofalante voltou a comunicar:

— Fala o capitão Knox. Senhoras e senhores, lamento muito, mas vamos ser forçados a permanecer aqui até que nos chegue uma peça acessória de New York. Provavelmente, a demora será de 24 horas. Nada mais. Sinto muito, mas nada posso fazer. Há um hotel no qual todos terão acomodação e há também um ônibus que os levará do aeroporto. O primeiro vai sair imediatamente.

— Santo Deus! — murmurou Colston.
— Você ouviu?

A moça concordou, abrindo os olhos. Alguns passageiros já se dispunham a enviar telegramas às suas famílias. Mas a aeromoça não sabia se poderiam fazer, nem de que maneira. Quanto o capitão,



com suas idas e vindas à cabine de controle, contribuía mais ainda para aumentar as incertezas. Gull Bay — reconhecia êle — à meia noite e batida por uma tempestade de neve, devia estar isolada do resto do mundo!

A jovem passageira não se moveu. Colston sorria.

— Bem; deixemos que os velhos saíam primeiro... Pensando bem, coisas piores poderiam ter acontecido, não lhe parece? Vinte e quatro horas sem nada que fazer! Sem conversas sobre negócios, sem telefonemas, sem correio, sem jornais, sem os memorandos internos do escritório. Só há que comer, dormir, descansar, meditar... Esta demora altera muito os seus planos?

Sua vizinha moveu negativamente a cabeça e, pela primeira vez, lhe deu uma resposta:

— Não. Ninguém está a minha espera. E a você? Atrapalha o atraso?

— Deveria me atrapalhar muito, mas não importa. O meu cliente é que vai ficar aborrecido.

— Ah!

Colston desatou a rir.

— Ele me espera em um lugar chamado Vaduz, do qual certamente você nunca ouviu falar.

— Claro que ouvi! Fica em Lichtenstein. É, aliás, um lugar maravilhoso.

— Conte-me algo a respeito de Vaduz.

— Bem; fica numa região interessantíssima. Sou de uma cidade vizinha, do outro lado da fronteira com a Áustria. Seu amigo mora mesmo em Lichtenstein?

Colston tornou a rir.

— Você agora colocou o dedo bem em cima da ferida. Mora e não mora ali. Legalmente, é claro. Trata-se de um problema muito complicado. Foi por isso que me chamou.

— Mas, seja como fôr, você vai gostar muito.

— Tenho minhas dúvidas. Pelo que vejo você não entende nada disso; e realmente é um assunto que não pode merecer o seu interesse. Mas, enfim, o caso é o seguinte: sou advogado e um amigo meu, um cliente, quer evitar o pagamento do imposto. Outro advogado disse-lhe que podia fazê-lo desde que estabelecesse seu domicílio em Lichtenstein. Este fato ocorreu há alguns meses, e agora encontra-se numa situação difícil, da qual quer que eu o livre. Penso dizer-lhe que o melhor será tentar situar-se no Pôrto Rico. Você não pode imaginar quantos lugares raros existem para as pessoas que ganham mais de um milhão por ano. Eu, pessoalmente, acho que a América é melhor para se viver, embora reconheça que seu país possua a auréola da história medieval.

— Meu país?

— Você não me disse que é austríaca?

— Nasci na Áustria, é verdade. Mas sou cidadã norte-americana!

Isto o deixou surpreso; mas naquele mesmo instante ouviu-se o chamado para ocupar os lugares no segundo ônibus.

O veículo começou a arrastar-se pesadamente ao longo de uma solitária estrada que serpenteava sombriamente para o interior. O vento soprava com força. O ônibus, dirigido por um rapaz com gôrrô



de pele na cabeça e longas polainas, avançava lentamente vencendo as dificuldades opostas pelos bancos de neve amontoadas que se elevava quase à altura das janelas.

Colsen acendeu o seu cigarro e o de sua companheira.

— De maneira que vai visitar sua terra natal? Há quanto tempo saiu de lá?

— Dezoito meses.

— Apenas isto? Fala tão bem o inglês que eu pensei...

— Ora, o inglês eu falo há muitos anos. Trabalhei com o exército americano em Viena, depois da guerra.

Não lhe custou grande esforço acreditar no que ela dizia. Era o tipo de mulher para essa espécie de trabalho. Depois de algum tempo, perguntou:

— Vai diretamente para Viena?

— Não. Vou demorar um pouco em Paris.

— Umas férias errantes...?

— Não se trata precisamente de férias. Mas que ando... errante, isto é verdade!

Colston não compreendeu inteiramente o sentido do que ela queria dizer.

— E quando pretende regressar?

— Não tenho planos estabelecidos. Talvez demore muito tempo. Enfim, tudo é ainda vago... Acho que estamos chegando.

Após fazer uma curva, o ônibus parou diante de uma abertura iluminada que parecia semi-obstruída pela neve. Um pequeno corredor partindo da porta exterior conduzia a uma outra situada mais no fundo. A cada passo que se avançava, notava-se o aumento de um calorzinho reconfortante. O "hall" era alegre e bem arranjado, e grupos de cadeiras e mesas davam-lhe um aspecto familiar. Um gerente cordial, de rosto cheio e sorridente, anunciou que a comida seria servida dentro de poucos instantes. Acrescentou que o número de empregados do hotel era deficiente, razão porque pedia a todos que desculpassem as deficiências. Existiam poucos quartos individuais e, por conseguinte, a maioria dos passageiros teria que se acomodar em dormitórios coletivos.

De repente, Colston percebeu que sua companheira se voltava e caminhava até a porta exterior. Intrigado, acompanhou-a à distância, a fim de averiguar o motivo. Dois cães peludos, procurando refúgio por



causa da tempestade, infiltraram-se entre os passageiros, aproveitando a confusão da chegada. A jovem se inclinava para eles, tentando conquistá-los, mas os animais, desconfiados, retrocediam. Colston se aproximou, segurando-a pelo braço.

— Não lhes toque! — disse.

Surpreendida, ela se voltou.

— Por quê? Por que motivo? São tímidos.

— No seu lugar não brincaria com eles insistiu.

A moça desatou a rir:

— Não compreendo a razão (a presumível continuação "você se mete aonde não é chamado", parecia tão clara como se houvesse sido formulada; mas algo a conteve). — Por que se assusta tanto?... — continuou, precipitadamente. — Será que tem medo?

— Não tenho medo de coisa alguma.

— Então, não gosta de cães?

Suavizando a tensão, o gerente interveio com vivacidade:

— Tem razão, senhor; não se deve confiar nesses animais.

Abriu a porta de entrada, fazendo um gesto ameaçador com o pé; e os animais saíram correndo, com a cauda encolhida.

— Esta é a melhor maneira de tratá-los.

— Não — disse Colston, com convicção.

— Nunca se deve tratar os cães a pontapés!

— Muitas vezes temos que atirar nêles. Não faz muito tempo que um dêsses bichos arrancou o dedo de um rapaz.

E, dando umas palmadinhas nas costas de Colston, acrescentou:

— Ainda bem que o senhor chegou a tempo! Talvez tenha salvado essa mocinha de uma experiência desagradável.

Assim que o gerente se juntou aos demais passageiros, ela tornou a falar:

— Neste caso devo agradecer-lhe. Sabia que eram perigosos? E disse-me que nunca havia estado em El Labrador!

— É que... Não sei; certamente li algo a respeito em alguma parte.

— Ou será que, por princípio, costuma afastar as pessoas dos cães?

— Não é bem isso...

— Quer dizer que não é amigo dos cães?

Colston tomou-a por um braço e tentou levá-la para dentro.

— Não sei o que entende por amigo de cães. Se isso tem alguma importância, direi que tenho vários dêsses animais em casa... A propósito, não sabemos os nossos nomes. O meu é Harry Colston.

— Annrie Smith — disse ela. — **Annrie** é um diminutivo que meus pais arranjaram para Anne-Marie.

Pouco depois, demonstrando um apetite surpreendentemente voraz, conversavam com uma confiança que parecia haver crescido com uma rapidez tão grande quanto o próprio apetite.

— Annrie — repetiu êle — forma uma combinação bastante singular com Smith.

— Sim; é verdade. Êle era um soldado norte-americano. Conhecemo-nos nos escritórios do exército, em Viena, onde eu trabalhava como tradutora.

— Uma das poucas coisas boas que a guerra fez foi fornecer tantos casamentos...

— Mas há um ano que estamos divorciados. Não temos filhos. Simplesmente, não nos entendíamos!

— É lamentável!

— Êle casou novamente. E parece muito satisfeito.

— Sim... E você?

Com um sorriso forçado, ela respondeu:

— Ah! Não se preocupe comigo. Eu mesma não me levo muito a sério!

A O despertar, Colston viu os raios do sol entrando pela janela e ouviu o ressonar de cinco companheiros de viagem. Consultou o seu relógio: era bastante tarde; havia dormido cerca de oito horas.

Levantou-se, tomou um banho e tratou de sair do quarto. Alguns passageiros já estavam levantados; outros haviam decidido dormir durante todo o dia perdido. O gerente o cumprimentou efusivamente:

— Linda manhã! Nenhuma nuvem no céu. Mas, não saia sem óculos escuros, nem se afaste muito do hotel. O almoço será servido dentro de meia-hora.

Colston cruzou a porta que dava para fora. A bela planície o acolheu amistosamente, proporcionando-lhe uma sensação de inefável bem-estar.

— Quer saber? — disse, voltando-se para o gerente que o acompanhara. — Se eu ficasse aqui algum tempo, acabaria gostando do lugar.

— Não há dúvida — respondeu o outro, calmamente, como se a idéia fôsse um segredo entre ambos. — Nós adoramos isto. Eu e minha mulher moramos aqui há dois anos. E não nos acostumaríamos a morar em qualquer outro lugar. A dificuldade está só em não encontrarmos quem queira trabalhar. Pagamos muito mais do que se costuma pagar nas grandes cidades. Suponho que isto é devido à falta de diversões. Não há cinema, nem rádio, nem televisão...

— Seu hotel está realmente aberto a todos os que vêm de fora?

— Sim. Mas cobro trinta dólares diários. E não posso cobrar menos, porque tudo o que tenho aqui vem de avião. Se não fôssem as linhas aéreas não era possível manter o hotel aberto.

(Continua no fim da revista)

EXISTEM OS VENUSIANOS?

Por DE MATTOS PINTO

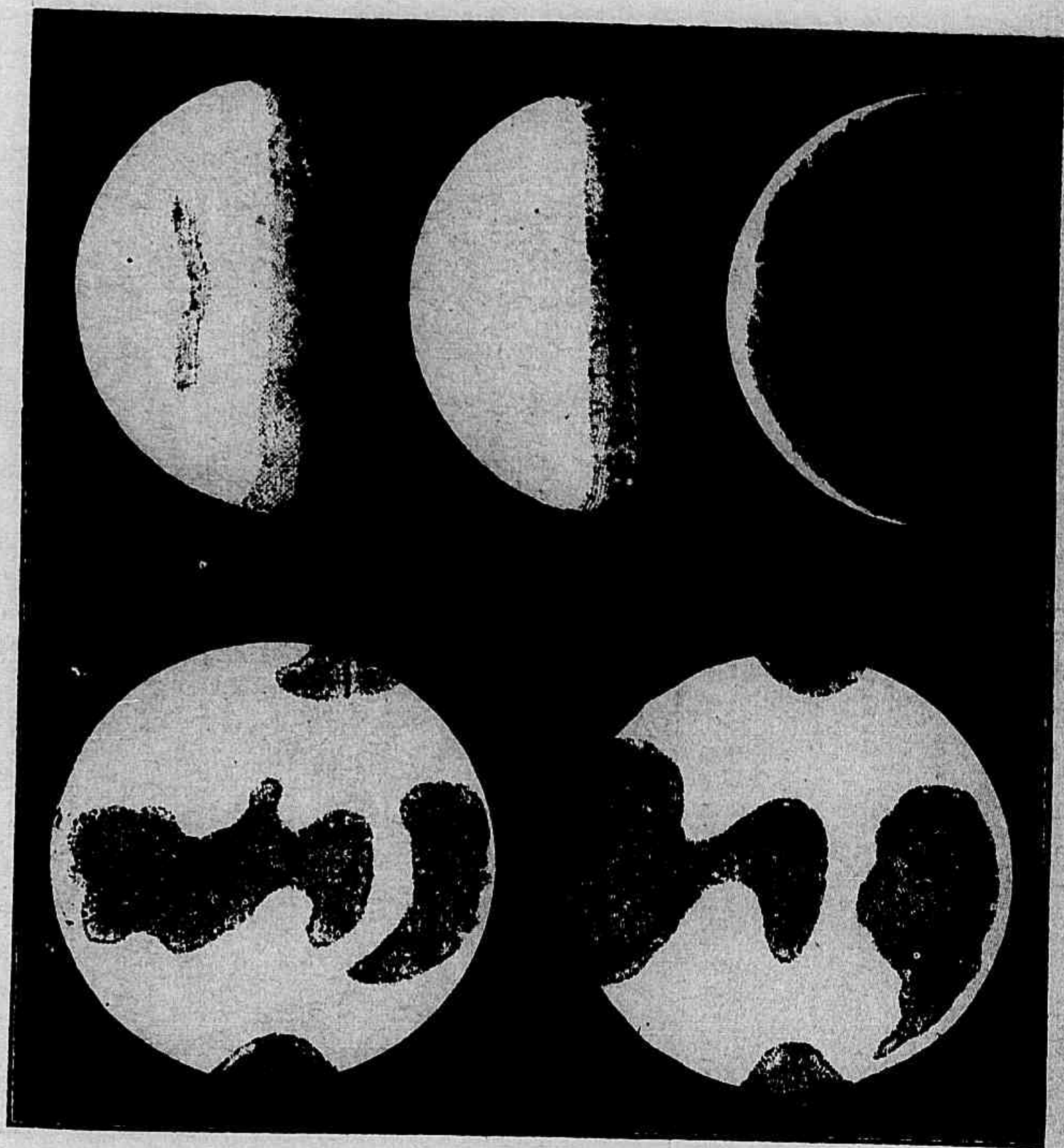
O sensacionalismo dos visitantes interplanetários em discos voadores, charutos supervelozes e outras naves extra-espaciais, lançou a hipótese de procederem os mesmos de Vênus, cuja semelhança com a Terra favorece as especulações astronáuticas. E como não conseguiram identificar os supostos viajantes de outros mundos recorrem à astronomia para interrogar sobre a habitabilidade dos astros.

Quando os colunistas consultam o astrônomo dilui-se a fantasia e só as verdades concretas arregimentam-se para replicar aos interrogatórios do público. O planeta Vênus impressionou o firmamento dos antigos pelo esplendor do seu brilho. Astro por excelência, visível a olho-nu, irradia tão rara luminosidade que poetas e sábios não puderam fugir ao seu influxo resplandescente.

Os turistas admiram no Museu Britânico uma tabuleta assíria indicando observações sobre Vênus pelos astrônomos da Babilônia, dezessete séculos antes de Cristo. Entre Mercúrio e Marte, Júpiter e Saturno, emite sua inconfundível luz, cuja presença venerava a mitologia do Egito.

Circulava uma fábula religiosa entre os homens crédulos de Tebas supondo entrever a alma dos deuses nas cintilações

AS ETERNAS SUPOSIÇÕES DA HABITABILIDADE INTERPLANETÁRIA



Ao alto: chanfraduras do Planeta Vênus, conforme anotações do astrônomo alemão Johann Schroter, que observou durante anos a rotação do planeta sobre seu próprio eixo. Embaixo: manchas dos dois hemisférios de Vênus, conforme as observações do astrônomo italiano Francesco Bianchini. Espessas nuvens ocultam o planeta supondo uns que Vênus atravessa o ciclo do período hulheiro e outros que não pode existir vida devido ao excesso de dióxido de carbono. Terceiros emitem a hipótese de haver oxigênio livre nas baixas camadas da atmosfera e que, portanto, há vida biológica, mas de tipo inferior.

dos corpos celestes. A Vênus os sacerdotes egípcios muitas vezes designavam por Ísis, uma das suas queridas divindades. Os hindus concederam-lhe o nome de Sukra na acepção de refulgente.

Até a Bíblia alude à intensidade dos seus raios. Vésper pela tarde e Lúcifer pela manhã, conforme a linguagem mitológica dos gregos, mereceu a honraria de

ser mencionado pelo maior dos poetas da antiguidade. Homero cantou a puríssima luminosidade de Vênus na "Ilíada".

Falaram do planêta mais festivo e jovial do céu Hesiodo, Platão e Aristóteles. Estrela errante assim o julgou Demócrito, o filósofo helênico do atomismo. Porque brilhava pela aurora e pelo crepúsculo os gregos o consideravam como dois astros diferentes. Atribuem a Pitágoras, o filósofo grego de Samos e que havia pressentido a esfericidade do globo terrestre e dos astros, a glória de haver demonstrado que se tratava de um só planêta. Conferem o mesmo mérito a Parmenides de Elea, filósofo grego contemporâneo de Heráclito.

Na Roma Imperial aparece Vênus numa oração do maior orador latino Marcus Tullio Cicero. Verdadeiro lume entre as constelações, Afrodite entre os gregos e Vênus entre os romanos, não teme a rivalidade de outros clarões celestes.

Em pleno dia, Edmund Halley descobriu seu disco fulgurante na opaca atmosfera de Londres em 10 de julho de 1716. Também Françaix de Lalande percebeu o astro durante o dia no ano de 1750. E desde então todos os astrônomos puderam verificar sua visibilidade desafiando os raios do sol como fato incontestável. O próprio nome parece expressar que nenhum outro planêta deve refulgir tanto como Vênus, o segundo membro do sistema planetário na ordem da distância do Sol. Na fase máxima supera duas vezes em luminosidade a Sírius, a primeira das estrelas do nosso universo sideral.

ANALOGIA ENTRE DOIS MUNDOS — Dúas vezes mais afastado do que Mercúrio gravitando quase dentro do foco

solar, Vênus descreve sua órbita a cento e oito milhões de quilômetros do astro central do sistema planetário.

O ciclo do seu movimento se desenvolve sem notáveis irregularidades, antes em boa ordem. Ao contrário de Mercúrio, cuja órbita prima pela excentricidade, a elipse quase circular de Vênus facilita ao astrônomo a observação de tôdas suas fases. Com doze mil e trezentos quilômetros de diâmetro, dir-se-ia um plágio da Terra feito pela natureza para intrigar a curiosidade dos humanos, aguçando-lhes a especulação sobre os prováveis habitantes.

O ano sideral se compõe de duzentos e vinte e cinco dias, tempo que leva a executar a volta em torno do sol. Mais exatamente duzentos e vinte e quatro dias e dezoito horas, conforme os algarismos de Françaix de Lalande.

O ano sinódico, revolução em volta do sol para o observador terrestre, vai mais além e exige quinhentos e oitenta e quatro dias. Em confronto com as estrelas, astros aparentemente imóveis, notamos dois movimentos em Vênus, um direto e outro retrogrado, pois mergulha e se afasta do foco solar. Provam os cálculos que dos quinhentos e oitenta e quatro dias do ano si-

nódico, Vênus emprega apenas quinhentos e quarenta e dois dias no ciclo direto. Os outros quarenta e dois dias constituem o ciclo retrogrado com relação às estrelas.

Cinco revoluções de Vênus perfazem oito anos da Terra. Se no curso da órbita o sol fica entre o nosso globo e o planêta dizemos que Vênus alcançou sua conjunção superior. No sentido oposto há conjunção inferior quando o planêta se interpõe entre o sol e a Terra. No primeiro



Nuvens brilhantes e de formas mutáveis envolvem constantemente o disco do planêta Vênus. Sob o pesado nevoeiro oculta-se um mundo físico e biológico desconhecido, impenetrável às análises espectroscópicas (Desenho de E. Fontseré).

caso dista do nosso mundo duzentos e cinquenta milhões de quilômetros e no segundo caso apenas quarenta milhões de quilômetros nos separam de Vênus. O mais brilhante dos planetas ostenta mais luminosidade trinta e seis dias antes e trinta e seis dias depois da conjunção inferior. Algumas vezes o afastamento decresce a trinta milhões de quilômetros, sendo assim o corpo celeste que mais se avizinha da Terra depois da lua.

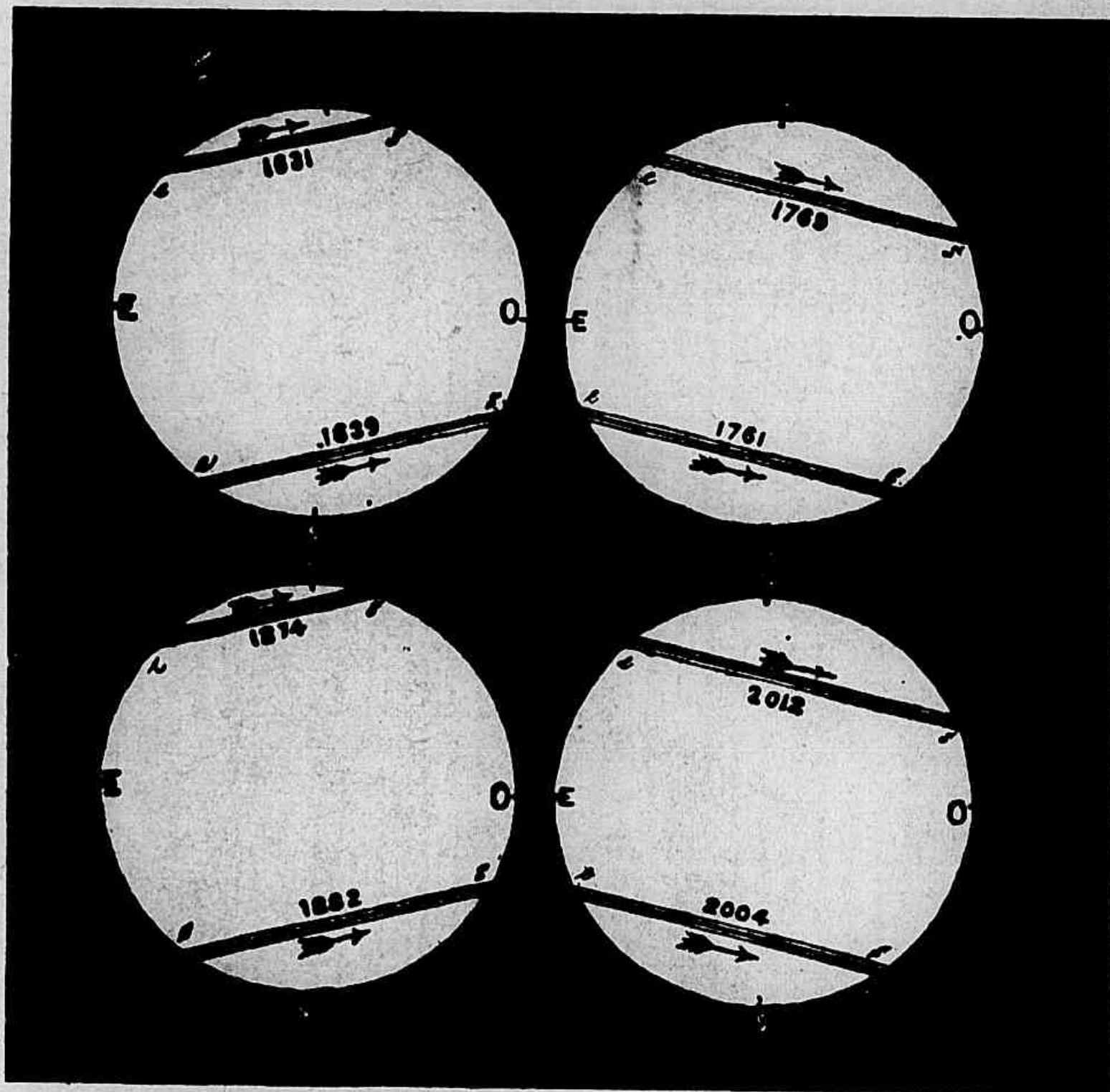
Na conjunção inferior seu brilho se multiplica porque seu diâmetro aparente nos surge várias vezes maior. Sucede que o globo venusiano na fase correspondente à lua-nova apresenta-nos o hemisfério escuro. Portanto, quinhentos e oitenta e quatro dias de intervalo separam duas conjunções.

Na sua fisionomia geral e telescópica, Vênus se assemelha intensamente com o nosso orbe, razão porque lhe qualificaram de **RÉPLICA DA TERRA**. Realmente, o diâmetro terrestre traspasa só em trinta e nove quilômetros o diâmetro do planeta venusiano. Porém mil e um acidentes variam as surpresas da vida universal e os humanos especulam sobre os hipotéticos habitantes de Vênus.

UM DIA QUE PROVOCA DISPUTAS ENTRE OS ASTRÔNOMOS — Dificuldades até agora insuperáveis da própria natureza do planeta impedem a exata verificação do movimento venusiano sobre seu eixo. Dominique Cassini iniciou os estudos da rotação em 1666 postulando um período de vinte três horas e trinta minutos.

De posse de lunetas mais aperfeiçoadas Francesco Bianchini dedicou-se ao mesmo problema de 1726 a 1727. Pelas observações em observatórios romanos sobre certas manchas que impressionaram Cassini, concluiu por uma rotação de vinte e quatro

dias e oito horas, um grande salto numérico. Johann Hieronymus Schroter, astrônomo germânico do Observatório de Lilienthal, impôs suas reservas aos cálculos, o mesmo sucedendo a William Herschel e Johann Heinrich Maedler, que não chegaram a um acordo. William Herschel duvidou da realidade desse período que lhe pareceu incerto e com muitas improbabilidades. Jacques Cassini, filho do notável



Linhas determinando a passagem de Vênus pelo disco do sol nos anos de 1631, 1639, 1761, 1769, 1874 e 1882. A astronomia já previu mais duas passagens de Vênus em face do sol no futuro século XXI, nos anos de 2004 e 2012. O astrônomo alemão Johann Kepler e o astrônomo inglês Edmund Halley estudaram as passagens do planeta Vênus pelo disco solar.

Jean Dominique Cassini, tentou determinar a rotação de Vênus e estipulou vinte e três horas e vinte e dois minutos, reconhecendo a impossibilidade de obter um horário mais exato por intermédio das manchas.

Os planetas inferiores escapam aos métodos de análise que resultam bem nos outros corpos celestes. Além dessa contingência, mal perceptíveis e informes, as manchas venusianas se confundem com a nebulosidade geral da atmosfera. De 1833 a 1836, William Beer e Johann Maedler concentraram-se em novos exames das manchas e da rotação. Tão precários

lhe pareceram seus estudos que o classificam de negativos e negam-se a julgar a disputa entre os outros astrônomos. In-



De origem italiana Jean Dominique Cassini exerceu o cargo de professor de astronomia na Universidade de Bolonha. Depois radicou-se na França e naturalizou-se francês. Nomeado diretor do Observatório de Paris notabilizou-se por trabalhos de real valor científico. Descobriu quatro satélites de Saturno, executou os primeiros estudos da Luz Zodiacal e legou numerosos problemas de geometria ainda discutidos e de interesse para os geometras. Protetor de escritores e de sábios, Luís XIV introduziu o astrônomo Jean Dominique Cassini na Academia Francesa, sendo uma das personalidades mais famosas da sua época. Cassini dedicou-se ao estudo da rotação diurna do planeta Vênus, uma das questões mais controvertidas da astronomia. Três filhos do grande Cassini especializaram-se em astronomia e trabalharam no Observatório de Paris. — (Estátua da Jean Dominique Cassini no Observatório de Paris.)

das manchas como sôbre o disco de Mercúrio. As melhores tentativas para elucidar a dificultosa questão complicavam ainda mais o fenômeno pela variedade das opiniões emitidas. Sucedeu isso justamente com Francesco Vico e Giovanni Schiaparelli, este último o descobridor dos canais do planeta Marte.

Em 1839, Francesco de Vico dirigiu no Observatório do Colégio Romano uma série de dez mil observações sôbre a rotação venusiana. Francesco de Vico postulou que o movimento em volta do eixo consome vinte e três horas, vinte e um minutos e vinte e um segundos. Cinquenta e um anos depois, em 1890, novos ensaios empreendidos por Giovanni Schiaparelli, famoso pela sua teoria das estrêlas cadentes e da habitabilidade marciana, marcaram a rotação em duzentos e vinte e quatro dias e dezesseis horas, ciclo igual à revolução em volta do sol.

Apesar da enorme divergência, o astrônomo norte-americano Percival Lowell perfilou-se ao lado do astrônomo italiano Giovanni Schiaparelli. Dessa data em diante impera a confusão numérica sôbre a rotação do planeta Vênus.

A. Belopolsky falou em doze horas, P. Carrasco prefere cinquenta e sete horas e H. Mc Ewen avalia em sessenta e oito horas. Em 1921, William Henry Pickering retoma a questão e apresenta o ciclo de sessenta e oito horas. Baseado em fotografias com filtros especiais, F. E. Ross deu em 1928 uma rotação de trinta dias.

Fracassaram todos os esforços para conciliar as cifras que se contradizem e que refugam a exatidão matemática. Subsiste um fato indicando que a rotação diurna não pode ser excessivamente longa. Esse fato proveio das análises espectroscópicas de W. Coblentz e C. Lampland, cujos trabalhos se especializaram na irradiação do calor pelo hemisfério obscuro de Vênus. Se o período de rotação iguallasse ao período de revolução sideral, como pretendiam Giovanni Schiaparelli e Percival Lowell, a atmosfera obscurecida perderia o calor totalmente.

A preservação da temperatura só pode ser explicada pela rotação rápida sôbre o eixo que aquece as diversas camadas expondo-as à influência térmica do sol.

sistiu Hermann Karl Vogel que o problema não poderia ser resolvido por meio

Discute-se ainda sobre a longa rotação de duzentos e vinte e cinco dias, mas o permanente nevoeiro mascara a superfície venusiana e obsta a solução definitiva do problema.

UM ACONTECIMENTO PARA SER OBSERVADO NOS ANOS 2004 E 2012 — O astrônomo alemão Johann Kepler começou os trabalhos sobre a passagem de Vênus diante do sol em 1627. E anunciou duas pasagens para 1631 e 1761. Pierre Gassendi quis examinar o fenômeno e dispôs os instrumentos em Paris.

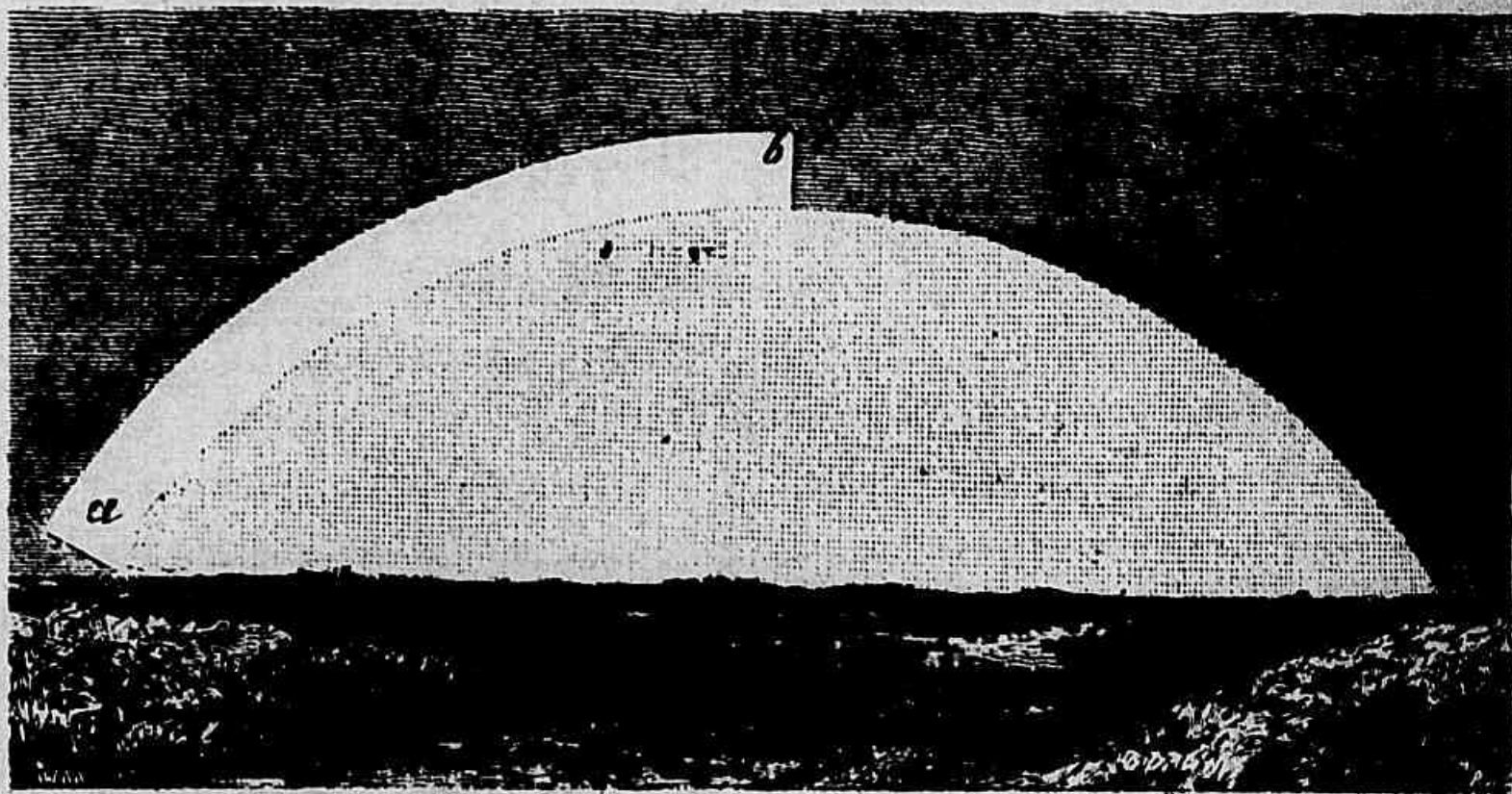
A passagem transcorreu oito anos depois da previsão em 1639 e os astrônomos observaram-na na Inglaterra. Os dados sobre os quais Johann Kepler desenvolvera seu cálculo haviam sido insuficientes.

O astrônomo inglês Edmund Halley aplicou o fenômeno da passagem para medir a paralaxe do sol. O planeta Vênus passa pelo disco solar com intervalos de oito anos duas vezes consecutivas, em seguida com períodos de cento e cinco a cento e vinte e um anos.

A astronomia moderna já postulou oito passagens de Vênus pelo disco solar: 2 de junho de 1518, 1 de junho de 1526, 7 de dezembro de 1631, 4 de dezembro de 1639, 6 de junho de 1761, 3 de junho de 1769, 9 de dezembro de 1874, 6 de dezembro de 1882. As futuras gerações de cientistas observarão a passagem de Vênus sobre o disco solar nos próximos anos de 2004 e 2012, quando poderão ser utilizados equipamentos eletrônicos.

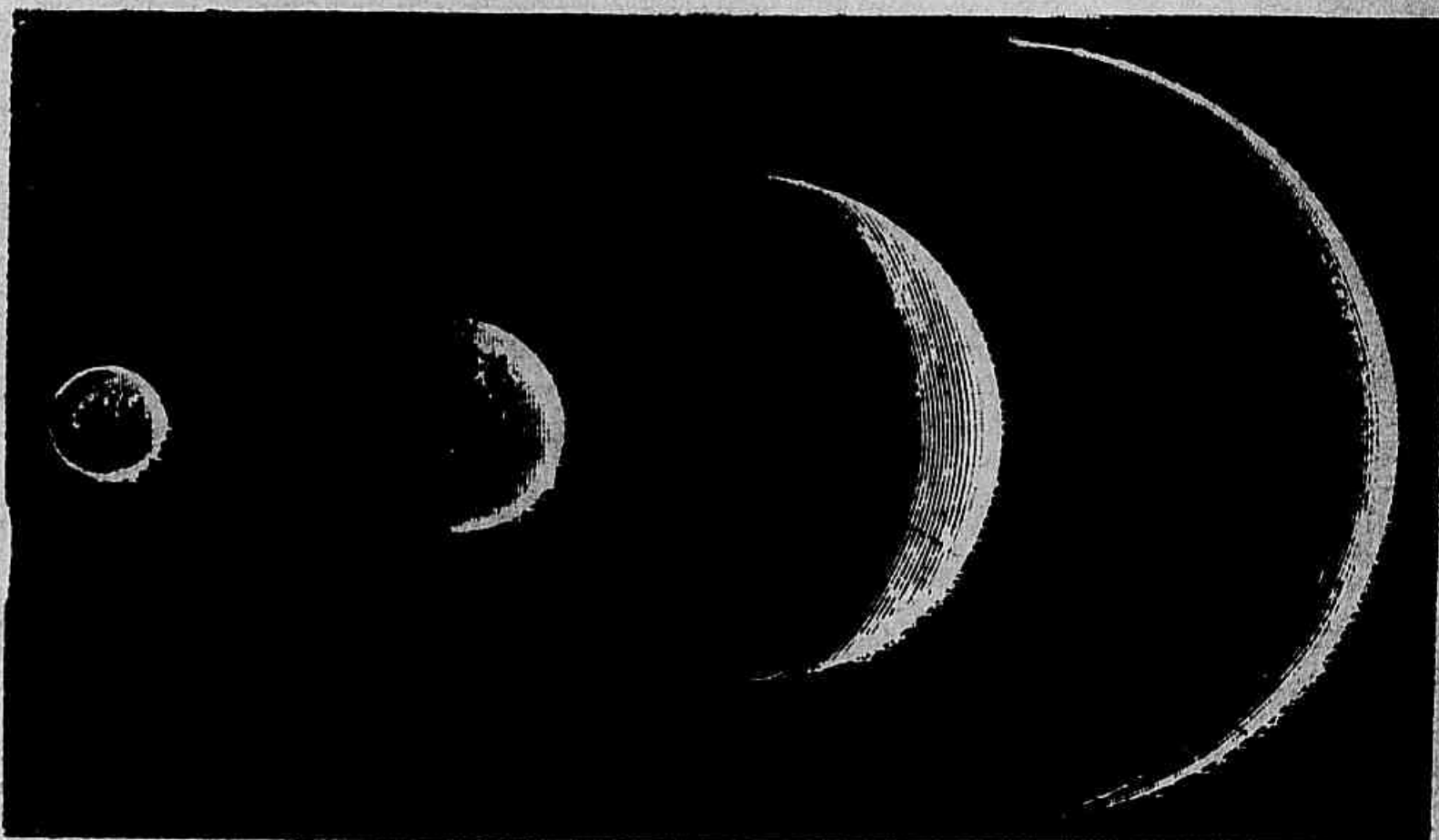
MONTANHAS, DENSAS SOMBRAS E UM NEVOEIRO MISTERIOSO — As fases

venusianas inscrevem um acontecimento histórico na evolução da astronomia. o matemático Benedetto Castelli, trabalhando na Universidade de Pisa, escreveu e interrogou Galileo Gallilei sobre o ciclo do planeta em volta do sol. A carta traz a data de 16 de novembro de 1610. Galileo



Extensão do sol no firmamento quando atinge a órbita de Vênus que recebe muito mais energia do que o planeta Terra. Vênus brilha tanto como a estrela Sírius, um dos mais luminosos astros.

se preocupava com a questão e a resposta não demorou muito. Em 11 de dezembro



Quatro fases do planeta Vênus descobertas por Galileo Gallilei e que provam a teoria heliocêntrica de Nicolaus Copernicus. A luminosidade de Vênus encanta os povos desde a alta antiguidade.

de 1610 publicou um anagrama no qual confienciava que lera coisas ocultas para os outros. A 1.º de dezembro de 1611 decifrou o anagrama explicando que a mãe dos amôres seguia o ciclo de Diana.

Galileo Gallilei queria dizer com isso que Vênus atravessa as mesmas fases ca-

racterísticas da lua. Trinta e seis dias depois da conjunção inferior o astrônomo que olha o firmamento no telescópio, vê o planeta brilhar como o nosso satélite. E tanta semelhança induz o espírito a considerar na unidade da nebulosa de cuja transformação nasceu o sistema planetário ou na teoria da explosão sideral dando origem ao globo terrestre e aos outros corpos subsidiários do sol. Só depois de 1666, quando Jean Dominique Cassini iniciou os estudos sobre a rotação, as fases de Vênus passaram para o domínio público. Vênus segue toda uma série de fases crescentes e decrescentes como a lua e Mercúrio. Se o planeta gravitasse na companhia do sol em volta da Terra, como imaginava o geógrafo, matemático e astrônomo Cláudio Ptolomeu, não existiria o fenômeno característico das fases.

Com o nosso globo imóvel e centro do movimento dos astros não contemplaríamos as variações do seu disco luminoso. Por isso, Cláudio Ptolomeu não falou minuciosamente de Vênus e de Mercúrio, os dois astros que confirmam a veracidade da teoria heliocêntrica de Nicolaus Copernicus. Se Galileo Galilei julgava importantes os fenômenos de Vênus na demonstração prática da mobilidade terrestre, as fases instruem o astrofísico sobre as condições meteorológicas desse mundo tão vizinho do nosso, com uma atmosfera ativa e mais compacta do que o invólucro da Terra. Os mais poderosos telescópios não conseguem traspasar as camadas de nuvens. Equiparam seu nevoeiro a amontoados de cirros semelhantes às mais altas nuvens terrestres.

Montanhas elevadas cobrem o solo venusiano de anfratuosidades bem nítidas. Durante as fases quando o planeta atravessa o ciclo do quarto-crescente ou do quarto-ninguante percebemos claramente as irregularidades da linha luminosa separando a parte obscura da parte iluminada pelos raios do sol. Montanhas isoladas se erguem em Vênus e lançam sobre os vales sombras longas e densas. Réplica da Terra na sua aparência visível, ninguém sabe o que oculta sob o denso nevoeiro. Mesmo as fotografias em luz ultravioleta só apanham formações nuviosas. Tanto se elevam os píncaros de Vênus que os

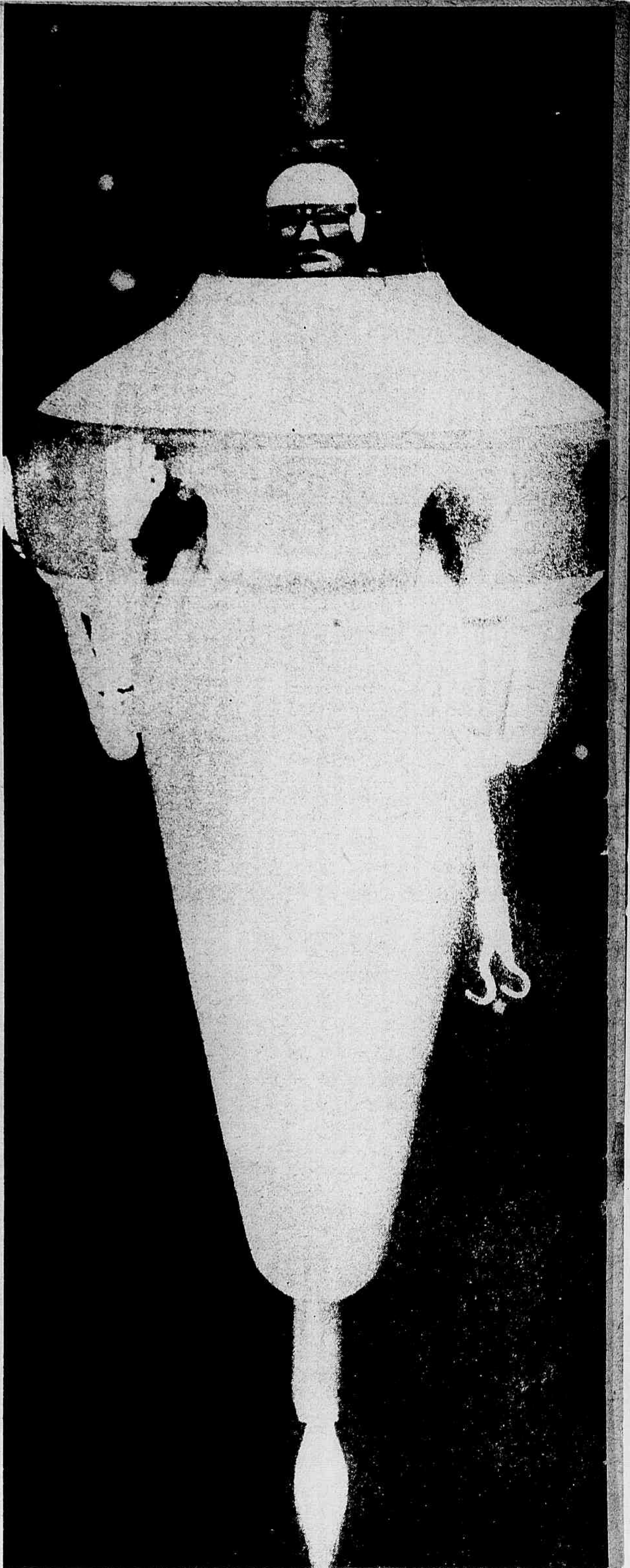
raios do Sol os iluminam quando as trevas da noite há muito desceram sobre os vales e as planícies. Prelúdios teóricos tentam desenhar as condições de habitabilidade desse corpo tão luminoso justamente pela sua espessa capa de nuvens.

PODE VIVER ALGUMA COISA SOB O MANTO NUVIOSO DE VÊNUS? — Muitos negam a eventualidade dos seres venusianos. Duas vezes mais luminoso do que a Terra e aquecido duas vezes mais pela energia solar, o solo calcinou-se e densas nuvens de poeira circulam na atmosfera onde as mais apuradas observações não revelaram nem vapor de água, nem oxigênio em estado livre. O astrônomo norte-americano Edward Barnard conseguiu ver o planeta sem nuvem por um intervalo muito raro e desolou-se com seu aspecto desértico de um mundo arenoso e do qual se evaporara toda a água só deixando dunas de areias. Inversamente e impressionado pelo seu envoltório nuvioso Svante Arrhenius descreveu-o líricamente como um planeta rico em matas equatoriais e lagoas desprendendo vapores úmidos. Essa visão agradava aos teóricos da pluralidade dos mundos habitados. Quando a espectrografia identificou os vapores de Vênus como nuvens de gás carbônico dissiparam-se todas as perspectivas de vegetação tropical, pois não existia oxigênio livre para nutrir massas compactas de árvore do tipo amazônico e africano. A atmosfera não condiciona elementos para vivificar animais com pulmões exigindo farto volume de oxigênio. Só insetos suportariam o excesso de dióxido de carbono, afastando a hipótese de formas superiores de vida animal. No mar venusiano só viveriam peixes rudimentares e moluscos de reduzidas dimensões. Outra teoria suscita a hipótese de que as massas de gás-carbônico absorvem toda a radiação solar e a temperatura baixou glacialmente sob a capa nublosa congelando toda a água do planeta. Os teóricos da habitabilidade dos outros corpos celestes preferem Vênus e Marte como os dois planetas mais próximos das fronteiras da vida biológica. Os astrônomos estigmatizam de temerárias as descrições definitivas de Vênus só pela indução e dedução dos fatos telescópicos, uns compondo uma paisagem do período

Vestimenta obrigatória de um "operário do espaço". Parece uma garrafa e tem foguete propulsor ao alto e nos pés.

hulheiro e outros como um solo do tipo sahariano. Análises espectrográficas identificaram entre as substâncias químicas, polímeros de formaldeídos, gás de odor irritativo que se utiliza na indústria de antissépticos. Em estado livre não existe água e os astrofísicos se recusam a especular sobre outras combinações de oxigênio. Nada induz a presumir a existência de mares e oceanos em Vênus. O hemisfério iluminado pelo sol pode aquecer até cinquenta a sessenta graus e o hemisfério obscuro só acusa vinte graus. Avaliam os físicos que o dióxido de carbono pode elevar a temperatura do planeta a mais de cem graus e ferver qualquer água corrente. Se existe vapor de água combinou-se intensamente com as nuvens de dióxido de carbono. Devido ao excesso desse gás sugeriram que Vênus traspassa um ciclo equivalente ao período hulheiro da Terra quando se sedimentaram as florestas petrificadas do carvão mineral. De onde vem o gás carbônico de Vênus? Sabemos que o dióxido de carbono liga-se quimicamente ao ar e à atmosfera, aos mármore e dolomitas, aos betumes e petróleo, aos pântanos e fósseis carboníferos. E ainda conhecemos que esse elemento químico provoca as mais espantosas combinações podendo se assimilar a mais de quinhentos mil compostos. A teoria favorável à habitabilidade de Vênus aceita a hipótese de haver vapor de água nas camadas inferiores da capa atmosférica vista no telescópio sob o pesado manto dos estratos.

Considerando a analogia entre o diâmetro e a compacta atmosfera não se repudia totalmente a presunção da habitabilidade do planeta mais luminoso do firmamento, rival em luz da estrela Sírius.



DESCOBRIMENTO

UM CIENTISTA PERUANO COM ALPINISTAS E TÉCNICOS ALEMÃES REVELAM A VERDADEIRA NASCENTE DO MAIOR RIO DO MUNDO!

FOI em 1707 que pela primeira vez o padre missionário Samuel Fritz desenhou um importante mapa do Amazonas, logo muito divulgado, no qual era dado como "fonte-nascente" o rio Marañon e o lago Lauri-cocha como "laguna-mãe". Durante século e meio os estudiosos

Em 11 de setembro de 1955, ao meio-dia, Hermann Huber descobriu, com seus companheiros do Clube Alpenverein, o cume do gigantesco Yarupa, de 5.780 metros de altura. Este colosso pode ser considerado como a verdadeira "mãe" do Amazonas, pois as águas do seu degelo abastecem a laguna Gayco. A bandeira peruana ondela na mão do herói do feito.



O peruano Cardish, arqueólogo e cientista, é o proprietário dos terrenos nos quais está localizada a fonte do Amazonas. Nessas paragens — que são de insuperável beleza — foram encontrados vestígios da cultura Inca.



A nascente do rio Amazonas.

e exploradores aceitaram essa versão, dela extraindo conclusões e desenhando novos mapas. Mais tarde, com os trabalhos de novos cientistas, aquela indicação foi posta em dúvida e, a partir de então, não cessaram as

DAS FONTES DO AMAZONAS

polêmicas sobre a origem do grandioso rio. Para essas discussões muito concorrem, sem dúvida, a imprensa de todo o mundo, com incessantes notícias relativas a diferentes descobrimentos e novas idéias a respeito da origem do colossal curso d'água.

Realmente, quase ano a ano surgiam supostas novas fontes, que recrudesçam

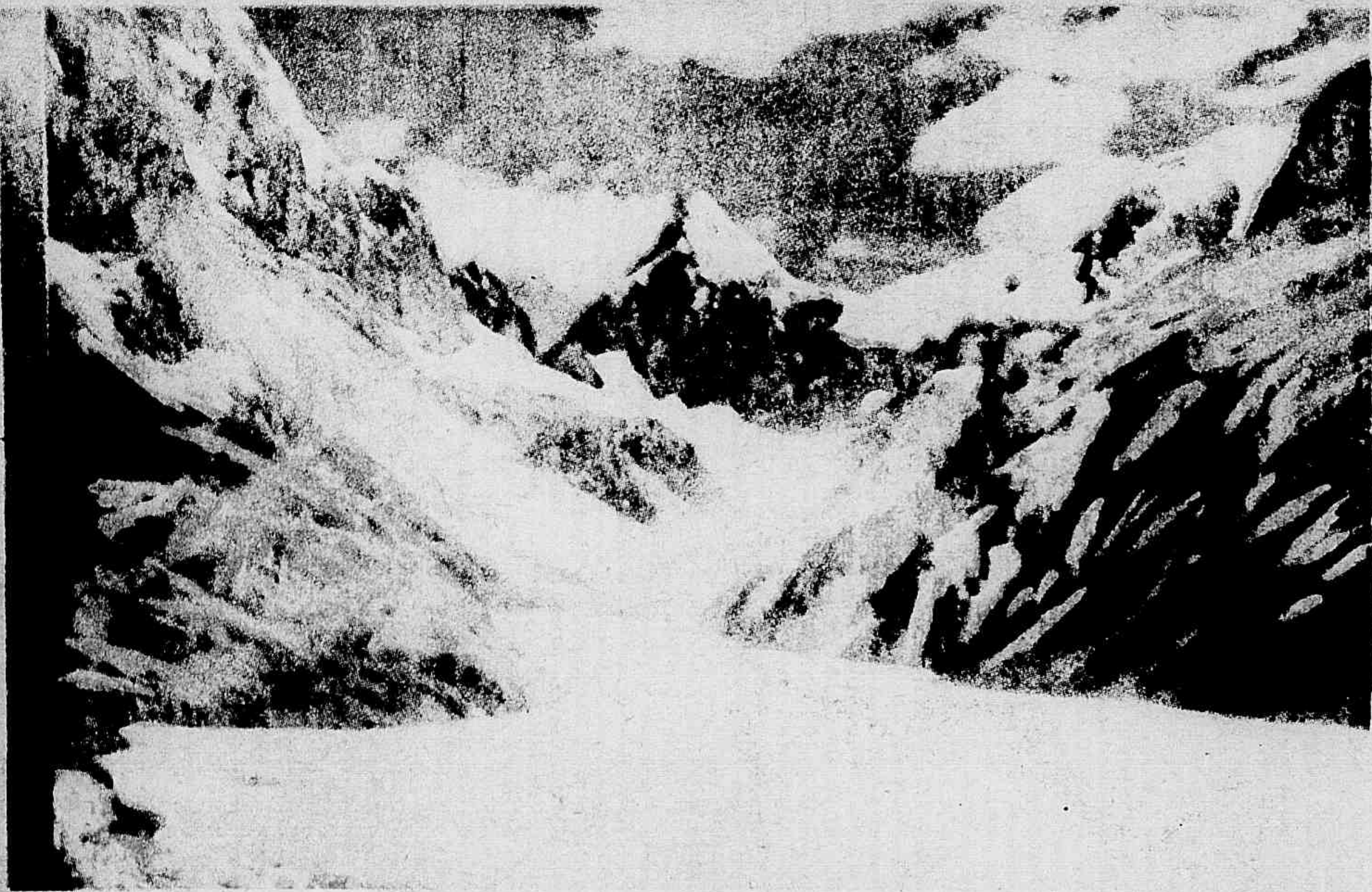
as discussões já entabuladas, sem permitir que se apontasse, com absoluta segurança a verdadeira nascente do Amazonas. Nos últimos dez anos, duas expedições (uma francesa e outra inglesa) se atribuíram a glória de haver encontrado a fonte-nascente do gigantesco rio, sem imaginar que se referiam simplesmente à laguna Sant'Ana, já descoberta, em 1941, por um



O dr. Karl Schmidt encontrou um sistema de lagunas menores, que se estende em redor da laguna Sant'Ana e que era considerado como nascente única do rio Amazonas. Ao fundo, a geleira do Yarupa, que alimenta a laguna Gayco, fonte igualmente importante e nome citadíssimo na discutida nascente do Amazonas.



Os dois escaladores, Hermann Huber e Helmut Schmidt, olhares fixos, contemplam a ladeira da cordilheira Raura. Ambos tomaram parte nas três primeiras escaladas da expedição alemã aos Andes, em 1955, quando se esclareceu definitivamente o enigma da nascente-fonte do Amazonas, que tantas polêmicas provocou.



Ao fundo da majestosa laguna Gayco a branca pirâmide do Yarupa, "armazém" abastecedor das águas amazônicas. Seu descobrimento foi devido ao engenheiro Cardish, que chegou até ali em busca de gado. Ao reconhecer a importância deste lago, tomou as medidas necessárias para demonstrar que o rio Gayco e o velho Sant'Ana eram a origem do grande rio Amazonas, convidando, nesta oportunidade, uma expedição de cientistas alemães para sua confirmação.

grupo de cientistas alemães, que tinham sido surpreendidos no Peru, pelo início da II Grande Guerra.

Essa expedição descobriu e descreveu o acontecimento geográfico, embora o cientista Karl Schmidt, que chefiava o grupo de expedicionários, não pudesse lançar ao mundo a notícia do seu sensacional descobrimento.

Assim foi, realmente, que, ao encontrar o rio Gayco, puderam os expedicionários fixar definitivamente a nascente do Marañon-Amazonas, pôsto que o rio Sant'Ana, com a laguna do mesmo nome, a única fonte do caudaloso rio, existindo um segundo afluente, o Gayco, que, com a laguna, também alimenta a discutida nas-



Os resultados científicos da expedição foram registrados pelo dr. Karl Schmidt, que em 1941 descobriu como nascente do Amazonas a laguna Sant'Ana, embora não pudesse divulgar nesta ocasião o importante fato.

cente. As duas fontes se nutrem do degêlo de uma só montanha, o Yarupa, de cinco mil setecentos e oitenta metros.

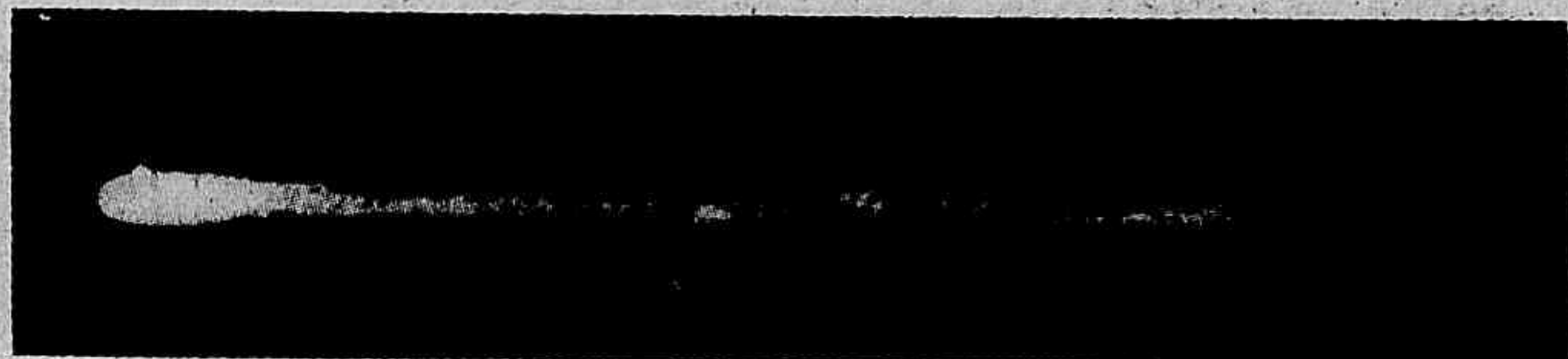
Os dois rios — o Gayco e o Sant'Ana — devem ser considerados de igual valor como fonte-nascente, reunindo-se no lago Patarcocha, para abandoná-lo já com o nome de Marañon.

Fica assim definitivamente esclarecido êsse ponto de eterna discórdia entre famosos exploradores, que se dedicaram sucessivamente à empresa de encontrar as verdadeiras origens do nosso imenso Amazonas, o rio que, por ser justamente de curso excepcional, sempre interessou particularmente aos cientistas de todo o mundo.

Há mais de duzentos anos acreditava-se que o lago Lauri-cocha — no Peru — era a nascente do rio Amazonas. Em princípios do século XX foram realizadas diversas expedições, rio acima, até o rio Sant'Ana. Hoje foi provado que os degelos dos Andes recuam incessantemente, formando-se sempre a maior altura e mais distantes as lagunas geladas, que enviam suas águas ao rio Amazonas. De qualquer maneira, entretanto, o lago Lauri-cocha é a laguna que absorve a nascente de todos aqueles rios que dão origem ao formidável rio Amazonas.



O COMETA DO GRANDE



O cometa de Halley, numa fotografia tomada na noite de 4 de maio de 1910 pelo Observatório de Yerkes, nos Estados Unidos.

AO era mais o Grande Terror do Ano

Mil, mas na marcha em que iam as coisas, para lá o mundo caminhava, e em longas pernadas. Os indivíduos mais resolutamente otimistas não podiam livrar-se de um ligeiro beliscão lá para os lados dos ventrículos. Os pessimistas, por sua vez, liam apressadamente as Escrituras:

"O sol escurecerá, a lua não nos dará mais a sua luz, e as abóbadas do céu estremecerão."

Aterrorizados, em pânico, aguardavam o fim do mundo.

Tudo isso por causa do cometa de Halley! No entanto, êsse corpo celeste não era nenhum desconhecido. Sua ficha sinalética fôra estabelecida com absoluto rigor.

Vindo dos confins do sistema solar, essa colossal bola luminosa, seguida de uma cabeleira de 320 milhões de quilômetros (duas vezes a distância da terra ao sol), percorre no infinito uma órbita de 12 bilhões de quilômetros, que o faz reaparecer com intervalos de 75 anos (exatamente 75 anos e 9 meses) no mesmo ponto do infinito.



Em abril de 1910, um mês antes da aparição do cometa, uma revista francesa, "Lectures Pour Tous", publicava êsse desenho apocalíptico com a legenda: "Se o núcleo do cometa chocar-se com a Terra... teremos um abrasamento geral, o mar levantado em trombas ferventes, que devastarão cidades e aldeias. Tais serão os sinais anunciadores do cataclismo. Em alguns segundos será o fim". Porém essa revista, mais técnica e também mais calma, acrescentava que essa hipótese era muito fantasiosa.

meou os primeiros germes da inquietação.

— A cauda do cometa — afirmou êle no dia 11 de setembro, é composta de gás cianogênio, que é mortal, além de outros

EM 1910, O MUNDO A SOLUTAMENTE CERTO TASTROFE PLANETÁRIO EM RISADAS E CANÇO

Desde meados de 1909 foi dado o alarma. Foi o célebre Camilo Flammarion quem semeou os primeiros germes da inquietação. — A cauda do cometa — afirmou êle no dia 11 de setembro, é composta de gás cianogênio, que é mortal, além de outros gases, inclusive o oxigênio. Se a Terra passar através dessa cauda, duas coisas podem ocorrer: ou o hidrogênio inflamará, arrastando nosso planeta numa gigantesca explosão ou os gases do cometa passarão fora da nossa atmosfera, reagindo com o azoto para formar o gás hilariante muito conhecido, o peróxido de azoto, sufocando assim toda vida animal.

Flammarion não era absolutamente afirmativo. Da sua declaração, o grande público retinha, porém, uma só coisa: — Não estava excluída a possibilidade de um cataclismo planetário.

Pouco a pouco, o professor Deslandres, da Universidade de Dijon, reforçava aquelas assustadoras palavras, declarando:

— A hipótese de que o gás da cauda do cometa seja capaz de afetar a nossa atmosfera, não me parece de todo absurda...

O famoso abade Moreux, ilustre diretor do

MÊDO

**INDA NÃO ESTAVA AB-
DE ESCAPAR A UMA CA-
A: MAS TUDO ACABOU
NETAS POPULARES**

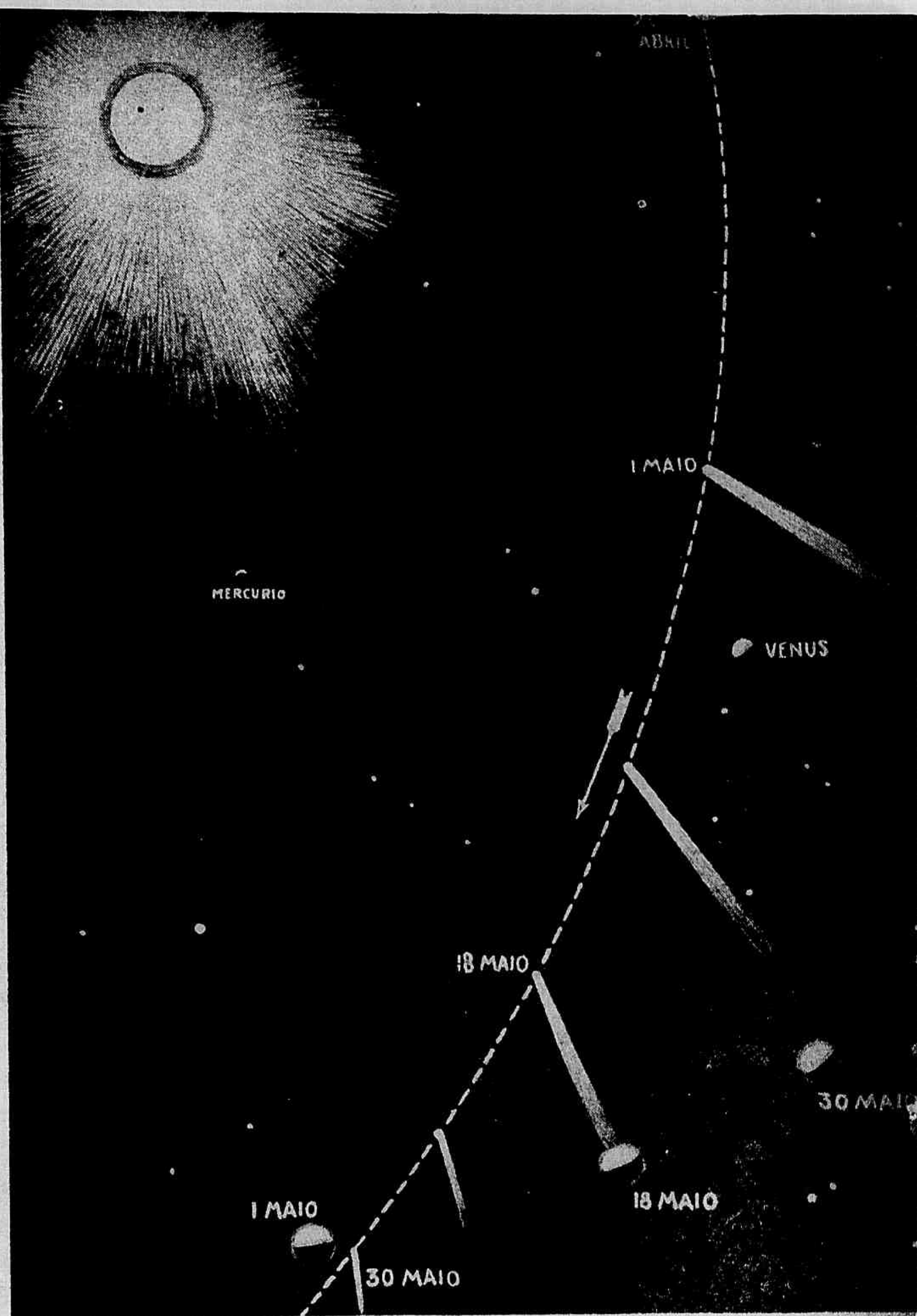
Observatório de Bourges e um dos mais meticolosos vulgarizadores científicos de nosso tempo, autor de obras traduzidas em todos os idiomas, era da mesma opinião. Havia calculado que, se o núcleo do cometa não se encontrasse com a terra, esta estaria mergulhada, na tarde de 18 de maio, no seio da cabeleira planetária. E, por sua vez, fazia a pergunta capital:

— Nossa atmosfera se tornará irrespirável e mortal?

TAIS comentários correram o mundo com a velocidade de um raio, como esmola magnífica para os amadores do sensacional!

— Se tal encontro tiver realmente que ocorrer, começaremos, dentro de pouco tempo, a assistir aos primeiros sintomas do cataclismo: rios e mares vão sair de seus limites. Sob as vagas dos oceanos desencadeados vão submergir os maiores continentes. As primeiras partículas do cometa se inflamarão ao contacto com a nossa atmosfera, provocando um maravilhoso fogo de artifício como jamais homem algum pôde contemplar. Esses fenômenos, porém, serão simplesmente os primeiros sinais de um espantoso e colossal incêndio.

No entanto, uma revista francesa, dedicada à ciência popular, afirmava que tais hipóteses eram assaz pessimistas, "pois que a distância mínima que separaria a Terra



Na capa do seu número de 7-2-1910, a "Ilustração Portuguesa" publicou o gráfico acima, muito minucioso, com a legenda: "Na iminência de um cataclismo cósmico. O Itinerário do cometa de Halley". Notem, em 18 de maio (dia trágico e de dezenas de suicídios só na Itália e Espanha) a cauda do cometa varrendo a Terra...

da cabeça do cometa seria ainda de 23 milhões de quilômetros e, admitir que a cauda do cometa pudesse, nessa distância, ser bastante espessa para misturar-se com a camada de ar respirável da Terra era tão inverossímil como a penetração do aço mais duro pela serragem da madeira."

E concluía fazendo um convite à serenidade:

— Vamos dormir com absoluta tranquilidade na noite de 18 para 19 de maio de 1910.

Esse convite à serenidade foi acolhido com ceticismo. Era lá possível saber? E,



Lisboa, em 1910 (o Ano do Cometa) — Como outras partes do mundo, Portugal sofreu tempestades, abalos de terra, inundações, etc. Acima uma vista de Lisboa próximo da Alfândega, com as ruas inundadas. Nelas as comunicações tiveram que ser feitas por meio de barcos. Foi essa a maior inundação sofrida por Lisboa em todos os tempos.

gada sob as águas do Sena, e compreendiam que a doce segurança em que haviam vivido até então era ilusória. E se o rio voltou ao seu velho leito, o mau tempo persistiu em

como, no fundo, ninguém sabia ao certo; como os astrônomos não chegavam a um acôrdo, todo o mundo passou a olhar para o firmamento, procurando descobrir os menores indícios, esperando ver o bólido de fogo com sua cabeleira mortal aparecer repentinamente e crescer, crescer numa velocidade louca. (54 quilômetros por segundo exatamente!)

A inquietação passava de país para outro. Os fatos que, em outras circunstâncias, teriam parecido banais, embora lamentáveis, tomavam o valor dos mais sinistros presságios. Diante de acontecimentos comuns, alguns exaltados gritavam:

— É o cometa!

Muitos infelizes enlouqueceram de medo, outros fugiam para as montanhas ou para as florestas. Alguns praticaram o suicídio, depois de distribuir todos os seus bens. Como para aumentar a emoção mundial, no dia 6 de maio, Eduardo VII, da Inglaterra, morria súbitamente; setecentas pessoas desapareciam num tremor de terra na Costa Rica; a peste bubônica matava dezenas de milhares de chineses; terríveis acidentes de minas eram registrados na Inglaterra, como se fizessem eco a acidentes análogos, ocorridos na América do Norte. Aqui mesmo, no interior do Brasil, enchentes e secas torturaram os habitantes de certas regiões, lançando o pânico onde já havia dor muito grande. **Tudo por causa do cometa!** — dizia-se.

Os parisienses também não escaparam a êsses "sinais", vendo sua bela cidade afo-

toda a Europa. Falava-se tão somente em terríveis estragos, causados pela tempestade e as chuvas torrenciais...

Perto de Lucerna, uma família de doze pessoas tinha sido arrastada pela correnteza. Em Oberammergau, na Baviera, as representações tradicionais da Paixão tiveram que ser interrompidas.

Enfim: o cataclismo estava presente. Estava no ar...

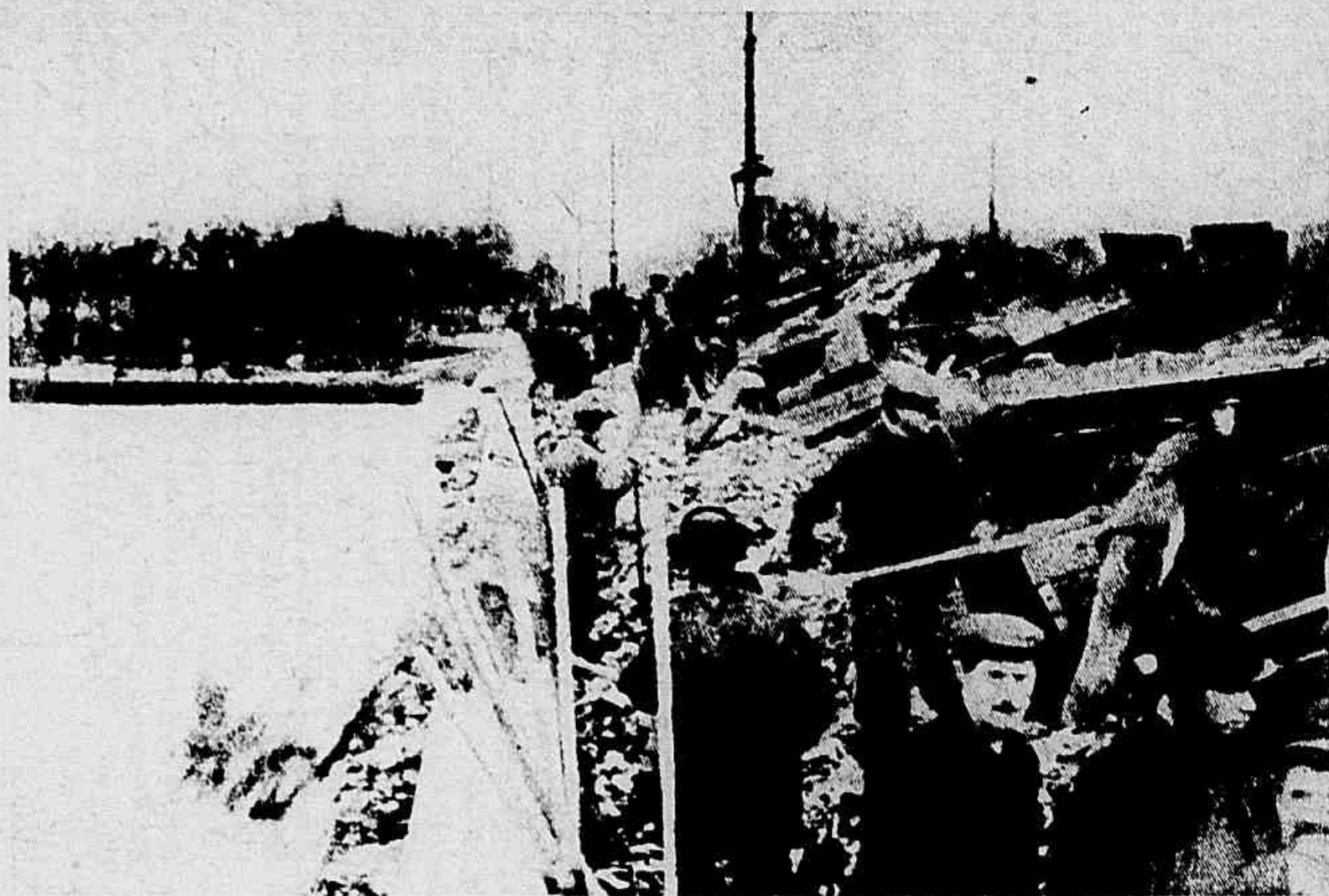
Desde o ano 240, antes de Cristo, a passagem do cometa tinha sido observada vinte e sete vezes. Vinte e sete vezes a Terra tinha escapado. Por que, pois, nesse ano de 1910, esperava-se que haveria — excepcionalmente — mais mal do que medo? Sem dúvida porque os meios de propagação das notícias, alarmistas e outras, eram mais aperfeiçoados no princípio do século XX do que antes.

PROFETAS DE DESGRAÇAS

Os profetas de desgraças — surgiram também entre os próprios astrônomos — agiam com desembaraço e alegria, se assim podemos dizer. Um adivinho norte-americano, Lee Spangler, anunciava que o reinado do rei George V, sucessor de Eduardo VII, seria desastroso para a humanidade, dado o caso de que esta viesse a sobreviver, o que achava pouco provável, "porque a Terra será volatizada pela cabeça do cometa".

E devemos notar que Spangler era ouvido com fervor religioso, por haver pre-

Também Paris, como outras regiões da França e da Europa, conheceu grandes inundações, em 1910. Tudo, é claro, foi logo levado à conta do cometa de Halley... A tal ponto chegaram as inundações das águas do Sena que a descarga do lixo teve que ser feita no próprio rio, pela impossibilidade de o transportar, através das ruas e estradas inundadas, para os seus depósitos, que se achavam nos subúrbios da cidade.



visto com diferença de um dia o terrível tremor de terra que arrasou San Francisco, a morte da rainha Vitória, e, ainda, o assassinato do

presidente Mc Kinley, dos Estados Unidos.

O resto ficava por conta do desconhecido. O único fato indiscutível era o cometa de Halley, que, como todos os seus congêneres, chegava no momento previsto e lá se ia, tranqüilamente, em silêncio, como se caminhasse sobre a ponta dos pés.

Tais precedentes deveriam ter tranqüilizado as multidões angustiadas. Mas o mal estava feito. Quando os sábios pretenderam que a cauda do cometa não passava de uma espécie de teia de aranha celeste,

podendo caber, inteirinha, numa caixa de chapéu (os chapéus das senhoras eram bem grandes naquela época, chegando, alguns a ter 80 centímetros de diâmetro, não se esqueçam!) suas palavras não tiveram igual publicidade. O sensacional, isto é: os prognósticos de catástrofe eram mais rendosos. O próprio Flammarion podia jurar que o choque da Terra com a cauda do cometa, se tal ocorresse, seria o mesmo que o choque de uma locomotiva expressa com um enxame de mosquitos. Era tarde. O povo, no mundo inteiro,



O 32º compartimento da famosa tapeçaria de Bayeux representa gente do povo (esquerda) em 1066, vendo cometa. "Ist i minzntstellain" (Eles admiram a estrela), diz a legenda. À direita: Haroldo da Inglaterra está inquieto. Guilherme da Normandia o privará, dentro de pouco tempo, de sua coroa.

tremia e esperava... No sul dos Estados Unidos e nas fazendas do interior do Brasil os pretos recusavam prosseguir nos trabalhos e reuniam-se, trêmulos e apavorados, aguardando o holocausto. As tribos de índios voltavam a praticar rituais há muito esquecidos, para afastar o perigo. Os suicídios se multiplicaram nas vésperas da "catástrofe", principalmente na Itália e na Espanha. Por toda parte formavam-se procissões em honra do cometa. Uma velhota, em Paris, Albertine Jolly, de 52 anos, aparece na janela gritando, "Lá está ele!" Depois joga tudo o que possui pela janela e acaba seguindo o mesmo trajeto. Em New York, no bairro italiano, um farçante faz explodir uma bomba sobre um telhado. Isto provoca pavor tamanho que a multidão, tomada de histeria, foge, deixando atrás de si várias dezenas de mortos, esmagados. Em Oklahoma, um "sheriff" chega a tempo para impedir o assassinato de uma mocinha pelos Select Flowers, membros de uma seita fanática, que pretendendo observar ordens de Deus e assim lavar os pecados dos homens.

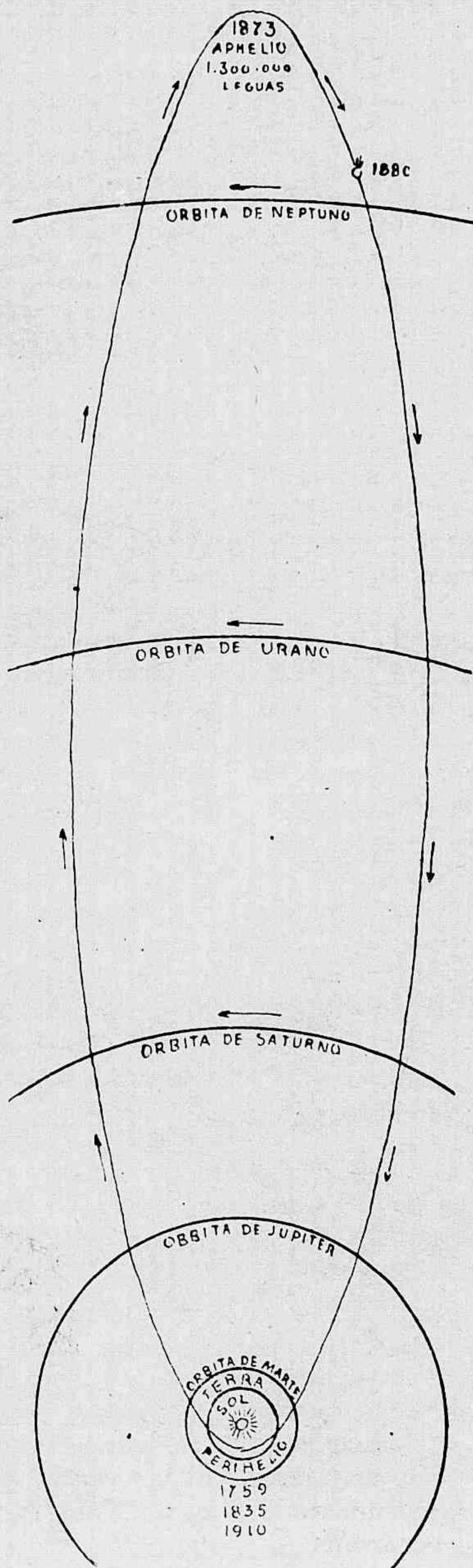
Em Pittsburg, outra mulher, percebendo uma nuvem no horizonte, tranca-se numa sala com seus alunos e ali, diante das crianças apavoradas, desfecha um tiro na própria

fronte. Em Montreal, um inválido põe-se de pé, repentinamente, gritando: "Chegou o cometa!" E cai, morto... ao ouvir o ruído de uma porta, batida por uma corrente de ar.

No Diário do Cometa, que Flammarion escreve desde vários meses, para os leitores da "Illustration", o destacado astrônomo anota, em 14 de maio, que "várias pessoas já morreram de medo. Um húngaro matou-se depois de declarar que **"preferia não aguardar nessa angústia"**. Matome antes de ser morto, pois receio a morte que que nos trará um astro! — concluiu. Aliás, o medo é tão grande na Hungria que as autoridades convidaram professores e padres a explicar nas escolas e igrejas a natureza dos cometas. No entanto, grande parte da população vendeu todos os seus haveres, até 18 de maio, a fim de distribuir com os pobres e as igrejas o produto dessas vendas. Em Bemburgo, Alemanha, uma criança de 6 anos foi atirada num poço por sua mãe, enlouquecida pelo pavor.

Cartas sem conta foram recebidas pelos jornais e os astrônomos, todas de gente aterrorizada, pedindo conselho. Mas também houve gente que não pareceu impressionada, como, por exemplo, o presidente da França, Fallières:

(Cont. no fim da revista)



Órbita do cometa de Halley.

A MORTE COM MEIAS DE SÊDA

• Romance de **ANTHONY BERKELEY** ♦ Tradução de **RENATO DE ALENCAR**

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA —

Durante certo tempo, verificaram-se em Londres diversos suicídios por enforcamento com meias de sêda, de mulheres daquela capital, desde simples artistas de teatro, até personagens da alta roda. A Scotland Yard entra em ação, para descobrir o mistério, pois não era possível tantos casos idênticos; nada porém descobria, pois que, se criminoso havia, não deixava êle o menor vestígio de suas atividades. Roger Sheringham, jornalista e escritor, interessado em desvendar o "suicídio" de Janet Manners, meteu mãos à obra, con-

seguindo ser admitido nos trabalhos de investigações da Scotland Yard, por intermédio de seu amigo o inspetor-chefe Moresby. No decurso de suas pesquisas, vem do interior uma irmã de miss Manners, a fim de ajudar na descoberta do mistério. Roger planeja o programa de ação, à revelia do que estava fazendo a Scotland Yard, auxiliado ainda por Pleydell, rico banqueiro, cuja noiva fôra encontrada morta nas mesmas condições. A polícia e Roger estão absolutamente certos de que se trata de crimes e não de suicídios, faltando apenas descobrir-se uma pista já em marcha.

Naquela mesma tarde, em tórno a uma mesa de um dos melhores hotéis de Londres, os três novos associados discutiram seus pontos de vista a respeito dos crimes com meias de sêda. Roger expôs a Pleydell o papel que teria Anne, bem como a apreensão em que estava êle acêrca dos riscos que a jovem iria correr. Depois de refletir sôbre o caso, o banqueiro se pronunciou favoravelmente:

— Confesso que ficaria surpreendido, perplexo mesmo, se miss Anne alcançasse êxito com o seu método; mas isso pertencerá ao futuro. Ninguém pode adivinhar o que vai acontecer. O assunto vale bem o risco, e estou certo de que, tomando-se as necessárias precauções, ela não correrá maiores perigos.

— Evidentemente — concordou Anne.
— Não sou nenhuma tôla!

Anne evitou declarar que a existência de perigos perfeitamente visíveis em nada lhe amorteceria o desejo de trabalhar; isto por que tudo que parecesse gabolice lhe inspirava a maior antipatia.

— As despesas que tivermos de fazer em tudo o que disser respeito à execução do mesmo plano, correrão por minha conta, mesmo a menor das coisas... — anunciou Pleydell, como se isso fôsse coisa decidida.

Roger aceitou, o mesmo sucedendo com Anne. Ela sabia que a enorme fortuna de Pleydell representava considerável vantagem à associação, e lhes dava meios de

agir, os quais não poderiam ser postos em prática sem êsse recurso financeiro. Além do mais, como teria ela que dizer mais tarde a Roger, não se devia recusar a Pleydell o prazer de gastar dinheiro para agarrar o assassino de sua noiva. Apesar de sua fleuma, sentia-se que êle ardia nos desejos de agir, de fazer tudo para chegar ao fim: **punir o criminoso**. Ora, se êle estava disposto a gastar tôda a sua imensa riqueza para atingir o objetivo que tanto o torturava, nada mais natural que lançar mão de pequena parcela do que possuía, a fim de ajudar os dois associados pobres, num trabalho de interêsse comum.

Depois disso acertaram detalhes e combinaram encontros seguintes no horário de duas e meia às quatro e meia. Moira passaria a sair de seu apartamento, ostensivamente, todos os dias, às duas e meia da tarde. Anne ficaria só, no pequeno salão durante duas horas. Depois disso, sairia também ficando livre depois das quatro e meia.

A questão da vigilância junto a Anne foi menos fácil de determinar. Antes do mais era necessário que o criminoso de nada suspeitasse. A presença de Roger ou de Pleydell na residência de miss Caruthers, justamente quando esta saía, não podia deixar de ser prejudicial ao plano.

Foi Pleydell quem resolveu o problema, e mui elegantemente. Êles alugariam um quarto no edifício, ou, se não houvesse

nada para alugar, ocupariam um outro em casa vizinha. Ali, tanto êle como Roger montariam guarda durante as duas horas críticas, tôdas as tardes. Uma campainha seria instalada e ligada por um fio ao aposento de Anne, que acionaria um botão dissimulado sob um tapête, a fim de que o visitante indesejável nada percebesse. Um dêles, que estaria de guarda, desceria imediatamente e a tôda pressa e prenderia o criminoso em flagrante. O trajeto foi calculado em um minuto e meio.

— Bravos! — exclamou Roger. — Mas também nos devemos prevenir contra qualquer ataque de surpresa. Proponho, pois, que miss Manners acione a campainha de dez em dez minutos, um sinal, rápido, durante essas duas horas, a fim de nos cientificar de que tudo vai bem. A falta de um sinal nos fará compreender que algo de anormal se passa com ela.

— Sim! E para distinguir o sinal dos dez minutos, do verdadeiro pedido de socorro, eu poderia, nesse último caso, pressionar o botão continuamente — disse Anne, superexcitada pelo prazer de agir, finalmente.

— Ótimo! — aprovou Pleydell. — Bem; estamos todos de acôrdo.

— Sim. Tudo vai bem — murmurou Roger. — Mas, podemos agora mesmo procurar um quarto para alugar?

— Conte comigo — disse Pleydell.

— E se nos impedirem de instalar a comunicação entre as duas casas? — pergunta Anne.

— Ninguém saberá disso — explicou Pleydell, muito cheio de si. — Disporei as coisas em segredo completo. O fio elétrico pode ser levado de um edifício ao outro, pelo telhado, ou pela parede exterior... Mas, se os proprietários se recusarem a isso, eu comprarei ambos os prédios. Não há, pois, grande problema a êsse respeito.

Em face de tamanha onipotência, nenhum dos dois sócios teve coragem de argüir mais qualquer objeção.

— Como faremos conhecer aos interessados a nossa armadilha? — perguntou Roger. — Suponho que não excetuaremos Dunning, se bem que isto me pareça inútil.

— Não abriremos exceção a ninguém — respondeu Pleydell, com firmeza.

— Sim; tem razão. Mas, quer encarregar-se de Dunning? Você o conhece melhor do que eu. Quanto a Jerry Newsome, apesar de... Bem. Não sei o que é feito dêle, pois não o vi mais depois da guerra, a êsse bravo Jerry!

— Deve estar em Londres — disse Anne. — Não o vejo lá em nossas paragens, desde o último verão.

— Eu o acharei... e a êsse ser odioso, Beverly! Poderia você encarregar-se dêle, Pleydell?

— Mas não o conheço!

— Farei êsse trabalho, mr. Sheringham — interveio Anne, com um sorriso. — Eu lhe disse, esta manhã, que o conhecia um pouco... Estiveram lá os Beverly. Embora gente da alta sociedade, aproximaram-se de nós. Posso perfeitamente escrever-lhe dizendo que me encontro em Londres e que teria prazer em vê-lo. Procurarei deixar perceber que estou só em casa, entre duas e meia e quatro e meia.

— Ótimo — disse Roger. — A antipatia que me inspira êsse indivíduo, não me permite pensar que a senhorita vá sentir-se feliz de revê-lo, e a sós, de tal hora a tal hora...

— Tem razão. E é evidente que minha reputação se arriscaria muito, se o caso chegasse a ser conhecido de outras pessoas; mas não ligo para isso.

— Claro — disse Roger. — Além do mais, penso ser absolutamente inútil, no caso de Beverly. É incapaz de cometer um crime... Não lhe parece, Pleydell, que devíamos dispensá-lo disso?

— Não — replicou o banqueiro — Mesmo porquê tenho mais dois suspeitos a apresentar, os dois únicos atores constantes da lista da Riviera... Aqui estão seus nomes: sir James Bannister e Billy Burton.

— Sòmente êsses dois? Santo Deus!... Bannister é grande personagem, para cometer dêsses crimes. Quanto a Billy Burton... Por que não Charlie Chaplin?

— Os comediantes, como os trágicos voltam a ser homens quando já não estão nos palcos — observou Pleydell, sêcamente.

— — Oh, não, Pleydell! Você não vai dizer que um dêsses artistas seja o criminoso que procuramos. E não me venha

falar de humanidade. A fera que perseguimos nada tem de humano.

— Exatamente! Nem tenho a pretensão de ser algum psicólogo. Mas, forças secretas podem levar qualquer um dêsses a cometer atos que êles mesmos julgam indignos, logo que o sangue esfria e volta a serenidade. Tais forças existem em qualquer um de nós, é claro, embora uns possam controlar-se melhor que os outros.

— Está bem; vamos conceder a cada um dêsses senhores o título de assassino. Mas, confesso, todos os nossos cinco suspeitos não apresentam indícios de capacidade para tal ato. Se um dêles é, realmente, o criminoso...

— Não duvide de nada neste mundo — declarou Pleydell, em tom convencido. — Não temos outro caminho a seguir.

— Seriam os mais inverossímeis criminosos de nossa época. Quem vai ocupar-se dêles?

— Eu mesmo. Conheço-os.

— Obrigado. Ficarei de atalaia para ver o que êles farão durante as duas horas críticas. É preciso que eu vá amanhã à Scotland Yard a fim de saber de Moresby o que há sobre os três outros suspeitos. Quanto ao indivíduo indicado pelo porteiro, espero que a polícia já o tenha encontrado. Mas isso não me satisfaz, absolutamente. Não acha, Pleydell, que tal sujeito poderia ser um trabalhador, ao invés de um artista? Deixa-se entrar em qualquer casa, a um bombeiro ou electricista, sem se pedir carta de recomendação... Não seria o caso de seguir-se essa pista?

Pleydell encolhe os ombros.

— Como poder fazer isso? Há em Londres vários milhares de bombeiros e outro tanto de electricistas. Pesquisas dessa natureza anulam nossas possibilidades.

— Com efeito, você tem razão, confessou Roger. — Mas êsse operário seria uma outra peça, e não ficaria surpreendido se encontrássemos uma pista.

Pleydell se levantou, despedindo-se. Roger e Anne continuam sentados a conversar.

— Que israelita simpático! — disse ela.

— O israelita puro-sangue, como é Pleydell, é assim, muito bem parecido — informou Roger. Já os judeus alemães,

russos ou poloneses estão menos puros, menos perto do sangue que tem feito mal à raça.

— Poderíamos tomá-lo por um inglês reservado e dono dos seus nervos. Julgava que um israelita puro-sangue dificilmente poderia dominar assim sua emotividade oriental.

— Suponho que isso é questão de educação inglesa em grande colégio — respondeu em resumo, pensando naquele dia em que Pleydell lhe mostrara as chamas que o devoravam.

— E, parece que sua riqueza não o desvirtuou — concluiu Anne. — É muito raro isso, não acha?

— Muito — respondeu friamente Roger, que se sentia absurdamente enciumado com o banqueiro diante dessas lisonjeiras palavras de miss Manners.

Anne pretextou ir ao apartamento a fim de apanhar um lenço, não podendo demo-



— Quer, por favor, fazer uma chamada para cá? É a única maneira de acordar minha filha e fazê-la descer a escada correndo!

rar-se mais em companhia de Roger, pois ainda teria que estar no teatro, e o tempourgia. Mas Roger, que desejava manter por mais alguns minutos aquela palestra, ofereceu-se para fornecer-lhe uma dúzia de lenços, o que ela agradeceu de bom-humor. Vendo que não conseguia retê-la mais, pagou a despesa e a acompanhou até a entrada do metropolitano, pois que ela não aceitou o táxi que lhe oferecera. Depois disso, nosso herói se dirigiu ao seu clube com o fim de entrar em contacto com Newsome. Já passavam de sete horas da noite, quando encontra seu enderêço no catálogo telefônico. De lá informaram que Newsome acabava de sair e só regressaria muito tarde. Roger pediu, então, que o avisassem de que precisava falar-lhe, marcando encontro no dia seguinte à hora do almoço. Voltando à sua residência, e, não se contendo, telefonou à Scotland Yard. Moresby o atendeu e, após fazer **blague**, disse que estava a sua espera.

Roger correu até lá e foi recebido pelo inspetor-chefe com certa cordialidade, algo inesperada. Perguntou-lhe o romancista e detetive amador, pelas novidades em torno dos três primeiros suspeitos. Respondeu-lhe Moresby, que todos êles poderiam ser culpados, pois os seus alibis durante o período da morte de Janet Manners não os defendiam; quanto ao que tocava à morte de Elsie Benham, todos três se achavam oficialmente fora de qualquer suspeita. Dois dentre êles não tinham nenhum alibi válido para o caso de Dorothy Fielder. Moresby esperava, de um momento para outro, os resultados finais quanto ao terceiro suspeito. As chances continuavam as mesmas.

Mas o ar bonachão do inspetor não inspirou nenhuma confiança em Roger, certo de que Moresby estêve blefando. Perguntou-lhe, então, quais os resultados das investigações sobre o operário e o tabelião que tinham entrado no edifício em que morava a última das vítimas, um pouco antes da sua morte, e Moresby nenhuma dificuldade opôs para dar detalhes sobre o primeiro dêsses suspeitos. Compreendeu Roger que a polícia não dera nenhuma importância a tal personagem, depois das pesquisas feitas. Por sua vez, o tabelião não parecia interessante, pois que deixara

o prédio meia hora ou menos disso, antes de cometido o crime. O chofer que o conduziu, levado a fazer declarações, apenas disse que o conduziu até Piccadilly, de nada mais sabendo. Também sua visita ao edifício ficara obscura, pois nenhum dos locatários o conhecia. Talvez houvesse ido ver Dorothy Fielder, quando ainda vivia. A polícia não parecia disposta a ocupar-se dêle, pois, materialmente, não oferecia qualquer indício de suspeição.

— E o táxi que levou até lá o nosso verdadeiro suspeito, o homem de luvas? — perguntou Roger.

— O chofer nos disse que o freguês mandara parar o carro à altura de uma rua perpendicular a Piccadilly, parecendo ter sido Half Moon, creio. Mas isso — ajuntou alegremente Moresby — em nada adianta!

— Isso pensa você... — disse Roger, com ar de sonhador.

Moresby ainda teceu várias considerações gerais, e a entrevista se encerrou.

Ao descer a escada, Roger ia pensando consigo mesmo: "Estou convencido de que Moresby sabe qualquer coisa, qualquer coisa de muita importância, mas deseja ocultar-me. Além disso está êle persuadido de poder resolver o problema, ou, pelo menos, de estar na iminência de fazê-lo. Seu ar não pode prestar-se à equívocos; a prêsas está próxima. Mas, que saberá êle? Por que êsse ar de íntima satisfação?"

Roger achou a resposta a tais dúvidas, sobre sua mesa, no dia seguinte, entre o seu chá e os ovos com presunto, no quebra-jejum matinal.

Capítulo XVIII

Eis aqui a carta que Roger retirou do envelope na manhã do dia seguinte:

"Meu caro Roger.

Que é feito de você depois de tantos anos, e por que diabo nunca me procurou? Confesso, francamente, que sou tão culpado como você. Parabéns pelos seus romances. Leio-os sempre com prazer... Nunca pensei que você fôsse capaz de tanto, meu velho.

Venho explicar-lhe o motivo por que rompo o nosso silêncio. Li seu artigo criminológico no "Courrier", e perguntei a

mim mesmo, se você não gostaria de interessar-se por uma causa, antes da prisão do culpado, a qual está iminente. O criminoso seria este seu amigo.

Falemos seriamente. Tenho a nítida impressão, meu caro, de que estou em maus lençóis. É incrível, mas suspeito de que a polícia quer prender-me por um crime que jamais cometi, é claro. Más circunstâncias me colocaram no meio desse caso sobre o qual os jornais mantêm estranho silêncio: uma jovem de nome Dorothy Fielder, que se enforcou em sua casa com uma meia de seda, há uma semana. Várias outras mulheres, dentre elas lady Úrsula Graeme, também fizeram o mesmo. Você, com certeza, está a par de tudo isso.

Resumindo a história: a polícia não acha que miss Fielder praticasse suicídio, mas que eu é que a matei. Engraçado, não? Ninguém me disse isso, assim diretamente; mas eu o percebi. Terei que prestar declarações, tirar minhas impressões digitais, etc. Até de meus papéis para carta terei de entregar-lhes algumas folhas! É necessário que eu relate tudo o que tenho feito desde começos de fevereiro.

Ora bem, meu caro; quer ajudar-me? Sei que você se tornou perito em investigações policiais. Posso garantir-lhe que nunca matei ninguém. Talvez que isso lhe pareça velho recurso de criminoso, mas é a pura verdade.

Telefone-me, se interessar-se, para Hyde 1266. Já estive com o meu advogado, como é natural; mas essa gente não me inspira senão uma confiança limitada.

Do seu "moriturus"

Jerry Newsome."

— Deus meu! — exclamou Roger. Mas, logo a seguir, reanimando-se, correu ao telefone.

— Alô! É você, Jerry? — perguntou ele mal a comunicação foi feita. — Aqui é Roger. Está levantado? Sim? Então venha imediatamente. Não, não esperemos pelo almôço. Você me escreveu antes de receber meu recado de ontem à noite, creio. Sim, é telepatia... Imediatamente; tome um táxi, um avião, o que puder, mas corra até aqui...

Colocou o fone no gancho.

E pensou com seus botões, enquanto ia engolindo ovos com presunto. "Aqui está

a explicação do mutismo do amigo Morresby. Tudo se explica, naturalmente, já que eu lhe disse da minha antiga amizade a Jerry... Com certeza tinha receio de que o prevenisse. E eu ficaria mesmo em difícil situação. Mas agora estou livre para agir à vontade. Céus! Será Jerry o homem das luvas? Que abacaxi!"

Terminado o repasto, Roger acendeu o cachimbo. Minutos mais tarde, chegou Gerald Newsome.

Da mesma idade que Roger, isto é: tendo trinta e seis anos, Newsome era bastante alto, forte, rosto queimado pela vida ao ar livre. Apertou a mão de Roger com um vigor esportivo.

— Ora bem, Jerry — disse o jornalista, depois das primeiras expansões de alegria justificada, em face daqueles catorze anos de separação. — Que diabo de história é essa?



— Em compensação eu tremi de frio o inverno todo e não choraminguei dessa maneira.

— Roger — disse gravemente Newsome.
— Tenho a impressão de que estou num beco sem saída.

— Não vou contrariá-lo — respondeu francamente Roger. — Mas seria evidentemente muito pior se você houvesse, de fato, cometido êsses crimes. A propósito, está certo de que nada fez para ser acusado?

— Acusado!

Newsome desatou a rir.

— Minha memória é fraca, sei bem disso; mas não a tal ponto!

— Sente-se aí e conte tudo. Antes do mais quero dizer-lhe que você não faria nada melhor do que vir procurar-me. Nunca cessei de ocupar-me dêsse assunto, desde o começo.

— Não diga!

Roger lhe explica, então, em poucas palavras, seu papel no caso e a situação atual das pesquisas.

— Você agora pode compreender porque a Scotland Yard me pôs de lado. Mas isso me contenta muito mais, porque, assim, estou livre para agir por minha conta. É preciso começar por provar à Scotland que você não pode ser o homem a quem buscam.

— Você tem que fazer muita fôrça para conseguir isso — interveio Newsome, com voz pausada. — Eu me achava naquela casa justamente na hora crítica.

— Era você, então, o homem de luvas?

— Se era! Sim; e para agravar as coisas, parece que a polícia descobriu no apartamento uma de minhas impressões digitais.

— Explique-me isso — falou Roger.

Gerald Newsome não se recusou:

Seu relato foi curto. "Conhecia a vítima muito ligeiramente, aliás, isso em casual encontro, no decurso de uma ceia, e ficou surpreendido ao receber um telefonema na manhã do crime, cêrca de meio-dia e trinta, quando ela lhe comunicara, sem maiores preâmbulos, que gostaria de almoçar em sua companhia, a fim de falar-lhe de "apaixonante projeto".

— Que projeto apaixonante era êsse?
— interrogou Roger.

— Sei lá! Estou apenas reproduzindo as palavras dela. Mas não quis contrariá-la e prometi ir até lá, à uma hora. E assim fiz. Toquei a campainha três ou quatro

vêzes, sem obter qualquer resposta. Ao fim de dez minutos de espera no saguão, desiludi-me pensando que ela achara melhor desistir ou resolvera simplesmente esquecer nosso encontro, conhecendo-se a mentalidade boêmia de muitas artistas. Então voltei. Eis tudo.

— Que horas eram, então?

— Uma e dez ou uma e um quarto, suponho.

— E você deixou sua marca digital claramente impressa no botão da campainha...

— Ah! Foi lá que êles a encontraram?

— Sim, e, para desgraça sua, fui eu quem a descobriu... Esta prova de sua presença ali é bastante desagradável e o compromete, realmente.

— Não podia evitar o ocorrido... E, aliás, respondi afirmativamente aos detetives quando me interrogaram. Por que não?

— É claro. Você tomou algum táxi, quando saiu do prédio?

— Não. Andei a pé até Holborn e almocei em um restaurante de lá.

— Muito bem. Aí está o seu alibi.

— Também acreditei nisso, mas os oficiais não pareceram de acôrdo. Não disseram isso, é verdade; mas, quando me disse que tinha chegado ao restaurante por volta de uma hora e vinte, ou, no máximo, a uma hora e meia, êles me obsequiaram com um "sim, sim", que me fez ficar com a pulga na orelha. Tive mesmo a impressão de que julgaram que eu mentia.

Roger tomou notas.

— Havia muita gente no restaurante, e eu não fui atendido imediatamente... É um dêsses estabelecimentos de homens de negócios, e que sempre estão cheios. O garção não pôde reconhecer-me quando foi convidado a confrontar-se comigo.

— Como?... Você já foi levado a êsse ponto?...

— Mas é claro; lá no distrito policial de Gray's Inn Road. Fui colocado numa fila de sete ou oito indivíduos, e o porteiro do edifício me reconheceu imediatamente. O motorista do táxi, que me levou ali, também me reconheceu, embora demorasse mais a chegar a êsse resultado. Quanto ao garção do restaurante, não me reconheceu de jeito nenhum.

— Hum! Espanta-me o não haver ainda a polícia metido você nas grades. Com certeza o dossier ainda não está completo, e sabem que você não fugirá.

— Nem poderia fazer isso, mesmo que tentasse, pois me considero prêso. Meus passos são vigiados e um policial não sai de minha porta. Certamente me seguiu até aqui.

— Se isto o diverte... Vejamos. Fêz você alguma declaração?

— Sim. Fui chamado à Scotland Yard e me crivaram de perguntas. Respondi, naturalmente, sem qualquer reticência, e lhes disse a verdade pura e simples. Perguntaram-me em seguida se eu concordaria em assinar a declaração resumindo tudo o que eu havia dito. Li o papel que me foi apresentado naquele momento, e o assinei, pois que o texto me pareceu exato.

— Esse documento se referia apenas ao caso de Dorothy Fielder?

— Não. Reportava-se a todos êsses tenebrosos enforcamentos. Estou convencido, Roger, de que êles crêem que eu seja igualmente culpado das outras mortes.

— O assassino de Dorothy Fielder é, fatalmente, o das outras mulheres. Na certa! Mas não vejo o que podem ter contra você nos casos precedentes... É isso o que os impede de prendê-lo, provavelmente. Oh, a propósito de seus papéis de carta. Diga-me algo sobre os mesmos.

— Está a polícia com ares de interessar-se por êles, sabe Deus porquê. Uso um papel azul-cinza com o meu endereço de Clarges Street impresso...

— Não é do tipo "Princess Bond Superfine", por acaso?

— Sim, creio que é êsse o nome dessa qualidade de papel... Por quê?

Roger faz um gesto de nervosismo, de visível contrariedade.

— É mais uma circunstância contra você, Jerry. Mas continue. Que lhe perguntaram ainda?

Newsome corou.

— Impertinentes interrogações acerca de Úrsula Graeme.

— É natural. Você a conhecia?

— Eu a conhecia, sim, e bastante — disse êle, constrangidamente.

Roger se sobressaltou.

— Que diz?... Por Deus, Jerry, isso vai de mal a pior!

— Mas, por quê? Não posso compreender. Por que não poderia eu conhecê-la? Não era esta uma razão para matá-la, ora, essa!

— Evidentemente. Mas é muito embaraçoso, eis o caso. Diga-me algo sobre suas relações com Úrsula.

— Ouça. Com você posso falar mais livremente e dizer mais do que sabe a polícia. Úrsula e eu saímos muitas vezes juntos durante um certo tempo. Isso deu margem às murmurações habituais das velhas comadres, que logo espalharam que íamos casar, etc. Tudo isto, sem dúvida, até a entrada de Pleydell em cena.

— Ah, Deus meu! Pleydell lhe arrebatou a dama?

— Não! Úrsula e eu jamais pensamos em casamento. Apenas gozávamos a vida, nada mais. Nem sequer havia caso de amor entre nós. Tive mesmo bastante alegria ao saber que ela havia "fiscado" Pleydell, belo rapaz a quem muito estimo, e um bom camarada, homem muito simples, apesar de sua imensa fortuna. Mas o achava um tanto frio para ela, que era tão comunicativa, tão cheia de vida... Eu tinha tanto



— E a grande surpresa? Quando vem?

ciúme de Pleydell, que a aconselhei a firmar com êle o noivado, logo que êle pareceu gostar dela, e que não devia Úrsula perder tão bela ocasião.

— Você mostrou muito tato — comentou Roger. — Mas deve ter havido certas murmurações que chegaram ao conhecimento da polícia... E isso me preocupa muito, meu caro.

— Oh, sei que sairei bem disso — fez Newsome, mas sua inflexão de voz traduzia pouca convicção.

— Claro! — volveu calorosamente Roger. — Mas não há tempo a perder. Examinemos os dois últimos crimes... O que o precedeu, o assassinio de Elsie Benham, "artista lírica", pôde ser cometido não importa por quem. Vejamos a data do primeiro: tem você um alibi valioso para a tarde do dia em que foi enforcada Unity Ransome?

— Não me recordo, absolutamente, do que fiz na tarde dêsse dia. Como diabo quer você que me lembre? Acabava de regressar a Londres depois de uma semana de ausência, mais ou menos; eis tudo o que sei. É materialmente impossível fornecer um alibi.

Roger lhe fez mais algumas perguntas, mas sem nada obter de novo. Pediu, então, a Newsome que ficasse para almoçar, enquanto êle ia imediatamente à Scotland Yard.

Meia hora depois chegava Roger à presença de Moresby, que o recebeu com um sorriso sintomático.

— Eu já o esperava, sr. Sheringham.

— Evidentemente. Suponho que seu espião lhe tenha telefonado, avisando de que êle estava comigo.

— Eu sabia muito bem que, num dia ou noutro, você ficaria ciente do caso, Roger; mas éramos forçados a mantê-lo na ignorância disso por mais algum tempo, a fim de que não pudesse prevenir seu amigo.

— Está perdoado, Moresby. É inútil, suponho, fazer ver-lhe que todos vocês estão redondamente enganados?

O inspetor-chefe encolheu os ombros.

— Também esperava por essa opinião sua, Sheringham. E eu desejaria muito que tudo estivesse errado; entretanto, há motivos sérios para admitirmos coisas contra mr. Newsome.

— É um absurdo, Moresby!

— Veja bem, que poderíamos ter agido muito mais severamente, prendendo mr. Newsome em face das suspeições e das provas que já temos contra êle. Não desejo, de modo nenhum, o atormentar, Sheringham; pode estar certo. Mr. Newsome é encantador, verdadeiro *gentleman*, e creio que tudo não passa de simples suspeitas. Mas... que quer? Há provas... circunstâncias...

— Sim, bem sei. Aprecio sua delicadeza, Moresby, e reconheço também que as circunstâncias estão contra êle.

— Ignoro o que sabe você exatamente sobre o caso, Sheringham; mas já não vejo nenhum inconveniente em revelar-lhe o que há.

Moresby lhe expõe, então, que, dada a inexistência de qualquer outra pessoa no apartamento de Dorothy Fielder no momento de sua morte, as suspeitas recaíam em Newsome, tudo concorrendo para agravar a sua situação depois dos depoimentos do porteiro do edifício e do motorista do táxi que o conduzira até a porta da residência da morta. Outros suspeitos tinham apresentado alibis convincentes, estando fora de qualquer suspeita.

O alibi que Newsome apresentara de nada valera. O garção do restaurante não garantiu que êle estivera ali às duas menos um quarto, enquanto o médico legista opinou que a morte da jovem artista poderia ter-se dado a uma e quinze. A situação de Newsome no caso de miss Fielder não podia ser mais grave.

A outra morte, a de lady Úrsula, também comprometia Newsome, que fôra recusado por ela, preferindo o banqueiro Pleydell. Enciumado, Newsome teria jurado: "Se não casar comigo, não casará com nenhum outro!". Era possível imaginar esta causa preponderante em seu espírito.

Em seguida — explicou o inspetor-chefe — vêm as provas constantes das cartas com timbre de Newsome, cujas fôlhas coincidiam na qualidade e na marca, com o papel dos bilhetes deixados pelas vítimas. Dos três suspeitos é Newsome o único verdadeiramente em má posição.

Depois, para maior estupefação de Roger, Moresby revelou:

(Continua no próximo número)

Prólogo para um ASSASSINATO



E a cerração auxiliou a sua fuga — observou George Brooks.

— Sim. Mas esta mesma cerração não permitirá que ele fuja da ilha — disse o delegado. — Bem, agora vamos para a vila.

E retirou-se da sala, acompanhado por George Brooks e Hal Shaw, deixando-me só com Ellen Shaw.

— O senhor sabe o que nós pensávamos?

— disse Ellen, calmamente. — Julgávamos que o senhor fôsse o assassino.

— Não os censuro por isto.

— Queríamos que de qualquer maneira o assassino fôsse uma pessoa de fora. O próprio Joe Wright o interrogou. A verdade é que todos somos uns covardes. — Ellen fez uma pausa, e depois prosseguiu: — Eu não acredito que tio Jim tenha assassinado minha tia.

— Esse delegado parece querer complicar o seu tio de qualquer maneira — disse eu. — Mas desde o princípio que formei uma idéia sobre o caso.

Ellen abriu desmedidamente os olhos, aguardando que eu continuasse.

— Encarando-se o problema com realismo, sente-se logo que todos os elementos para o crime existiam — apenas houve um erro quanto à vítima. Seu tio só veio aqui por causa de um telegrama. Ele escreveu

um livro que aparentemente difama o povo desta ilha. Isto é ou não é verdade? Pois bem, vê-se logo que ele é que era o alvo do assassino. Posso assegurar-lhe que quando toquei naquele corpo, esperei que fôsse o do seu tio.

— O senhor quer dizer que alguém foi ao quarto do tio Jim... e matou tia Grace, pensando que fôsse ele?

— Em princípio, admito que esta teoria tem duas grandes falhas — confessei. — Primeiro, não explica, realmente, o que miss Sykes estava fazendo no quarto do seu tio. Em segundo lugar, se o assassino usou o tra-

vesseiro para silenciá-la — como pensa o delegado — teria necessariamente que entrar em contacto mais direto com ela e, nessas condições, logo reconheceria que se tratava de uma mulher! No entanto, receio que esta minha teoria esteja errada.

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

James W. Sykes contrata um aviador para o levar com urgência à ilha Caribou, onde precisava ver uma prima doente. Sykes era autor de um livro sobre a ilha e pintara de tal maneira os principais habitantes que, segundo confessa ao aviador, nunca ali tornaria, se não fôsse por causa da prima, pois toda a população o odiava pelo que escrevera deles. De fato, é recebido com hostil indiferença. Mas Grace, sua prima, mulher idosa, fica surpreendida e afirma não estar doente nem ter passado nenhum telegrama chamando Sykes. O hotel em que estão é dirigido por dois sobrinhos de Sykes, que também não o estimam. Pela madrugada, notando que o tempo está ruim, o aviador levanta-se com a intenção de ir ao quarto de Sykes avisar que não poderia decolar aquela manhã. Ali, porém, encontra Grace morta, assassinada. Nesse instante, é agredido pelas costas e cai sobre o cadáver sujando-se com o sangue da morta. Sykes desapareceu e o delegado, Wright começa a interrogar os suspeitos, não escapando aos criados e o cozinheiro chinês. Ninguém sabe do paradeiro de Sykes.

— Não sei — disse Ellen Shaw. — Mas, pelo menos, no que toca ao livro do tio Jim, creio que o senhor está certo!

— O livro?

— Ele registra fatos que muita gente da ilha conhece, mas jamais comenta. Para os de fora, o livro é realmente interessante... Mas para os habitantes dêste

lugar... Oh! Queria que soubesse de uma coisa, sr. West!...

— Pode falar.

— Minha tia forneceu matéria para alguns dos trechos mais cruéis daquele livro.

As palavras de Ellen deixaram-me estupefato.

— O senhor não conheceu a minha tia! — continuou ela, rapidamente. — Joe Wright chamou-a de "velha bonita", porém ela nada tinha de bonita! Ao contrário, era feia e desagradável. Morava aqui no hotel porque prometi a meu pai que haveria de tê-la em minha casa. Mas tia Grace não tinha necessidade de viver consco; sempre dispôs de muito dinheiro! Mas sempre recusou deixar o hotel, embora tivesse plena consciência de estar incomodando a todos — Lin, Peggy, o sr. Phipps e o



major! Na verdade, ela tratava o major como um débil mental, o que não tem fundamento. Ele não passa de um homem perseguido por fatos que há dois anos lhe abalaram o espírito.

— E os habitantes da ilha sabem que sua tia forneceu matéria para o livro?

— É claro! Souberam logo que o livro foi publicado.

— E sabiam, também, que seu tio estava de volta... só para arranjar material para um outro livro? Com a ajuda de Grace, provavelmente?

— Correu êste boato, sim. Numa pe-

quena ilha, como esta, êsses rumores se propagam facilmente.

— Então, qual a intenção dêsse delegado? — indaguei. — Ele não procura interrogar sobre êste ponto. Por quê? O fato é que ele não pode ignorar a possibilidade de alguém ter assassinado Grace por causa do que foi escrito no livro de Sykes; ou, ainda, **por causa do que poderia ser escrito no futuro!**

Ellen caminhou para a janela e ficou olhando a cerração, cada vez mais densa.

— Tenho a impressão de que Joe Wright está com medo — disse ela.



— De quê?

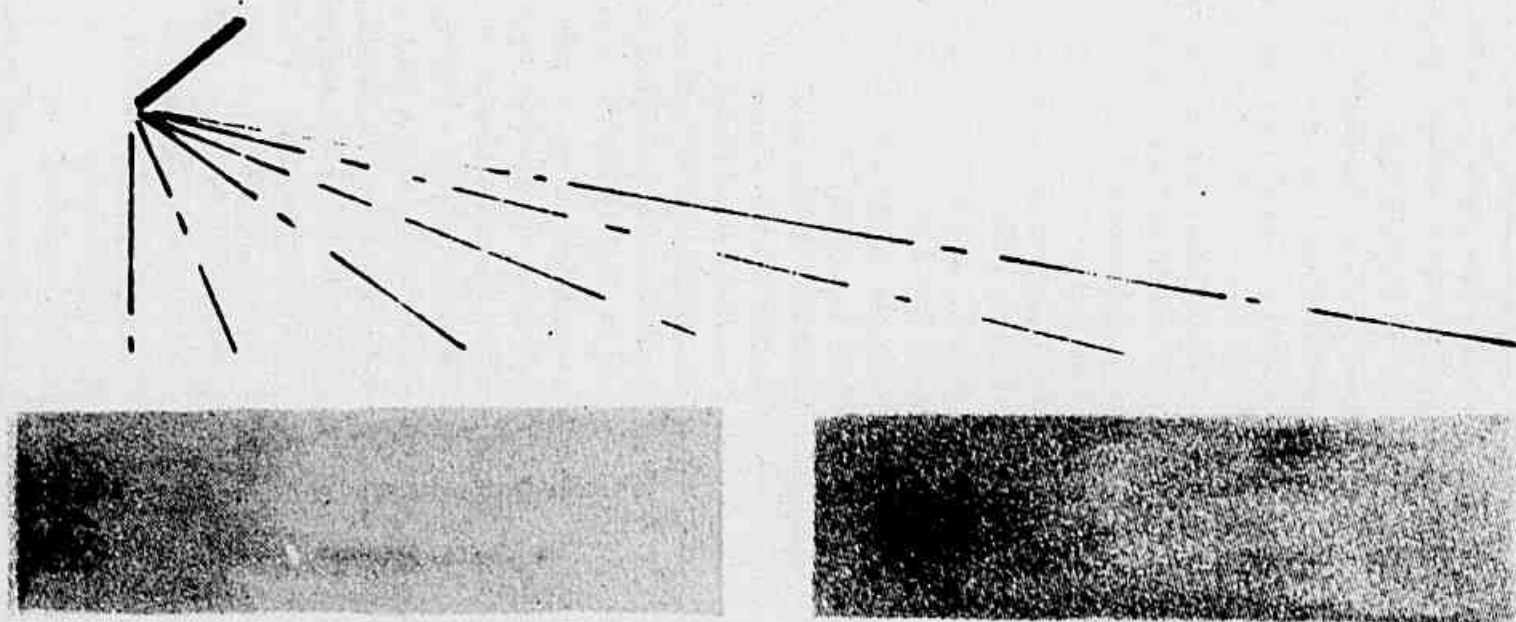
— De que os fatos tomem um rumo de maneira a não ser possível provar que o crime teve um motivo de ordem econômica. Se o tio Jim fôr o culpado tudo será muito simples. E há mais: se êle fôr prêso e transferido para o continente, nada mais se poderá fazer!

Aproximei-me de Ellen, tomei-a pelo braço, fitando-a bem nos olhos:

— Ellen, sejamos francos! Você está pondo em dúvida a boa intenção do delegado, e isto me põe bastante nervoso. Depois de James Wellington Sykes eu é que estou... mais próximo dos acontecimentos. Além de ter encontrado o cadáver, fui visto com as mãos sujas de sangue. Não estou gostando desta situação. Bem sei que você deve ter alguma razão para dizer que o delegado Wright está com medo.

— Creio que tia Grace representava uma ameaça para êle — acrescentou Ellen. — Certa noite, êle veio jantar aqui. Depois sentou-se no vestibulo, juntamente com tia Grace, enquanto eu permaneci no corredor. E ouvi quando ela disse: "Não
(Continua no fim da revista)





CÔRES QUE A NATUREZA NÃO PODE COPIAR

CÔRES que os olhos humanos nunca viram estão sendo produzidas diariamente nos laboratórios da Universidade de Illinois.

Inspirado num espelho esférico, comum, o professor Jozef Cohen, do Departamento de Psicologia, inventou máquina que pode realizar **misturas de cores em proporções que a natureza desconhece completamente!**

E o mais importante é que qualquer cor ou combinação de cores pode ser produzida ou repetida com precisão científica. O professor Cohen chama o seu invento de "aparelho **colorimétrico-analítico-sintético**".

O observador olha através de um binóculo para o interior de uma esfera dentro da qual vê uma chapa redonda com as dimensões de um disco telefônico. É nela que aparece a cor; e como a chapa pode ser dividida verticalmente, uma cor diferente é vista em cada metade.

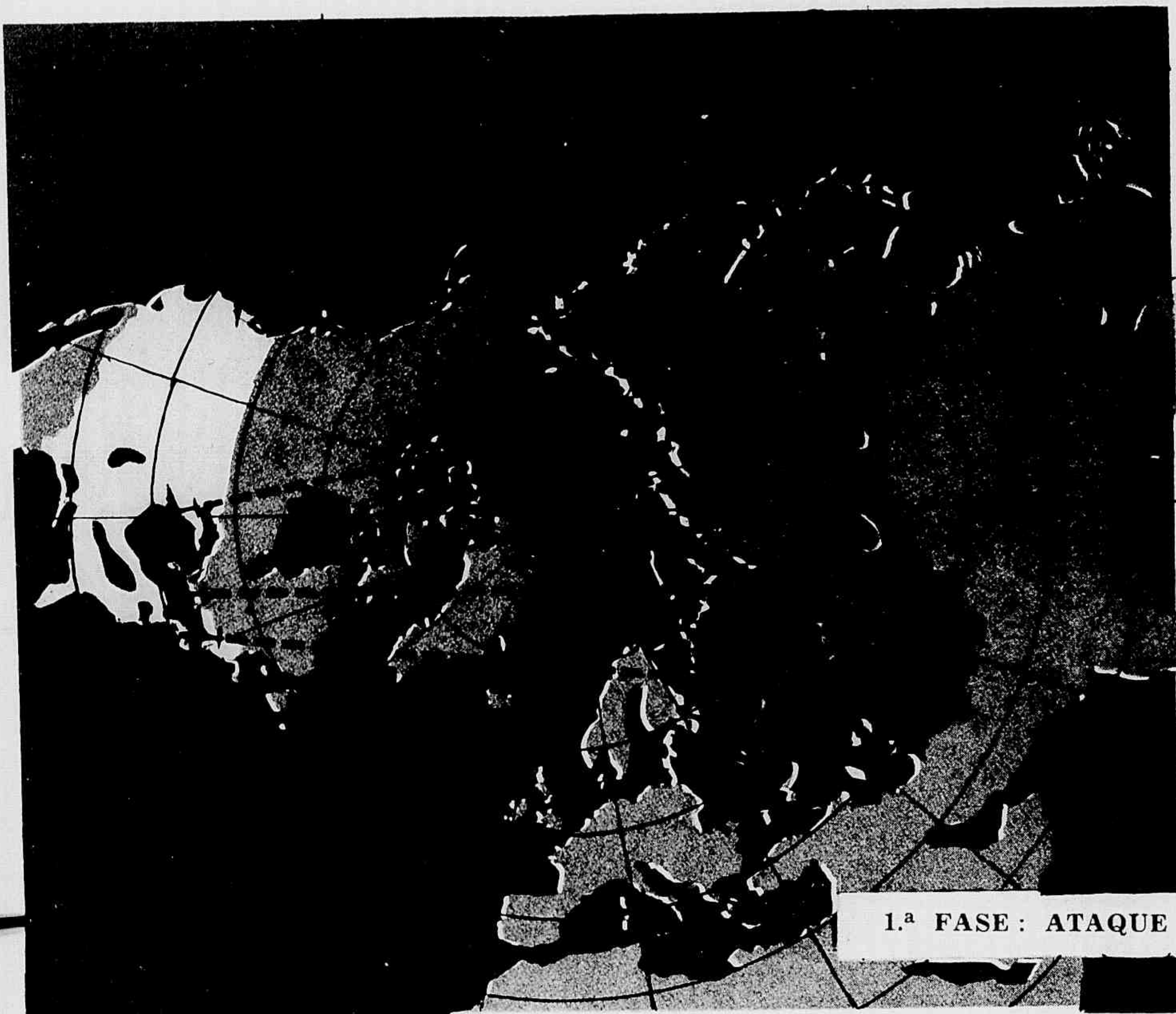
Já agora o dr. Cohen está capacitado para investigar sobre as **reações humanas diante das cores** de modo como nunca foi possível antes. A informação fundamental de sua pesquisa pode ser

muito valiosa para a televisão em cores e para muitas outras aplicações.

O psicologista de Illinois idealizou esta máquina quando se encontrava hospitalizado em virtude de um acidente de automóvel. Estava fazendo a barba com um espelho esférico, e observou a maneira como este concentrava um raio de luz. Então imaginou a possibilidade do mesmo espelho produzir cores trazidas das suas fontes mais puras.

A máquina funciona da seguinte maneira: uma luz branca é focalizada sobre uma grade de difração, que divide a luz em um espectro. O operador seleciona a cor ou as cores que deseja e as deixa incidir sobre o espelho esférico, que as recombina. A seguir, um tubo condutor envia a combinação resultante a um ponto onde a mesma pode ser vista por qualquer observador.

As cores naturais, quando impressas graficamente, formam sempre uma suave e regular curva de combinações, que vai de um a outro extremo do espectro; já com o novo aparelho, o professor Cohen pôde planejar uma curva fantásticamente irregular e conseguir **uma combinação de cores que a natureza jamais poderá imitar!**



1.ª FASE : ATAQUE

ESTRATÉGIA MUNDIAL A GRANDE

A BOMBA-H NAS MÃOS DOS RUSSOS, DE UM LADO, E A MULTIPLICAÇÃO DAS ARMAS ATÔMICAS, DESTROEM AS CONCEPÇÕES CLÁSSICAS E OBRIGAM OS ESTRATEGISTAS A FAZER

COMO VAI EVOLUIR A ESTRATÉGIA AMERICANA — O ano de 1954 trouxe uma revolução decisiva para a estratégia atômica; e isso por duas razões essenciais.

a) A União Soviética demonstrou possuir o segredo da bomba de hidrogênio. Um engenho termonuclear foi experimentado com êxito em seu território, no mês de agosto de 1953.

b) Os Estados Unidos são capazes de utilizar explosivos nucleares sob todas as suas formas, desde a bomba de hidrogênio até a bomba atômica de bolso.

1.º) DA POSSE DO SEGRÊDO DA BOMBA DE HIDROGÊNIO POR PARTE DA RÚSSIA DECORREM AS SEGUINTE CONSEQUÊNCIAS:

a) A União Soviética só leva nove meses de atraso, com relação aos Estados Unidos, em matéria de técnica termonuclear. Calcula-se que dentro de cinco anos ela possuirá um número suficiente de bombas de hidrogênio; dentro de seis anos terá bastante bombardeiros supersônicos para poder lançar um ataque mortal contra os Estados Unidos.



2.ª FASE : DEFESA

REVOLUÇÃO

MICAS TÁTICAS, NORTE-AMERICANAS, DE OU-
REVISÃO NO SISTEMA DE DEFESA OCIDENTAL

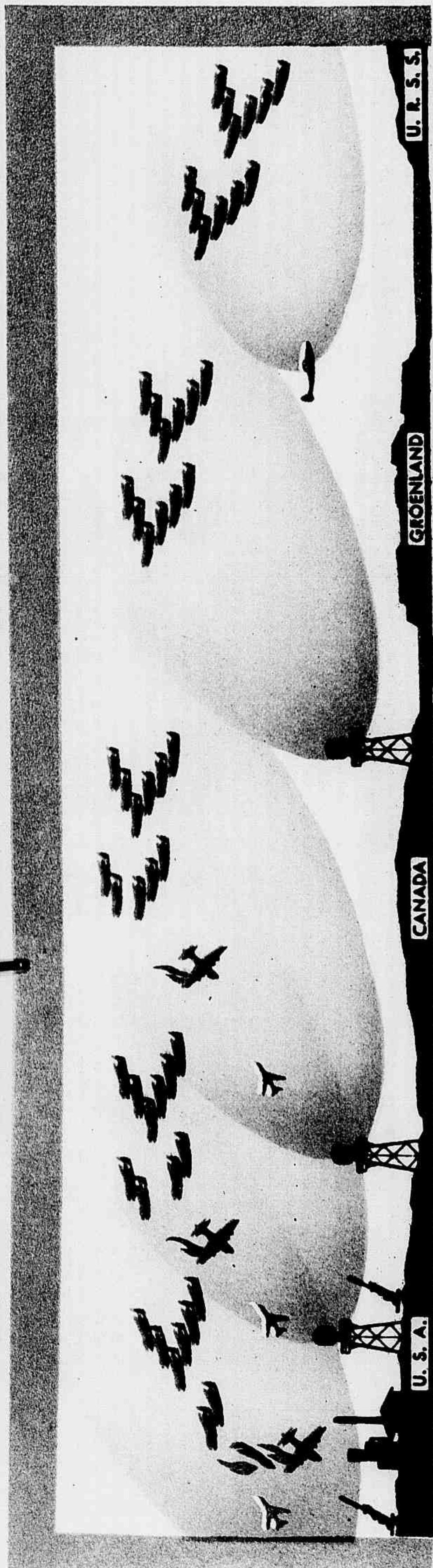
b) Os Estados Unidos poderiam ser militarmente neutralizados porque:

1) Três quartas partes do seu potencial industrial estão agrupadas em apenas cinquenta pontos do seu território. Um agressor que possua a bomba de hidrogênio e uma aviação adaptada poderá, em algumas horas, paralisar a vida do país.

2) A defesa aérea norte-americana não teria possibilidade de deter, em seu estado atual, mais que 30 por cento dos aparelhos inimigos. E, mesmo que pudesse rechaçar 80 por cento, o perigo continuaria, pois os

NO CASO DE UM "PEARL HARBOR" ATÔMICO — Se a União Soviética lançar contra os Estados Unidos um ataque aéreo com bombas de hidrogênio, não há dúvida de que isto significará um golpe mortal para este país, tendo em vista a sua concentração industrial que é muito acentuada. Mas, por outro lado, nada poderia impedir que, algumas horas depois, os Estados Unidos dessem uma terrível resposta partindo de todas as bases americanas disseminadas em torno do território soviético. A ordem de contra-ataque seria dada pelo "Comando Estratégico do Ar", instalado em Omaha, num abrigo subterrâneo imunizado contra os efeitos da bomba de hidrogênio.

aparelhos que conseguissem ultrapassar as linhas de defesa atingiriam os seus objetivos. Seria necessário, portanto, uma defesa aérea 100 por cento eficaz, o que ainda é improvável, desde que se leve em conta as técnicas existentes e a vastidão do território a defender.



Apenas 30 por cento dos aparelhos inimigos seriam abatidos em caso de um ataque contra os Estados Unidos. No atual estado das defesas americanas, se doze aviões decolassem de uma base soviética para lançar bombas de hidrogênio nos centros industriais dos Estados Unidos, pelo menos um deles seria abatido em território canadense pelos caças americanos, um outro cairia no solo americano atingido pela artilharia e pelos caças de interceptação e, finalmente, dois outros seriam destruídos nas proximidades do centro atacado. Os oito bombardeiros restantes realizariam sua tarefa.

c) Somente assegurando a invulnerabilidade de suas **bases de resposta** os Estados Unidos protegerão indiretamente o seu território. Esta invulnerabilidade será assegurada:

1) mediante a disseminação de bases aéreas atômicas fora do território americano e a uma curta distância da União Soviética, isto é, na periferia do continente europeu e asiático, a fim de tornar difícil a aproximação do inimigo.

2) Camuflando essas bases e assegurando-lhes uma defesa tão eficaz quanto possível. Assim, quando o agressor atingir o solo americano, os Estados Unidos, por sua vez, desferirão o golpe mortal sobre o território inimigo — o que significará a **resposta**.

2.º A POSSE DA BOMBA ATÔMICA DE BÔLSONO POR PARTE DOS ESTADOS UNIDOS ACARRETARÁ AS CONSEQUÊNCIAS SEGUINTE:

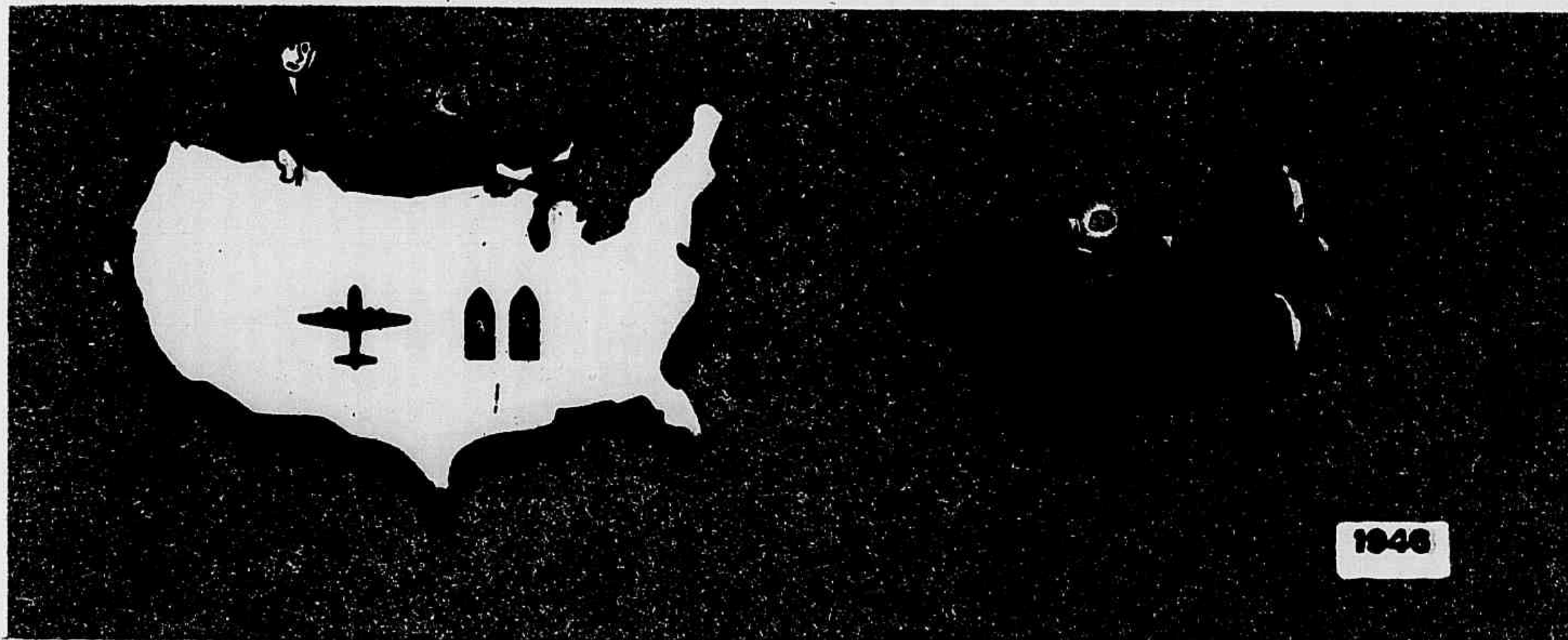
a) Reforçar os exércitos aliados com uma artilharia atômica.

b) Introduzir uma modificação na estrutura das unidades. O padrão que caracterizará estas últimas será o menor número de armas e de homens, a fim de evitar a formação de grandes objetivos suscetíveis de ataques atômicos.

c) Reduzir os perigos de conflitos localizados com o uso dos projéteis nucleares **de bôlson**; isto porque estes, por seus efeitos limitados, podem ser utilizados sem provocar uma conflagração geral.

HA vários meses, o aparelhamento especial colocado numa super-fortaleza voadora recolheu, em uma determinada região do Mar da China, uma amostra de ar radioativo, cuja análise demonstrou que “um engenho explosivo provocando a fusão de átomos pertencentes a elementos leves tais como o hidrogênio” havia sido detonado na região de Atomgrado, na Rússia, em meados de agosto de 1953.

Perdidos no anonimato dos que realizam observações atômicas em torno da Eurásia, os tripulantes dêsse apa-



OS ESTADOS UNIDOS EM FACE DO PERIGO ATÔMICO — Três datas chaves podem resumir a atitude americana em face do perigo atômico. 1946 : negligência; os Estados Unidos se julgavam os únicos detentores da bomba

atômica. Julho de 1949: surpresa; a União Soviética faz explodir sua primeira bomba atômica. 1953: a terrível revelação; nove meses depois dos norte-americanos, os russos experimentaram a bomba de hidrogênio.

relho anunciaram o primeiro período da estratégia atômica que durou de setembro de 1944 até agosto de 1953. Uma nova fase foi iniciada, no decurso da qual os dados estratégicos mundiais vão ser profundamente revolucionados. O primeiro período teve uma duração de nove anos. Calcula-se que o segundo não vá além de cinco.

Mas não é somente o progresso atômico da Rússia que vem transtornar a estratégia atlântica. Do lado americano surgiu um novo fato, do qual até há alguns anos

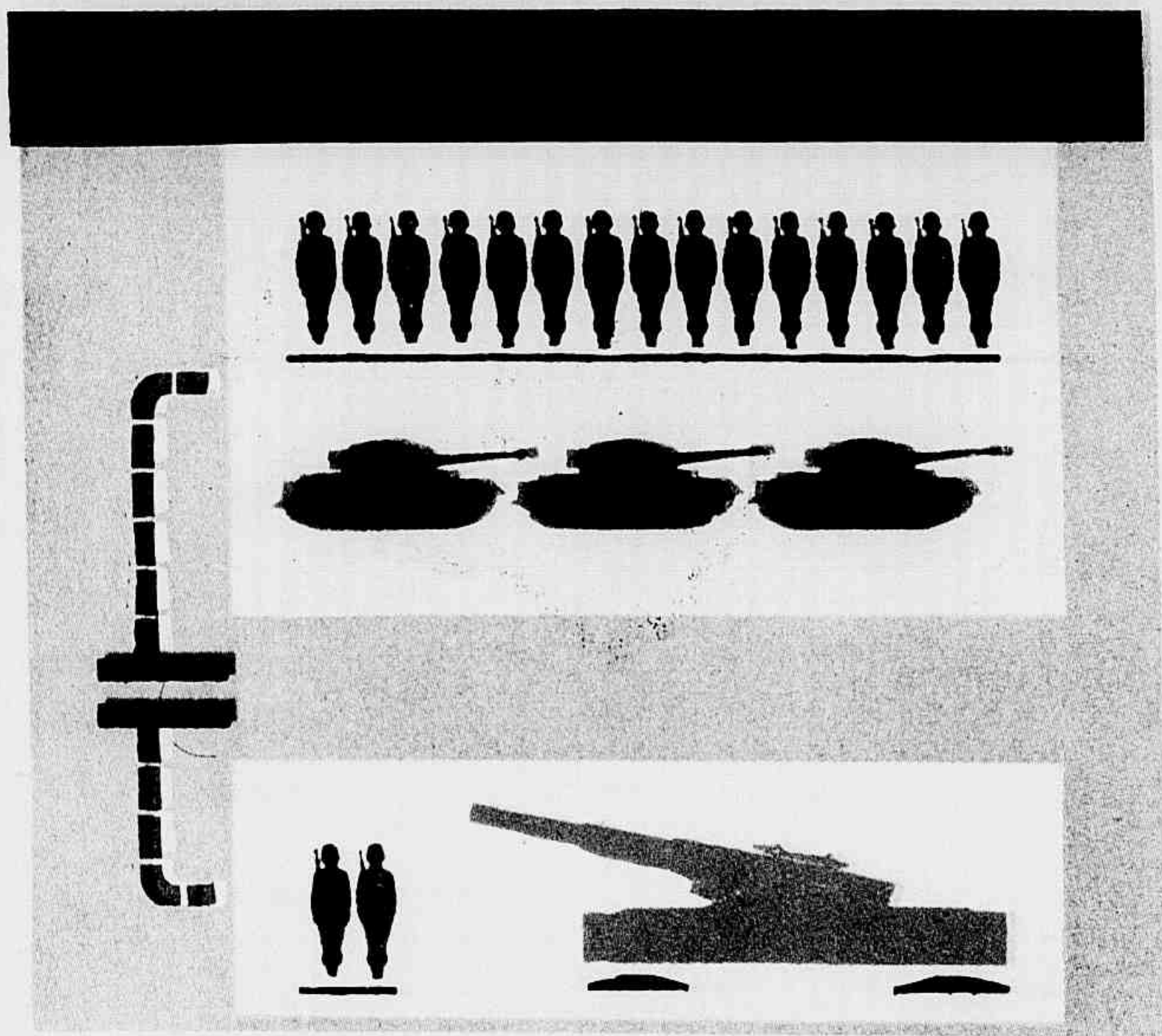
Se a União Soviética possui o segredo da bomba de hidrogênio, os Estados Unidos aperfeiçoaram os explosivos nucleares a ponto de empregá-los sob tôdas as suas formas e de poder generalizar a sua utilização em combate.

Quanto mais limitada fôr a potência destruidora de um projétil atômico, maior será a sua receptividade do ponto de vista psicológico. A arma que "impede" os conflitos localizados já existe — ou está prestes a existir em escala suficiente: — a **bomba atômica de bolso**.

As conseqüências militares desta próxima generalização do explosivo nuclear são tão importantes quanto suas conseqüências políticas. O extraordinário aumento da potência de destruição deve normalmente reduzir o número de meios de combate. Substituída a bomba de dinamite de 1.000 quilos pelas bombas-A, o "Comando Estratégico do Ar" dos Estados Unidos, em vez de 6.000 fortalezas-voadoras necessita apenas de 500 bombardeiros dêste tipo. É possível que o mesmo suceda em matéria de artilharia pesada ou de unidades blindadas.

A forma e estrutura das unidades militares, até agora consideradas clássicas, como o batalhão, o regimento, a divisão, a

flotilha, a esquadra, podem variar em proporções consideráveis. Se até o momento, o número das principais armas (aviões, tanques) ou o número de homens era o ponto de referência para a caracterização das unidades, hoje é a potência de destruição a norma indicadora para as novas formações. A invulnerabilidade máxima aos ataques atômicos estará em função de uma grande mobilidade, o que acarretará uma revolução no seio das unidades militares. De um certo modo, as pequenas fortificações e o entrincheira-



AS NOVAS ARMAS TÁTICAS — Um único canhão atômico, com 2.000 homens necessários ao seu funcionamento e defesa, representará no futuro uma potência de destruição igual à de toda uma divisão moderna, ou seja, 15.000 homens e 350 tanques.

ninguém ousava suspeitar; trata-se da produção em massa de uma infinidade de armas atômicas táticas, passíveis de serem empregadas no próprio campo de batalha.

Muitos obuses e peças de artilharia nucleares já foram desembarcadas no porto de Hamburgo. A imprensa especializada anuncia que certos tipos de tanques leves estão providos de projéteis atômicos. Existem, igualmente, bombas atômicas táticas teleguiadas, que, aliás, já passaram da fase experimental para a da produção em série.

mento voltarão a ser usados com intensidade.

No mar, as grandes unidades navais de superfície não terão **chance** de sobreviver. Desde já terrivelmente vulneráveis aos ataques dos aviões torpedeiros, os porta-aviões resultarão inúteis ante a potência de um bombardeio termonuclear. E isto será mais real em mares estreitos como o Mediterrâneo ou o Mar do Norte, onde os aeródromos inimigos estão relativamente próximos.

Se os aviões estão escondidos ou muito dispersos, as plataformas instaladas em terra são infinitamente menos vulneráveis e naturalmente menos custosas que os porta-aviões de grandes toneladas, necessários aos aviões que conduzem explosivos nucleares.

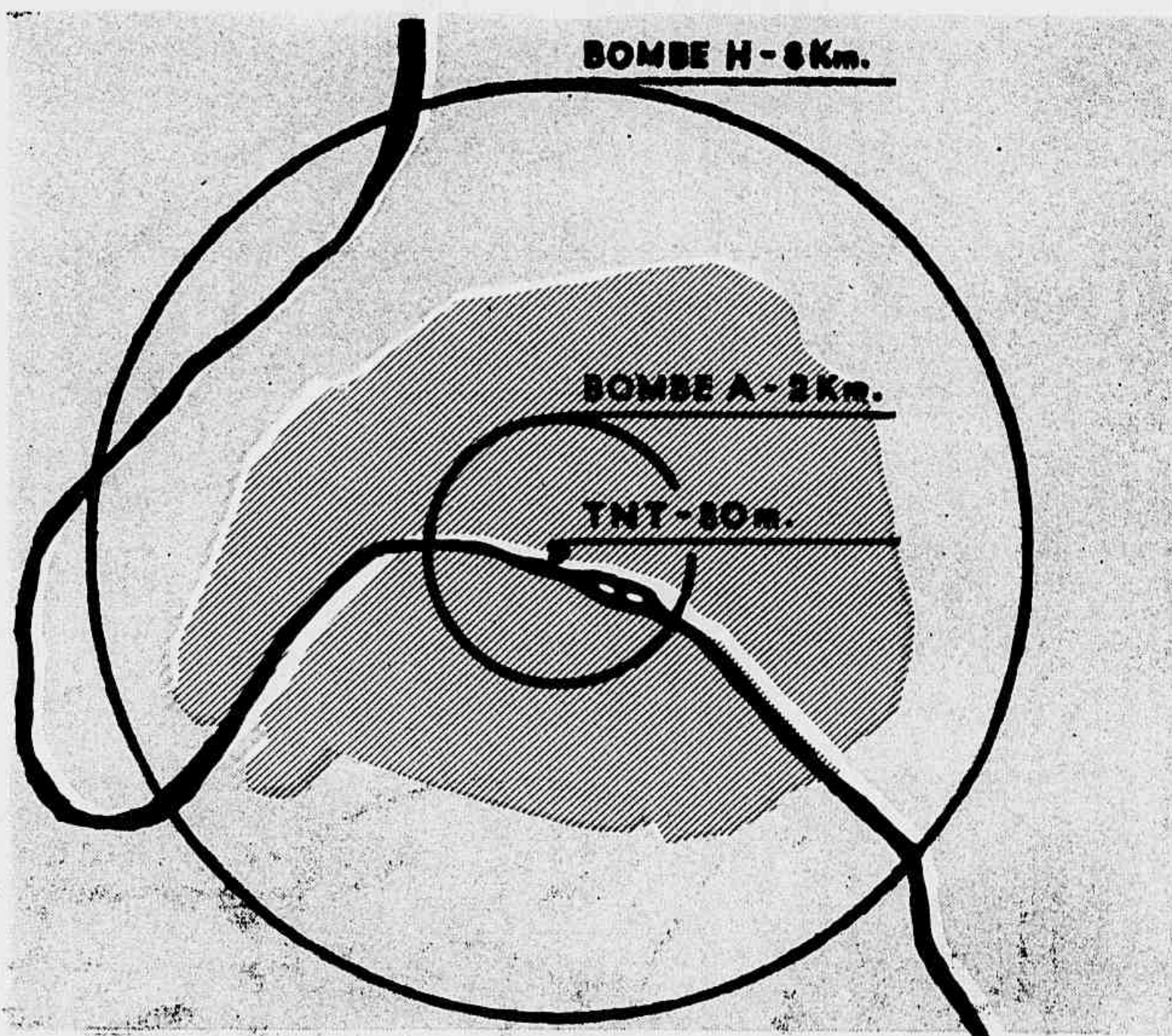
É certo que um porta-aviões possui mobilidade e representa um meio eficaz pelo qual se consegue realizar ataques aéreos sobre determinados pontos do território inimigo. Porém, tem poucas possibilidades de renovar o seu ataque aéreo ou mesmo de escapar à resposta do adversário.

Os campos de pouso só poderão escapar às ações atômicas se os projéteis forem detonados em altitudes regulares de modo a cobrir uma ampla zona de destruição. Mas os aviões deveriam permanecer escondidos, sob a terra, e as construções exteriores completamente suprimidas. As antenas de radar são terrivelmente vulneráveis e somente um dispositivo muito especial poderia assegurar sua proteção num ataque de bomba atômica de bôlso.

Uma nova organização de comando deve ser estruturada, a fim de acompanhar as modificações introduzidas no campo de batalha e na retaguarda. Se o emprego da arma atômica é de responsabilidade exclusiva do alto-comando, faz-se neces-

sário que este saiba sem demora em que lugar e em que momento deve ser aplicada a extraordinária potência destruidora. Uma organização similar deve ser estabelecida para acelerar a ação da aviação tática que representará o suporte aéreo das primeiras linhas de combate.

Qualquer coisa de análogo deve também ser criada para que, no caso de situações militarmente difíceis, possam ser utilizados com eficácia aviões portadores de bombas atômicas leves, artilharia nuclear, etc. O papel dessas unidades aumenta igual-



UMA SÓ BOMBA-H ANIQUILARIA PARIS dentro de um raio de 8 quilômetros. O raio de destruição de uma bomba atômica é de 2 quilômetros, o de uma bomba de dinamite de 10.000 quilos não vai além de 80 metros. No Rio de Janeiro, protegido por elevadas montanhas, os estragos seriam menores.

mente de importância. A amplitude das destruições necessita de grandes esforços, dos quais depende a mobilidade de uma poderosa unidade, seja para o ataque, seja para escapar à ação do inimigo.

Finalmente, esta generalização do explosivo nuclear que, em menos de dez anos passou dos bombardeiros secretos do "Comando Estratégico do Ar" para as tropas aliadas sediadas na Europa, deve decidir de uma vasta mudança de informações senão quanto à técnica atômica em si, pelo menos quanto ao seu emprego

» aos seus efeitos. E é mesmo provável que esta tarefa seja levada a efeito dentro de dois ou três anos.

Vimos que os progressos realizados nos armamentos atômicos permitem aos exércitos ocidentais uma melhor defesa na Europa com meios de combate menos numerosos e com maiores possibilidades de resposta, mesmo nos conflitos localizados. Esses progressos permitirão a retirada eventual de forças norte-americanas da Europa, sem que o sistema defensivo edificado fique debilitado, uma vez que novas armas substituiriam progressivamente as unidades de tipo antigo.

Assim, o ocidente pode manter a tese inicial: sua força deve firmar-se na superioridade técnica.

Mas essas vantagens terão algum sentido, sabendo-se que, de ano para ano, a Rússia aumentar o seu estoque de bombas atômicas e de hidrogênio? Estará a América à mercê de um raide atômico russo que poderia destruir todos os centros populosos em algumas horas? Poderá impedir um ataque desse gênero? E o custo de tal estratégia de defesa não seria tão fabuloso a ponto

de eliminar tôdas as possibilidades de financiar uma política de defesa na Europa? Vimos que êsses problemas foram apresentados, de maneira angustiante, à estratégia ocidental, semanas após a notícia da explosão, na Rússia, de uma bomba de hidrogênio; e vimos, também, qual a solução proposta.

A revelação de meados de agosto de 1953 representou um grande choque para o ocidente. Sômente nove meses após as experiências de Eniwetok, no curso das quais a Comissão de Energia Atômica americana fêz explodir um engenho — e não uma bomba — termonuclear, o primeiro ministro soviético anunciava e os físicos americanos confirmavam que a União Soviética detinha o segredo da fissão do átomo (bomba atômica) e da fusão de átomos leves (bomba de hidrogênio). Os sete anos de vantagem que os cientistas americanos julgaram levar estavam, portanto, reduzidos a nove meses, isto em matéria de ciência e de técnica, pois no que diz respeito à produção em massa de armas atômicas de destruição, a capacidade
(Continua no fim da revista)



— Ah! Vejo que o senhor continua com o mesmo cão, comendador!



QUANDO Norberto Trait recebia seu salário, contava-o lentamente. Tudo estava sempre em regra: dois luíses de ouro, três moedas de cinco francos e outra moeda de um franco.

Norberto tinha em seu armário uma caderneta da "Caixa Econômica", que frequentemente consultava, a fim de conferir o total, que se arredondava animadoramente cada semana.

Tudo corria bem para aquele afortunado mortal. Seu coração se enchia de orgulho quando passava diante da porteira do prédio em que residia, pois a mulherzinha o distinguia com toda sorte de consideração.

Seu domicílio era um encanto para os seus olhos, com a cama sempre limpa, sua mesa de madeira clara, as cadeiras de palhinha, a brilhante cozinha e o armário cheio de bons livros.

Não faltava quem lhe invejasse aquela felicidade, sobre tudo as mulheres, porque é preciso dizer desde agora que Trait era solteiro. Mas lá chegou o dia em que uma criatura logrou conquistá-lo. O honrado operário acreditou que havia feito uma excelente aquisição, porque a tal mulher não falava em outra coisa senão em ordem e economias. Porém, apenas casada, introduziu a própria mãe no domicílio

POBRE HOMEM!

Por J. H. HOSNY, AINÉ
(Da Academia Goncourt)

conjugal — e com a mãe um irmão — completo vagabundo.

As moedas de prata e os luíses começaram logo a circular como se fôsem automóveis.

O irmão da mulher não falava em outra coisa senão na conveniência de explorar o cunhado, ao qual chamava de repugnante burguês e asqueroso capitalista.

Norberto vivia aterrado. Nunca pudera imaginar que existissem neste mundo pessoas de tão más condições. Procurou o infeliz remediar o dano de que era vítima, porém foi tudo em vão.

A mulher, que era moça e robusta, chegou a bater nêle, e o desgraçado sofria com paciência. A porteira agora voltava-lhe as costas, escandalizada com tudo o que ocorria. Teria preferido vê-lo cair de chicote sobre aquelas horrendas criaturas, atirando-as pelas escadas a baixo, aos pontapés, o cunhado em primeiro lugar.

Trait, realmente, pensou nisso uma vez, porém desistiu de tal propósito ao considerar que pancadas não eram bons argumentos.

Para êle, a mulher era vítima da hereditariedade alcoólica, a sogra uma desgraçada, pervertida pelo meio em que havia vivido, e o irmão um fruto da má educação.

Durante muito tempo esperou vencer por meio da persuasão. No entanto, todos os esforços foram inúteis.

Ao entardecer, quando regressava a seu domicílio, encontrava os três sentados à mesa, comendo e bebendo alegremente. Não esperavam o infeliz para começar a jantar, nem lhe reservavam lugar à mesa, ou se mexiam para recebê-lo.

O pobre marido devorava as sobras, enquanto seus tiranos se recreavam num café concêrto do bairro.

Um sábado, quando recebeu seu salário, Trait teve vontade de não voltar para casa. Esgotara tôdas as suas economias, e o dinheiro que agora fazia saltar na concha da mão tinha que chegar para tôda a semana, coisa verdadeiramente impossível.

Norberto sentiu o pesadelo das dívidas e começou a pensar... Quando subiu a escada de seu domicílio, sua determinação era decisiva.

Encontrou o terceto, que o esperava com grande impaciência.

Ao entrar, dirigiu-se para a mesa e disse:

— Não vai haver mais remédio senão passar a semana com o que trago. Só me restaram sete francos para o aluguer e outros dois para recomposição das minhas ferramentas.

— Por que não ficas logo com tudo? — disse a mulher. — Nós nos sustentaremos com o ar...

— Que trabalhe êsse vagabundo! — replicou o marido.

— Quem? Eu? — rugiu o cunhado, sacando do cinto uma navalha.

Trait não se acovardou.

— Guarda essa navalha — exclamou com voz de trovão — ou te esmago o crânio com esta cadeira. Se não me fôr desta casa, ainda serei obrigado a cometer um crime.

— Vai-te quando queiras! — gritou a mulher. — Já sabes que te desprezo e que só casei contigo por teu dinheiro.

Trait atirou todo o seu salário sôbre a mesa, e disse:

— Pedirei esmolas, se fôr preciso! Mas aviso a todos! Não me verão outra vez, enquanto viverem!

A mulher riu francamente, sacudindo o corpanzil que conquistara com a vida

ociosa e de bebedeiras, que levava; tinha a certeza de que o cordeiro voltaria, com as orelhas caídas. Depois murmurou, com zombaria:

— Cuidado com a escada! Não vá quebrar o pescoço!

— Não quebrarei.

A entrada do prédio encontrou a porteira, à qual anunciou:

— Saiba a senhora que deixo meu domicílio. Os móveis serão suficientes para pagar a importância do aluguer. Avise ao encarregado, por favor, que tem autorização para vender tudo.

— Então... acabou brigando, hein? — perguntou a mulher, com ar satisfeito.

— Sim; já era tempo de acabar com minha estupidez.

Trait saiu para a rua, pesaroso por não haver ficado sequer com uma moeda de cinco francos para comer e passar a noite em qualquer parte.

O infeliz não estava acostumado a sair com seus companheiros, nem sabia onde encontrá-los. Além do mais, não queria pedir-lhes dinheiro, nem relatar-lhes suas misérias. Preferiu andar tôda a noite, lúgubremente. Ao amanhecer, cobrou ânimo, com a esperança de reconquistar a indepen-



dência de outros tempos. Ao cabo de algumas horas voltou à oficina, depois de haver alugado um quarto e contratado sua manutenção, com a garantia de seu bom nome.

Os outros, do sábado à segunda-feira, divertiram-se à grande, sem um pensamento para Trait. Porém, a porteira fizera circular a notícia da retirada de Trait. Nessas condições, o padeiro e o açougueiro se negaram a fornecer aos renegados. Sem outro recurso, as duas mulheres trataram de vender o mobiliário; porém a porteira a isso se opôs decididamente.

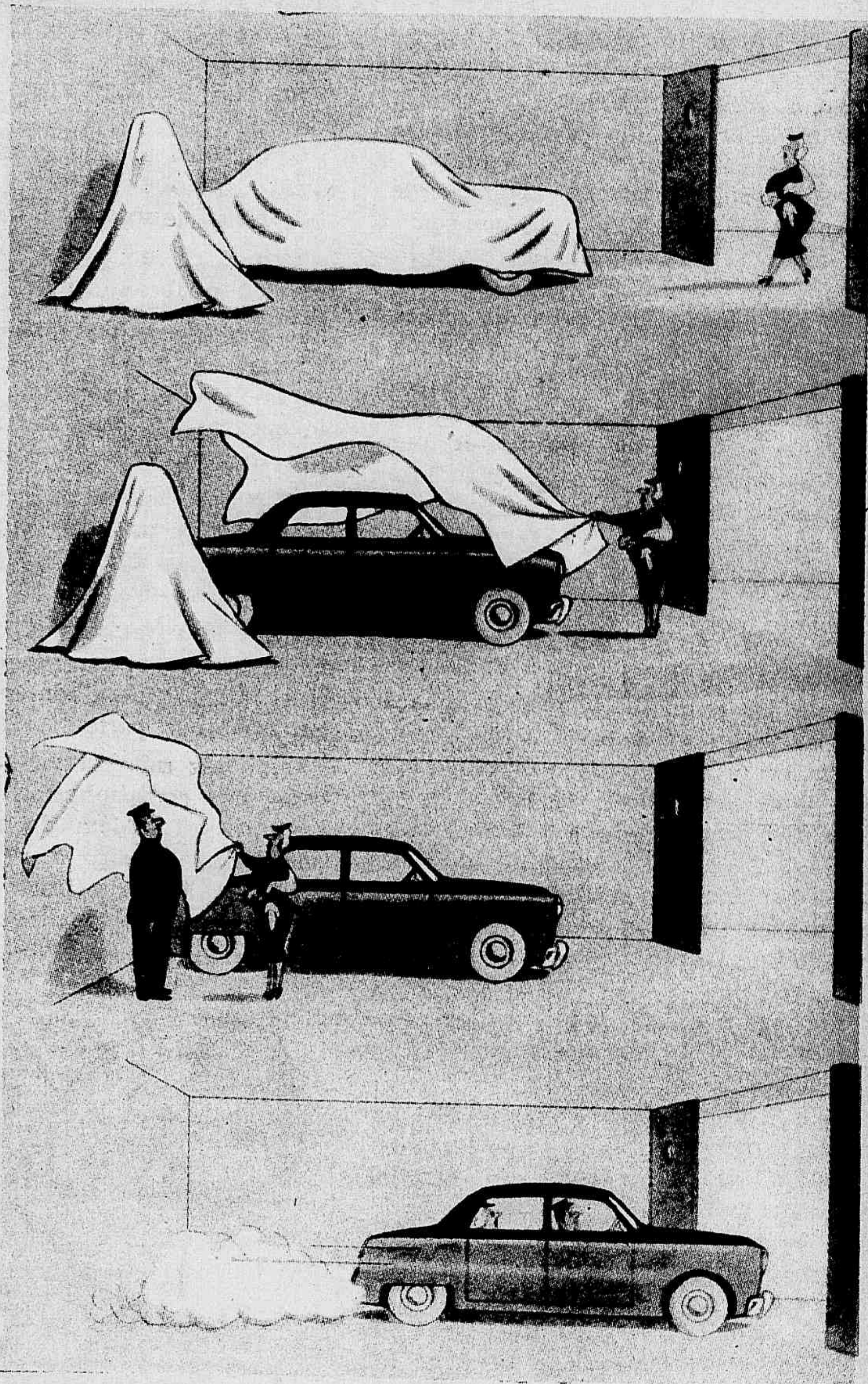
A espôsa correu à oficina, a fim de falar a Trait. Porém o operário ali não estava. O patrão lhe havia confiado um trabalho externo.

A mulher, a sogra e o cunhado morriam de fome.

Uma tarde em que Trait estava comendo no terraço de um café não distante da oficina, viu surgir repentinamente a sinistra figura de sua mulher.

A infame não lhe deu tempo para levantar-se, logo mergulhando no pescoço do desgraçado a navalha do irmão, que levava espalmada.

O pobre Trait expirou ali mesmo, ao fim de poucos instantes.



No dia do julgamento da criminosa, o célebre X..., defensor da ré, fez chorar público e jurados, ao referir-se aos horrores que havia sofrido aquela infeliz. Descreveu a implacável ferocidade e a cruel avareza de Trait, aterrorizou a porteira — que se apresentara como testemunha de acusação — e obteve sem dificuldade alguma a absolvição de sua constituinte.

O SOL a serviço do HOMEM



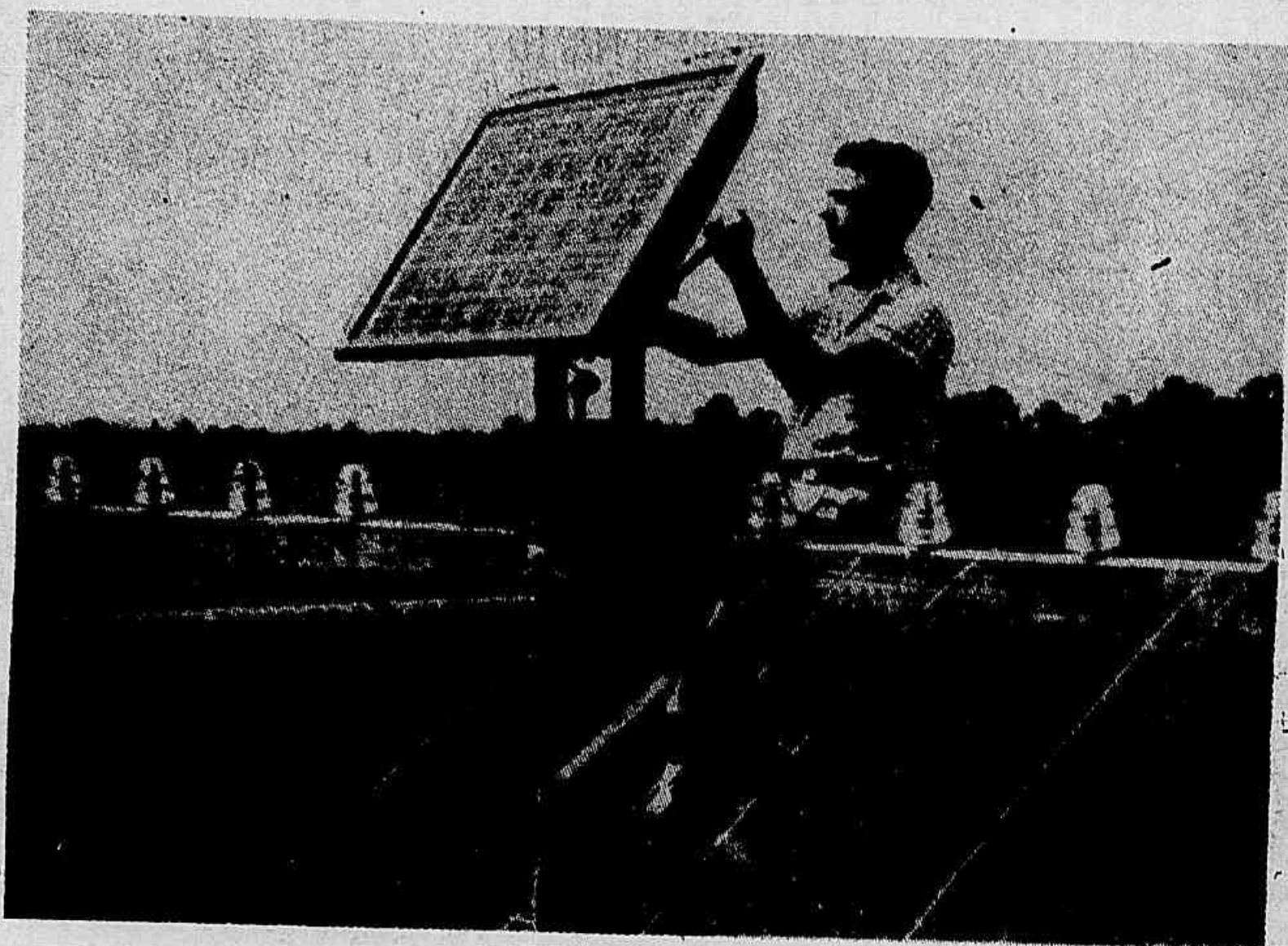
A MANHÃ, a esta mesma hora, a população do mundo terá aumentado em 84.000 almas. No próximo ano, neste mesmo dia, o aumento da população do Brasil será superior à população efetiva de cidades como Belo Horizonte, Porto Alegre ou S. Paulo. E, dentro dos próximos dez anos, a população da Índia terá crescido num total equivalente à população atual da Grã-Bretanha.

A procura mundial de alimentos (elemento essencial para a sobrevivência humana) e de energia elétrica (elemento essencial para a vida moderna) aumenta numa proporção maior ainda. Não só a população cresce num ritmo fantástico, como também o nível de vida se eleva rapidamente em todo o mundo. A produção de alimentos não chega para abastecer a atual procura. E o que é pior ainda: os combustíveis e as fontes de energia, nas quais se baseia a indústria, vão acabando mais depressa ainda.

A necessidade de incrementar a produção de alimentos e de



Com este alambique solar, pode-se tornar doce a água salgada.



Graças à "Bateria Solar de Bell" — que foi recentemente aperfeiçoada — o sol faz funcionar circuitos telefônicos.

energia vem, pois, atraindo a atenção mundial no curso dos últimos anos. Em matéria de energia, já se conta com a formidável promessa do átomo, mas essas promessas só se transformará em realidade para a próxima geração. Enquanto isso, a urgência do problema concentra a atenção sobre a mais importante e inesgotável fonte de energia: a energia solar. Em fins de 1954, em Nova Delhi, sob o patrocínio da Organização das Nações Unidas e do governo da Índia, realizou-se uma conferência sobre energia eólica e solar nas zonas áridas, durante a qual, um grupo de cientistas, procedentes de mais de vinte países, debateu a possibilidade de utilizar, em proveito da humanidade, a energia solar que as regiões áridas da terra, em particular, recebem com tanta prodigalidade, ficando claramente demonstrado que essa energia possui uma importância muito especial para as referidas regiões, que em regra geral são pobres em combustíveis, mas que recebem, por suas próprias condições, grandes quantidades de energia em forma de raios solares.

Nos desertos, cada metro quadrado de terra recebe do sol, durante um só dia, uma quantidade de energia igual a que se

OS CIENTISTAS, QUAL MODERNOS PROMETEUS, VÃO ARRANCANDO AO ASTRO-REI SEGRE-DOS QUE UM DIA BENEFICIARÃO TÔDA A HUMANIDADE.

obtem normalmente com a combustão de cinco quilos de carvão. Dois quilômetros quadrados de deserto recebem do sol, em dia de verão, tanta energia quanto a que é liberada na explosão de uma bomba atômica. Esta enorme quantidade de energia está à disposição de quem a quiser aproveitar; no entanto, até agora, quase nada sabemos sobre a forma de utilizar essa prodigiosa

energia. Os delegados à conferência de Nova Delhi estudaram, no deserto de Rajasthan, os métodos de cultivo e rega que os agricultores indígenas continuam empregando, sem qualquer modificação, desde tempos imemoriais. Na maioria dos casos, a água para a rega se obtém de poços pouco profundos, onde é encontrada a uns cinco ou seis metros da superfície, sendo extraída em sacos de couro por meio de uma corda e um sistema de roldana. Uma junta de bois puxa a corda até que o saco surja acima do poço e, logo que a água é despejada dentro de um recipiente maior, os mansos animais voltam ao ponto de partida, a fim de que o balde torne a descer.

Depois de observar os dois homens e os quatro bois que realizavam esta monótona e interminável tarefa, os referidos dele-



No Congresso realizado em Phoenix (Estado do Arizona), foi exibida essa reprodução do maior forno solar existente em todo o mundo.

gados concluíram que êsse esforço combinado conseguia retirar apenas uma quantidade de água igual a que poderia ser extraída com uma bomba de um terço de cavalo de força. Calcularam também que, se fôsse possível colher e armazenar a energia solar que incide sobre a superfície molhada pela manobra dos bois, e fôsse a mesma utilizada com uma eficiência de apenas 1 %, essa energia seria mais que suficiente para fazer funcionar uma bomba da capacidade indicada.

O problema da produção de alimentos é agravado em regiões análogas porque o excremento seco é o único combustível de que dispõem os camponeses para cozinhar. Em uma zona árida, o estêrco deveria ser devolvido à terra, a fim de conservar sua fertilidade; infelizmente, essa matéria — o mais valioso dos fertilizantes, tem que ser queimado para que o camponês coma uma alimentação quente ao meio-dia, enquanto a energia contida na luz solar é mais que

suficiente para fornecer todo o calor de que necessita para tal propósito. O "Laboratório Nacional de Pesquisas Físicas" da Índia realizou uma demonstração com um fogão solar que seus sábios inventaram e que pode ser comprado pela reduzidíssima soma de 60 rupias, ou seja, 1.200 cruzeiros. Entretanto, camponeses indianos consideram essa quantia excessiva para ser invertida na compra de um novo aparelho para cozinhar e, assim, continuam empregando o mesmo sistema dos seus avós.

Mas não é somente nas regiões áridas do globo que a energia solar vem despertando interesse. Em novembro de 1955, no Arizona — outra grande região do mundo banhada pelo sol — realizou-se uma outra conferência mundial sobre energia solar aplicada, à qual estiveram presentes mais de uma centena de cientistas estrangeiros, além de setecentos cientistas, engenheiros e industriais norte-americanos. Pela primeira vez na história das investigações sobre energia solar foi conseguida uma visão completa do estado atual do problema e de suas perspectivas; não resta dúvida de que a referida con-

ferência estimulou bastante tanto o interesse do público quanto as investigações científicas sobre a matéria.

A energia solar apresenta grande vantagem quanto à sua aplicação em grande escala. A quantidade de que se dispõe é realmente incalculável. Todas as reservas conhecidas de carvão e petróleo do mundo inteiro não chegariam a produzir uma quantidade de energia igual a que a terra recebe do sol em um só mês! Mas, infelizmente, essa energia não se acha concentrada: está muito dispersa. E isto significa, do ponto de vista da sua aplicação prática, que as utilizações mais convenientes são aquelas que não requerem altas temperaturas e para as quais, portanto, não haja necessidade de concentrar a luz solar por meio de espelhos.

É na calefação de casas, fábricas e escritórios que o emprêgo da energia de baixa temperatura está mais generalizado, e não se trata de assunto de pequena importância, já que 40 por cento da energia total, utilizada nos Estados Unidos, são destinados à calefação de casas e apartamentos, o que equivale à combustão de 1 bilhão e 200 milhões de quilos de carvão por ano.

Como êste valioso combustível de alta qualidade pode gerar energia de grandes temperaturas, compreende-se que o seu emprêgo na calefação de edifícios seja um verdadeiro desperdício. A luz solar pode contribuir para uma economia material muito importante.

O calor do sol é, também, muito apropriado para aquecer a água destinada ao uso doméstico e

cuja temperatura não precisa ser superior a 60 graus. Existem na Flórida, atualmente, umas 50.000 casas que obtêm a maior parte da sua água quente graças a um simples coletor de calor solar — uma prancha de metal enegrecida, cuja parte superior está coberta de vidro, a fim de atenuar a perda do calor; o calor circula por trás da prancha, que é aquecida e logo transmite a um tanque de armazenamento. Inclusive uma cidade como Boston, que não recebe grande quantidade de sol, é possível — como demonstraram os trabalhos do professor Hoyt Hottel e de seus colaboradores do Instituto Tecnológico de Massachussetts — produzir economicamente, retirando da luz solar, de 50 a 75 por cento do calor de que se necessita para a calefação tanto dos edifícios como da água. Nas regiões onde a luz solar é abundante e os combustíveis

(Continua no fim da revista)



A um cientista libanês é devido êsse curioso aparelho em forma de guarda-chuva aberto, que não passa de uma cozinha que utiliza a energia dos raios solares.

A ESTÉTICA DA DESGRAÇA

EUCLIDES DA CUNHA, engenheiro, grande escritor, nasceu no Estado do Rio, em 20 de Janeiro de 1868, e morreu no Rio, assassinado, em 1909. Membro da Academia Brasileira, deixou diversas obras publicadas nos anais, fixando para a posteridade não somente os seus extraordinários atributos de mestre insigne da língua e do estilo, mas, também, as suas qualidades de historiador e sociólogo, intérprete dos mais lúcidos e profundos da nacionalidade brasileira. A sua maior obra é "Os Sertões", em que, a propósito da rebelião de Canudos, na Bahia, nos primórdios da República, escreveu verdadeiro monumento de interpretação da nossa gente e do nosso meio. Do livro "Contrastes e Confrontos", ensaios diversos sobre assuntos nacionais, retiramos a página que ora publicamos sob o título "A Estética das Desgrasas", em que Euclides da Cunha analisa a nossa conduta em face do velho problema das secas no Nordeste. Embora escrita há mais de trinta anos, o assunto nela focalizado permanece quase no mesmo ponto, aliás não tanto no aspecto literário e artístico, porém, sobretudo, no administrativo.



Euclides da Cunha

HA uma estética para as grandes desgrasas coletivas. A peste-negra na Europa aviventou um renascimento artístico que veio do verso triunfal de Petrarca à fantasia-tenebrosa de Albert Dürer e ao pincel funéreo de Rembrandt. A dança de S. Guido, que sacudiu convulsivamente as populações ribeirinhas do Reno, criou a idealização maravilhosa da Dança Macabra. A morte imortalizou os artistas definidos pelo gênio misterioso de Holbein, e perdida a aparência lutuosa, o seu espectro hilariante, arrebatado na tarântula infernal, percorreu entre os aplausos de um triunfo doloroso todos os domínios da arte, das páginas de Manzoni, às rosáceas rendilhadas das catedrais, às iluminuras dos livros de Horas dos crentes e ao caprichoso cinzelado dos copos das espadas gloriosas...

Mas entre nós estes transes tão profundamente dramáticos não deixam traços duradouros. Aparecem, devastam e torturam; extinguem-se e ficam deslembrados.

Entretanto, senão pelos seus efeitos desastrosos, pela sua insistência, pela impertinência insanável com que se ajustam aos nossos destinos, eles são o mais im-

perioso desafio às forças do nosso espírito e do nosso sentimento.

Mas criaram sob o ponto de vista artístico raras páginas incolores de um ou outro livro, e alguns alexandrinos resplandescentes de Junqueiro; na ordem administrativa, medidas que apenas paliam os estragos; e no campo das investigações científicas o conflito estéril de algumas teorias desfalecidas.

É que o fenômeno climático, tão prejudicial a um quinto do Brasil, só nos impressiona quando aparece; é uma eterna e monótona novidade; estudamo-lo sempre nas aperturas e nos sobressaltos dos períodos certos em que ele se desencadeia.

Então a alma nacional, de chofre comovida, ostenta o seu velho sentimentalismo incorrigível desentranhando-se em subscrições e em sonetos, em manifestos líricamente gongóricos e em telegramas alarmantes; os poderes públicos compram sacos de farinha e organizam comissões, e os cientistas apressados — os nossos adoráveis sábios à la minute — ansiando por salvarem também um pouco a pobre terra, imaginam hipóteses.

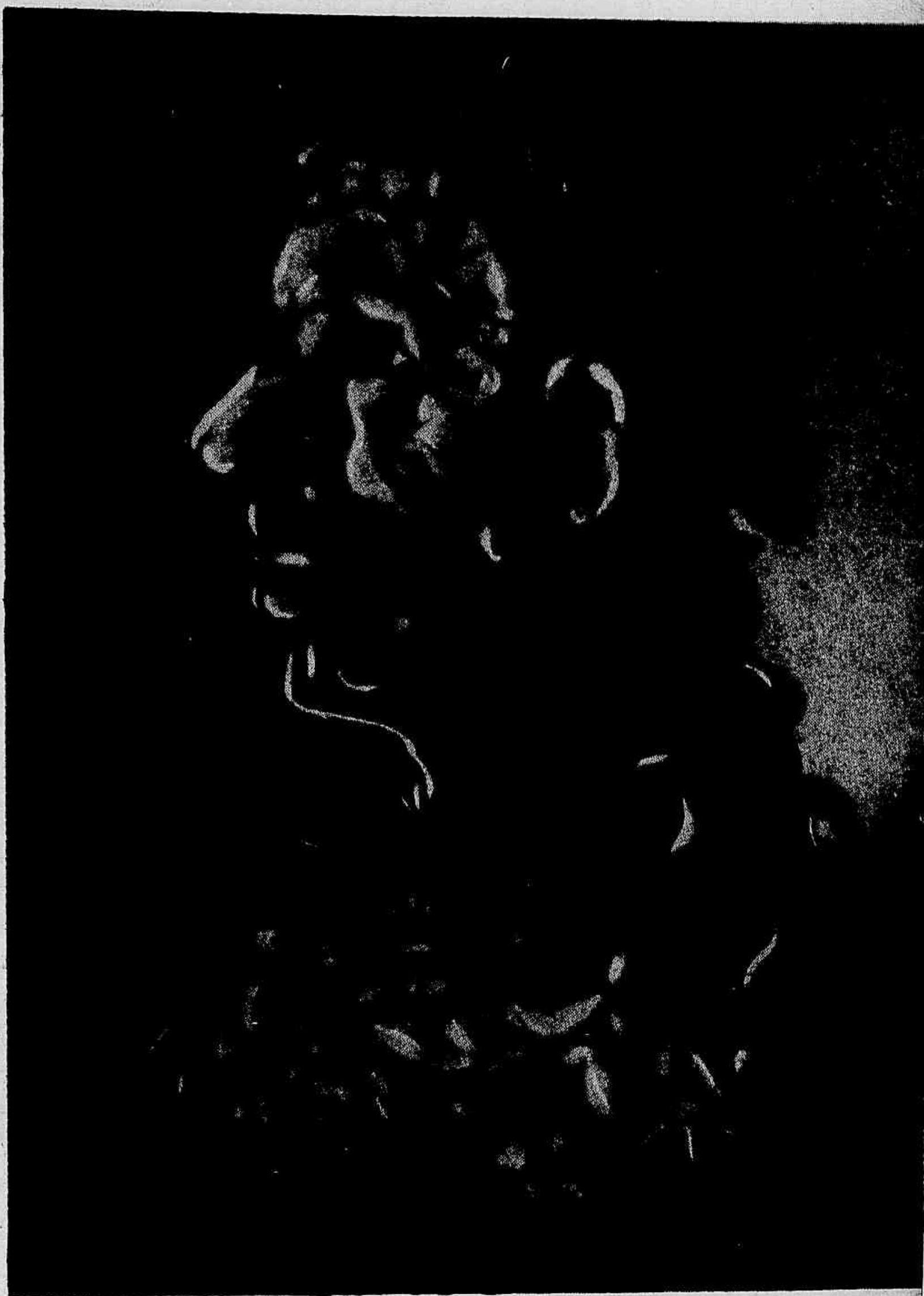
EXAMINANDO DE PERTO A FIGURA DE HERODES

A HISTÓRIA DIZ QUE ESSE MONARCA, MORALMENTE MONSTRUOSO, FOI POLITICAMENTE ENERGICO.

O Natal cristão apresenta um grupo de figuras que todos conhecemos, mais ou menos acuradamente. Em geral, são figuras luminosas e serenas, desde o neonato Jesus até os pastores e os magos; mas, além deles, há uma outra figura que merece ser examinada de perto, sob a luz da história: é Herodes, o Grande.

Em verdade, na vida de Jesus Cristo surgem vários Herodes, a saber: Herodes Antipas, ligado ao degolamento de S. João Batista e a dançarina Salomé; Herodes Filipo, aquele que se tornou marido de Salomé; porém esses Herodes e outros mais não têm importância, ou pelo menos não têm a importância histórica de Herodes, o Grande, aquele ligado ao nascimento de Jesus e à matança dos inocentes. Este foi um homem verdadeiramente excepcional: os seus dotes pessoais e assim também a sua ação material como a moral dele fizeram a figura mais importante do judaísmo e das mais destacadas no império romano do tempo de Augusto. Herodes, o Grande, foi um homem orgulhoso, cegamente confiante nos próprios recursos e devendo a sua enorme fortuna unicamente à própria operosidade e energia. Nascido no ano 75, antes de Cristo, não era de sangue judaico, mas descendia daquela raça dos Idumeus, que tinha sido judaizada a força cerca de

FOI O PRIMEIRO PERSEGUIDOR DE JESUS CRISTO



Herodes, segundo a interpretação do fantástico pintor Giuseppe Arcimboldi (nascido em 1529 e falecido em 1592).

quarenta anos antes. Seu pai, Antipatro, governador da Iduméia, foi quem acendeu em Herodes a chama da ambição.

Para ele, mal entrado nos vinte e cinco anos, o pai obtém o govêrno da Galiléia. Depois, nas desordens que convulsionaram o Império Romano, desde o assassinato de

Júlio César (44 antes de Cristo), Herodes agiu hábilmente entre os partidários de César e da República, passando facilmente de um partido para outro. Tendo apoiado, primeiramente, César, passou repentinamente para o partido de Cassio, que largou para defender Antônio e, finalmente, optar por Otávio, o futuro Augusto, que o premiou com o governo geral da Galiléia, tendo escolhido Jerusalém como sede. Seu primeiro ato foi mandar matar a todos os seus possíveis adversários e também aqueles membros do Sinedrio judaico (que detivera até então o governo da nação) que lhe eram contrários ou se mostravam ciosos de suas prerrogativas.

Tornando-se, dessa forma, um verdadeiro despota, Herodes não precisava nada temer dos seus súditos. Todavia, fora da Judéia, tinha que dar satisfações a Roma, agora mais forte que em qualquer outra época. Com Augusto sempre se mostrou pródigo e servil. Com os próprios súditos, ao contrário, mostrava-se totalmente diverso, sempre suspeitando de que entre eles algum havia que ambicionava o seu trono. Sabia que não era amado por seus súditos, mas disso se consolava com o princípio *oderint, dum metuant*; por isso tanto se preocupou, sempre, de revelar força, transformando-se dessa forma de inquisidor implacável num verdadeiro monstro de maldade.

NEM OS PRÓPRIOS FILHOS ESCAPARAM DA SUA MALDADE Os documentos revelam que Herodes foi um dos mais cruéis monarcas da História: para se ter idéia disso é bastante enumerar, rapidamente, algumas de suas vítimas:

No ano 37, antes de Cristo, apenas conquistada Jerusalém, mandou matar 45 sequeiros do partido a ele dedicado e muitos membros do Sinedrio. No ano 35 mandou afogar seu cunhado Aristóbulo, rapazinho de 16 anos. No ano 34 mandou estrangular seu tio José e, pouco depois, mandou fazer o mesmo com sua sogra, Alexandra, e outro cunhado chamado Kostobar.

A predileta de suas numerosas mulheres era Mariame, da estirpe dos Macabeus; todavia, por uma ligeira calúnia levantada contra ela, entregou-a aos seus carrascos, para sofrer o estrangulamento. Foi ta-

manha a sua dor por esta morte por ele próprio ordenada, que ficou durante algum tempo em estado de verdadeira demência, tendo ordenado a todos os seus familiares que juntos a chamassem repetidamente pelo nome, pois que assim talvez voltasse à vida.

Mas esse desespero e essa dor não impediram que, poucos anos depois, mandasse matar também os dois filhos que tivera de Mariame, Alexandre e Aristóbulo, pelos quais sempre se mostrara afeioadíssimo e que mandara educar em Roma.

Provavelmente, nessa ocasião, o imperador Augusto, que tudo fizera para salvar os dois jovens, expressou aquela opinião, pronunciada certamente em grego, com habilidoso jôgo de palavras (Macróbio, *Saturnal*, II,4), segundo as quais era melhor **sem um porco** (em grego *hys*) **de Herodes, que um filho** (em grego *hyios*). Isto porque Herodes, como judaizado, não comia porco e, portanto, estes não corriam perigo, ao passo que os filhos...

Depois de tantos crimes, não amainou o furor sanguinário do monarca com a passagem dos anos e deixamos para maior destaque dois crimes realmente pavorosos e cuja execução ordenou com ligeiro intervalo: o assassinato de seu filho Antipatro e a matança dos Inocentes.

Herodes, já velho e enfêrmo, havia declarado Antipatro herdeiro do trono, e tal disposição tinha sido confirmada pelo imperador Augusto; todavia, embora desta vez acusado de traição, Antipatro foi recolhido a uma prisão, à espera de que Augusto concedesse a permissão de agir contra ele. Enquanto isso a saúde de Herodes se agravou rapidamente entrando num estado que fazia receiar por sua vida: dos sintomas descritos é de acreditar que se tratasse de um caso complicado com erupção da epiderme, fome insaciável e cólicas violentas. Reconhecendo a impossibilidade de alcançar a cura, Herodes esperou receber um grande consôlo antes de morrer: êsse consôlo teria que ser a permissão imperial para mandar matar seu filho Antipatro. Quando a permissão de Augusto efetivamente chegou, o moribundo pai sentiu tal alegria que por algum tempo pareceu recuperar-se do mal que o atacara. Poucos dias depois, com perfeita lucidez



"A MATANÇA DOS INOCENTES", por Matteo di Giovanni di Bartolo. Foi êsse o mais terrível de todos os delitos de Herodes, o Grande. Alarmado com a notícia de que nascera o Messias, o imperador mandou matar tôdas as crianças nascidas em Belém, no último biênio. As vítimas dessa ordem cruel — segundo alguns historiadores — não passaram de trinta. Na Idade-Média, porém, afirmou-se que as vítimas tinham somado o fabuloso número de trinta mil!

e espírito e plena consciência mandou matar o desgraçado filho, fazendo questão de assistir pessoalmente a execução.

Apesar de tudo, o historiador tem o dever de ser imparcial também com Herodes, segundo opina com muita razão o abade Giuseppe Ricciotti, escrevendo para a revista Incom.

— Herodes era um homem moralmente monstruoso. Mas devemos reconhecer que foi um político enérgico.

A política exterior de Herodes se resumia numa absoluta fidelidade para o seu senhor, isto é: Augusto. Dêse imperador foi não somente fiel subalterno, mas também cliente servil e espião seguro, trabalhando até mesmo no seio da sua própria família. Herodes nada via senão pelos próprios olhos de Augusto; de resto, Augusto, que sempre foi minucioso administrador e muito contava com a cooperação de seus aliados, pagou generosamente essa fidelidade de Herodes, concedendo-lhe incessantes aumentos de território, além de outros favores.

A condição jurídica de Herodes perante Roma era a de "amigo e aliado" do povo romano. Seu território estava isento de tributos e imune de albergar legiões romanas. Gozava de plenos poderes na administração das finanças e da justiça; tinha também o seu próprio exército, formado em menor parte de judeus e em maior parte de mercenários sírios, trácios, germanos e gaulenses. Porém êsse exército podia ser sempre solicitado e usado pelo imperador romano, enquanto Herodes não podia declarar a guerra a qualquer nação sem a permissão de Augusto. Encontrando-se nestas condições, Herodes pôde entregar-

se à sua paixão dominante e de resto comum então em todo o Império Romano: a paixão das colossais e suntuosas construções.

Assim, no ano 27, antes de Cristo, reconstruiu totalmente a cidade de Samaria: por deferência ao imperador, deu-lhe o nome grego de Sebaste, que era a tradução grega do título de Augusto, decre-



São João Batista repreende Herodes, por Giuseppe Fattori. Não Grande, mas sim de Herodes Antipas, o mesmo que mandou degolar nenhum deles teve a importância histórica do filho de Antipatro, o

tado naquele mesmo ano pelo Senado romano ao imperador. Construção mais vasta e custosa foi a de Cesarea Marítima, que começou no ano 22, antes de Cristo, durou 12 anos e deu à Palestina um bom porto que muita falta lhe fazia: foi chamada Cesárea, igualmente em honra de Augusto. Muitas outras construções orde-

nou Herodes em honra ora de Augusto e outros romanos de destaque, ora de parentes dos mesmos: podemos citar a cidade de Agrippelon, em honra de Agrippa, genro de Augusto, e a cidade de Antipatride, em honra do próprio pai, Antipatro, além de outras muitas.

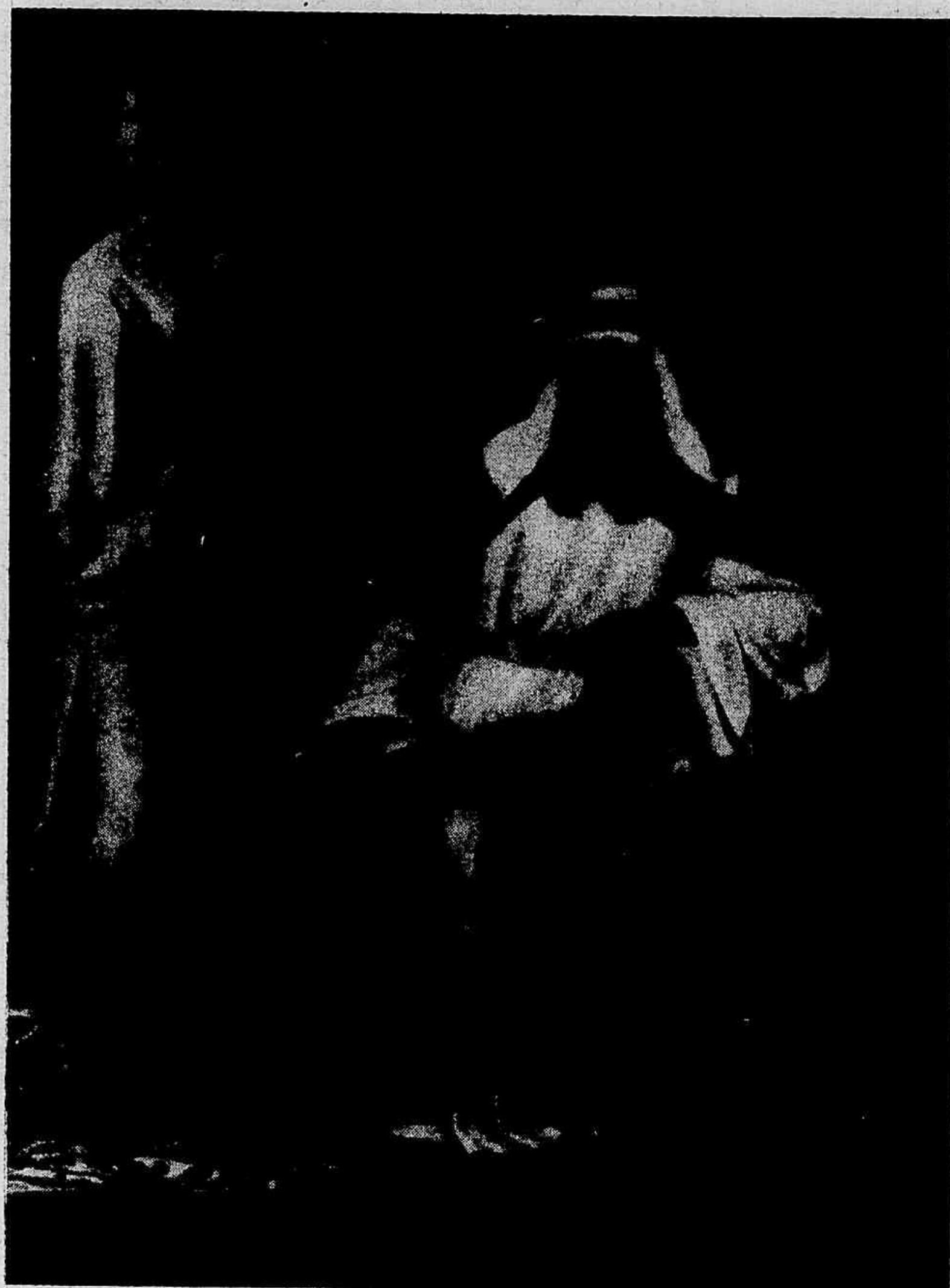
Porém as construções mais célebres ordenadas por Herodes foram em Jeru-

nífica Régia era protegida por três tôrres que receberam o nome das três pessoas caras a Herodes e já mortas: a mais elegante das três teve o nome de Mariame, a espôsa amada de Herodes. A uma outra tôrre pertencia os embasamentos daquela que hoje é chamada falsamente a "Tôrre de David", perto da porta de Jaffa. Porém a construção mais famosa em Jerusalém foi a fortaleza Antônio e Templo hebraico.

Além da sua grandiosidade, o poderio militar dessa construção foi ditada pela necessidade de enfrentar o terrível assédio do ano 70, quando os legionários romanos de Tito, não obstante a sua reconhecida perícia e valentia, consumiram vários meses antes de conseguir penetrar na praça forte e isso ao custo de perdas gravíssimas. A fortaleza Antônio substituiu totalmente uma velha tôrre que estava situada ao norte do Templo hebraico; o templo também foi reconstruído e engrandecido.

ERA, ACIMA DE TUDO, UM AMBICIOSO — Para a reconstrução do Templo, Herodes não foi movido pelo sentimento religioso, porque praticamente era um cético e como tal também levantou templos em honra de Augusto e de Roma: deseja principalmente atender a sua grande sêde de grandes construções, procurando conquistar uma benemerência da parte dos piedosos israelitas, seus súditos. Embora cético, não deixou de atender ao

sentimento religioso dos seus súditos; além disso, neste caso do templo, sabendo que os fariseus desconfiavam da sinceridade das suas intenções, só começou a obra depois de ter mandado ensinar os trabalhos de construções a 1000 sacerdotes, pôsto que quem não fôsse sacerdote (nem êle próprio, Herodes) não poderia penetrar



se trata, ao contrário do que muitos acreditam, de Herodes, o Grande, e não de São João Batista. A história recorda outros Herodes, porém Herodes tornado tristemente célebre pela matança dos inocentes.

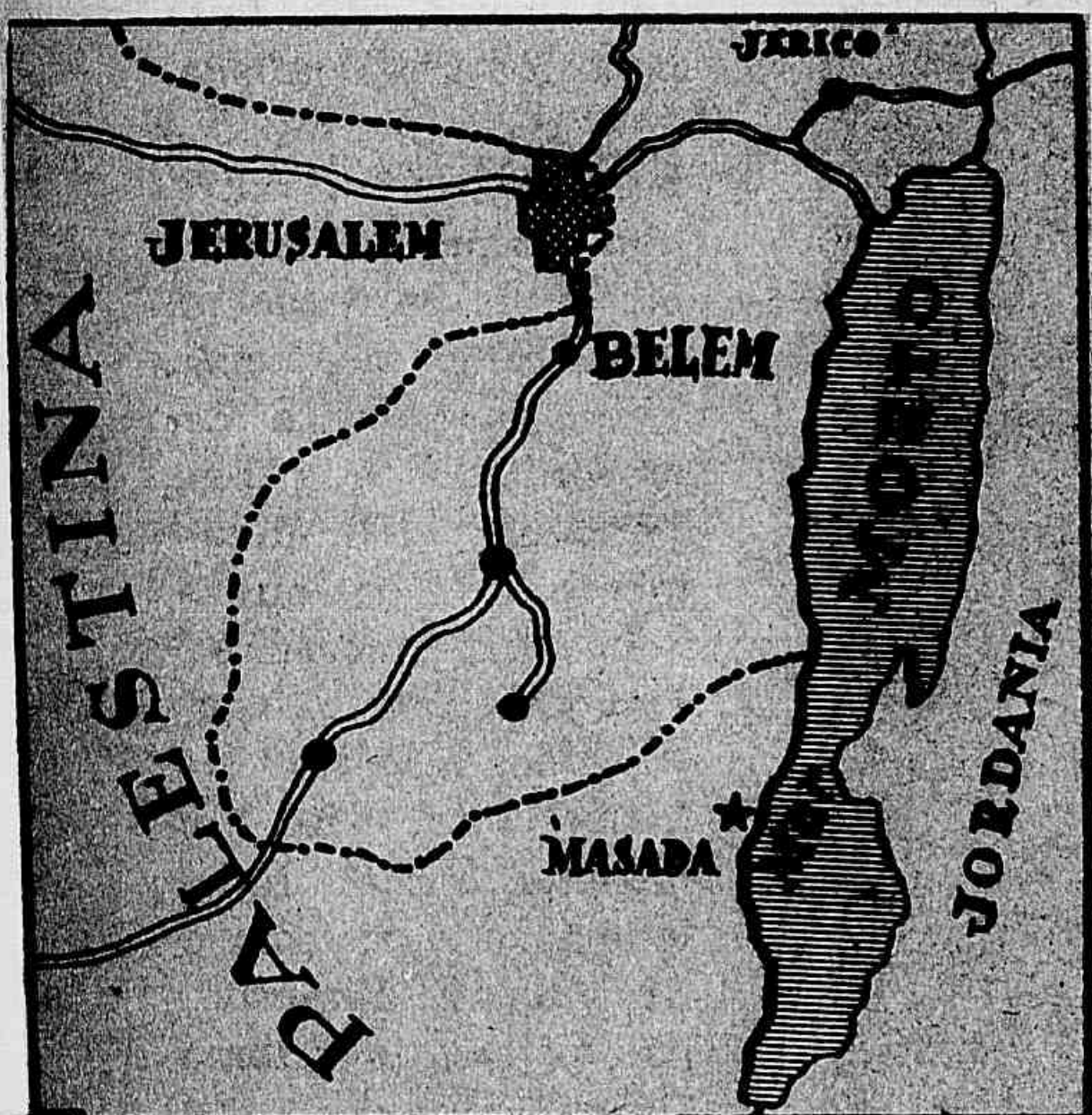
salém, a Régia e o Templo. A Régia, descrita com termos entusiásticos pelos contemporâneos Flávio José, continha uma indescritível variedade de mármore, maravilhosamente trabalhados; numerosos peristilos se sucediam em círculo, com colunas diferentes e uma variedade de estátuas e fontes sem conta. Esta mag-

até as partes mais internas do Templo. Os trabalhos começaram no ano 20, antes de Cristo, e consistiram na demolição de uma parte do edifício, logo seguida da sua reconstrução; e a partir desse instante os sacrifícios litúrgicos não foram mais interrompidos. Os trabalhos da parte interna, executados unicamente por sacerdotes, duraram um ano e meio; e o das partes externas duraram oito anos, embora nêles fôssem empregados 10.000 operários leigos. Assim, ao cabo de nove anos

para chorar o Templo destruído, é uma amostra da antiga construção.

Alguns meses depois da matança dos Inocentes e apenas cinco dias depois do assassinato do filho Antipatro, Herodes, o Grande foi encontrar-se além-túmulo com as suas inumeráveis vítimas. Foi sepultado no esplêndido túmulo que mandara construir para si próprio, sobre uma colina a seis quilômetros de Beth-lehem, e que depois de receber o defunto foi chamada Herodium.

Hoje, ninguém fala de Herodium; todos conhecem e falam de Beth-lehem.



Eis a zona de Masada. Em língua hebraica "Massadh" significa cimo de montanha e também rocha forte. Os arqueólogos que exploraram recentemente a zona, guiaram-se por uma descrição do historiador Giuseppe Flavio, que, na sua obra dedicada à guerra judaica, fala, embora o faça por alto, de Masada.

e meio, a grandiosa construção ficou pronta em suas partes essenciais: todavia, os acabamentos duraram ainda muitos anos, tendo terminado apenas seis ou sete anos antes do Templo ser destruído pelos romanos, no ano 70. Os pontos mais célebres desse Templo eram o chamado Átrio dos Gentis, que se abria para o Levante, o Pórtico de Salomão, fronteiro ao Átrio dos Gentis, e o Pórtico Régio, formado de 162 grandiosas colunas em quádrupla fileira. O hodierno Muro das Lamentações, onde os judeus da hodierna Jerusalém se reúnem

NÚMEROS FABULOSOS DE HOJE

MAIS de um terço de todos os vegetais comidos pelos norte-americanos são agora cultivados nos jardins e quintais domésticos, que produzem cerca de 37 quilos de vegetais por ano para cada habitante dos Estados Unidos!

A indústria aeronáutica norte-americana já produziu 500.000 aviões; e o aparelho que arredondou esse fabuloso algarismo saiu recentemente das linhas de montagem.

OITO milhões e setecentos e cinquenta mil americanos acabaram de pagar a última prestação de seus automóveis em 1954, e então puderam dizer: "Tenho um carro agora". Mais 10 milhões liquidarão suas contas ainda este ano.

DE acôrdo com as últimas estatísticas do Departamento de Seguros da O.N.U., o transporte por ônibus é o mais seguro. A média de mortes para 100 milhões de passageiros transportados durante o ano de 1954 na América do Norte foi de 0,13. Em outras palavras, uma pessoa lá pode viajar de ônibus ao longo de 800 milhões de milhas sem um único acidente fatal! Gente feliz, que não viaja nos ônibus cariocas!

SABE-SE que 28.500.000 homens e 11.500.000 mulheres pescaram, no mínimo, um peixe pesando aproximadamente um quilo só em 1954, na Europa e Américas.

QUANDO encontramos o cadáver, qualquer policial experimentado podia dizer, desde logo, que a mulher havia sido assassinada em outro local. O corpo se achava oculto num espesso matagal, a uns quarenta metros de distância da estrada que liga Maidstone a Londres, no lugar chamado Wrotham Hill. Em torno do pescoço tinha uma larga mancha azulada, como de estrangulamento, e estava com a boca voltada para baixo.

É sabido que, em qualquer cadáver, o sangue foge da periferia para o interior, através de um processo lento. Podia-se depreender que, ao ser asfixiada a mulher se achava sentada. Tomamos as impressões digitais da morta, que ainda não estavam registradas na "Scotland Yard". Sua identificação nada requeria além de um mero trabalho de rotina: fornecer sua descrição aos periódicos da tarde e ir estudando pacientemente as informações que fôssem chegando.

Soubemos que se tratava da senhora Dagmar Peters, de quarenta e dois anos de idade, domiciliada em pequeno "bungalow", situado em um campo detrás da casa de sua mãe. Era pessoa um tanto excêntrica, porém inofensiva e virtuosa. Uma vez por semana tinha o costume de levantar-se às cinco da madrugada e sair pela estrada, onde, com um sinal característico, feito com o dedo polegar, pedia aos motoristas particulares e choferes de caminhões que a levassem a Londres, que ficava uns cinquenta quilômetros, e onde, invariavelmente, ia visitar uma cunhada.

— Que costumava levar com ela? — perguntou o inspetor Fabian às pessoas que a conheciam de perto.

Como resposta, disseram-lhe que a infeliz sempre carregava uma maleta,

dentro da qual metia alguns sanduíches e ligeiras encomendas feitas pela cunhada.

— Que mais? — insistiu o policial.

Ficou, então, sabendo, por intermédio da cunhada da vítima, que também levava, invariavelmente, um porta-níqueis, a chave do seu "bungalow" e uma bolsa tecida com cordão amarelo. Porta-níqueis, chave, bolsa amarela.

Nenhum desses objetos foi encontrado junto do cadáver. A bolsa de cordão amarelo tinha sido feita pela própria cunhada.

— A senhora poderia fazer uma outra bolsa amarela exatamente igual àquela? — pediu o inspetor à desolada parenta da assassinada, que respondeu afirmativamente, e passou a noite toda acordada, às voltas com as agulhas de "crochet".

Enquanto isso, o inspetor Fabian tinha longa conversa com o dr. Keith Simpson, patologista do "Home Office".

— Não há dúvida alguma! Foi estrangulada entre as cinco e as oito horas da manhã — afirmou o cientista. — Sim. Estou de acordo com a idéia de que ela estava sentada sobre uma superfície dura quando ocorreu o crime: algo assim como o banco de um parque ou o assento de automóvel sem a almofada... O assento de um caminhão do tipo antigo, por exemplo.

— Num caminhão... velho? — perguntou o policial.

O legista pensou um instante, depois declarou.

— É provável que sim!

A partir desse instante, foram dadas as necessárias instruções policiais, em mensagens expressas! "Procurem todos os caminhões que passaram pela estrada Londres-Maidstone, perto de Wrotham Hill, entre cinco e oito horas da manhã do dia trinta e um de outubro de 1946".



SCOTLAND YARD A PISTA DA BOLSA AMARELA

A êsse tempo, já a cunhada da vítima havia terminado a bolsa de "crochet" amarela. Ainda não haviam transcorrido mais que trinta horas desde o momento em que fôra encontrado o cadáver, quando a fotografia da bolsa amarela apareceu estampada nos jornais da tarde, e esta mal havia terminado, quando um rapazinho de uns quinze anos de idade se apresentou ao inspetor Fabian.

— Essa bolsa parece muito com a que encontrei esta manhã, no lago.

Logo uma caravana chefiada pelo inspetor seguiu com o rapazola para o lugar indicado. O lago estava separado da estrada Londres-Maidstone por um campo maltratado.

O chefe de laboratório da Scotland Yard encontrou na bolsa um fragmento de fibra que combinava perfeitamente com as almofadas de um divã do "bungalow" de Dagmar Peters. Isto significava que a bolsa era aquela!

O inspetor e seu ajudante, sargento Rawlings, tiritavam com os cobertores por cima dos pijamas, sentados no pequeno quarto do hotel rural, onde se haviam alojado, fumando ininterruptamente e comentando o caso.

Por que razão um assassino atravessaria todo o campo e subiria para uma sebe de dois metros de altura só para atirar uma bolsa de "crochet" amarelo? Por que não queimá-la ou enterrá-la?

Isso era o que mais os intrigava.

Porém, logo pensaram que os lagos recebem suas águas de algum rio. Por isso, era provável que a bolsa tivesse chegado até ali arrastada por uma correnteza.

Na manhã seguinte apresetram-se na residência da diretora das "Girl Scouts" locais.

— Sim — disse ela — A água do lago vem do arroio do velho moinho de East Malling, que é uma corrente subterrânea. Passa sob uma pequena ponte, situada na estrada, junto a uma fábrica de bebidas.

Para confirmar essa hipótese, os policiais deixaram a bolsa amarela cair na referida correnteza. Levou mais de três

horas para aparecer, tôda ensopada, entre os vegetais que haviam dentro do lago.

— Bem; tudo isto está muito bem — disse Rawling — porém não sabemos de nenhum caminhão que no dia 31 de outubro tivesse vindo a esta fábrica de bebidas!

Ele e o inspetor começaram a andar vagarosamente ao redor da fábrica, e ali descobriram um monte de ladrilhos novos. Seguiram a pista deixada pelas rodas de um caminhão e conseguiram saber que o mesmo pertencia a uma companhia de transportes de Cambridge. Imediatamente seguiram para lá.

— Efetivamente — disse um empregado — entregamos êsses ladrilhos no dia trinta de outubro, véspera do crime.

— E quando regressou o caminhão?

O empregado hesitou.

— De fato... Deveria ter voltado no mesmo dia, mas só chegou aqui às primeiras horas do dia seguinte. Lembrome de que houve uma longa discussão a propósito das horas "extras" de trabalho.

Para os policiais foi fácil descobrir o motorista e o intimaram a comparecer à delegacia policial de Cambridge.

Um homem corpulento, de mãos grandes e rosto fechado, entrou insolentemente na sala. Disse chamar-se Sydney Sinclair. O inspetor Fabian ofereceu-lhe um cigarro e uma xícara de chá; depois deu-lhe um dos seus sanduíches, que o suspeito comeu distraidamente. A seguir, enquanto falavam, o policial notou que o chofer molhava a ponta de um dedo na língua e retirava do prato uma casca de pão, gesto habitual dos presidiários. Mas uma rápida averiguação não deu resultado satisfatório, pois não havia nenhuma ficha criminal com o nome de Sydney Sinclair.

Porém, apesar de tudo, o inspetor Fabian olhou fixamente para o suspeito e falou com tôda a calma:

— Bem; não adianta tentar despistar... Qual é o seu nome verdadeiro?

O homem permaneceu em silêncio, mas foi só por pouco tempo.

COMPARAÇÕES...

EM Paris, até recentemente, não era autorizada a construção de edifícios com mais de 31 metros de altura. No entanto, em vista do crescente problema da vivenda procuram abolir essa disposição e estender o limite até os 37 metros. Mr. Sandreau, alto-comissário da Reconstrução e co-autor do projeto, com mr. Pelletier, prefeito do Sena, tratam de tranquilizar o povo, afirmando que não estão querendo dar à capital francesa o... aspecto do Manhattan nova-iorquino. (Imaginem! 37 metros de altura comparados com os edifícios de New York, quase todos entre 200 e 300 metros!) E avisam, ainda, que os lugares históricos e tradicionais serão respeitados, ficando limitados aos trinta metros máximos...

VAIDADE ESCOCESA

OS escoceses têm fama (na Inglaterra principalmente), de ser orgulhosos e ativos. Recentemente, uma família escocesa transferiu residência para Londres, onde o chefe da família foi dirigir importante empresa de fumo. A família, segundo relata uma revista londrina, era composta de pai, mãe e dois filhos (um menino e uma menina). Um dia, o menino volta para casa e conta:

— Hoje, no colégio, perguntaram qual era a nossa nacionalidade. Eu declarei que era escocês, porém ela (aponta para a irmãzinha) disse que era inglesa:

Os pais se voltaram, assombrados para a menina:

— Por que não quis dizer que era escocesa?

A menina, soluçando, declarou, entre as lágrimas:

— Bem que gostaria de dizer, papai, mas depois as minhas colegas poderiam pensar que não era verdade e que eu apenas estava querendo parecer importante!



— “Hagger” — disse êle, finalmente. — “Harold Hagger”

Rawlings tornou a telefonar para o departamento de arquivos criminais da Scotland Yard. Sim! Lá havia uma ficha com o nome de Hagger. “Dezesseis processos, inclusive um por assalto a uma mulher”.

Quando o policial viu que o rosto do suspeito ficava pálido, compreendeu que havia apanhado o criminoso.

— Hagger. Por que você matou aquela mulher?

— Pediu-me uma carona... Depois tentou roubar-me a carteira de dinheiro do bolso.

Essa história não convenceu a ninguém, nem tão pouco aos jurados, que votaram pela sua condenação. Naquele mesmo inverno, Hagger foi enforcado na prisão de Wandsworth.

COMO É FÁCIL
SABER TUDO

DICIONÁRIO DE NOMES PRÓPRIOS

PEQUENA ENCICLO-
PÉDIA POPULAR

BIOGRAFIA DE TODOS OS SANTOS E PERSONALIDADES HISTÓRICAS E LEGENDÁRIAS

PERKUNA — Divindade letoniana e lituana. Para uns é a personificação da tempestade. Para outros, representa uma divinização do sol. Seu culto subsistiu na Europa até o século XV.

PERO (Mitologia grega) — Filha de Neleu e de Clóris. Tornou-se célebre por sua sabedoria e extraordinária beleza. Como numerosos manebos disputavam a sua mão, Neleu prometeu que daria sua filha àquele que trouxesse de Filacéia os bois de Ificles. O divino Melanipo tentou o empreendimento sozinho, apoderou-se dos bois, e deu Pero ao seu irmão Bias.

PEROLLA — Filho de um senador de Capua, que se declarou favorável a Aníbal depois da batalha de Cana.

PERSEU (Mitologia grega) — Herói grego, filho de Zeus e de Danaé. Foi, por ordem do seu avô Acrísio, encerrado, juntamente com sua mãe, numa caixa que lançaram ao mar. Polidetes, rei dos Serifos, recolheu os naufragos e, mais tarde, casou com Danaé. Para se livrar do filho, Polidetes ordenou que ele fosse cortar a cabeça de Medusa, uma das Gorgonas. O herói cumpriu a sua tarefa graças à proteção de Hermes, de Atenas e de Hades. Do sangue de sua vítima nasceu Pegaso, um cavalo alado. Perseguido por Euriale e Esteno, irmãs de Medusa, Perseu conseguiu fugir montado em Pegaso, e levou a Polidetes o sangrento troféu. Segundo outras tradições, ele antes esteve na Maurítânia. Com a cabeça de Medusa, petrificou Atlas, que lhe recusou hospitalidade, e roubou as maçãs dos jardins das Herpérides. Em seguida passou pela Etiópia, onde viu Andrômeda, filha do rei Cefeu, amarrada a uma rocha e ameaçada por um monstro marinho. Então, matou o monstro, libertou Andrômeda, casando-se com ela. Em Serifos, Polidetes perseguia Danaé; Perseu petrificou-o com a cabeça de Medusa e fez de Dites o rei da ilha. Segundo ainda outros autores, Perseu deu origem aos persas. Estas lendas ocupam um lugar de real importância na literatura universal: episódios dos poemas de Hesíodo; tragédias de Sófocles intituladas "Danaé", "Acrísio" e "Andrômeda"; tragédias de Eurípedes, que tiveram como título "Andrômeda" e "Danaé"; modernamente, podemos citar "Andrômeda", de Thomas Corneille, e "Perseu" de Lulli e Quinault.

PERSEU — Último rei da Macedônia, filho de Felipe V, nascido em 212 e morto em 166 A.C. Filho natural de Felipe, suplantou seu irmão Demétrio nas boas graças do rei. Como Perseu desde a juventude vinha tomando parte na guerra contra Roma, Demétrio tornou-se

o favorito do Senado. Felipe mandou envenenar Demétrio. Perseu sucedeu a seu pai em 179, e logo preparou-se para a guerra contra Roma. Tratou de fazer alianças, desposando a filha do rei Seleuco, da Síria, e casando sua irmã com Prusias, rei da Bitínia. Roma lhe declarou a guerra e enviou para a Tessália o cônsul Licínio Crasso. Perseu venceu o exército romano em Sicurion, perto de Ossa. No ano seguinte, bateu o novo cônsul Hostílio. Depois, deteve o cônsul Márcio na fronteira da Macedônia. Em 168, Paulo-Emílio travou com ele uma batalha decisiva perto de Pidna; de início, as falanges desbarataram as legiões romanas; mas Perseu se deslocou rapidamente na perseguição destas, e foi exterminado. Perseu refugiou-se em Pela, e depois no templo de Samotrácia. Abandonado por todos, caiu nas mãos do pretor Otávio. Foi levado para Roma, como prova de retumbante triunfo de Paulo-Emílio. Morreu no ano seguinte, na prisão.

PETILO CAPITOLINO — Personagem dos tempos de Júlio César, famoso em Roma por sua imensa riqueza roubada ao Estado. Chamavam-lhe Capitolino porque sempre se aproveitava das perturbações internas para roubar dinheiro do Capitólio.

PETIT-JEAN — Personagem da peça "Os litigantes", de Racine. Tipo de camponês interessado por tudo, uma combinação de estupidez e de malícia. Só se expressa por meio de sentenças e provérbios.

PETRÉIA — Personagem grotesca que aparecia em certas cerimônias romanas. Era uma mulher velha e completamente embriagada. E sempre anda acompanhada de um outro tipo feminino, Citéria, que se dirigia aos assistentes de maneira chistosa.

PEUCESTES — General macedônio, lugar-tenente de Alexandre, o Grande. Salvou a vida do imperador por ocasião do cerco de Oxidraque. Após a morte do conquistador, Peucestes tornou-se o governador da Pérsia; mas foi deposto por Antigone, por causa do apoio que deu a Eumene.

PEY DE GARROS — Poeta gascão, um dos mais antigos autores que escreveram neste dialeto. Nasceu em Lectoure em 1530. Estudou em Toulouse até 1549, quando abraçou o protestantismo. Tornou-se conselheiro da municipalidade de Lectoure, e depois, advogado geral em Pau. Traduziu 59 salmos (Salmos de David), os quais dedicou à rainha de Navarra. Em suas famosas "Poesias Gascãs", ele descreve os males causados pela guerra civil. Suas obras foram reimpressas por Durrieux em 1894.

A MINHOCA SALVADORA DA HUMANIDADE

ERA possível alguém imaginar uma criatura mais derrisória do que a minhoca — o verme que se corta em dois pedaços com uma enxada ou que se esmaga com a sola dos sapatos? Seu próprio nome já é um símbolo, de fraqueza ridículo. No entanto, sem ela, sem seus milhões de congêneres, a civilização não seria o que é: talvez nem sequer existisse!

A natureza fez da minhoca o seu operário. A rocha e o cascalho nada produzem. Somente a superfície da terra produz tudo aquilo de que o homem necessita para viver. Porém, em todas as regiões da terra, essa superfície se esgota, pouco a pouco.

Que fazer, então, para renovar sua fecundidade?

SEM ESSA CRIATURA, DAS MAIS DERRISÓRIAS, A NOSSA CIVILIZAÇÃO TALVEZ NÃO EXISTISSE

Pois é a minhoca, esse verme tão desdenhado, que trás a solução para esse grave problema mundial.

Cavando e remexendo a terra, sem cessar, os vermes fabricam e renovam a camada fértil do solo. Eles mantêm a umidade e transformam em **humus** generoso os detritos animais e vegetais, principalmente as folhas e as plantas mortas.

Graças a eles, os minerais que se encontram em estado natural, no solo, transformam-se em alimentos solúveis para as plantas, facilmente assimiláveis, enquanto assim fôfa e arejada, a terra se deixa melhor ensopar pela água das chuvas. Infatigáveis limpadoras, as minhocas removem sem descaso, os seixos e detritos enterrados no seio da terra. Por isso são consideradas as principais



trabalhadoras da terra. Em comparação com outros seres igualmente rudimentares, a longevidade das minhocas é extraordinária: podem viver quinze anos, sem nunca interromper o seu trabalho, hora nenhuma da noite ou do dia!

Nesta nossa época em que o solo se esgota num ritmo catastrófico — quer porque o homem o submeta a uma exploração excessiva, irracional mesmo, quer porque não saiba protegê-lo da erosão — deve-se recorrer à

minhoca e, após séculos de desprezo e de ignorância, reconhecer sua verdadeira importância para o futuro da humanidade.

Desde Aristóteles, apareceram muitas lendas científicas com referência à minhoca, mas não se conseguiu saber grande coisa a seu respeito. Em todos os tempos, ela preocupou aos naturalistas e homens de ciência, mas pouquíssimos foram os que compreenderam qual era o seu verdadeiro lugar no universo.

No século XVIII, Gilbert White, de Selborne, observou esses pequenos seres revirando a terra do seu jardim, em Hampshire. E chegou a pressentir o seu real valor na natureza; mas a "boa monografia sobre a minhoca", que ele reclamava, só apareceu um século mais tarde. Foi no ano de 1881, já no fim da sua vida, que Charles Darwin publicou sua obra monumental sobre "o papel da minhoca na formação da terra vegetal".

Depois de sua adolescência, quarenta e cinco anos antes, Darwin não cessou de estudar as minhocas e de anotar suas observações sobre o papel benfazejo que elas desempenham no universo.

— As minhocas — escreveu ele — desempenharam, na evolução do mundo, um

terra". Darwin compreendeu o problema em sua totalidade científica, mas enganou-se em vários pontos, especialmente no tocante ao número de minhocas que povoam a terra. Ele calculou que as terras aráveis, continham uma média de 130.000 indivíduos por hectare; acontece, porém, que pesquisas recentemente efetuadas na estação experimental de Rothamsted mostraram que um solo pobre tem possibilidade de nutrir cerca de 625.000 minhocas por hectare e que este número pode chegar a 4.300.000 nas terras agrícolas mais férteis. As terras dos campos são as mais ricas em minhocas.

Trabalhos mais recentes vieram demonstrar que somente esses vermes são capazes de dar sua fecundidade à terra, antes que seja demasiado tarde. Graças a eles, a humanidade pode confiar na sua subsistência futura. É urgente que eles dêem toda a sua fertilidade ao solo, a fim de desenvolver ao máximo a produção de gêneros alimentícios. As minhocas fariam essa doação gratuita e normalmente, como o fazem; mas dado o ritmo em que o homem explora a terra, elas precisariam de 500 a 1.000 anos para suprir a diferença. Entretanto, sabe-se que seria possível, artificialmente, em

circunstâncias favoráveis, realizar todo o trabalho em 5 ou 10 anos utilizando um "exército" de minhocas especialmente selecionadas.

Um TUBO DIGESTIVO PERPÉTUAMENTE FAMINTO — Muitos métodos têm sido postos em prática, para se obter, através de cruzamentos de raças, minhocas particularmente aptas à domesticação e para conseguir ver-

mes são e vigorosos em grandes quantidades num espaço de tempo relativamente curto. Embora as experiências se encontrem em fase inicial já se consegue produzir minhocas de excelentes qualidades nas camadas de humus.

E Aristóteles não errou quando afirmou que as minhocas eram "os intestinos da

A criação comercial de minhocas, nos Estados Unidos e no Canadá, já se tornou



papel mais importante do que é possível imaginar..." "... A totalidade da terra vegetal que se encontra na superfície do globo passou muitas vezes e passará muitas vezes ainda pelo tubo digestivo das minhocas".

uma realidade. Na Inglaterra e em outros países, os amadores criam também grandes variedades cuidadosamente selecionadas em seus jardins ou em pequenas propriedades agrícolas.

Em qualquer circunstância, é preciso o **humus** rico que sai do tubo digestivo da minhoca. As análises científicas têm demonstrado que este **humus** é, dentre todas as matérias conhecidas, a mais rica e a mais favorável ao crescimento dos vegetais.

Ela contém normalmente em 15 centímetros de profundidade, 5 vezes mais azoto nítrico, 11 vezes mais potássio, 7 vezes mais fósforo, 3 vezes mais magnésio e cerca de uma vez e meia mais **humus** do que o solo ordinário.

Tais trabalhos repousam em conclusões aprofundadas e detalhadas sobre a própria minhoca. Que é, pois, a minhoca? Apanhe o leitor uma minhoca em seu jardim e observe-a atentamente. Verá, de início, que seu corpo é formado de uma série de finos anéis — o número destes varia de 100 a 400, segundo o tamanho e a espécie — que por sua vez formam uma cadeia de músculos entre a cabeça alongada (sem olhos, sem nariz e sem orelhas) e a cauda afilada. Relativamente ao seu tamanho, a minhoca é uma das criaturas mais fortes que existem.

A resistência da minhoca está adaptada às condições de sua vida subterrânea. Um desses vermes que pese 1 grama é capaz de deslocar uma pedra de 60 gramas — 60 vezes o seu peso. Todas as suas atividades se reduzem ao tubo digestivo perpetuamente faminto, que ocupa toda a extensão do seu corpo elástico. É por isso que se diz que o organismo da minhoca está inteiramente subordinado à função nutritiva. Cega, mas sempre em movimento, a incansável minhoca não cessa um instante de engolir e de evacuar. Nada existe nela que não tenha uma finalidade nutritiva ou reprodutora. É dotada, portanto, de uma inteligência instintiva que lhe permite subsistir onde quer que se

encontre. E esta faculdade natural de adaptação torna muito fácil a sua domesticação e criação em alta escala.

Passe o dedo sobre o corpo de uma minhoca, partindo da cauda para a cabeça. Perceberá, então, que ela é rugosa, e não



lisa como se pensa. Esta rugosidade é devida à presença de minúsculas saliências sedosas, dispostas em intervalos regulares ao longo do corpo. Graças a essas saliências e a um líquido viscoso que secreta, a minhoca pode penetrar em todos os solos, sejam arenosos, rochosos, compactos ou úmidos. Se se corta uma minhoca em dois pedaços, uma nova cauda renasce na extremidade do pedaço que fica com a cabeça e o verme continua a viver; o outro pedaço, porém, não recupera mais a cabeça. A minhoca pode alongar ou enroscar o corpo à vontade, e penetrar na terra até três ou quatro metros de profundidade.

O órgão essencial do animal é a boca oval, protegida por um longo lábio pendente. Este lhe serve para remover para um lado a maior parte da terra, quando ela está cavando sua galeria. O resto da terra, engolida avidamente, passa através de uma espécie de moela, onde tudo é moído para se transformar numa pasta fina e úmida. As folhas, as raízes, as hastes e os detritos formam, assim, um resíduo homogêneo que é rapidamente digerido pelo estômago filiforme do verme.

As bactérias existentes no solo também lhe servem de alimento. Uma minhoca é capaz de engolir seixos de mais de um

milímetro de diâmetro, que logo são pulverizados em seu intestino; depois de absorver a terra que envolve os seixos maiores, ela penetra, pouco a pouco, de terra a dentro, deixando sobre a superfície as dejeções que realiza.

REMESSAS EM CONSERVA PARA O MUNDO INTEIRO — A minhoca na sua

marcha esforçada arrasta grandes fragmentos de matéria vegetal ou animal que se encontram em decomposição sobre o solo. Os detritos mais duros e resistentes são envolvidos por uma espécie de saliva que torna mais fácil a sua digestão.

Calculou-se, na Grã-Bretanha, que no espaço de quinze anos as dejeções das minhocas formam uma camada de terra vegetal inteiramente nova, de aproximadamente 7 centímetros de espessura. Provavelmente acontece a mesma coisa em todas as regiões da terra. E se se multiplicar, artificialmente, o número das minhocas, a formação de terra vegetal será, evidentemente, acelerada.

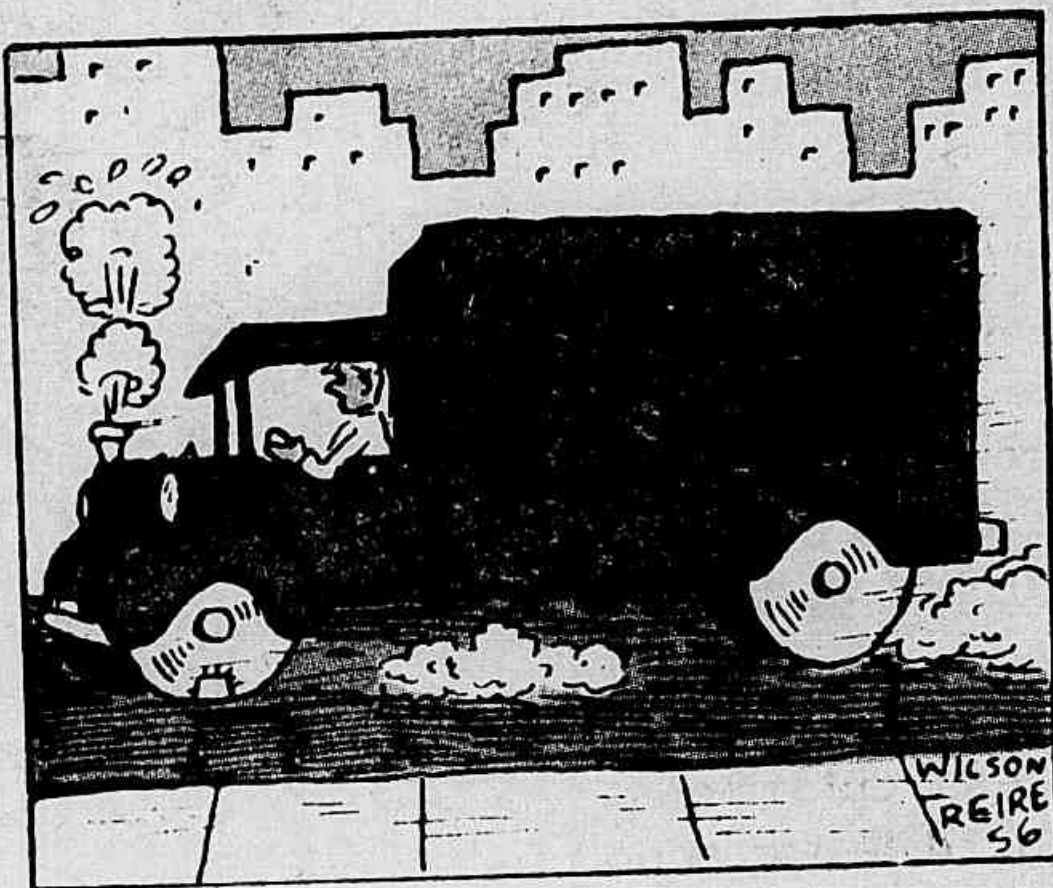
Embora completamente cegos, esses vermes são sensíveis à luz, nutrindo-se, de preferência, à noite; saem da terra ao cair da noite e nela penetram novamente antes do nascer do sol. Existem minhocas de várias espécies; desde a "minhoca vermelha", que serve de isca para os pescadores, aos monstros de 1 metro e 20 centímetros de comprimento, que habitam as terras esponjosas de certas regiões da Austrália.

As minhocas podem ser encontradas em toda a superfície do globo, com exceção dos desertos; mas, mesmo nas regiões quentes, vivem às margens dos rios e lagos. Nunca repousam, nem hibernam; comem e se remexem constantemente, anos após anos, construindo sem cessar a fértil camada de terra vegetal. Não deve surpreender, pois, que a terra onde elas habitam seja rica e produtiva. O vale do Nilo, por exemplo, não poderia ter nutrido por

tanto tempo uma grande civilização, não fossem as verdadeiras multidões de minhocas que, ano após ano, digeriram os detritos vegetais arrastados pela torrente do rio. O mesmo aconteceu em todas as regiões férteis do mundo.

Assim, a humilde minhoca poderá muito bem ser a solução para o mais grave problema que se apresenta ao mundo: **produzir suficientemente**

gêneros alimentícios para uma população que cresce vertiginosamente.



A própria natureza concorre para tornar fácil a criação de minhocas. No momento das núpcias, os vermes se unem de maneira estranha, cabeças separadas, colando um terço dos corpos, que ficam tão

juntos que nada no mundo poderá separá-los. Cada um fecunda os ovos do outro. Estes se deslocam ao longo do corpo, através de um canal e, finalmente, se despreendem para formar um casulo amarelo em forma de limão.

Cada casulo contém mais de vinte ovos minúsculos, que, ao fim de dez dias, abrem-se para dar origem aos microscópicos vermes brancos filiformes. Mas, devidamente refrigerados, esses casulos podem permanecer conservados durante cerca de dezoito meses e remetidos para o mundo inteiro. Recolocados em condições favoráveis à eclosão, dão origem, após um período normal de incubação, a novos vermes, bem fortes e constituídos.

Sendo todas as minhocas macho e fêmea ao mesmo tempo (bissexuadas), um só casulo é suficiente para produzir toda uma colônia. Nos Estados Unidos, o pioneiro da criação de minhocas é o fisioterapeuta, Thomas J. Barret, que se interessa pelo assunto desde 1918. Servindo na França como soldado raso, viu, certa vez, um velho camponês amassar cuidadosamente um bolão de terra perto de um poço, em Argone, sem se incomodar com as rajadas

(Continua no fim da revista)

VOCÊ PODE CURAR... DORMINDO

O sono é o remédio do homem moderno, prematuramente gasto por uma vida exageradamente febril e trepidante. Uma cura de sono de três semanas, aproximadamente, pode curar ou melhorar consideravelmente um grande número de moléstias mentais e também orgânicas como a hipertensão, a arterite, as úlceras (em particular as do estômago), as nevrites, as nevralgias rebeldes, a diabete, as dermites; em resumo: tôdas as enfermidades de origem "psicomática", ou sejam: aquelas em que intervêm inúmeros fatores emotivos. A Suíça, país tradicionalmente da paz e do repouso, é o centro mundial das curas de sono.

Recentemente, um repórter, Solange Gérard, interrogou uma das autoridades médicas sobre o assunto, dêle obtendo respostas que, data vênua, transmitimos aos nossos leitores, convencidos de que a divulgação de fatos de igual valor é não apenas um ato recomendável como até mesmo obrigatório. E por isso mesmo completamos tudo com notícias do que está sendo feito na Rússia e na França.

Aqui temos, portanto, em forma de perguntas e respostas, o resultado da referida entrevista:

Pergunta: O tratamento pelo sono é descoberta recente?

Resposta: Não. A instituição do papel do sono em certas curas é tão antiga como a própria medicina. Mas sua aplicação só foi possível há poucos anos. Durante muito tempo, o ópio era o único sedativo da farmacopéia, porém seu fraco poder hipnótico e seus riscos de toxicomania limitavam consideravelmente seu emprego.

P. — O sono hipnótico representava uma tentativa de terapêutica?

R. — Sem dúvida. Podemos até citá-lo entre os antepassados da cura do sono, pois que certos hipnotizadores do fim do século XIX tentaram aplicar a hipnose em curas prolongadas (assim o sueco Wetterstrand). Janet, em 1889, em sua tese sobre "O Automatismo Psicológico", evoca a cura completa de uma antiga paralisia

histérica, graças a uma hipnose de quatro dias. Mas esta tentativa, de aplicação



delicada, não foi adotada. Verdadeiramente, só foram estabelecidas e planejadas perfeitas curas de sono com as recentes descobertas de produtos que provocam o sono.

P. — Qual a primeira data realmente importante dessas descobertas, na Suíça?

R. — 1920. Nesta data, um estudo de Klaesi dá novo impulso nas curas de sono, pelo emprêgo de sonífero. Aplicou êle êsse tratamento pela primeira vez nos serviços hospitalares em certos enfermos mentais. Porém êsse medicamento empregado isoladamente tinha algum perigo. Não tardou, portanto, a ser abandonado. Em 1932, o dr. Cloetta, de Zurique, conseguia uma mistura utilizada ainda hoje e que permite instituir uma terapêutica do sono muito mais extensa. Mais recentemente, o professor Bleuler, ainda de Zurique, organizou um serviço de curas de sono, aperfeiçoando os problemas práticos surgidos pelo emprêgo da mistura Cloetta. Podemos assim dizer que Zurique é o berço das curas de sono. Na França, os trabalhos eram efetuados segundo os princípios de Klaesi, até a descoberta, em 1950, de um corpo derivado da fenotiazina, conhecido por 4560 RP e, mais especialmente, pelo de "Clorpromazina". Tal descoberta foi um passo de gigante na terapêutica psiquiátrica

mundial e simplificou consideravelmente os métodos de cura de sono.

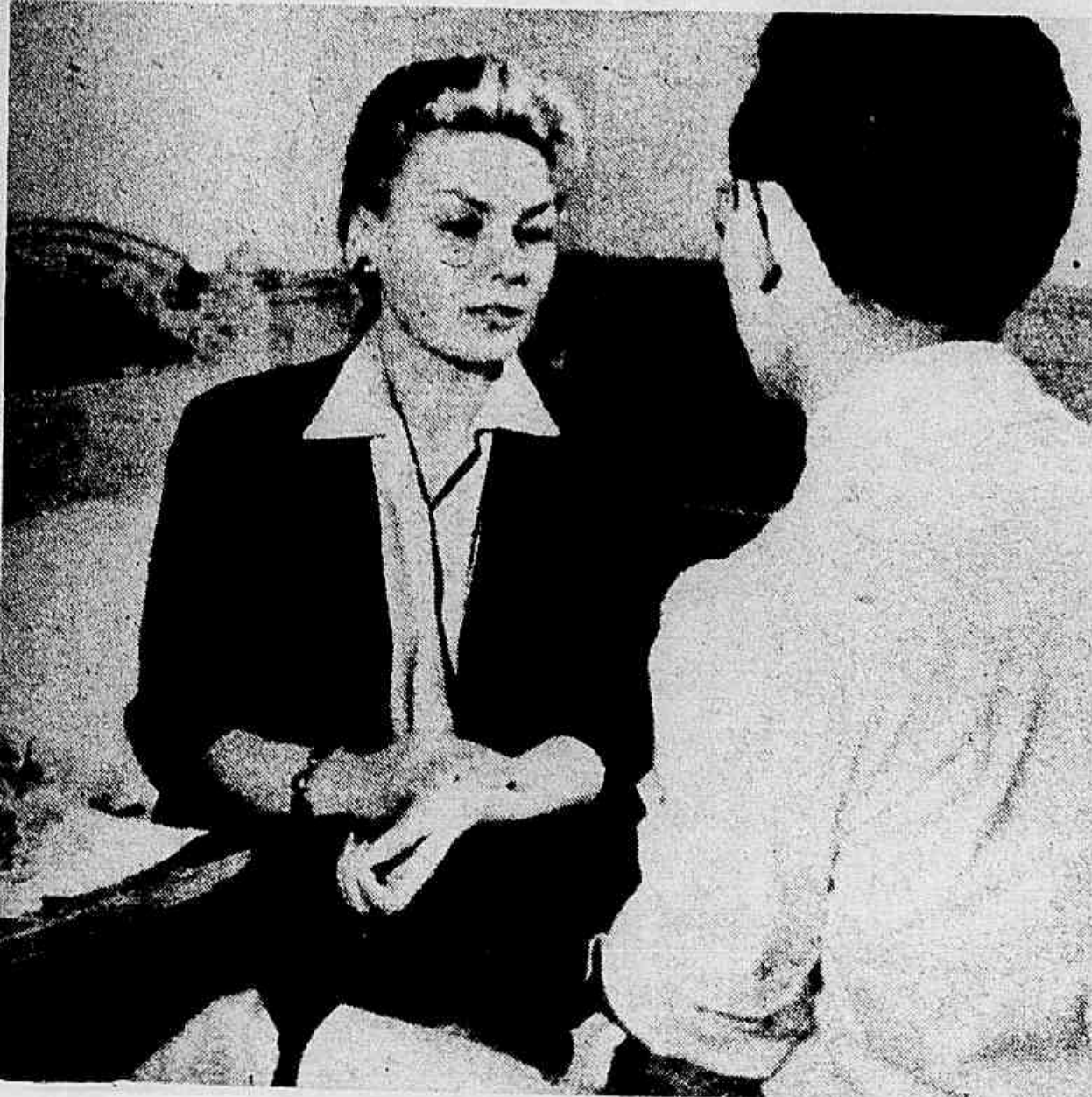
P. — São muito diferentes as indicações dêsses dois métodos?

R. — Sim. A narcose prolongada é mais própria para os estados de grande agitação maníaca, os estados delirantes, certos estados passionais, com idéias de suicídio; é uma medida de segurança de urgência, que não dá choque no enfêrmo, deixando-o ter uma tomada de distância com o fato. Neste caso, a camisola de dormir substitui vantajosamente a camisola de fôrça. Empregada também para a desintoxicação dos toxicômanos antigos (morfinômanos e principalmente heroinômano), a narcose prolongada dá resultados espetaculares: o enfêrmo desperta "saturado", sem ter sofrido as angústias particularmente dolorosas da desintoxicação tradicional.

P. — Este método apresenta perigo?

R. — Exige a presença, a todos instantes, de uma **équipe** médica tão disciplinada como um serviço de cirurgia. Durante êsse tempo o enfêrmo é alimentado por via retal ou por perfusão. A aplicação dêste método é delicada e é reservada apenas para os casos difíceis, para os quais é indispensável a dissolução das funções psíquicas.

O FILME DE UMA CURA NUMA CLÍNICA SUÍÇA — Uma estudante atacada de "surmenage" chega a uma clínica privada. Vai ter um tratamento de sono descontínuo de três semanas...



P. — Atingir as camadas profundas da consciência do enfermo é a finalidade do sono? Não tem ele, em si mesmo, uma virtude curativa?

R. — Nenhum medicamento, empregado sozinho pode curar uma nevrose; permite apenas uma maior plasticidade do enfermo para o tratamento moral. Prepara-se, com ele, o terreno para a psicoterapia, que é a parte complementar do tratamento. O doente fica, por assim dizer, prisioneiro em sua torre. O medicamento biológico — a cura de sono, na ocorrência — abre a porta do seu cárcere. O papel do psicoterapeuta é o de dar ao doente a “boa notícia”, tomá-lo pela mão e ajudá-lo a dar os primeiros passos além da muralha da moléstia. Assim, toda cura de sono é apenas um ponto de partida, que permite ter com o enfermo um contacto particular. O sono é uma condição necessária, mas não suficiente para a cura.

P. — A cura de sono com intervalos exige uma equipe médica tão importante?

R. — Não tão constante como a narcose prolongada. Em todo caso só pode ser feita num ambiente hospitalar bem organizado.

P. — Quais as principais indicações da cura do sono não contínuo, tal como é praticada?

... quatro vezes por dia, lhe darão uma pílula cujas doses variam. Durante seu sono, o médico a examina freqüentemente (pulso e tensão). Flores estão na sua cabeceira. A enferma nelas repousa o olhar, quando desperta. Essa visão contribui para sua distensão eufórica.

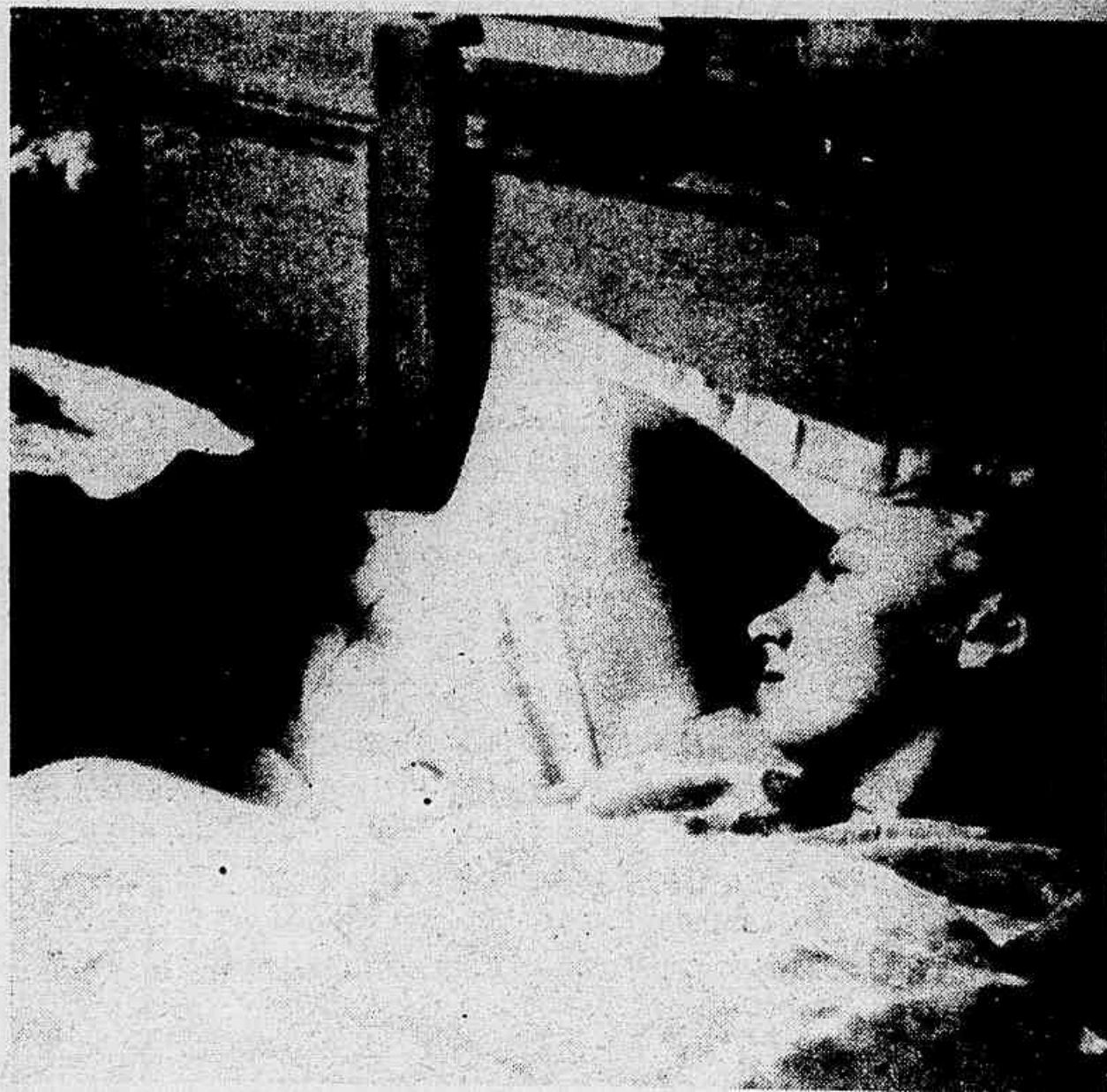
R. — Os estados nevroticos sob suas diferentes formas, como os dos doentes “nervosos”, que apresentam perturbações de ordem funcional sem atingir o mais profundo da consciência. A cura de sono, provocando dissoluções no funcionamento do sistema nervoso, faz cair a cortina de angústia do enfermo e permite-lhe abordar em boas condições a fase essencial de sua reconstrução.

P. — Em que instante começa a reconstrução psicológica do enfermo? Como é conseguida?

R. — Começa durante a própria cura, razão pela qual a escolha e a formação da equipe médica é tão importante.

P. — Então, nas poucas horas em que desperta, o paciente goza de toda a sua lucidez?

R. — Não. Encontra-se num estado chamado “crepuscular”. É muito mais permeável a um contacto psicoterápico. Suas barragens de defesa ruem e o enfermo é tomado por uma necessidade constante de exprimir suas preocupações profundas, que provocaram suas perturbações. Ocorre, então, uma verdadeira descarga verbal. O médico ou o enfermeiro que assim recolhe o “por quê” do mal poderá então auxiliar



eficazmente o enfermo, cujos problemas conhece.

P. — Esse crepuscular é penoso para o doente?

R. — Depende dos casos e do ambiente que encontrar, nesse instante, em seu redor. Esse sono profundo provoca um estado de regressão, que repõe o paciente na situação de uma criança de colo. Necessita de segurança e apaziguamento. Se desperta sozinho, num quadro deprimente, pode ser presa de uma angústia violenta. Essa tendência à exteriorização, eficazmente vigiada, deve ser um elemento da reconstrução. Estabelecem-se, então, condições essenciais para uma boa psicoterapia. O enfermeiro deve ser escolhido com cuidado, porque o doente, muitas vezes, depende mais do enfermeiro, que vive quase constantemente ao seu lado, que do médico, que apenas lhe concede uma hora por dia. Na França dão tal importância ao papel terapêutico do enfermeiro que foi criada uma Escola de Enfermeiros (as), dependente do hospital especializado nesse tratamento, situado em Prangins. Cursos de psicologia os preparam para uma perfeita compreensão humana dos seus doentes.

P. — O despertar definitivo é penoso?

R. — Também depende dos casos. Alguns enfermos despertam alegres; outros

acusam, ao contrário, fadiga geral. Devemos contar cerca de três ou quatro dias de um estado de confusão, que se dissipará completamente, depois. A convalescença média, após uma cura de sono, é de cerca de três semanas. É então que o papel de toda a equipe médica assume importância.

P. — A ergoterapia ⁽¹⁾ é o único aspecto dos cuidados que seguem a cura de sono?

R. — Não. As conversações com o médico têm, desde o mesmo momento, enorme valor.

P. — São encorajadores os resultados já obtidos até o presente?

R. — Em 300 casos tratados em 7 anos, tivemos apenas 5 complicações imprevistas, todas curadas com o tempo. Ao contrário, registrados cento e quatro curas totais, cento e trinta e duas melhoras notáveis e apenas sessenta reveses.

P. — São utilizadas curas de sono fora da psiquiatria?

R. — Na Suíça, são reservadas principalmente para a psiquiatria, mas também já serviram, com êxito notável, no quadro da medicina psicomática, por exemplo, a fim de tratar certas enfermidades do coração, certas tuberculoses, a asma, as nevralgias rebeldes e as úlceras.

(1) Ocupação pelo trabalho.

OS RUSSOS SUBSTITUEM OS SONÍFEROS PELO METRÔNOMO

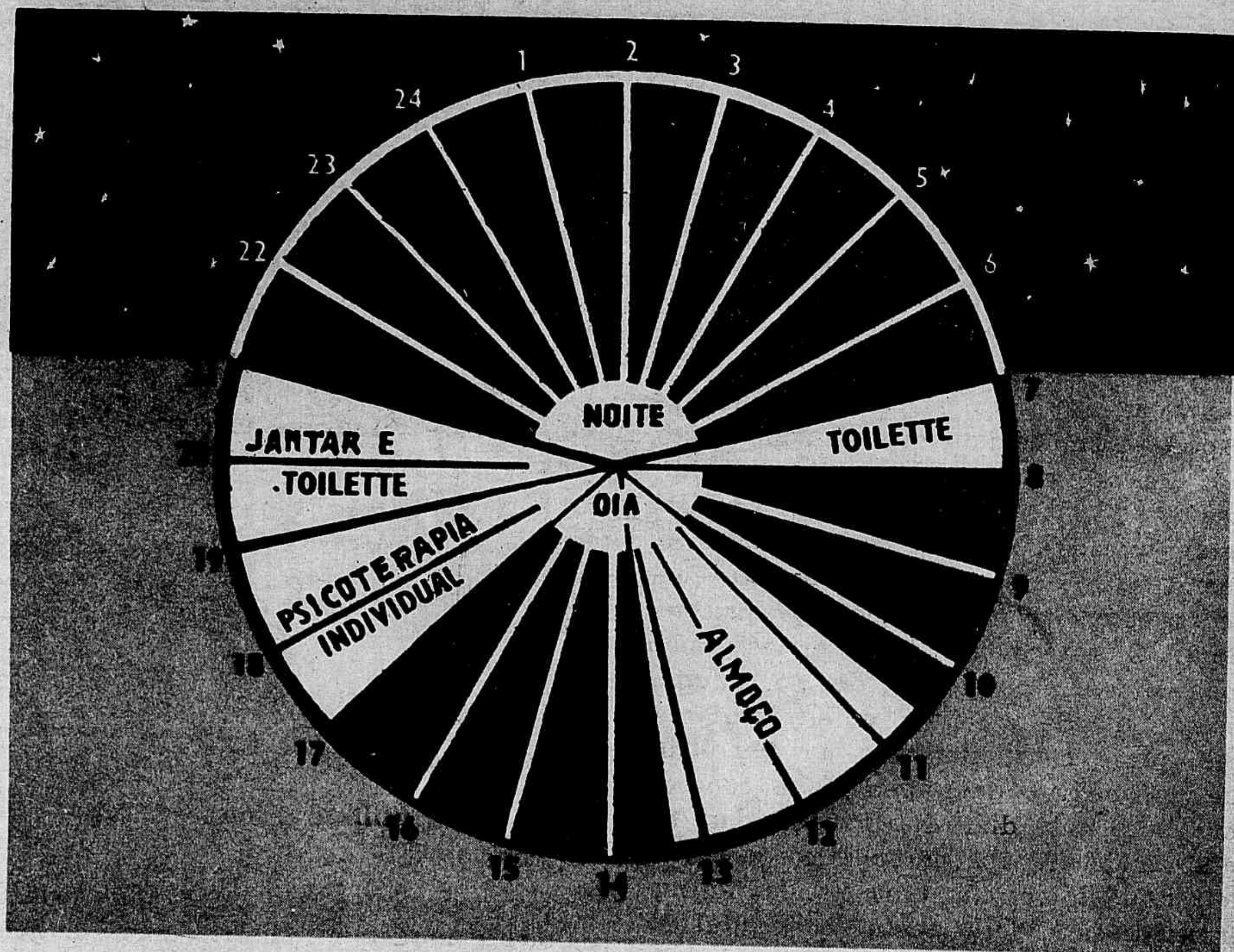
JA em 1914, o fisiologista russo Pavlov apontara o sono como agente terapêutico para certas moléstias. Quando esse sábio submetia um animal a uma excitação muito forte, o mesmo adormecia. O fisiologista russo interpretava os fatos da seguinte maneira: quando as células corticais estão em perigo de esgotamento, passam para um estado "de inibição protetora", no correr da qual se restauram. A cura de sono reforça o instinto de defesa do organismo. Segundo os russos, a cura de sono põe o córtex em repouso, desligando-o dos sistemas subcorticais e viscerais, dos quais é o regulador, por intermédio do tálamo e do hipotálamo.

A cura de sono é utilizada para todos os estados dolorosos, que fazem parte da medicina psicomática, em que uma emoção pode

provocar uma perturbação funcional capaz de degenerar em perturbação orgânica.

Andreief, de 1943 a 1948, tratou de mais de 350 casos, entre os quais úlceras, hipertensão arterial, neurodermites, nevralgias rebeldes, diabete.

Instalam o paciente em verdadeiras "torres de silêncio", onde são provocados apenas ruídos ritmados. Nos primeiros dias de cura, dão ao enfermo cápsulas de barbitúricos, fazendo funcionar, ao mesmo tempo, um metrônomo. Ao fim da primeira semana, o doente está "condicionado", sendo suficiente fazer funcionar o metrônomo, apresentando-lhe uma cápsula (contendo dose diminuta do medicamento) para que adormeça. No fim da cura, a cápsula não contém nenhum hipnótico. Obtém-se, dessa forma, um sono não tóxico, que se aproxima do sono natural. Em 90% dos casos, as úlceras foram curadas com esse tratamento.



O quadro acima permite conhecer com um simples olhar o horário de cada enfermo. O tempo reservado ao sono é representado em vermelho. As horas de vigília são vistas em branco.

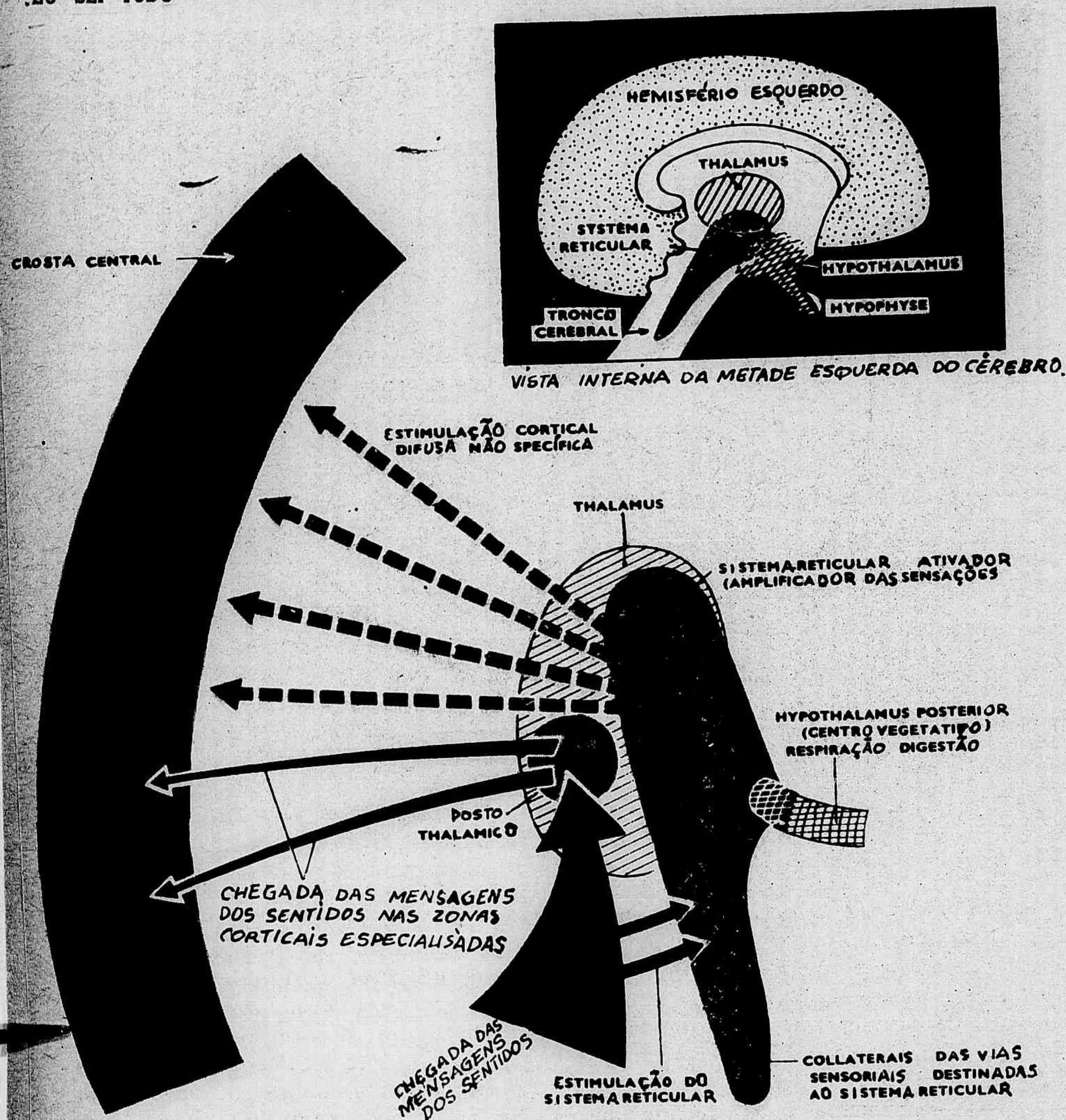
O AZUL: CÔR DO SONO E DOS SONHOS: — À porta do dormitório o aviso: "Aqui Dormem". Tudo azul; luz suave, tapete de borracha, paredes, cortinas espessas, teto insonorizado, pés da cama. Tem a estranha impressão de estar num aquário. A temperatura é acariciante, ouve-se apenas a respiração leve dos que dormem e o tiquetaque lancinante de um metrônomo. O dr. Ey optou por esse sono coletivo porque os pacientes aceitam mais facilmente esse tratamento comum, que os livra das angústias do isolamento. Além do mais, quando estão semi-acordados podem conversar entre si, relatar seus sonhos, comentá-los, etc.

O SONO DÁ APETITE: — Quem dorme janta — diz o provérbio. Mas isso não é verdade. O emprêgo do tempo de uma paciente o prova:

7 horas: O doente acorda, come e faz sua *toilette*. 8 horas: Absorve uma pílula. O metrônomo entra em ação... e ele

dorme. 10,30: Novo despertar. Passagem para a sala-de-estar. Almoço com o médico que palestra com os enfermos. Ensaio coletivo de interpretação do sonho de cada um. Ao contrário do que seria lícito acreditar, essa cura de sono aumenta o apetite. Os enfermos, em geral, aumentam consideravelmente de peso e conquistam um tal rejuvenescimento que houve casos de maridos que voltaram a apaixonar-se por suas respectivas espôsas, mais belas depois desse tratamento pelo sono. 13 horas: Nova pílula. Sono. 17 horas. Despertar. Cada doente é então convocado para uma psicoterapia individual. 21 horas: Sono para a noite.

O SONHO: ELEMENTO ESSENCIAL DA CURA: — "O que se guarda no fundo do coração é espirrado em sonho" — diz um provérbio oriental. De fato, o sono permite à consciência exprimir o que não se diz acordado. O sono prolongado e profundo provoca um fenômeno de teles-



O MECANISMO DO SONO

Em preto: — As vias sensitivas transmitem às zonas especializadas da crosta cerebral as mensagens dos sentidos. (Após passagem pelo tálamo, "standard" telefônica da sensibilidade).

Em vermelho: O sistema reticular (conexão com as vias precedentes) desempenha o papel de um amplificador estimulando toda a crosta cerebral. É acionado pelas mensagens dos sentidos (2 flechas paralelas) que o estimulam, ao passar.

O tálamo é assim o posto de abastecimento das vias sensitivas, enquanto o

hipotálamo é o centro da vida vegetativa (funções automáticas do organismo: respiração, digestão). O sono tem por efeito desligar os diversos sistemas de alarmas dos centros especializados. Só a vida vegetativa continua. O enfermo fica indiferente às excitações que chegam do exterior. Essa questão da organização do cérebro é ainda coisa discutida.

O esquema acima, feito por um cirurgião, corresponde às últimas hipóteses, não ainda confirmadas, do fisiologista norte-americano Magoun.

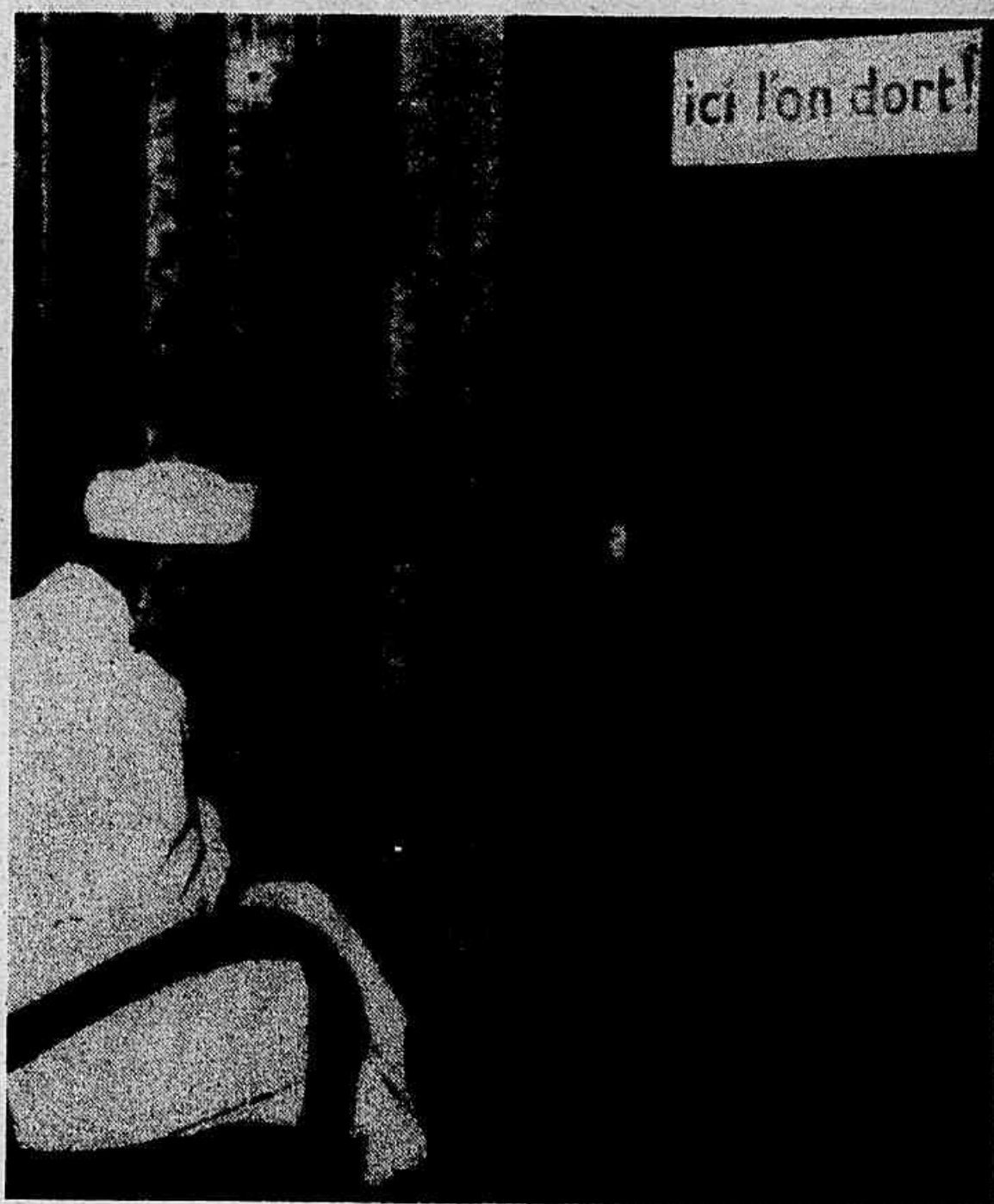
OS FRANCESES CONSTRUÍRAM O PALÁCIO DA "BELA ADORMECIDA DO BOSQUE"

NA França, certos serviços hospitalares (o de Le Guillian, em Villejuif), utilizam a cura de sono. Mas essa terapêutica é principalmente, o apanágio das clínicas privadas para as numerosas indicações de simples fadiga de organismo. Dão assim o maior sentido aos títulos de "Casas de Repouso".

Porém Henry Ey, um dos mestres da psiquiatria criou, no seu serviço de mulheres, no hospital de Bonneval, um "bloco-sono", que é um verdadeiro Palácio da "Bela Adormecida do Bosque", onde até sete enfermos podem empreender, em comum, uma cura de sono de 25 dias. Essa originalidade do método francês. Desde a primeira porta, como num estúdio de cinema, surgem os cartazes com uma só palavra imperativa: "Silêncio!" O soalho é todo forrado com borracha macia, enquanto as paredes e o teto estão atapetados com material isolante, que absorve ruídos. Numa das paredes, esta citação de S. Agostinho: "Adormeci e, ao despertar, senti que meu mal tinha perdido sua violência". Ali são vistos "hóspedes", sem nenhuma ansiedade e até alegres, almoçando. Isto porque os enfermos que despertam durante as horas em princípio reservadas ao sono têm permissão para deixar o dormitório e fazer as refeições na sala geral; assim são evitadas crises de angústia provocadas, às vezes, por sonhos que os fatigam e enervam durante o sono. O enfermo, despertando, é assim tranqüilizado pelo quadro acolhedor da sala, onde uma enfermeira mantém a vigilância.

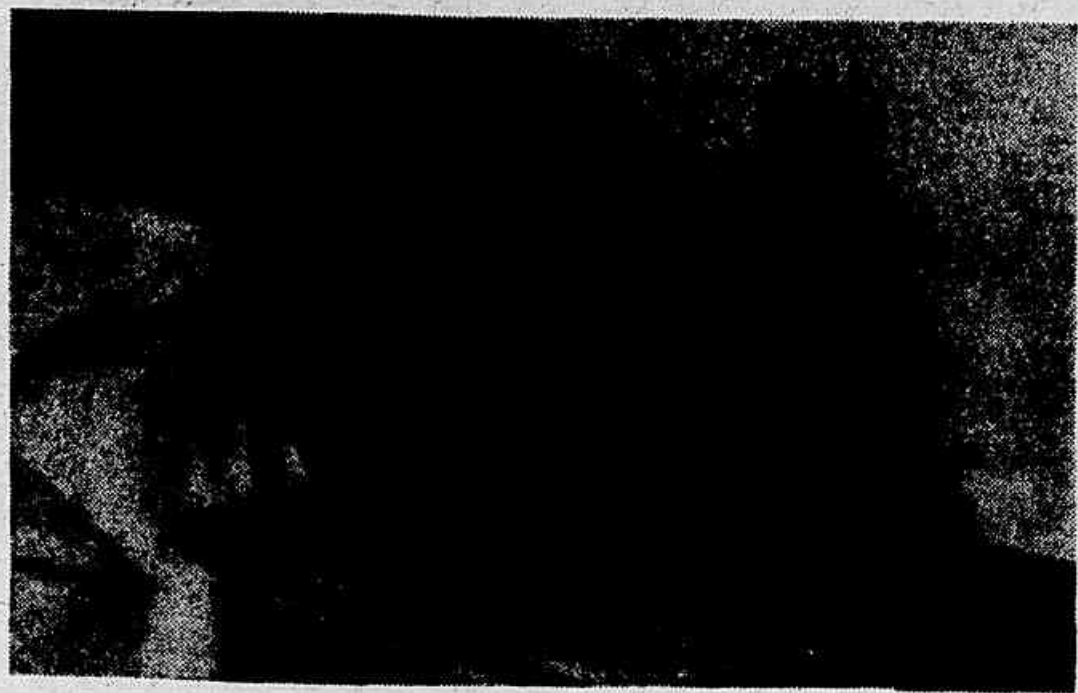
copagem sobre os anos. As recordações mais distantes voltam à memória, enquanto as condições calmantes da cura provocam um estado de regressão afetiva.

O SONO COLETIVO — Todos os médicos estão de acordo para reconhecer a importância das condições em que são efetuadas as curas de sono. Alguns, principalmente em cura isolada, preconizam antes de tudo um quadro acolhedor, que não recorde uma clínica. O dr. Henry Ey modificou essa fórmula para a da cura coletiva. A simplicidade da decoração não pode aborrecer aos doentes, mais interessados uns pelos outros. É curioso notar que a cura de sono predispõe para os sentimentos altruístas.



Os doentes são sempre vigiados por enfermeira.

UMA MULHER DE 27 ANOS AGE COMO UM BEBÊ: — Um exemplo típico de regressão provocado pelo sono ocorreu no serviço do dr. Ey. Uma enferma, de 27 anos, após oito dias de cura, desejou voltar ao estado de bebê de colo. Dizia: "Estou tornando a ser criança". Solicitada, na manhã seguinte, a agir como menina, adotou outra atitude, passando a olhar de frente seus problemas de moça, que não tinham podido ser resolvidos. Essa tomada de consciência a estabilizou.



O metrônomo é ligado eletricamente.



O dormitório pode conter sete enfermos.

definitivamente. Outro exemplo curioso de tomada de consciência, graças ao sono foi o de outra mulher, que, no correr de uma crise, incendiara a casa, querendo queimar os brinquedos pertencentes a seus filhos: um gatinho peludo e um coelhinho de borracha. Essa infeliz não pôde explicar seu gesto e por isso vivia atormentada. Após a cura de sono, recupera por si só suas recordações, num estado de meio-despertar: tivera, tempos atrás, um coelhinho de verdade, que o gato do vizinho havia comido. O marido, furioso, atraíra o gato e o massacrara selvagememente. A enferma ficara impressionada profundamente com essa cena. A cura de sono permitiu-lhe compreender que queimando os objetos simbólicos, esperava livrar-se da recordação de um choque que muito abalara seu organismo. Explicado, enfim, seu gesto, livrou-se da tensão nervosa.

UM GRANDE PRINCÍPIO 'ESQUECIDO: O REPOUSO TOTAL:

— Hoje, a cura de sono propriamente dita tende a ser substituída por outro método, derivado dos trabalhos de Laborit sobre a hibernação artificial. Trata-se da cura **neuroléptica** ou cura da tensão nervosa pela **clorpromazina**, em administração contínua e prolongada. O sistema nervoso é **desligado** e o enfermo fica em estado de vigília.

Tal método, que o dr. Deniker e o prof. Delay introduziram na psiquiatria, em maio de 1952, dá resultados iguais ou superiores à cura de sono, sem ter seus inconvenientes. Foi adotado com entusiasmo nos EE.UU. Em conclusão, parece que se a clorpromazina é o medicamento do futuro para a relaxação do sistema nervoso, o sono conserva ainda numerosas indicações. As curas de "relax", hoje organizadas em muitas estações termais, não anulam este princípio soberano, que a vida trepidante das grandes cidades quase nos faz esquecer: o **simples repouso total**.

CONSELHOS DE UMA QUITUTEIRA

JANTAR CÁRIL

Peru ao cáril; Arroz — Condimentos; Banana assada com bacon; Salada mista; Sorvete.

O prato ao cáril pode ser não só peru, como galinha, carneiro ou lagosta. A carne deve ser cozida e cortada em pedaços grandes. Para um quarto de peru ou a quantidade correspondente de carne, deve-se fazer o seguinte:

MOLHO CÁRIL

2 xícaras de cebola picada, ½ xícara de manteiga, 100 gramas de presunto picado, tempêro (salsa, coentro, etc.), 1 xícara de creme de leite, 1 litro de caldo de peru, galinha ou vitela), 2 colheres de pó cáril, 4 colheres de farinha de trigo, 1 xícara de côco ralado, ¼ de peru cozido, cortado.

Fritam-se as cebolas na manteiga até dourar, junta-se o presunto, tempêro e caldo de carne e deixa-se em fogo brando, durante meia hora. Tira-se o tempêro. Mistura-se a farinha cáril, farinha de trigo e creme de leite e leva-se a fogo brando, durante cinco minutos; coa-se e mexe-se em fogo lento com o côco e o peru ou carne. Torna-se a aquecer, antes de servir. (Este prato ficará mais saboroso se for servido no dia seguinte).

Condimentos — Podem ser incluídos alguns ou todos dos seguintes: cebolas fritas, ou tostadas, passas umedecidas em vinho Xerez quente, pimentão picado, noz picada, tomates verdes fritos, ovos cozidos, côco ralado e bacalhau assado.

Bananas assadas com bacon: Descascam-se as bananas, umedecendo-as com caldo de limão; envolve-se cada uma numa fatia de presunto, prendendo-se com um palito. Assa-se até que o presunto fique tostado.

SALADA EM FÔRMA

A receita abaixo de uma "salada em fôrma" pode ser preparada em qualquer cozinha, desde que disponha de um refrigerador elétrico.

1 xícara de repólho picado, 1 xícara de cenoura ralada, ¾ de xícara de aipo picado, 4 colheres de pimentão picado; 1 colher de açúcar, 1 colher de gelatina, 2 colheres de água fria, 1 ¼ de xícara de suco de tomate, 4 colheres de vinagre de vinho, 1 colher de cebola ralada, 2 colheres de caldo de limão, ½ colherinha de sal, ¼ de colherinha de mostarda seca, 1 pitada de pimenta do reino.

Deixa-se o repólho, juntamente com as cenouras, o aipo e o pimentão numa mistura de açúcar e vinagre, durante uma hora. Amolece-se a gelatina com água fria. Esquenta-se o suco de tomate, juntando-se a gelatina e mexendo-se, até que se dissolva. Deixa-se esfriar, até que adquira certa espessura. Escorre-se o caldo das verduras e junta-se a mistura de tomate com caldo de limão, cebola, sal e pimenta do reino. Coloca-se tudo numa fôrma de 1 ½ litro e deixa-se esfriar no refrigerador, até endurecer. Enfeita-se com verduras.



Do romance de
MARY JOHNSTON
 To have and to hold

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA:

Ralph Percy, cavalheiro inglês e um dos pioneiros nas terras da Virgínia, conquistadas pela Inglaterra, instado por seu amigo, John Rolfe, também fidalgo, decide comprar esposa entre as moças enviadas da Inglaterra para a colônia, a fim de melhorar a vida em Jamestown, capital dessa terra americana. Com outros muitos vai aguardar o desembarque das beldades e encontra uma criatura maravilhosa de beleza e porte e à qual propõe casamento. É aceito mais depressa do que esperava e são casados por Jeremias Sparrow,

uma alma de apóstolo num corpo de Sansão. Depressa Jocelina revela ser uma rosa com espinhos e que não pertencia a classe de mulheres trazidas da Inglaterra. Vive como autêntica fidalga e sob a proteção de Ralph, para quem é apenas uma hóspede de honra, sem as obrigações de esposa. Visitando-os, dias passados, Rolfe, ao retirar-se, anuncia a Ralph que a esposa que escolhera era alguma dama da corte de Londres. Dias depois, Ralph vai a Jamestown com a esposa e ali chegando encontra a cidade em grande agitação, temendo um ataque por mar.

Afinal atirei-me ao rio, em cujas margens a sua maldita aldeia demorava, e pus-me a salvo. No dia seguinte fui ter com Jorge Thorpe e resignei a minha comissão, dizendo-lhe que nada nos ordenava a pregar a demônios; quando a Companhia estivesse pronta a mandar-lhes chumbo e aço, podia contar comigo. Depois disso, desci o rio até Jamestown, onde encontrei Messér Bucke quase desenganado com a febre. Como último recurso levaram-no para rio acima, para mudar de ar, e por falta de melhor substituto, o governador e o capitão West constrangeram-me a ficar e a desempenhar os sagrados deveres para com o rebanho sem pastor. Aonde vos ides hospedar, bom senhor?

— Não sei — disse eu. — A cidade deve estar cheia e a hospedaria não está ainda concluída.

— Por que não vindes para a minha casa? — perguntou. — Não há ninguém na casa do pastor senão eu e a caseira

Allen. Há cinco quartos de bom tamanho e uma boa horta, embora as árvores dêem demasiada sombra à casa. Se vierdes e permitirdes que o sol resplandeça dentro de casa — uma inclinação de cabeça e um sorriso para a senhora — considerar-me-ei vosso devedor.

Seu plano agradou-me bastante. Com exceção da do governador e do capitão West, a casa do pastor era a melhor da cidade. Era retirada também, situada em terreno próprio, e não à beira da rua e eu desejava tal ou qual retraimento. A caseira Allen era tôla e descuidada. Além disso, eu gostava de Messér Jeremias Sparrow.

Aceitei a sua hospitalidade e dei-lhe os meus agradecimentos. Ele os dispensou e pôs-se a lisonjear a sra. Percy, que se dignou ser graciosa para conosco. Satisfeitos então com o mundo e conosco mesmos, prosseguimos alternadamente, através do sol e da sombra, e demo-nos

por contentes com os descuidosos habitantes da floresta. Mais cedo do que desejávamos, chegamos à península, e atravessamos o pequeno istmo.

A nossa frente estendia-se a cidade: ao olhar estranho uma pobre e mesquinha povoação na verdade; mas aos olhos dos colonos, a fortaleza e a capital da nossa raça no Ocidente, o germe de onde podiam surgir soberbas cidades, o recém-nascido, que a seu tempo podia igualar o pai em estatura, vigor e beleza. Era assim que eu e poucos mais, quer na Virgínia, quer na mãe-pátria, considerávamos as mesquinhinhas casas, a pobre igreja e a tósca fortaleza, e amávamos o lugar que testemunhara muito sofrimento e pouca alegria, mas que em si encerrava o futuro, e que já então era um freio na bôca da Espanha, coisa que por si só contrabalançava tôdas as fadigas e angústias das nossas plantações. Outros, porém, havia que enxergavam apenas a mesquinhez da posição, a sua quase impossibilidade de defesa, suas fluxões e febres, a escassez do número de seus habitantes e a abundância de covas no cemitério. Não descobrindo ouro nem paraíso terrestre, e sabendo que com o suor do rosto deviam amassar o pão, caíram logo em desânimo, ou morreram por mera perversidade ou voltaram, ganindo, para a terra, e para a Companhia com tôda a sorte de histórias desanimadoras, as quais histórias, graças aos bons ofícios de lord Warwick, não deixaram uma só vez de chegar aos sagrados ouvidos de sua majestade, e de grangearem para a colônia e para a Companhia o desfavor público.

Chegamos à trincheira, e achamos a porta escancarada e o guarda ausente.

— Onde estará o povo? — perguntou admirado Messér Sparrow, ao entrarmos e ao atravessarmos a rua.

Realmente, onde estava o povo? Em ambos os lados da rua as portas das casas estavam abertas, mas ninguém olhava delas para fora, ou mostrava-se de pé nos degraus; o largo estava deserto; não havia mulheres na fonte, não havia crianças no caminho, não havia multidão boquiaberta em frente da cadeia e do pelourinho, não havia guarda em frente da casa do governador... nem viva alma em parte alguma, que se visse.

— Terão todos emigrado? — prosseguiu Sparrow. — Terão ido para Croatan?

— Deixaram um então, para contar o caso — disse eu, pois aí vem, correndo.

Capítulo VII

NO QUAL NOS PREPARAMOS PARA COMBATER OS ESPANHÓIS

Um homem chegou ofegante.

— Capitão Ralph Percy! — bradou. — Disse meu senhor que era o vosso cavalo que atravessava o istmo. O governador vos ordena que compareçais imediatamente à sua presença, senhor.

— Onde está o governador? Onde está o povo todo? — perguntei.

— No forte. Estão todos na fortaleza ou na encosta embaixo. Oh! senhores, um dia terrível para todos nós!

— Um dia terrível — exclamei. — Que está acontecendo?

O homem a quem reconheci como um dos criados do comandante, um sujeito com alma de criado grave francês, estava furo de medo.

— Estão às voltas com as peças! — tartamudeou. — Maldito dia! O que podem alguns falcões e meias-colubrinas fazer contra eles?

— Contra eles quem? — exclamei.

— Estão distribuindo lanças e espadas! Miserio de mim! A vista de lâminas desembainhadas sempre me deu dores de estômago!

Desembainhei minha adaga e fi-la reluzir diante de seus olhos.

— Causa-te isto náusea? — perguntei.

— Ainda has de sentir náusea maior, se não disseres coisa que se entenda.

O sujeito encolheu-se, com os olhos esbugalhados.

— É uma nau muito alta, balbuciou, uma nau muito, muito grande! Tem dez colubrinas, além de caçadores e assassinos, bombardas, falcões e mosquetões!

Agarrei-o pela gola e sacudi-o no ar.

— Há padres a bordo! — conseguiu dizer, quando o larguei. — Amanhã, a estas horas, seremos todos torturados! E na semana próxima estaremos todos nas galés!

— São os espanhóis, enfim! — disse eu. — Vamos!

Quando chegamos à beira do rio em frente à fortificação, foi para encontrar a maior das confusões. As portas das trincheiras estavam abertas, e por elas defluíam membros do Conselho, representantes do povo e oficiais, enquanto na encosta se apinhava toda a gente. Velhos lavradores, a gente de Smith, a gente de Dale, agregados e criados, mulheres e crianças, incluídos os pequeninos importados no ano anterior, negros, Paspahghs, vinhateiros franceses, gente holandesa, do engenho de serra, italianos fabricantes de vidro, todos ferviam de uma para outra parte, todos falavam ao mesmo tempo e olhavam todos rio abaixo. Do meio da babel de vozes ouvíamos repetidamente estas palavras:

— Os espanhóis! A Inquisição! As galés! Tais eram as locuções que mais se ouviam naquele tempo, quando se avistavam navios estrangeiros.

Mas, onde estavam os espanhóis? No rio, próximo da praia, estavam muitas embarcações pequenas, barcas, escunas, chalupas e pinças, e, para além delas, as mastreações do "Amor Perfeito", do "Bom Lucro" e do "Tigre", então no porto. Nestes três, o maior dos quais, o "Bom Lucro", era apenas de oitenta toneladas, os marinheiros corriam de um para outro lado e os mestres bradavam-lhes ordens.

Mas não se via outro navio, barco, galeão ou vaso de guerra, com três baterias de canhões ameaçadores, e a odiada bandeira amarela desfraldada por cima.

Saltei do cavalo e deixando-o bem como a sra. Percy entregues aos cuidados de Sparrow, apressei-me em direção ao forte. Ao transpor a trincheira, ouvi chamarem-me pelo nome, e voltando-me, esperei que Messer Pory viesse ter comigo. Vinha bufando ofegante, com a face jovial muito vermelha.

— Vinha atravessando o istmo quando soube do que havia — disse ele. — Vim correndo de lá aqui, e estou quase sem poder respirar. Esta está uma dos diabos!

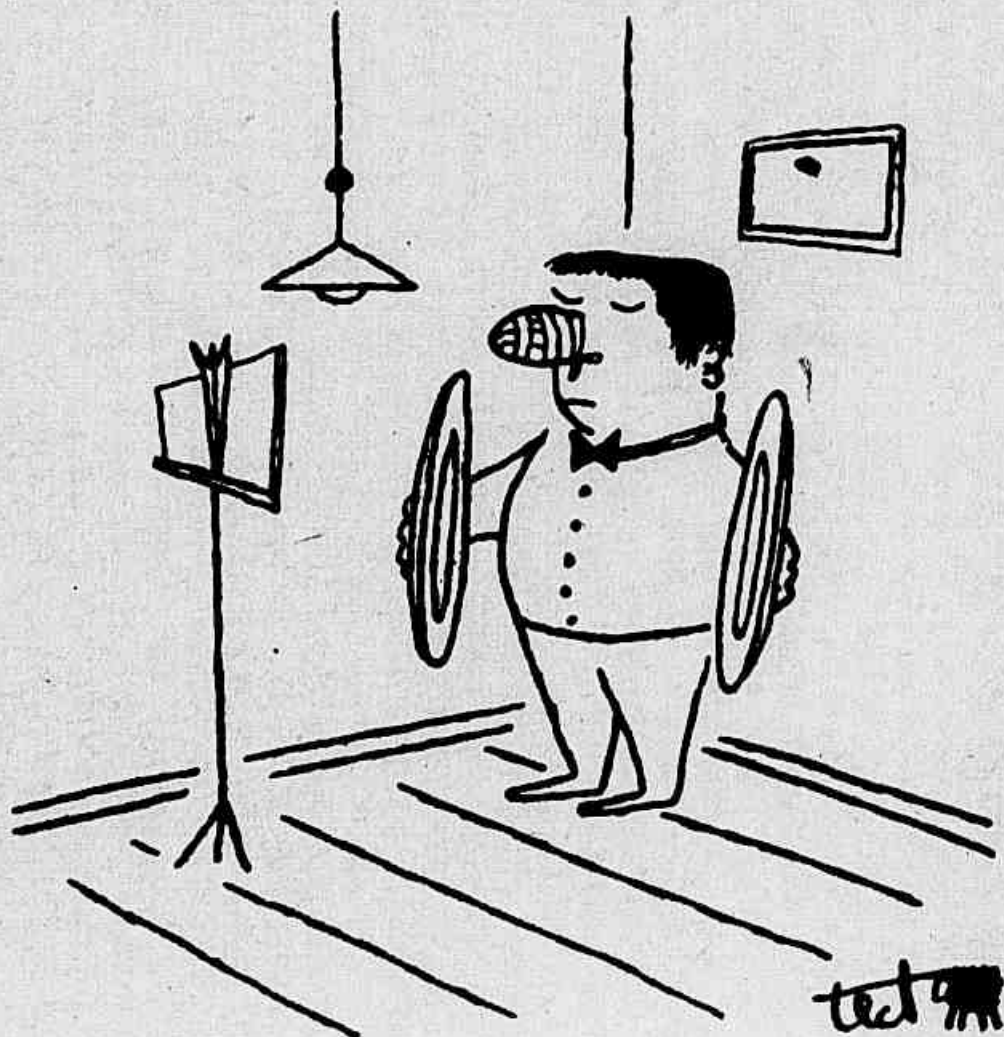
— Está-me parecendo nova embrulhada — respondi. — Temos bradado "Espanhóis!" muitas vezes.

— Mas desta vez o lobo aí está! — respondeu. — Davies mandou de Algernon

um próprio a galope para trazer a notícia. O próprio passou pelo navio, e era muito grande. Devemos agradecer a esta calma o não nos haver apanhado desprevenidos.

Dentro das trincheiras havia bastante ruído, mas melhor ordem que da parte de fora. Nas meias-luas que dominavam o rio, artilheiros estavam ocupados com as nossas bombardas, falcões e três colubrinhas. Em um ponto, West, o comandante, estava distribuindo armaduras, cotas de malha, elmos, mosquetes, alarbadas, espadas e compridas "bestas". Em outro ponto, sua esposa, que era uma verdadeira Maria Ambrea, superintendia o preparo do alcatrão fervido em amplo caldeirão. Cada seteira e abertura nas trincheiras e no forte já estavam providas de atiradores. Pela porta do oeste vinha uma turba de invasores relutantes — bois, porcos e aves — tocados para dentro por meninos a gritarem.

Abri meu caminho pelo meio da multidão compacta até onde estava o governador, cercado por membros do Conselho e representantes do povo, sentado num



barril de pólvora, e dando ordens em voz alta.

— Oh, capitão Percy! — bradou, ao ver-me aproximar. — Chegais em tempo, homem! Fizestes a vossa aprendizagem nas guerras. Deveis ensinar-nos como desbaratar os "dons".

— A ingleses isso acode naturalmente, senhor... — disse eu. — Estais certo de que teremos êsse prazer?

— Não há dúvida alguma, desta vez — respondeu. — A nau meteu-se para dentro do Cabo a noite passada. Davies fêz-lhe sinal que parasse, e então disparou-lhe uma bala por cima; mas a nau prosseguiu. É verdade que estava muito escuro para reconhecer qualquer coisa; mas se era embarcação amiga, por que não parou para as formalidades do castelo? De mais a mais dizem que era, pelo menos, de quinhentas toneladas e jamais navio dêsse porte visitou estas águas. Não havia vento, felizmente, e despacharam um próprio sem perda de tempo, na esperança de preceder o inimigo e nos pôr de sobreaviso. O próprio mudou de cavalo em Basse's Choice, e passou a nau ao alvorecer. Tudo quanto pôde dizer por causa da neblina, foi que era um navio muito grande, com três linhas de canhões.

— Que bandeira?

— Nenhuma trazia.

— Hum! — disse eu. — Isto tem aparência suspeita. Pelo menos, fazemos bem em nos aprontar. Dar-lhe-emos calorosas boas-vindas.

— Há aqui quem aconselhe que nos rendamos — continuou o governador. — Há um pelo menos que deseja que mandemos o "Tigre" rio abaixo com bandeira branca e minha espada.

— Aonde está? — bradei, furioso. — Aposto que não é inglês!

— Tão inglês como vós, senhor! — interpôs um cavalheiro a quem eu antes encontrara, isto é, Messér Eduardo Sharpless. — É próprio para capitães matamouros, valentões de Países Baixos, falarem em resistir a um vaso de guerra espanhol com uma guarnição em dôbro da nossa, e canhões bastante para atirarem pelos ares a cidade. A gente sensata, porém, conhece quando as desvantagens são em demasia!...

— É melhor que advogados medrosos e poltrões calem a boca quando homens e soldados falam — retorqui. — Não estamos fazendo contratos com o diabo para precisarmos aqui de tal gente.

Houve sonora gargalhada dos capitães e artilheiros, mas o terror dos espanhóis tornara Messér Eduardo Sharpless ousado para tudo o mais.

— Varrem-nos da face da terra! — disse lamentoso. — Não ficará um inglês na América! Acossar-nos-ão de perto! Derrocar-nos-ão o forte com as suas colubrinhas; voltarão contra nós todos os seus rodízios, peças e falcões; atirarão sobre nós potes sufocantes de pólvora e enxôfre; ceifar-nos-ão com rosários de balas! Os seus artilheiros não erram um disparo! Já não falava; gritava e tremia, como se tivera sezões. Estais doidos? É a Espanha que tem de ser combatida! Espanha, a rica! Espanha, a poderosa! Espanha a senhora do Novo-Mundo!

— É a Inglaterra que a combate! — bradei. — Tenha brio e cale a boca!

— Se nos rendermos sem demora, deixar-nos-ão ir em paz! — ganiu. — Podemos tomar as embarcações menores e alcançar as Bermudas. Deixar-nos-ão ir...

— Para as galés! — murmurou West.

O covarde tentou outra parada.

— Pensai nas mulheres e nas crianças!

— Nelas pensamos — disse eu, com firmeza. — Silêncio, idiota!

O governador, homem valente e honrado, ergueu-se do barril de pólvora.

— Tudo isto é fora de propósito, Messér Sharpless. Penso que o nosso dever é claro, sejam quais forem as dificuldades, êste é o nosso pôsto, e nós o sustentaremos ou morreremos nêle. Somos poucos em número, mas somos a Inglaterra na América, e penso que aqui permaneceremos! Êste é o quinto reino do Rei, e para êle o conservaremos. Confiaremos em Deus e pelejaremos.

— Amen — disse eu.

"Amen" — repetiu o círculo do Conselho, representantes do povo e os homens armados que lhes estavam por trás.

O rumor das vozes subiu então, a gritos excitados, e o sentinela, postado em cima da grande colubrina, bradou:

— Navio pela frente!

Como se por geral acôrdo voltamos o rosto rio abaixo. Lá estava o navio, indubitavelmente. Ainda mais o vento refrescara, soprando do mar, enchendo-lhe as velas brancas, e diminuindo rapidamente a distância a que estava de nós. Até então apenas podíamos dizer que era na verdade um grande navio com tôdas as velas abertas.

Pelas portas da trincheira entrou então, de roldão, a multidão que estava da parte de fora. Em 10 minutos as mulheres estavam enfileiradas, prontas a carregarem os mosquetes, as crianças postas a coberto do melhor modo possível, os homens em linhas, os artilheiros junto das peças e a bandeira desfraldada. Fi-la subir com as minhas próprias mãos, e como fiquei por baixo de suas dobras, Messér Sparrow e minha mulher vieram para junto de mim.

— As mulheres estão daquele lado — disse à segunda — para onde é melhor que vos dirijais.

— Prefiro ficar aqui — respondeu-me ela. — Não tenho medo.

Tinha as faces coradas e a cabeça ereta.

— Meu pai pelejou contra a Armada — disse ainda. — Obtende-me uma espada daquele homem que as está distribuindo.

Da posição vantajosa que ocupava, a sentinela bradou:

— É um navio comprido — quinhentas toneladas em todo o caso Senhor! que de canhões que trás! É de convés aberto!

— Então é espanhol com tôda a certeza! — exclamou o governador.

Da turba da gente de serviço, dos sentenciados e dos estrangeiros levantou-se grande clamor, e logo deparamos Sharpless trepado num barril no meio dêles gesticulando desesperadamente.

— O "Tigre", o "Amor-Perfeito" e o "Bom Lucro" atravessaram-se no canal! — anunciou a sentinela. — Fizeram pontaria no espanhol!

Os ingleses ergueram vivas, mas a multidão bastarda que cercava Sharpless soltou um lamento. O medo extremo privara o advogado de todo o brio.

— Que canhões têm êsses navios? — exclamou. — Dois falcões cada um e um punhado de mosquetes! E saem contra um vaso de guerra! Vão ser pisados aos pés! Mete-os-á a pique com um disparo em

cada um! O "Tigre" tem 40 toneladas, e o "Amor-Perfeito" 60! Estais todos loucos!

— Algumas vêzes a qualidade vence a quantidade — disse West.

— Ouvistes alguma vez falar do "Contente"? — perguntou, em voz alta um artilheiro.

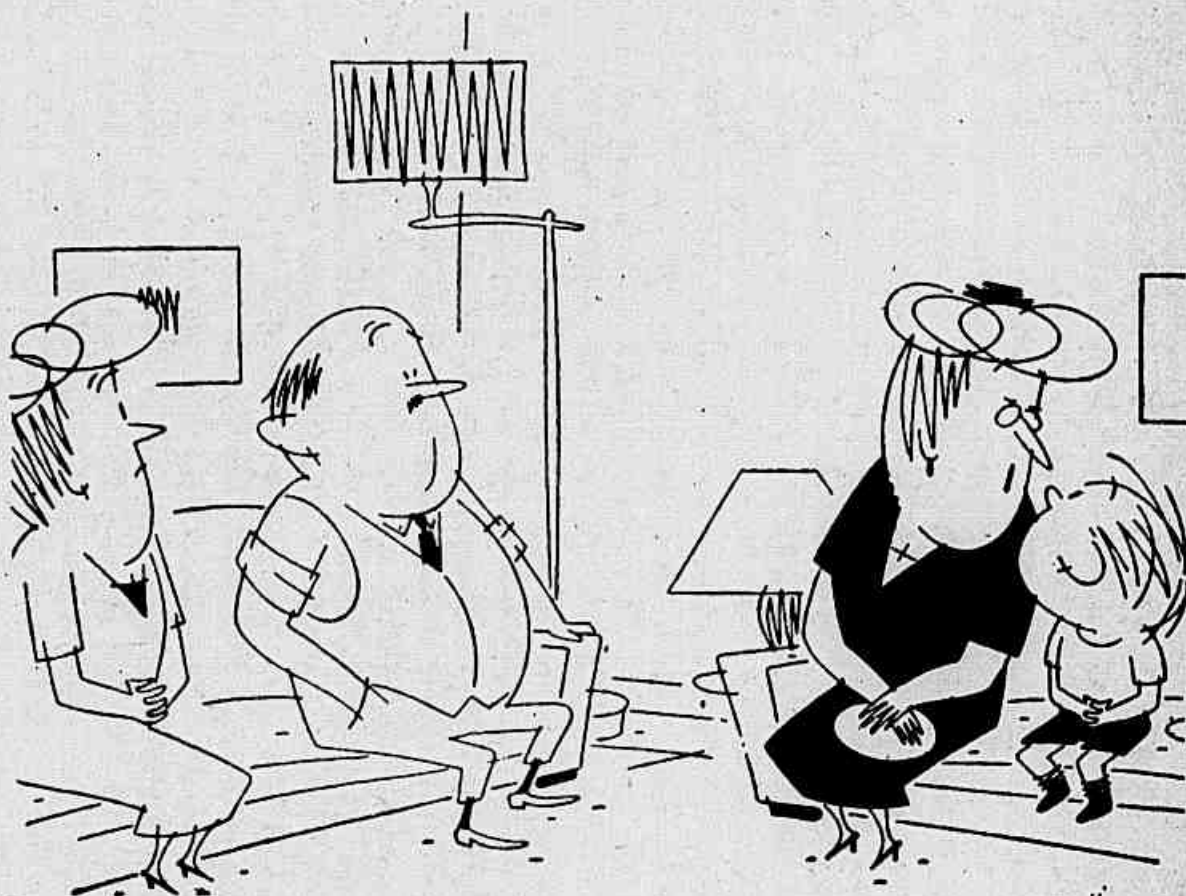
— Ou do "Real Mercador"? — bradou outro.

— Ou do "Desforra"? — ajuntou Messér Jeremias Sparrow. — Vai enforcar-te, covarde, ou, se o preferes, nada para os espanhóis e troca teu jaleco e meias molhadas pelo sambenito. Deixa vir o "dom", atire se puder, e desembarque se quiser. Chamuscar-lhe-emos a barba na Virgínia, como já lho fizemos em Cales!

O grande S. Filipe
Dos espanhóis orgulho,
Depois de incendiado
No mar deu um mergulho.

Mas Santo André o grande
E S. Mateus possante.
Tomados em combate
Lhes demos por d'avante.

— E o mesmo faremos com êste, meus senhores! Mete-lo-emos a pique, ou tomá-



— Pare de perguntar, menino. Não sei... Se o "seu Zeca e a espôsa" quiserem que jantemos com êles, sem dúvida nos convidarão!

lo-emos e mandá-lo-emos contra seus próprios galeões e galeotas!

Rataplan, rataplan, ressoam seus tambores; Tantará, tantará ingleses vencedores.

Sua voz formidável e elevada estatura prenderam e detiveram a atenção geral.

Sôbre o jaleco de sovado pano preto tinha enfiado as peças de armadura enfeijada que lhe defendiam o peito e as costas; sôbre os cabelos revoltos pusera um elmo nimiamente pequeno para sua cabeça; pendia-lhe ao lado um montante, e descancava-lhe no ombro uma lança.

De repente, de jovial intrepidez mudou-se a expressão de seu rosto em outra mais de acôrdo com a sua profissão.

— A nossa causa é justa, meus senhores! — bradou. — Representamos aqui, não só a Inglaterra, mas também o amor da lei, o amor da liberdade, o temor de Deus, que não desampará seus servos e sua causa, nem entregará ao Anticristo este mundo virgem.

— “Esta cultura é o levedo que fará crescer tôda esta terra, e em verdade Ele a esconderá na palma de sua mão e na sombra das suas asas! Deus das batalhas, ouvi-nos! Deus da Inglaterra, Deus da Inglaterra, Deus da América, ajudai os filhos de uma e os salvadores da outra!

Deixara cair a lança para erguer as mãos postas para o céu azul; mas logo a tomou de novo, endireitou os ombros e ergueu a cabeça. Pousou a mão na haste da bandeira, e encarou-a flutuando no ar.

— Como parece bem erguida tão alto, contra o azul do céu, não é assim amigos? — exclamou jovialmente. — Suponhamos que a conservamos ali para todo o sempre!

Um viva se ergueu, tão estrepitoso que fez calar, se não convencer os poucos medrosos. Quanto a Messér Eduardo Sharpless, tinha desaparecido por trás da fileira das mulheres.

O grande vaso de guerra singrou direito para a frente, com as velas brancas parecendo cada vez maiores, de momento a momento, com as suas baterias mais distintas e ameaçadoras, e com o seu aspecto mais desafiador. Sua amurada parecia apinhada de gente. Mas nem galhardetes nem bandeira.

Um círculo de fumaça subiu do convés do “Tigre”, e uma bala de um dos seus pequenos falcões atravessou por entre a mastreação do desconhecido.

Um viva à pequena e valente embarcação ergueu-se do meio dos ingleses.

— David e a pedra da sua funda! — exclamou Messér Jeremias Sparrow. — Agora as grossas bombardas de Golias!

Mas nem chamas, nem trovões saíram dos canhões, a bordo do desconhecido; em vez disso, de seu convés chegou-nos aos ouvidos o que nos pareceu extraordinariamente uma gargalhada atroadora. De repente, de cada tope de mastro e de verga desenrolaram-se galhardetes vermelhos e azuis, e no alto da pôpa subiram e desfraldaram-se ao vento as cruces de São Jorge e de Santo André, e, num estampido, cornetas, tambores e flautins tocaram.

“Alegre e velha cerveja bebamos!”

— Por Deus, a nau é inglesa! — exclamou o governador.

A nau adiantou-se com as bandeiras despegadas, a música a tocar e subindo-lhe do convés as risadas incessantes. O “Tigre”, o “Amor-Perfeito” e “Bom Lucro” não lhe atiraram mais pedras; viraram de bordo e formaram-lhe um comboio. O homem da vigia, velho lobo-do-mar, que viera com Dale, desceu gingando do seu pôsto, e veio correndo ter com o governador.

— Conheço-a agora, senhor! — exclamou. — Estive presente quando vencemos em Cales, e esta é a “Santa Teresa”, que tomamos e mandamos de presente à rainha. Já foi espanhola, senhor, mas é agora inglesa!

Escancararam-se as portas da fortificação e o povo, excitado, tornou a transbordar para a encosta. Achei-me ao lado do governador, cujo aspecto franco tinha uma expressão de profundo embaraço.

— Que pensais da nau, Percy? — disse ele. — A Companhia não manda gente de serviço, criminosos, aprendizes ou raparigas em tais embarcações. Não! Nem oficiais; nem mesmo governadores. É uma nau real, não há dúvida; mas o que vem aqui fazer? É o que convém saber. O que quer ela, e a quem traz?

— Breve o saberemos — respondi — Pois lá está deitando a âncora.

Cinco minutos depois um batel foi arriado da nau, e dirigiu-se ligeiro para nós. O batel tinha quatro remadores, e à pôpa vinha sentado um homem alto, de barbicha preta, corado, e trajado com magnificência. Aproou na praia uns duzentos pés do lugar aonde o governador, membros do Conselho, oficiais e outras raras pessoas se conservaram de pé a observá-lo e o grande navio que deixara. O homem, que vinha à proa saltou em terra, olhou em derredor, e então, caminhou para nós. Como vinha devagar, tivemos tempo para notar a riqueza do seu gibão e capa, o primeiro com fofos, e a segunda forrada de sêda escarlata — a arrogância de sua aparência e de seu andar, e a soberba e aristocrática beleza de seu semblante.

— É o homem mais belo que tenho visto!
— disse o governador.

Messér Pory, que ficava ao lado, tomou a respiração e tornou a soltá-la:

— Bastante belo, senhor — disse êle, — a menos que mais belo seja quem mais belas ações pratica. Aquêle, meus senhores, é milord Carnal — aquêle é o último valido do rei.

Capítulo VIII

NO QUAL ENTRA MILORD CARNAL

Senti tocarem-me no ombro e voltei-me para deparar a sra. Percy a meu lado. Tinha as faces pálidas, os olhos chamejantes, e todo o corpo tenso. A paixão que a dominava era tão claramente a raiva em supremo grau, que a contemplei atônito. A mão caiu-lhe de meu ombro para a curva do braço e aí pousou.

— Lembrai-vos de que sou vossa espôsa senhor — disse, em voz baixa e altiva. — Vossa boa e amorosa espôsa. Dissestes que vossa espada era minha; agora ponde o vosso espírito ao mesmo serviço!

Não houve tempo para indagar o sentido de suas palavras. O homem, cuja posição na côrte o secretário viera de anunciar, e acêrca do qual todos ouvíramos como tendo provavelmente de suplantar o próprio Buckingham, ali estava. O governador, com o elmo na mão, adiantou-se, o cavalheiro tirou da cabeça o chapéu es-

panhol; ambos se inclinaram profundamente:

— Falo a sua excelência o governador da Virgínia? — inquiriu o recém-chegado.

O tom de sua voz era natural e tornara a pôr o chapéu na cabeça.

— Sou Jorge Yeardley, para servir a Milord Carnal — respondeu o governador.

O valido ergueu as sobrancelhas.

— Não preciso dizer quem sou, parece-me — disse êle. — Descobristes que não sou o diabo, afinal de contas — pelo menos que não sou o Apollyon Hespanhol. Com a breca! Um gavião por cima de um quintal de criação não poderia causar maior distúrbio que o meu triste chaveco e as minhas poucas e fracas armas de passarinhar! Cada vela estranha vos obriga assim a uma formatura?

O governador corou.

— Não estamos na Inglaterra — respondeu, com certa dureza. — Aqui somos poucos e fracos e cercado de mil perigos, e precisamos ser vigilantes postados como nos achamos, por assim dizer, inteiramente ao alcance dessa Espanha que traz a Europa em sobressalto e que reclama esta terra como sua. Que aqui permaneçamos é já boa prova do nosso valor, milord.



— O senhor tem coragem de afirmar que foi meu filho, com a sua atiradeirinha, quem fez isso?

O outro encolheu os ombros.

— Não duvido do vosso valor — disse negligentemente. — Suponho que corresponda à vossa armadura.

Descansava por um momento o olhar no elmo amassado e na velha e enferrujada cota d'armas em que estava metido Messér Jeremias Sparrow.

— É, na verdade, alguma coisa antiga, fora da moda — confessou aquêlê cidadão. — Quase tão fora da moda como a cortesia da parte dos hóspedes, ou o respeito pelas autoridades da parte dos validos, cuja única fortuna está em sua formosura, ou dos que foram feitos lords por bastardia.

O silêncio consternado que sucedeu a estas audaciosas palayras foi quebrado por uma gargalhada do próprio valido.

— Pelas cinco chagas! — exclamou. — Trazeis a coragem nas mangas, bom gigante! Reputo-vos capaz de enfrentar espanhóis, "estrapado", roda, galés e tudo mais!

O orgulho com que falou, a insolência do seu olhar atrevido e lábio desdenhoso, a arrogância com que ostentou aquêlê favor real que devera ser um estigma mais infamante que o do carrasco, sua beleza, a pompa de seu traje, tudo era igualmente para ser odiado. Comecei ali a odiá-lo, mal sabendo porque, como o odiei mais tarde, com razão.

Tirou então do peitilho do gibão um papel, que ofereceu ao governador.

— Da parte d'El-Rei, senhor! — anunciou no tom meio altivo e meio motejador, que tornara seu. — Podeis lê-lo com vagar. É sua vontade que me auxilieis na pesquisa que aqui me traz.

O governador tomou o papel com reverência.

— A vontade de Sua Majestade é para nós lei — disse êle. — Tudo quanto estiver em nossas mãos, senhor; pôsto que, se vierdes em busca de ouro...

O valido tornou a rir.

— Eu venho em busca de uma coisa muito mais preciosa, sr. governador... Uma coisa para mim mais preciosa que todo o tesouro das Índias, incluindo Manoa e El Dorado... A saber, a coisa em que pus minha tenção. O que determino fazer, faço-o senhor; e a coisa que determino possuir... ora! mais cedo, ou mais tarde,

a torto ou a direito, por meios honestos ou outros venho a possuir! Não sou homem para ser contrariado ou desafiado impunemente.

— Não vos compreendo bem, milord — disse o governador, perplexo mas cortês. — Não há aqui ninguém que deseje contrariar em qualquer empresa honrada um fidalgo tão altamente colocado no favor real. Espero que Milord Carnal considerará minha pobre casa como sua durante o tempo em que permanecer na Virgínia... Que tendes, milord?

O rosto de milord estava vermelho, côr de púrpura, tinha os negros olhos em fogo e os bigodes subiam-lhe e desciam-lhe. Os dentes alvos cerraram-se-lhe com ruído sôbre a jura estrepitosa que interrompera as palavras do governador.

O honrado sir Jorge e a sua roda olhavam atônitos para êsse hóspede singular, com admiração não estreme de receio. Quanto a mim, conheci, antes que êle falasse, a causa da jura e do triunfo altivo que lhe transluzia no semblante formoso.

Messér Jeremias Sparrow tinha-se movido um tanto para um lado, expondo assim à vista o que a sua corpulência havia até então ocultado à observação — nomeadamente a sra. Jocelyna Percy.

Em um momento, o valido estava diante dela, com o chapéu na mão, inclinando-se até o solo.

— Minha pesquisa acabou onde eu receiava que apenas começasse! — exclamou, animado e exultante. — Encontrei a minha Manoa mais depressa do que pensava. Não me dais as boas vindas, senhora?

Retirou o braço do meu e fêz-lhe profunda mesura; depois ficou ereta, indignada e provocadora; seus olhos dir-se-iam estrêlas enfurecidas, suas faces duas rosas; o desdém pairava-lhe nos lábios sorridentes.

— Não posso dar-vos as boas-vindas, como voç deviam ser dadas, milord — disse em voz clara. — Tenho as mãos vazias. Manoa, milord, fica muito ao sul. Esta terra está inteiramente fora da vossa rota; não achareis aqui nenhuma compensação para os vossos esforços.

Fêz ligeira pausa e, noutro tom, voltou a falar:

(Continua no próximo número)

HÁ SESSENTA DIAS

MEMENTO de EU SEI TUDO

JUNHO DE 1956

1 — SEXTA-FEIRA: — O sr. Molotov, vice-presidente do Conselho e ministro das Relações Exteriores da União Soviética, pede demissão desse último cargo. O pedido de demissão é aceito pelo Soviet Supremo, que nomeia para o referido cargo o sr. Dimitri Shepilov, secretário do Comitê Central do Partido Comunista e redator-chefe do "Pravda". — No Egito, o presidente Abdel Nasser anuncia a dissolução do "Conselho de Revolução". — E o presidente Tito, da Iugoslávia, chega à Rússia, em visita oficial.

2 — SÁBADO: — As forças francesas matam 230 rebeldes e capturam 140 numa das maiores batalhas já travadas nos 17 meses de rebelião argelina. — O presidente da Iugoslávia, marechal Tito, e os altos dirigentes do Kremlin reafirmam, com grande entusiasmo, sua reatada amizade. — O "premier" Guy Mollet solicita à Assembléia Nacional um voto de confiança para toda a sua política; com isto, o governo espera fortalecer-se em sua missão de sufocar a rebelião argelina.

3 — DOMINGO: — Em discurso pronunciado por ocasião do 20.º Congresso do Partido Comunista Soviético, o sr. Nikita Krushtchev teria afirmado que "Num grande número de circunstâncias, Stalin deu provas de intolerância, de brutalidade e de abuso do poder. Em lugar de provar que tinha politicamente razão e de conquistar as massas, escolhia frequentemente o caminho da repressão e da extinção física, contra homens que não haviam cometido crime algum contra o Partido e contra o governo". — Resultados ainda incompletos das eleições presidenciais no Equador revelam que o sr. Enrique Ponce, candidato da Aliança Popular Conservadora, lidera o pleito.

4 — SEGUNDA-FEIRA: — A França e a Alemanha chegam a um acordo sobre o problema do Sarre, em virtude do qual esse território é devolvido à Alemanha. — O movimento clandestino cipriota grego, em represália pela captura de 17 dos seus principais elementos, elimina trágicamente dois soldados britânicos e ameaça intensificar o terrorismo em toda a ilha.

5 — TERÇA-FEIRA: — Por 271 votos contra 59 e 200 abstenções, o governo do primeiro ministro Guy Mollet obtém a confiança na Assembléia Nacional francesa. — O presidente Tito, aprova, em termos gerais a política exterior da União Soviética, num banquete oferecido em sua honra pelo "premier" Bulganin. — O sr. John Harding é alvo de ameaças de

morte por parte dos terroristas cipriotas. — Chega a Paris o sr. Parsifal Barroso, ministro do Trabalho do Brasil, que se destina a Genebra, onde participará da Conferência Internacional do Trabalho.

6 — QUARTA-FEIRA: — O "premier" soviético, marechal Bulganin, declara, numa entrevista transmitida pela Rádio de Moscou, que a Rússia vai reduzir suas forças armadas porque acredita que não há possibilidade de guerra. — E o presidente Tito, da Iugoslávia, reafirma que tem encontrado "absoluta compreensão" em suas conversações com os dirigentes soviéticos. — É assinado o decreto nomeando ministro interino da Marinha o almirante Renato Guilhobel.

7 — QUINTA-FEIRA: — O primeiro ministro da Rússia, Nicolai Bulganin, envia nova carta ao presidente Eisenhower, dando, assim, continuidade à sua correspondência sobre os principais problemas entre o Oriente e o Ocidente. — Enquanto o governo revolucionário argentino reorganiza seu gabinete, reduzindo o número de Ministérios de 17 para 13. — O sr. Anthony Eden declara na Câmara dos Comuns que a Inglaterra fará explodir uma bomba de hidrogênio no primeiro semestre de 1957, em região afastada do Oceano Pacífico. — Falece em Paris o escritor e filósofo Julien Benda, líder do movimento anti-bergsonista.

8 — SEXTA-FEIRA: — Sabe-se que a nova carta enviada por Bulganin a Eisenhower contém nova proposta da Rússia para o desarmamento mundial. — E o "premier" Guy Mollet ganha o terceiro voto de confiança em três dias, em torno do seu plano de aumentar as pensões dos anciãos. — O coronel Abdel Nasser é designado, pelos seus colegas do Conselho de Revolução, candidato único à Presidência da República do Egito na eleição que se realizará no dia 23 do corrente mês.

9 — SÁBADO: — Noticia-se de Buenos Aires um levante de tropas nas regiões de Mendoza e Santa Rosa. O movimento rebelde é de origem peronista e visa depor o presidente Aramburu. — Enquanto isso, o governo anuncia ter decretado a Lei Marcial em toda a Argentina para reprimir as agitações provocadas por elementos perturbadores. — O presidente Eisenhower é submetido a uma delicada operação intestinal, mas seus médicos afirmam que dentro de quatro ou seis semanas ele estará apto a reassumir suas funções e candidatar-se à reeleição em novembro.

10 — DOMINGO: — O presidente Eisenhower declina de um convite da União Soviética para que todos os chefes de Estado-Maior dos Estados Unidos visitem Moscou. — O general Pedro Aramburu denuncia a fracassada rebelião de ontem como um plano peronista para depor o governo revolucionário. — Segundo as últimas informações, já chega a 47 o número de rebeldes fuzilados, de acordo com a lei marcial, decretada na Argentina.

11 — SEGUNDA-FEIRA: — O chanceler federal alemão, sr. Konrad Adenauer, adverte às potências ocidentais de que devem manter unida a Aliança do Atlântico contra a ameaça soviética de dominação do mundo. — Tem início o julgamento, em corte marcial, de 250 detidos que participaram na revolta peronista de sábado e domingo últimos, na Argentina. — O presidente Eisenhower continua apresentando excelentes condições no atual estágio post-operatório. O presidente despacha pela primeira vez desde que baixou hospital.

12 — TERÇA-FEIRA: — Fontes oficiais argentinas anunciam que o general Juan Jose Valle, comandante-chefe da fracassada revolta peronista, foi fuzilado. — Enquanto o bloco dos países afro-asiáticos das Nações Unidas, concorda, por uma reduzida maioria, em pedir uma reunião do Conselho de Segurança, a fim de tratar do problema da Argélia. — E o presidente Eisenhower desafia a Rússia para que permita ao general Nathan Twining, chefe do Estado-Maior da Força Aérea Norte-Americana, visitar as bases aéreas soviéticas.

13 — QUARTA-FEIRA: — A opinião pública argentina encontra-se profundamente dividida em consequência do fuzilamento de rebeldes peronistas. O vice-presidente Isaac Rojas afirma que "os inimigos da democracia nos obrigaram a adotar medidas extremas de repressão", porém desmente a notícia de que "tenham sido executados centenas de rebeldes". — Nacionalistas cipriotas dinamitam a base aérea britânica de Akrotiri, dando origem a um terrível incêndio nos refeitórios.

14 — QUINTA-FEIRA: — O presidente Eisenhower faz um apelo em favor da libertação da Alemanha Oriental do regime comunista e da unificação das duas zonas do dividido país. — O governo republicano do Egito assina um decreto pelo qual se poderá condenar à morte qualquer presidente da República que, no futuro, tentar restaurar a monarquia no país. — Funcionários do Serviço de Informações da Alemanha Ocidental afirmam que a Alemanha Oriental está organizando um poderoso exército fanaticamente entregue à causa do comunismo.

15 — SEXTA-FEIRA: — O governo boliviano denuncia a existência de uma conspiração revolucionária, que foi revelada em cartas dirigidas ao ministro da Defesa, por elementos militares no serviço ativo. — O primeiro mi-

nistro Nikolai Bulganin anuncia oficialmente o reconhecimento do Marrocos e da Tunísia independentes por parte do governo soviético. — Segundo se noticia, a França deverá contar, até o fim deste mês, com um efetivo de 364.000 homens na Argélia. O objetivo do "premier" Mollet é contar com 400.000 aguerridos soldados para esmagar o Exército de Alá.

16 — SÁBADO: — Na Argentina, unidades das três armas das forças armadas continuam a apagar as cinzas da última e sangrenta insurreição peronista, com uma série de novas operações realizadas neste fim-de-semana. — 19 soldados britânicos morrem carbonizados no infernal incêndio florestal provocado pelos rebeldes cipriotas das montanhas do sudeste da ilha de Chipre. — Enquanto isso, as autoridades britânicas em Chipre impõem um rigoroso toque de recolher no setor grego de Nicósia como represália pelo atentado terrorista em que perdeu a vida o vice-cônsul norte-americano William Boteler.

17 — DOMINGO: — Proclama-se uma crise iminente no seio do comunismo mundial. É que o Partido Comunista da Itália parece estar às vésperas de libertar-se do domínio do Kremlin. Palmiro Togliatti, líder do P. C. Italiano, faz ataques frontais a Nikita Krushtchev. — O "premier" Nasser iça a bandeira egípcia sobre o último símbolo da ocupação britânica no Egito — o Canal de Suez — enquanto o chanceler soviético, Dimitri Shepilov, presente na cerimônia, declara que o seu país "é amigo dos estados populares que se estão libertando".

18 — SEGUNDA-FEIRA: — Os rebeldes argelinos assaltam uma cidade muçulmana a apenas 48 quilômetros de Argel e degolam dois funcionários do Serviço Público francês. — Mas por outro lado, forças francesas interceptam um grupo de rebeldes nos Montes Aures, matando 27 insurretos. — É aprovado, no Senado, o projeto que concede a anistia parcial.

19 — TERÇA-FEIRA: — Rebelando-se, pela primeira vez, contra o Kremlin, o Partido Comunista Francês censura o secretário geral do Partido Comunista Soviético por não ter consultado os comunistas dos outros países antes de iniciar a campanha contra a memória de Stalin. — O comando de um navio japonês revela haver encontrado provas de que, nas zonas de experiências atômicas dos Estados Unidos, realizou-se quarta-feira última, uma explosão de bomba de superurânio.

20 — QUARTA-FEIRA: — O marechal Tito e os dirigentes soviéticos encerram suas conversações com uma otimista nota oficial a respeito de uma nova fase nas relações entre os dois países comunistas. — O Conselho de Ministros francês aprova um projeto sobre a reorganização territorial da Argélia. Esta organização abrange a criação de doze departamentos argelinos, em vez dos quatro atuais. — E a polícia federal argentina está de posse

de um mandado judicial de prisão contra o ex-presidente Perón.

21 — QUINTA-FEIRA: — Em Buenos Aires, pistoleiros não identificados efetuam vários disparos de armas de fogo contra a residência do chefe do Estado-Maior da Armada argentina, capitão-de-mar-e-guerra Mário Robbins. — Ao mesmo tempo que se intensificam as atividades terroristas, os rebeldes argelinos advertem de que matarão cinco franceses para cada nacionalista argelino guilhotinado pelos franceses. Em seguida, se estabelece um cerrado tiroteio perto de Casbah, onde dois franceses são mortos e onze outros ficam feridos.

22 — SEXTA-FEIRA: — O presidente do Conselho de Ministros, sr. Guy Mollet, em discurso pronunciado na Casa da América Latina, declara estar a França disposta a todo o sacrifício pela Argélia. — O governador de New York, sr. Averell Harriman denuncia que o presidente Eisenhower e seu governo "criaram um desarmamento psicológico entre os povos livres", através de declarações "evidentemente falsas" de que a União Soviética é fraca e tem intenções pacíficas. — Enquanto o Partido Comunista Britânico une-se à revolta dos comunistas ocidentais contra Nikita Krushtchev, o homem que lidera a campanha de descrédito contra o falecido Josef Stalin.

23 — SÁBADO: — O Egito eleva-se hoje à condição de estado moderno, através de um plebiscito destinado a transformá-lo em república, e Abdel Nasser em seu presidente. — Intensifica-se o terrorismo na Argélia, com doze mortos e seis feridos numa escaramuça ocorrida na capital. — Cerca de 94 mil eleitores designarão os 52 membros do "Althing" da Islândia. Do resultado das eleições dependerá a sorte da base norte-americana de Keflavik.

24 — DOMINGO: — A União Soviética revela sete novas e poderosas unidades de sua força aérea, durante o maior desfile aéreo de sua história, que foi assistido pelo chefe do Estado-Maior da Força Aérea Norte-Americano General Nathan Twining e outros chefes aeronautas ocidentais. — O chefe do Partido Comunista russo, Nikita Krushtchev, num brinde erguido ao presidente Eisenhower, qualifica-o de homem honrado que cumpre o prometido.

25 — SEGUNDA-FEIRA: — O Congresso guatemalteco está discutindo o decreto de restrição das garantias baixado pelo governo. Enquanto o governo denuncia a existência de um movimento subversivo dirigido por elementos comunistas e anuncia que esse movimento acha-se controlado. — O presidente Eisenhower aceita formalmente o convite para assistir à conferência dos presidentes americanos, a ser realizada na capital do Panamá nos dias 21 e 22 de julho próximo.

26 — TERÇA-FEIRA: — O governo guatemalteco decreta o estado-de-sítio em todo o território nacional por trinta dias, em consequência das recentes manifestações estudantis. — Enquanto no Egito, o presidente da República levanta a lei marcial, exceto nas zonas contíguas à fronteira com Israel. — Em Cuba, o chefe de Polícia anuncia haver descoberto um plano revolucionário para assassinar o presidente Fulgêncio Batista. — Em virtude de ter perdido as eleições presidenciais no Peru, o presidente Odria resolve suspender as garantias constitucionais por 30 dias em todo o país.

27 — QUARTA-FEIRA: — O primeiro ministro Anthony Eden inaugura a Conferência dos Primeiros Ministros das Nações da Comunidade Britânica. Afirma Eden, na ocasião, que a reunião faz parte do processo para estabelecer uma ponte entre a Rússia e os Estados Unidos. — De acordo com o programa de Eisenhower, "Átomos para a Paz", é provável que o Brasil seja o primeiro país a receber um reator atômico para pesquisas.

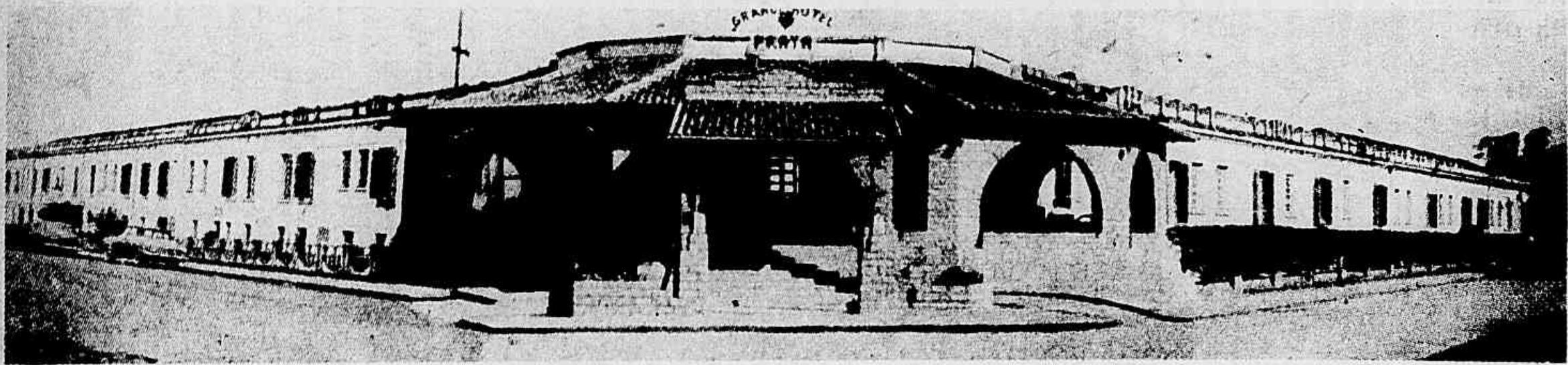
28 — QUINTA-FEIRA: — Explode violentamente um levante anticomunista na Polônia. Soldados e tanques poloneses, em Poznan, abrem fogo contra os trabalhadores que realizavam uma tumultuosa manifestação para conseguir "pão" e o fim da influência soviética. — As autoridades francesas anunciam que está sendo travado violento combate contra rebeldes argelinos, perto de Nedromam. — A Câmara dos Deputados comemora mais um aniversário de morte do marechal Floriano Peixoto; discursaram vários parlamentares.

29 — SEXTA-FEIRA: — O exército polonês consegue restabelecer a calma na cidade industrial de Poznan, depois dos distúrbios que causaram mais de 300 vítimas. — O Vaticano reconhece o governo e a independência de Marrocos. — O sr. Robert Lacoste, ministro com residência na Argélia, declara que ninguém acredita que o problema argelino possa ter uma solução puramente militar.

30 — SÁBADO: — O chefe do movimento clandestino cipriota, George Grivas, declara guerra ao governo britânico e afirma ser muito provável que os cipriotas estabeleçam um governo em futuro próximo. — Noticia-se que os rebelados poloneses da cidade de Poznan travam terríveis duelos a tiros com as tropas comunistas, pelo terceiro dia consecutivo do levante contra a dominação soviética. — Fontes não oficiais informam que os Estados Unidos fazem explodir, no Pacífico, uma bomba de plutônio e urânio.

◆
DISTRIBUIÇÃO DESTA REVISTA EM
SÃO PAULO
A. Zambardino
Rua Capitão Salomão, 69. Tel. 34-1569

Grande Hotel Prata



Vista geral do Grande Hotel Prata.

Águas da Prata

A «Vichy brasileira»

Soberana nas moléstias do estômago, dos intestinos, bexiga, rins, fígado e aparelho biliar e de poderoso auxílio no tratamento da gôta.

Estância de maravilhosa beleza, situada a 818 metros acima do nível do mar, de clima ameno em tôdas as estações do ano, AGUAS DA PRATA, oferece aos seus aqúistas recantos e passeios encantadores, tais como os de "Piscina do Boi", "Cascatinha dos Amôres", "Fonte Antiga", "Fazenda das Carpas", "Fazenda Chapadão", "Fonte Vilela", "Fonte Paiol", etc.

**GOZE AS SUAS FÉRIAS E ADQUIRA SAÚDE
NESTA MARAVILHOSA ESTANCIA**

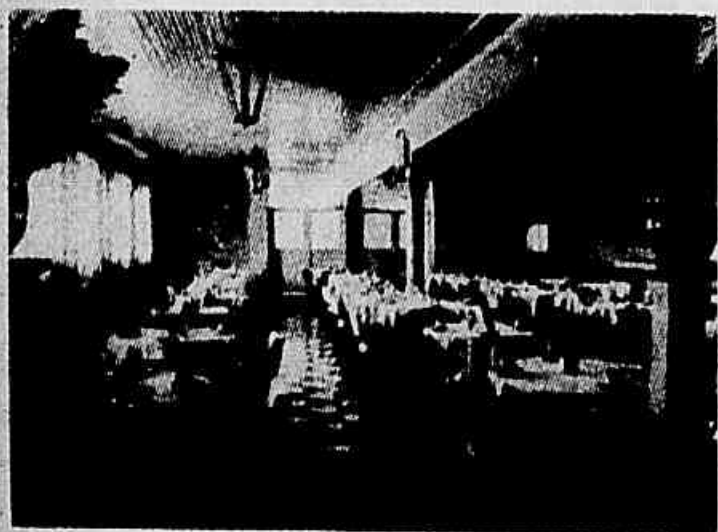
GRANDE HOTEL PRATA

a 100 metros da estação ferroviária e a duzentos das principais fontes de água mineral (Fonte Antiga e Fonte Nova) oferece-lhe todos os requisitos modernos, com alimentação sadia e abundante e regimes dietéticos. Amplos refeitórios, salas para festas, para crianças, salão de estar, ampla varanda de frente com excelentes cadeiras para descanso, barbeiro, manicure e moderno cinema.

Desconto de 20% em tôdas as diárias durante os meses de maio a junho e de agosto a dezembro.

Reservas de aposentos: «Emp. Exprinter» ou diretamente com o hotel. Telefones 20, 29 e 4 — Águas da Prata. Est. de São Paulo.

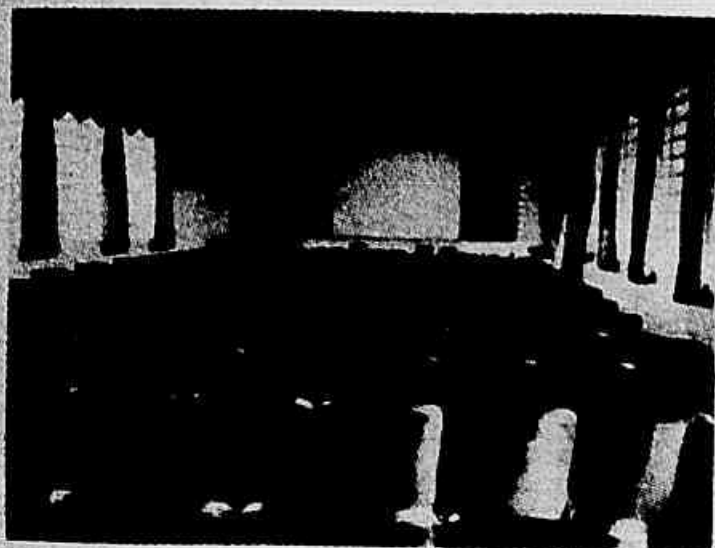
AGUAS DA PRATA é servida pelos excelentes ônibus da Viação Cometa e Expresso Brasileiro, Limousines, Nacional Transportes Aéreos, Panair — do Rio a Poços de Caldas — e Estrada de Ferro da Mogiana.



A grande e alegre sala de jantar, belamente arranjada e iluminada.



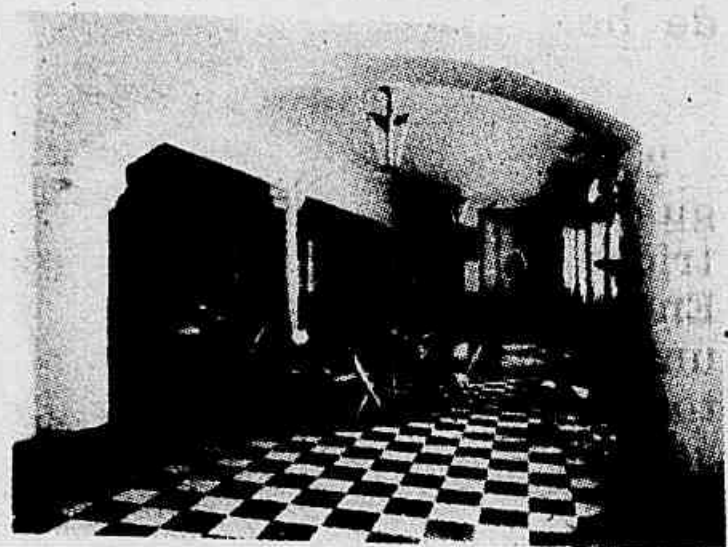
O confortável salão de estar, comunicando-se com a sala de jantar.



O moderno cinema, com bela projeção e confortáveis cadeiras estofadas.



Magnífica vista do salão de repouso, aparelhado com cadeiras para descanso.



Aspecto do agradável recinto próprio para jogos e outros divertimentos.

QUEBRACABEÇAS

ANO XL — Nº 3 — AGOSTO — 1956

DR. LAVRUD
DIRETOR
LUTÉRCIO
SECRETÁRIO

DICIONARIOS ADOTADOS — GUSTAVO BARROSO — PEQUENO BRASILEIRO — 9.ª EDIÇÃO — DICIONARIO DE NOMES PRÓPRIOS — DE LIDACI — MONOSSÍLABOS DE JAPYASSU E DE ZYTHO — PROVERBOS ORIGINAIS DO DR. LAVRUD E PROVERBOS DE LAMENZA

SENDO ESTA SEÇÃO DE DIFUSÃO DO CHARADISMO, NÃO PUBLICA TRABALHOS DIFÍCEIS

3.º TORNEIO — JULHO-AGOSTO-SETEMBRO

Onde a imparcialidade
Reinaria, com certeza.

Yonix, QLB (Rio)

LOGOGRIFO

— 52 —

(À memória de Plá, com saudade e carinho)

Choro em silêncio a tua morte. A ira — 6-3-2-5-9
De Deus não foi que esta agonia lenta
Trouxe à minh'alma, que afazer-se tenta
À evidência que eu creia ser mentira.

Minha irmã, o que agora me atormenta, —
1-2-3-4-5-9

O que me esmaga, e o ânimo me tira,
É a alegria que tínhamos em mira
Ver mudada em saudade assim cruenta.

Como à perda de um prêmio não gozado —
6-2-3-7-10-11

Sinto o meu coração despedaçado
Ante o drama a que em lágrimas assisto.

Ah! que esta vida em poeira se resume —
8-7-6-2-9

Dir-te-á teu guia protetor, teu nune:
Nosso Senhor, Filho de Deus — o CRISTO.
Lutércio, CEC (Rio)

— 53 —

O remédio é maravilha. — 6-7-5-9-10-8-2
Não é de luxo, entendeu? — 5-4-10-8-9
Pode dá-lo a sua filha,
Ao rico, ao nobre, ao plebeu. — 5-6-3-2
Com uma só gôta até um mono — 1-4-8-11
Tem leve e tranqüilo o sono.

Eurico II (Bauru, SP)

— 54 —

Ah, se a velhice pudesse, — 8-11-4-9-1
Ponderava um professor, — 7-1-9-6-4
Estacar a decadência — 2-3-12-11-10
Excessiva em bolor: — 5-6-7-8-10

Quanto mal se evitaria
Neste mundo de tristeza,

CHARADAS SINCOPADAS

55 — Três (duas) — Condenado pela Justiça,
conhecido político vai embora para o exterior,
fugindo à prisão.

Jovaniro, CEC (Rio)

56 — Três (duas) — Espanque o homem
guerreiro.

Paraná, TG (Rio)

57 — Três (duas) — De tal excelência foi
minha defesa, que fiquei livre.

Tia Joana (Caruaru, PE)

58 — Três (duas) — Travanca, que coisa
será?

Alô Tropina, CEC (Rio)

59 — Três (duas) — Eis mais um pândego
que surge.

Gil Vírlo (Andradina, SP)

60 — Três (duas) — Faça com esse couro
uma espécie de gibão.

José Coelho Vieira (Maceió)

61 — Três (duas) — Embora na prisão, não
há quem o corrija.

Laranjeirense (Laranjeiras, SE)

(Póstuma)

62 — Três (duas) — Argumento que se apóia
na razão: ninguém prospera sem capital.

Plá, CEC (Rio)

(Ao confrade Julião Riminot)

63 — Três (duas) — Quem não tem força
física costuma vencer as lutas só com habi-
lidade.

Mozart X (S. Paulo)

64 — Três (duas) — Pode-se, de fato, batizar a criança em casa, mas sempre é bom fazê-lo depois de ouvir tocar o sino.

Ismênia (Recife, PE)

65 — Três (duas) — Homem rústico não se acostuma em casa opulenta.

Mavícaro (Recife, PE)

(Ao Dr. Lavrud)

66 — Três (duas) — Seis horas... Ave-Maria! Silêncio... Neste solene instante o céu azul-marinho da noite que desce marca o minuto da contrição final.

Oswágrio Rodrigues

67 — Três (duas) — Menino incorrigível! Trepou na cimalha e quebrou o ornato.

Oarcim (Rio)

68 — Três (duas) — O patrão ficou zangadíssimo porque o operário partiu o dormente de pedra.

Seamva (Santos, SP)

69 — Três (duas) — O homem que ensina e luta contra a ignorância tem grande merecimento.

Yonix, QLB (Rio)

ENIGMAS

— 70 —

(À distinta colega Heron Silpes, agradecendo o "Pantólogo")

Relata com modo lhano
O marinheiro ao monarca
Sua odisséia no mar
Sòzinho na grande barca. (8 L)
El Príncipe (Uberaba, MG)

— 71 —

(Ao prezado H. França)
Há dentro da multidão
Um sujeito mentiroso
Levando a turba em ação
A um pântano perigoso. (7 L)
Mavícaro (Recife, PE)

— 72 —

O paxá com um harém
Divide o seu coração,
Que, afinal, é de ninguém
E nunca sentiu palxão. (5 L)
Alô Tropina, CEC (Rio)



JUVENTUDE ALEXANDRE



— 73 —

Oriundo do Oriente,
Com o mal no coração,
Nunca terá, certamente,
Esplendor em profusão.
Gil Vírio (Andradina, SP)

CHARADAS NOVÍSSIMAS

74 — Duas-duas — Quando se mete na bebedeira ela demonstra ter ciúmes de mim ao ponto de emagrecer.

Mavícaro (Recife, PE)

75 — Duas-uma — Julga o indiscreto que onde encontra liberdade não precisa ter cautela.

Mag, ACCB (Salvador, BA)

76 — Duas-duas — Conheço uma pessoa que tem uma falha, por doença, na ponta da língua.

Oarcim (Rio)

77 — Três-três — Coisa desagradável é o viver tristonho de quem mora numa gruta.

Paraná, TG (Rio)

78 — Duas-uma — Vê bem, companheiro. Ele só acerta com o acampamento indo pelo pequeno braço de rio.

Racsom (C Grande, PB)

79 — Duas-duas — O cavaleiro alemão ao serviço da França na Idade-Média tinha a reputação de ser preguiçoso.

Cydar (Belém, Pará)

80 — Duas-duas — Provisões em grande quantidade levou aquele moço extravagante.

Laranjeirense (Sergipe)

81 — Duas-duas — No íntimo eu tinha a certeza de que, fôsse qual fôsse a direção que o caso tomasse, eu seria prejudicado.

Asclépios, CEC (Rio)

82 — Duas-duas — Serviuihe de proteção o seu bom-senso, pois está realmente em desuso essa espécie de chairel.

Tutankamon, CEC (Rio)

83 — Duas-uma — Neste paredão de açude tem-se a impressão de que o vento nos vai arremessar longe.

Seamva (Santos, SP)

84 — Duas-duas — Estou satisfeito porque você diverge do pensamento de uma pessoa estroina.

Agrimonte (J. Pessoa, PE)

CHARADAS CASAIS

85 — Três — Tudo na vida segue um destino.

Cydar (Belém, PA)

86 — Três — Por que não encobre o seu fingimento?

Irls (T. Otôni, MG)

87 — Duas — Moça de categoria só gosta de carro claro.

Laranjeirense (Sergipe)

88 — Três — Vi, na penumbra, qualquer coisa pequena que me pareceu um camundongo.

Nilva, CEC (Rio)

89 — Três — Mascateiro, sim, em pontos afastados, mas levo comigo um valentão que se põe ao serviço de quem lhe paga.

Lutércio, CEC (Rio)

90 — Duas — Já viu homem sanguinário vestido de batina?

Rafinha (Pôrto Alegre, RS)

91 — Três — Olha que é segredo!

Sertanejo II (Lavras, MG)

92 — Três — Desfaz amizades, sim, o indivíduo que anda com o cabelo desordenado.

Sefton, CEC (Rio)

93 — Três — A cada um dos alheios erros devemos corresponder com ações opostas.

Seamva (Santos, SP)

94 — Três — O caipira mostrava-se muito zeloso com seu guarda-chuva velho e ordinário.

Tonnew (Rio)

95 — Três — Seu comportamento foi péssimo na passagem do canal.

Ajllu, CEC (Rio)



Há quasi
UM SÉCULO
Milhares de homens
em todo o Brasil
preferem este
colçado

**Calçado
SOUTO**

Conforto
máximo
Garantia
absoluta

96 — Três — Quando o sol está abrasador, minh'alma fica impaciente.

Ismênia (Recife, PE)

97 — Três — Todo sôco que acerta em chelo é aplicado com ação imediata.

Mavícaro (Recife, PE)

98 — Duas — Quem usa de mexerico abusa da sorte.

Mag, ACCB (Salvador, BA)

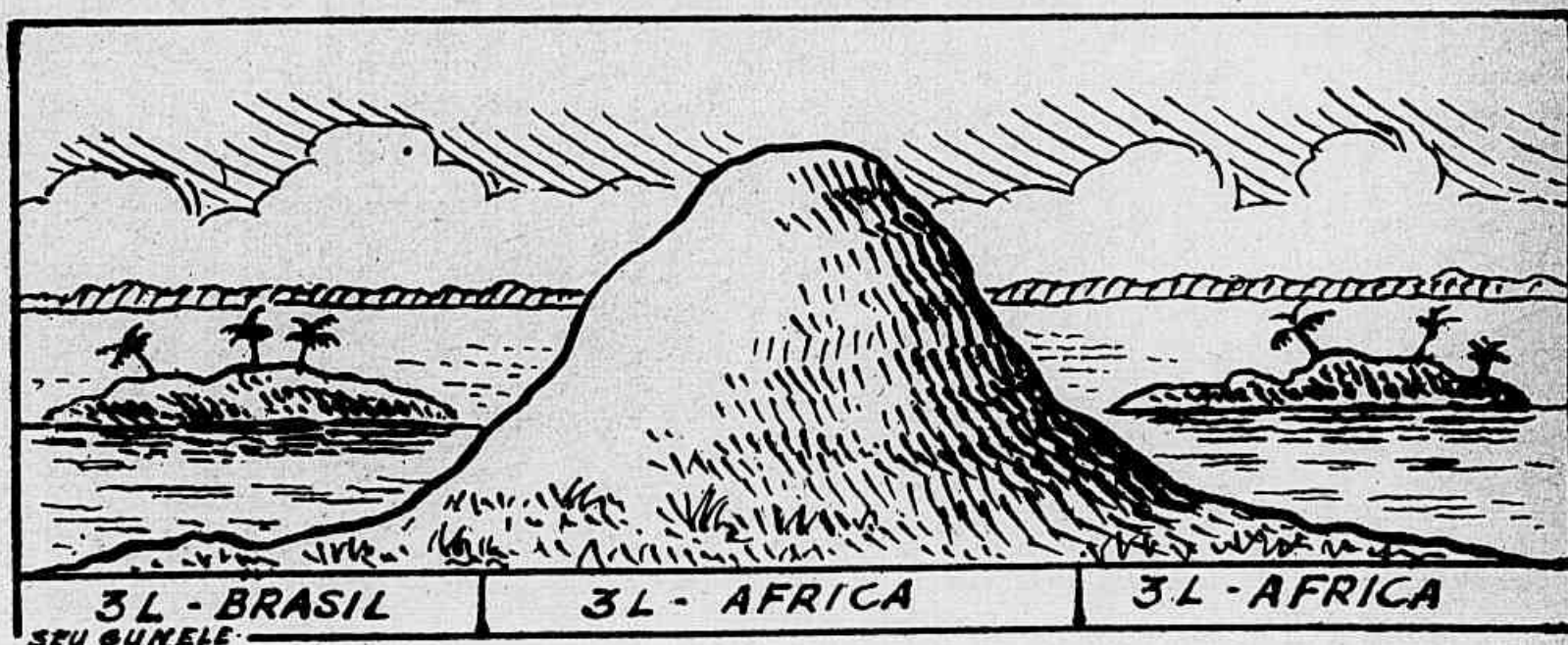
99 — Duas — Presumo que o não comparecimento dêle àquela festa foi só por capricho.

100 — Duas — Uma pilha enorme de sacos caiu e fechou o caminho.

R.A.C.H.A. (S. Paulo)

ENIGMA FIGURADO — 101

Seu Gunele (Pôrto Alegre, RS)

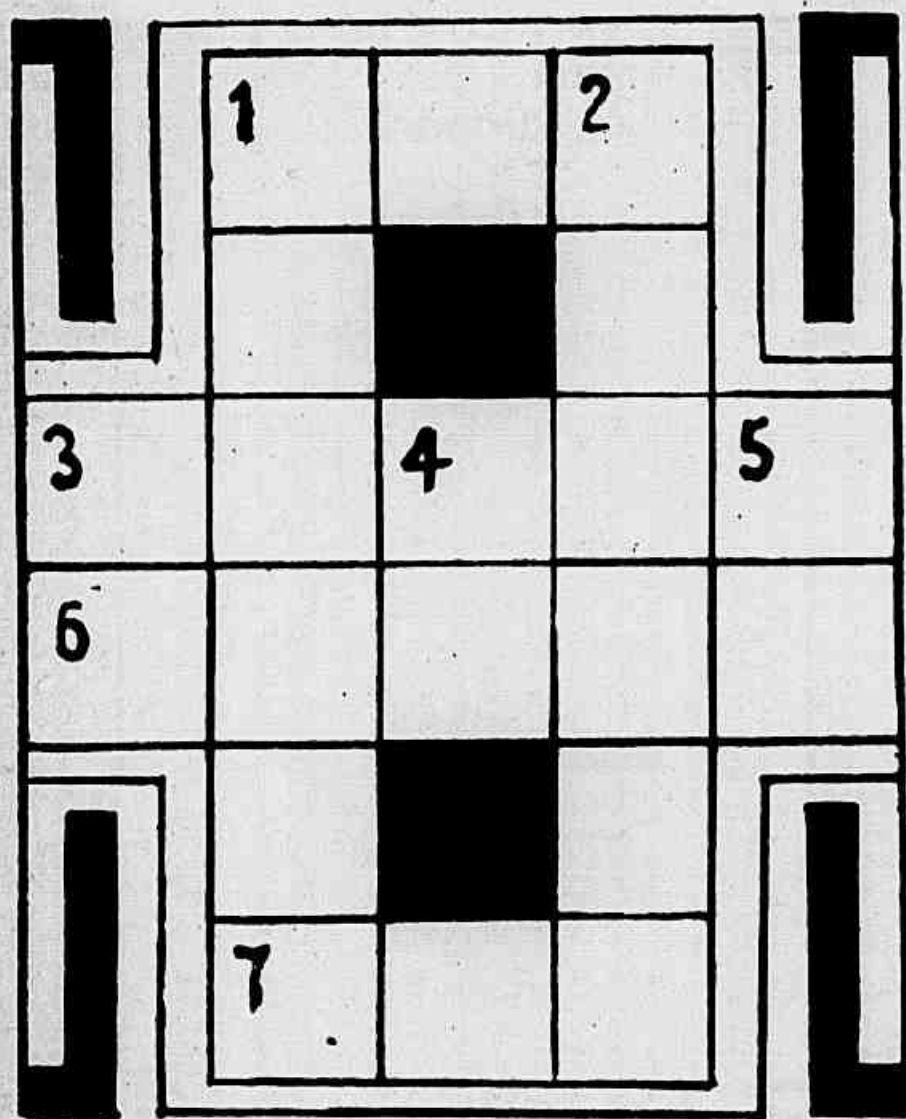


ENIGMA PITORESCO — 102



Alcidrade (Souzas, SP)

PROBLEMA N. 3



Oswágrio Rodrigues (S. Ana do Matos)

Horizontais:

1 — Ruído; 3 — Içara; 6 — Detestar; 7 — A plebe.

Verticais:

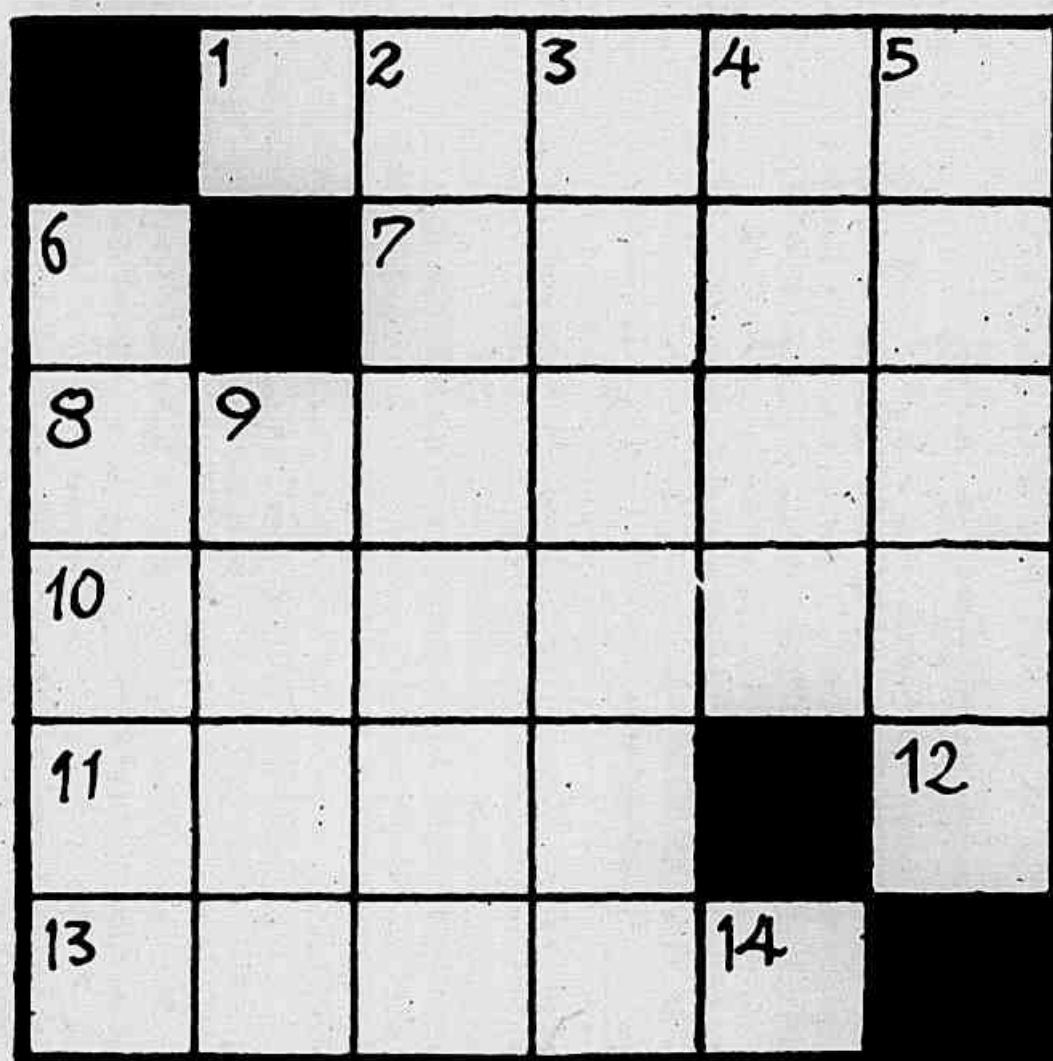
1 — Ligar; 2 — Habitação; 3 — Contração da preposição A com o artigo O; 4 — Espécie de vinho do Marne; 5 — Vento.

DISTRIBUIÇÃO DESTA REVISTA EM SÃO PAULO:

A. Zambardino

Rua Capitão Salomão, 69. Tel.: 34-1569

PROBLEMA N. 4



José Coelho Vieira (Maceió)

Horizontais:

1 — Hidrocarboneto parafínico de fórmula $C_{20}H_{42}$; 6 — Mas, também; 7 — Caução; 8 — Pus novamente em uso; 10 — Consertas; 11 — Abóbora; 12 — Abreviatura de autor; 13 — Árvore da família das leguminosas.

Verticais:

1 — Abreviatura de Eminência; 2 — Restinga de mata de carrascal; 3 — Agravai; 4 — Planície cercada de montanhas; 5 — Poupa a castigo; 6 — Nome próprio masculino; 9 — Vinho, considerado como excipiente medicinal; 14 — Abreviatura de Alteza.

CORRESPONDÊNCIA

Cartas recebidas até 25 de junho:

Gil Vírio (Andradina) — Recebida a colaboração para o Almanaque. Gratos.**Envergonhado** (Lisboa) — Recebemos a complementação da etapa de abril. Tudo em ordem.**Ajeru** (Pôrto Alegre) — Só aceitamos logogrifos em versos originais. Não nos interessam adaptações.**Yonix** (Rio) — Gratos pela colaboração enviada. Quanto às charadas sincopadas, só aceitamos as trissilábicas e no tocante a logogrifos só admitimos conceito com o máximo de 15 letras e extraído do título do verbete. Nosso objetivo é evitar a publicação de trabalhos de solução difícil.**Dr. Barreto Cardoso** (Maceió), **Fiote** (Cuiabá), **Donatila Borba** (Criciúma), **R. Kurban**, **Raul Petrocelli** e **Beatriz Cardoso** (S. Paulo) — Enviem-nos colaboração.**Tupi de Itaracá** (Belmonte, BA) e **Luís Carline** (S. Paulo) — Inscritos.



APARELHAMENTOS DE PROTEÇÃO CONTRA TODOS
— OS PERIGOS: NA TERRA, NO MAR E NO AR —

INDÚSTRIA BRASILEIRA

Óculos para esmeril e soldas — Capacetes para jato de areia — Extintores e cargas de todos os tipos e tamanhos — Capacetes e escudos de fibra para solda elétrica e oxigênio — Capuzes, luvas, aventais e roupas de abestos e couro para fornalhas — Escafandros e artigos para mergulhadores — Máscaras contra poeira "Delta" — Máscaras contra gases industriais.

DIAS GARCIA IMPORTADORA S. A.

Rua Visc. de Inhauma, 23-25 — Tel.: 23-2017 — End.
Tel.: GARCIA — RIO DE JANEIRO



Espartano (Pedra de Guaratiba) — Nada tem a nos agradecer. Prossiga. Sua colaboração foi bem recebida. Anote que só adotamos sinopadas trissilábicas.

Mozart X (S. Paulo) — Aplica-se ao confrade o que dissemos a Espartano.

Cydar (Belém, PA) — Recebidas a lista e a colaboração, que agradecemos. Contamos com o honroso apoio da turma do Pará com trabalhos bonitos e acessíveis aos novatos.

FALECIMENTO

Fomos dolorosamente surpreendidos com o passamento, no dia 12 de junho, de nossa ilustre colaboradora **PLÁ** (Placidina de Castro Ribeiro Pinto), sócia fundadora e benemerita do **Círculo Enigmístico Carioca**.

A extinta, que era irmã de nosso colega **Lutércio**, gozava de grande estima entre os enigmistas em geral. Era casada com o sr. **Luís Ribeiro Pinto**, figura exponencial do alto comércio desta capital, de cujo consórcio deixa seis filhos.

Ao seu sepultamento e à missa de sétimo dia compareceram grande número de charadistas e a Diretoria do C.E.C.

Nossos sinceros pêsames à família enlutada.

AVISOS

Prevenimos os nossos colaboradores de que qualquer trabalho destinado a esta seção está sujeito a alterações em caso de ser necessário enquadrá-lo nas exigências do nosso Regulamento ou reduzir-lhe a dificuldade. Esta regra se aplica também aos enigmas desenhados e às palavras cruzadas. Problemas capciosos, de qualquer espécie, serão recusados pura e simplesmente.

Tendo em vista a considerável majoração ora verificada nas tarifas postais, admitimos

que os decifradores que trabalham em conjunto nos remetam suas soluções em uma única lista assinada por todos.

VISITAS

Estiveram em nossa redação, proporcionando-nos grande prazer, os confrades **Atenas**, **Alô Tropina**, **Nilva**, **Ronega**, **Coringa**, **Santorum**, **Rafinha** (de Pôrto Alegre) e **Dopasso** (de Recife). Gratos.

DICIONÁRIO MONOSSILABICO ENCICLOPÉDICO

Do seu autor dr. **Paulo Japyassu Coelho**, o nosso velho e querido colaborador **Frei Paulino**, de Juiz de Fora, recebemos um exemplar da 3.^a edição do seu já conhecido **Dicionário Monossilábico Enciclopédico**.

É com justa satisfação que levamos esta notícia ao conhecimento dos nossos confrades que nos escrevem pedindo informações sobre esta obra.

Esta edição está aumentada e ligeiramente modificada, pois os símbolos químicos foram tirados do texto e colocados em parte especial no fim do livro.

Os nossos sinceros agradecimentos e parabéns ao **Frei Paulino**.

PRAZO

Para as soluções de cada mês: Distrito Federal e Niterói, 45 dias; demais Estados, 90.

Tôda correspondência sobre charadas deve ser dirigida para a redação de **EU SEI TUDO** — Rua Visconde de Maranguape, 15, e endereçada ao diretor desta seção:

DR. LAVRUD

— Se o cometa tem que esbarrar com a terra, que venha logo de uma vez! — exclamou o velhote, que se encontrava gozando férias no sul do seu país. — **A vrai dire, je m'en fiche!** — concluiu, curvando-se para seu canteiro de rosas, que pareciam interessar-lhe muito mais que todos os planêtas aparecidos e por aparecer.

E A TERRA CONTINUA... — A noite cai... **A noite do cometa!** Em quase toda a parte chove torrencialmente. Nas grandes cidades, as mulheres, resguardadas por enormes guarda-chuvas, correm para os "imperiais", os "landeaux", os "coupés", que eram os veículos da época. Chapéus voam, saias são levantadas pela ventania. Os transeuntes correm debaixo da chuva, dos relâmpagos e dos trovões. Em Paris, numerosos restaurantes, que organizaram um "Reveillon de la Comète" estão à cunha e esgotam suas reservas de champanha.

Em Colônia, Alemanha, as ruas fartamente iluminadas, ressoam com os clamores de um carnaval improvisado. Em Roma, todo o mundo está fora de casa e o Santo Padre ordenou que a Catedral de S. Pedro permaneça aberta toda a noite, Madrid, Viena, Berlim estão em festa. O Rio de Janeiro passará uma noite normal, com os teatros funcionando e a Maison Moderna à cunha, não havendo cerveja que chegasse. O que não impediu que pelos bairros e morros a população acendesse velas e não pudesse pregar olho, tremendo de medo. Nos Estados Unidos falam de uma nova doença nervosa, a "cometite"; ao mesmo tempo são organizados "Comet parties", que — segundo anunciam — fazem ver dois cometas em vez de um! (E acreditamos que fizessem mesmo).

E o cometa?

Informam que em Hamilton, nas Bermudas, centenas de "dockers" avistaram o cometa desde o alvorecer do dia 18, quando salvas de artilharia salvavam o novo rei George V. Na costa oriental do Canadá, tinha sido visto num céu inflamado e teria provocado medonha chuva de enxofre. O mundo inteiro parou de respirar. As horas passavam... e nenhuma catástrofe ocorria!

O cometa foi visível acima do horizonte, em todos os continentes, mas em horas que os astrônomos não haviam previsto. O mais estranho é que ele parecia haver perdido sua bela cauda luminosa! Uma decepção!

Mas, apesar de tudo, no dia seguinte, o 19, colossal arco-íris surgia através do sol, em pleno meio-dia. A única explicação que os sábios puderam dar desse fenômeno foi que a terra devia ter passado entre duas seções da cauda do cometa.

— O cometa passou e o mundo não acabou. Nada viram no Observatório, mas

O Cometa do Grande Mêdo

(Continuação da página 34)

puderam estudar sua passagem em Kiel — anuncia "Le Soir" de 21 de maio.

A título de consolação, a imprensa anuncia que o cometa será visível durante algum tempo, só desaparecendo no dia 30 de maio.

Apesar de tudo, certa gente continuou a ver "coisas" e a atribuí-las ao planêta. E, para premiar os amantes do sensacional, sua cauda tão anunciada reapareceu no dia 26 do mesmo mês, reacendendo o interesse suscitado pela angustiosa expectativa. Mas os astrônomos afirmaram que isso significava o caminho de retorno do planêta. E indicaram: dobrará Júpiter, Saturno, Urano e Netuno. Como quem anuncia: o avião fará a linha Buenos Aires, Rio, Dacar, Londres...

Os crentes não esqueceram de render graças ao Senhor. Os outros preferiram rir. Um riso um tanto amarelo, é verdade. Mas com que suspiro de alívio!

E logo no mês de junho surgiram as anedotas, as histórias maldosas com o mêdo do vizinho, as cançonetas populares, as revistas teatrais, tudo com relação ao cometa desmoralizado!

O "Petit Journal Illustre", de Paris, comentou, zombeteiro e quase zangado (depois do susto, é claro!): "E o tal cometa? Falhou tristemente, deixando-nos à espera das suas tropelias anunciadas e não cumpridas! Com certeza, molhou a cauda e lá se foi o fogo de artifício! Mas deixa estar... Da próxima vez, nem nos fará levantar o olhar para o céu. E de onde vem? Para aonde vai?"

O COMETA DE HALLEY, NA HISTÓRIA — Os cometas são os verdadeiros trens da imensidade. Periódicos ou esporádicos, aparecem súbitamente e súbitamente se afastam, no percurso de uma vertiginosa elipse alongadíssima, que lhes prescreve longos anos de carreira ou então a sua velocidade é ainda maior, a sua órbita um arco de parábola ou de hipérbole, e nunca mais os veremos; vêm do infinito e para lá retornam em busca de outros sóis vivificantes.

Com efeito, os raios solares parecem ser a vida desses fogos fátuos do infinito. Quando mais se aproximam do periélio e portanto do sol mais o seu brilho insólito se acentua e mais longa a sua cauda se torna. Ao afastamento do sol corresponde um decréscimo notável da sua luminosidade, até que a perde por completo. O cometa continua no seu giro eterno, mas o seu aspecto se modifica e a sua carreira, então, é feita nas trevas, sem que por isso se altere o caminho que a gravitação impõe à massa bruta, como se fôsse um instinto.

Foi Newton, a propósito do cometa de que nos ocupamos, o primeiro que incluiu os astros vagabundos na lei da gravitação, que rege o universo, e foi, baseado nessas

idéias, que Halley, calculando a marcha do cometa de 1682, encontrou tais semelhanças com as aparições de 1531 e 1607, que as identificou, anunciando a sua volta para 1759.

De fato, fiel ao apêlo do sábio inglês, atraído irresistivelmente pelo sol, apareceu na data prevista, três anos depois da morte de Halley.

Ora, este rei da velocidade, que leva 76 anos a percorrer a sua órbita, tem deixado na Humanidade terríveis impressões.

Uma aparição de que a história nos fala detalhadamente, provocou o maior terror na França, e remonta ao reinado de Luís I, ano 837 da nossa era.

A tradição caprichava em aliar à pessoa do rei o vaticínio funesto do astro, e desde que apareceu no céu da França antiga o cometa, não mais teve descanso o rei Luís. O povo chorava, aliando às lágrimas clamores dementes de animais ameaçados pelo fogo; o rei ocultava as lágrimas e o medo, enquanto esperava o astrólogo, ansiosamente chamado. As suas respostas, porém, não satisfizeram o rei, que, para afastar o perigo iminente anunciado pelo astro cabeludo, resolveu que o seu povo erguesse preces ao céu, que a sua corte jejuasse e que se comesçassem a construir novos templos. Passados três anos — e já o futuro cometa de Halley gravitava, de novo invisível, a bilhões de quilômetros da terra, morreu o rei; não faltaram, então, historiadores que ligassem a sua morte à visita do astro.

Idênticas cenas de pavor se repetem em 1066, época em que Guilherme da Normandia empreendeu a conquista da Inglaterra, ficando essa aparição memorável na história.

Séculos mais tarde, a aparição do cometa ocorre novamente, em condições de extrema nitidez e de insólita grandeza, o que produz um novo frêmito de angústia na Humanidade e mais acentuado que os precedentes.

Corria o ano de 1450 — três anos depois da tomada de Constantinopla pelos turcos. A invasão dos infiéis fazia tremer a Europa quando, de súbito, como sempre, apareceu no céu, um cometa colossal. Os observadores do tempo legaram-nos a im-

pressão de um horrível monstro aéreo, o que não admira, atendendo à tensão dos espíritos.

Podem ser classificadas de selvagens certas cenas então desenroladas para conjurar o perigo celeste. Houve gente que imolou voluntariamente a vida à suposta cólera do cometa. Houve suicídios e cenas de loucura. Inúmeras criaturas ficaram para sempre paralisadas de espanto.

É no meio desse singular delírio que o papa Calixto III ordena o toque dos sinos ao meio-dia, para chamar o povo à prece conjuradora. Este toque passa a ser, desde então, um dever dos sineiros e a sua hora transferida para o pôr do sol.

Foi, assim, o cometa de Halley, que fez nascer as atuais Ave-Marias.

UMA RÉPLICA DO CASAL PIERRE E MARIE CURIE

O "Prêmio Essec", de Cancerologia, no valor de 2 milhões de cruzeiros, concedido pela "Escola Superior de Ciências Econômicas e Comerciais" de Paris para recompensar o melhor trabalho do ano sobre o câncer foi atribuído ao dr. Bernard Kullman, da "Faculdade de Ciências", de Paris, e sua esposa, do Centro Nacional de Investigação Científica.

ISTO SIM É "MASCOTE"

"TROMBOLINO", cão de propriedade de um mendigo, ganhou 10 mil cruzeiros em um concurso celebrado em Roma para premiar o "vira-lata" mais ordinário e feio!

EM SÃO PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE

A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 280,00 — Casal 380,00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)

SÃO PAULO — End. Telegr. "PRINCIPEHOTEL"



O Sol a Serviço do Homem

(Continuação da página 65)

convencionais muito caros, o sol é, sem dúvida, o meio mais econômico para aquecer as casas e a água necessária ao lar. Em várias regiões do mundo a necessidade primordial, do ponto de vista da comodidade, não reside tanto no aquecimento das casas, no inverno, porque também há o problema da sua refrigeração, durante o verão. E aqui nos encontramos ante a paradoxal possibilidade de utilizar o calor do sol para refrescar nossas casas. Graças a uma bomba-térmica, como as que funcionam nos refrigeradores comuns, é possível retirar o calor de onde não se precise dê-lo e dirigi-lo para outro lugar. Na maioria dos refrigeradores, a bomba térmica é movida por meio da energia elétrica, porém, em algumas cidades do interior os refrigeradores funcionam com o calor gerado pelo que-rosene. O sol pode muito bem fornecer a força motriz necessária para mover uma bomba térmica, e se fôr utilizado o calor do sol para fazer funcionar uma dessas bombas que levam o ar quente do interior da casa para o exterior, estará conseguida a refrigeração da mesma com o calor do sol.

É evidente que, combinando essas duas aplicações, será possível ter ar condicionado tanto no verão como no inverno, o que acarretará uma importante redução no consumo dos combustíveis convencionais. É também fora de dúvida que se teria dado um grande passo na solução do problema do "smog" (névoa carregada de fumaça) que já é problema bastante sério em muitas zonas industriais.

Esta utilização direta do calor solar não concentrado já é realizável do ponto de vista econômico; mas a possibilidade de concentrar os raios solares mediante espelhos côncavos e utilizar as altas temperaturas assim obtidas para fazer funcionar máquinas a vapor ou aparelhos semelhantes, que utilizem como matéria-prima outra coisa que não a água, é ainda um tanto remota. Salta logo à vista a importância que têm esses motores solares no bombeamento da água destinada à rega nas zonas áridas. Em geral, os agricultores não precisam regar seus campos nem na estação chuvosa nem durante a noite, isto é, quando não pode contar com a energia solar; regam apenas quando brilha o sol e, por conseguinte, quando dispõem dessa força motriz.

O indispensável é chegar a produzir pequenas máquinas geradoras de calor a um preço reduzido, e parece que já foi encontrada solução para esse problema, especialmente na Itália.

A mais espetacular das possibilidades surgidas (mas que até o momento não é economicamente realizável), é a conversão direta da luz solar em eletricidade, me-

diante aparelhos especiais como, por exemplo, a "Bateria Solar de Bell", recentemente aperfeiçoada. Um me-

tro quadrado deste material exposto a uma luz solar intensa produz uns cem volts de energia, e o teto de uma casa coberto com essas baterias, produziria durante as horas em que há sol, mais energia elétrica do que a necessária para suprir um lar. A bateria solar, infelizmente, é um aparelho demasiado caro para aplicações domésticas, não devendo ser esquecido, porém, que a história da ciência demonstrou, em várias ocasiões, ser possível reduzir consideravelmente o preço de um novo artefato desde que a procura seja suficientemente grande para justificar sua produção em massa.

É de se esperar que o mesmo ocorra com relação a essas baterias.

A "Conferência do Arizona" demonstrou, por conseguinte, que, se a energia solar é gratuita, não é possível, por outro lado, aproveitá-la sem certos gastos. Ficou também claramente estabelecido que já estamos em condições de aproveitá-la de forma tão econômica como qualquer outra fonte de calor de baixa temperatura, e que com o correr dos tempos surgirão outras possibilidades que se converterão em realidades de caráter prático.

Segundo os antropólogos, o homem sobrepujou o animal quando aprendeu a utilizar o fogo. Os antigos gregos atribuíram este dom — o mais apreciado de todos — a Prometeu, que, de acordo com a lenda, o havia roubado do céu para ser usado pelo homem. Agora, os homens de ciência, transformados em modernos Prometeus, estão aprendendo a utilizar o fogo do sol, do qual depende diretamente a vida neste planeta.

DUAS FÓRIAS

EM Paris, Leon Sellier arremessou sua mulher do quarto andar do edifício onde residia por ocasião de um repentino acesso de cólera. A mulher caiu sobre o tódo de uma loja sem sofrer ferimentos, subiu novamente para o apartamento e feriu gravemente o marido, desferindo-lhe uma garrafada.

EXEMPLO A IMITAR

OS três milhões e meio de cães existentes na Inglaterra rendem para o Estado cerca de 200 milhões de cruzeiros... em imposto. Se a Prefeitura do Distrito Federal resolvesse cobrar impostos sobre posse desses animais e direito dos donos levá-los à rua para sujar calçadas, aumentaria muito a sua receita.

Colston entrou novamente no hotel, saboreando a amenidade da temperatura, mais agradável agora porquanto se achava mesclada com o aroma da refeição prestes a ser servida.

— Venha ver nossas cozinhas — sugeriu o gerente. — Meu nome é Gavrileau.

— Chamo-me Colston.

Estreitaram-se as mãos solenemente, antes de cruzar o vestibulo, dirigindo-se, em seguida, para uma porta que se abria para um pequeno corredor lateral, em cujo extremo se achava a cozinha, ampla, limpa e bem aparelhada. Colston foi apresentado à sra. Gavrileau, mulher jovial, quase tão roliça quanto o marido e que presidia eficientemente os fogões, enquanto seus três jovens auxiliares entravam e saíam ininterruptamente.

— Há apenas uma coisa que me intriga — observou Colston. — Este edifício é por demais importante para ficar situado neste fim de mundo; e, segundo me parece, existe ainda um pavimento superior.

Gavrileau fez um gesto, como se lavasse as mãos e fugisse à responsabilidade do fato.

— Não foi construído especificamente para um hotel. É uma história que pertence aos tempos da guerra. Forças aéreas e navais... marinheiros dos contratorpedeiros... Naquela época, o Atlântico Norte era zona de combate e este lugar foi palco de inúmeras aventuras. Porém, quase nunca falamos a esse respeito. Pode exercer influência prejudicial ao espírito dos hóspedes.

— Não para mim! — afirmou Colston. — Deve ter sido um lugar ideal para repouso dos combatentes.

O capitão Knox e seus companheiros de tripulação tomavam leite numa das mesas do fundo do salão. Mesmo sem microfone, o capitão parecia fazer comunicações ao público; e logo que acabou de comer, falou:

— Estive em comunicação com New York, através do rádio — disse ele, aos presentes. — Parece que a nossa peça já se encontra a caminho. Assim, vamos ter que passar a tarde inteira aqui, e se alguém deseja jogar uma partida de pôquer ou de bridge...

Viagem a Shangri-Lá

(Continuação da página 18)

Colston perguntou a sua companheira se ela desejava jogar.

— Não. Seria melhor que você me emprestasse seus óculos negros a fim de que eu possa sair e ver a paisagem.

— Com muito prazer. Mas, volte logo. Você já viu tudo?

— Neve. Nada mais!

— Montanhas longínquas.

— Neve... Montanhas... e paz!

— Também chegou a esta conclusão!

— Sim. Como você disse: é o que o meu médico teria recomendado.

— E é o que a mim o meu recomendou, um pouco antes de minha partida de New York. Mas nunca sonhei encontrar um tal lugar!

— E... Que era o que você tinha?

Como Colston não respondesse, ela acrescentou:

— Diga-me... se alguma vez sentir necessidade.

Dez minutos depois que ela saíra, Colston foi ao seu encontro, cobrindo os olhos com a mão, a fim de se defender do deslumbramento branco. Encontrou-a contemplando um cão que dormia profundamente.

— Vai tudo muito bem — gritou ela, alegremente, notando sua aproximação. — Este cão é tão preguiçoso que nem se move com a minha presença.

Começaram a sentir os efeitos do deslumbramento e ao entrar novamente no hotel mal podiam ver. Falavam de coisas banais, enquanto nas mesas que os rodeavam, o jogo se tornava cada vez mais renhido e ruidoso.

— Lamento o destino daquele cão — disse ela. — E só não o contemplei por mais tempo porque você me seguiu.

— Não tem importância.

— Você sabe que tem, mas não me conte nada, a menos que lhe venha do coração.

Inclinando-se para ela, por cima da mesa, Colston falou:

— Nada tenho que contar. Há aproximadamente dois meses sofri terrível depressão... por causa da morte da minha mulher. Morreu trágicamente. E para ser absolutamente sincero devo esclarecer: fui eu quem a matou!

Baixou o olhar e apressou-se em acrescentar:

— Bem, naturalmente que não a matei no sentido legal da palavra. Foi um acidente. Mas é somente a legalidade o que importa? Compreendo que a pergunta é um tanto imprópria para ser formulada por um advogado, e esta poderia ser a prova de que ando transtornado... Talvez haja trabalhado em demasia e precise realmente dêse repouso, que o médico prescreveu, ao invés de viajar pela Europa, aconselhando os clientes a que não paguem os impostos.

— Por que faz isto, então?

— Porque, no momento, prefiro ir a qualquer lugar a ficar em casa... Exatamente como você, pelo que suponho.

— Onde fica a sua casa?

— Num lugarejo do Estado de New York, perto de Kingston. Mas resido temporariamente em New York, num apartamento.

— E os cães? Você disse que tinha alguns.

— Levei-os para uma pensão de cães. Era impossível ter quatro num apartamento!

— Quatro?

— Sim. Gosto muito dêses animais.

— De que raça são?

— Alsacianos. São belíssimos. Um deles ganhou o primeiro prêmio numa exposição canina em New York.

Annrie pousou suavemente a mão sobre um braço de Colston.

Nesse instante, Gravileau, abrindo caminho entre as mesas, anunciou, sorridente:

— Senhoras e cavalheiros: são seis horas. A peça acaba de chegar de New York e o capitão Knox avisa do aeroporto que

espera levantar vôo dentro de uma ou duas horas. O jantar será servido no avião; mas, enquanto isto, o bar ficará à disposição dos passageiros!

Todos aplaudiram alegremente estas palavras. O bar ficava num pequeno salão situado no meio do corredor. Como todas as dependências do hotel, era bem mobilado e Gavrileau se mostrou tão solícito no servir as bebidas como em tudo mais que fazia.

Agora que estava prestes a terminar essa permanência em Gull Bay, os participantes começavam a descobrir que a situação se estava tornando interessante.

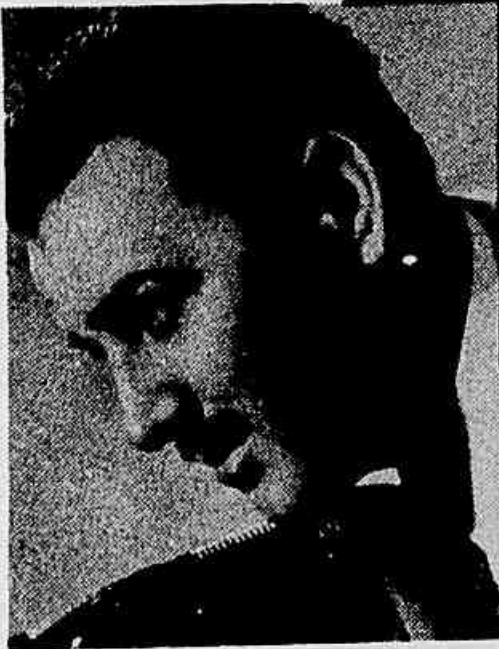
Iniciada por causa de um contratempo, já se havia convertido numa aventura, e ia terminar com uma bebedeira.

Depois de beber o primeiro trago, Colston olhou em redor e viu que Annrie tinha desaparecido. Algumas pessoas saíram com o copo na mão para o "hall". Talvez Annrie estivesse entre elas. Colston bebeu outro trago e conversou um pouco com alguns companheiros que se encontravam ao seu lado, mas sua curiosidade começava a alcançar um grau de verdadeiro nervosismo. Naquele instante ouviu-se uma voz que gritou:

"O primeiro ônibus vai partir imediatamente!" Annrie já estaria indo a caminho do aeroporto? Ou ainda estaria recolhendo os objetos de uso pessoal, que havia deixado no quarto das mulheres. Em todo caso, a idéia de que iam viajar lado a lado o reconfortava. Estava muito cansado, mas por cima da fadiga sentia uma trágica necessidade de algo que lhe era difícil identificar. Fosse o que fosse. Uma coisa, porém, era certa: Colston chegava a desejar que a permanência em Gull Bay se prolongasse por mais tempo. Ansiava

Academia de Acordeon
MASCARENHAS

A mais ampla e moderna academia do Brasil. O mais completo sortimento de músicas para acordeão. Escreva pedindo a lista e encomende pelo Reembolso Postal. Vendas de acordeões Scandalli



RUA ALVARO ALVIM
Nº 24 - 3º ANDAR
TELS.: 42-4615 e 42-5453
São Paulo -- Praça Júlio
Mesquita, 83, sobreloja
Tel.: 37-5679

por ficar ali de algum modo, como outros muitos haviam ficado: como um enfermo, convalescendo das doenças do mundo.

Começou a andar de um lado para outro à procura de Annrie. O hotel parecia entrar novamente na calma, deslizando sem esforço para a sua anterior rotina. Os viajantes eram outros tantos desconhecidos, contemplando a Europa que os chamava através da noite e do mar. Gull Bay voltaria brevemente a ser apenas solidão, silêncio e paz.

Aproximou-se da porta de entrada e saiu um instante. O sol se deitava, mas já por sobre os picos nevados aparecia o rosto pálido da lua.

Momentos depois, através do comprido corredor, viu a figura de sua companheira de viagem. Experimentou tal alegria que mal pôde falar.

— Pensei que você... Onde está a sua mala? Levá-la-ei com a minha no ônibus.

— Não, muito obrigada — respondeu ela, sorridente. — Não partirei mais esta noite.

— Que?

Sem deixar de sorrir, ela prosseguiu:

— Decidi permanecer aqui, no hotel, durante algum tempo. Já comuniquei à tripulação do avião, que também ficou bastante surpreendida.

— Surpreendida? E nem poderia ter sido de outra maneira... Mas, se é este o seu desejo...

Colston teve que enfrenar a terrível realidade, qual a de que se tomasse o ônibus, dentro de poucos minutos, jamais tornaria a vê-la.

— Sim, este é o meu desejo. Já lhe disse que não tinha feito nenhum plano. Sim-

plesmente, fugia da desventura... Agora estou bem.

— Este hotel é muito caro. Não sei se já lhe disseram...

— Mas, enquanto aqui permanecer, trabalharei. A sra. Gavrileau ofereceu-me um emprego.

— Emprego?

— Sim; por que não? Eles precisam de gente. As moças não querem ficar, apesar dos elevados salários. Por isso, a senhora Gavrileau acolheu a minha proposta com entusiasmo. Serei, provavelmente, a *garçonette* mais bem paga do mundo... sem ter a quem servir!

Vendo que ele não dizia nada, Annrie prosseguiu:

— Parece-lhe absurdo que eu pretenda morar aqui durante algum tempo?

— Não; não acho absurdo.

E, naquele instante, algo assim como um raio de luz penetrou nas trevas de sua alma. Então, continuou:

— Acontece que... Mas pode ser que isso, sim, lhe pareça muito absurdo... — falou noutro tom.

— Isso? Quê?

— Que também... por algum tempo...

E começou a rir. Depois continuou:

— Que tal se eu ficasse aqui, também, até a chegada do próximo avião, seja quando fôr? Haverá algum inconveniente?

BANCO DO COMÉRCIO S. A.

O MAIS ANTIGO DA PRAÇA DO RIO DE JANEIRO

FUNDADO EM 1875 — CAPITAL e RESERVAS Cr\$ 176.495.975,70

SEDE: RUA DO OUVIDOR, 93/95 — Telefone 43-8966

End. Telegr. «BANCOCIO» — Caixa Postal 633

AGÊNCIAS METROPOLITANAS

AGENCIA MEIER: Rua 24 de Maio, 1355 — AGENCIA TIJUCA: Praça Saenz Peña, 9 — AGENCIA S. CRISTÓVAO: Rua S. Luiz Gonzaga, 173 — AGENCIA RIACHUELO: Rua Riachuelo, 367 — AGENCIA URUGUAIANA: Rua Uruguiana, 7 — AGENCIA COPACABANA: Avenida N. S. Copacabana, 1155 — AGENCIA MADUREIRA: Estrada da Portela, 44.

AGENCIA NA CAPITAL DO ESTADO DE SÃO PAULO:

Rua Alvares Penteado, 196/200 — Caixa Postal, 8213.



COMO APRENDER A DANÇAR

7ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Chôro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início sem cavalheiro ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Avenida da Liberdade nº 120 — São Paulo.

Pedidos pelo reembolso postal: Cr\$ 70,00 — Caixa Postal 649 — São Paulo. A venda nas livrarias do Rio e São Paulo.

EM PORTUGAL: A venda na Livraria Clássica Editora Praça dos Restauradores nº 17 — Lisboa

— Felizmente, posso. A menos que me queira dar também um emprêgo. Será que aqui não há trabalho para homens? Em último caso, eu poderia guiar o ônibus ou manejar este elevador que quase não funciona.

Annrie pareceu intrigada. E êle, interpretando o

Assim, ao menos, terá a quem servir — e com quem conversar!

Annrie fitou-o calmamente, como para habituar-se à sua repentina mudança de humor.

— Se êste é o seu desejo, por que não?

— Então, fico! É uma idéia maravilhosa!

— Neste caso trate de avisar à tripulação. O último ônibus vai sair agora mesmo.

Já não encontrou nenhum dos membros da tripulação. Provavelmente haviam partido para o aeroporto. Falou com uma das garçonettes. Esta ficou atônita, mas estava demasiado ocupada naquele momento para explorar um enigma que, sem dúvida alguma, levá-la-ia muito longe retrospectivamente. Disse-lhe que êle deveria tratar da devolução do bilhete de passagem com a agência de New York, mas Colston mal prestou atenção a êsse conselho.

Ouviu-se o ronco do ônibus ao partir e, em seguida, tudo mergulhou no silêncio.

Annrie estava recolhendo os copos na mesa do "hall". E Colson a ela dirigiu-se com efusão quase febril:

— Tudo arranjado! Lá se foram sem nós. Mas não consegui encontrar o sr. Gavribeau em parte alguma.

— Está descansando. A sra. Gavribeau e as empregadas também estão dormindo. Trabalharam durante trinta e seis horas ininterruptamente. Por isso, não é de admirar...

— Avisarei, quando êle se levantar. Não acredito que faça alguma objeção. Um hóspede que paga é sempre bem recebido! E trinta dólares diários...

— Você pode pagar essa quantia?

seu olhar, prosseguiu:

— Venha. Quero lhe mostrar uma coisa.

Suas passadas ressoavam através dos corredores e dentro dos quartos vazios, os quais, na desordem em que os deixaram seus ocupantes, e o cheiro de fumo, davam a impressão de distantes recordações. Colston conduziu-a para o elevador.

— Está vendo isto? Em cima há um pavimento que não utilizam. Sabe com que finalidade foi construído êste edifício? Hospital. O elevador foi feito de maneira a elevar camas e padiolas. E êstes dormitórios eram as salas que serviam aos serviços hospitalares.

Apagou a lâmpada e a luz da lua penetrou através das janelas, iluminando as camas.

— A claridade é tanta que quase se pode ler — observou Colston. — De que maneira serão lembradas estas salas? Haverá, certamente, quem as recorde com amargura. Entretanto, não sei por que, imagino que êste foi também um lugar feliz. Aqui, muitos homens se restabeleceram entre a neve e o silêncio. O mundo exterior tudo fêz a fim de destruí-los, mas aqui êles encontraram a paz e a saúde. Sim; naquela época, houvesse eu sido um médico e você uma enfermeira, teríamos andado por entre essas fileiras de camas, falando das desgraças alheias, em vez de lamentar as nossas.

De repente ouviram um leve ruído vindo do lado da porta que dava para o corredor. Ao voltar-se, viram um enorme cão, que, como um fantasma, os contemplava, balançando a cauda branca à luz da lua.

Annrie apertou nervosamente o braço de Colston. E o animal, sentindo-se observado, fugiu correndo.

Deve ter ficado desabrigado após a saída do ônibus. — comentou Colston. — O calor do motor sempre os atrai.

E continuou, afetando não dar a menor importância à súbita aparição do cão:

— Mas quero lhe contar como ocorreu o desastre com a minha mulher. Num domingo de tarde havíamos saído para um passeio de automóvel pelos arredores de nossa casa. Fiz uma curva fechada para não matar um cão vadio. O carro derrapou e ela morreu esmagada pela porta. Embora levemente, também eu fiquei ferido. E aquele cão se aproximou de mim, tentando lambê-me as mãos. Enxotei-o a pontapés, mas, depois, me arrependi. Nunca devia ter feito aquilo...

— Por favor... não se atormente dessa maneira.

— Um animal negro, de tamanho regular. Provavelmente um mestiço. Saiu correndo e nunca mais tornei a vê-lo. E depois daquilo compreendi que não poderia mais suportar a presença dos meus próprios cães. Amar algo que não se podia mais amar... Torturar algo que não se podia nem devia torturar... Nunca pude contar esta história a alguém... Alguns amigos julgaram que eu estivesse desequilibrado.

Colston procurava a todo custo abreviar a história que contava.

— E quanto a você, Annrie? Disse que já está curada. Que seu problema está superado. Teria conseguido, isto, esquivando-se dele? Há algo em sua vida que você detesta e ama ao mesmo tempo. Seria a América? Talvez por não ter tido sorte nela, até agora? Isto há de passar, tenho a certeza! Você devia tentar novamente... Eufim, quem sou eu para lhe dar conselhos? Faça como achar melhor...



INSUFICIÊNCIA RENAL

Para uma boa saúde, é indispensável que tenhamos os rins em perfeito funcionamento. Quando isso não acontece, as impurezas e toxinas que deviam ser por eles eliminadas pela urina, permanecem no organismo, causando-nos sérias dores.

É por esse motivo que as Pílulas De Witt, altamente recomendáveis no tratamento dos rins, normalizando o seu funcionamento, facilitando, também, o trabalho do aparelho urinário, são de comprovada eficiência, nos distúrbios provenientes do mau funcionamento dos rins e irregularidades urinárias.

Pílulas DEWITT
Para os Rins e a Bexiga

— Então, permita-me que lhe dê alguns conselhos... sobre cães.

— Ainda êsse tema?

— Sim, seus cães... Os quatro alsacianos. Quando tiver passado algum tempo aqui; quando tiver repousado bastante; quando nós dois tivermos voltado... você poderá levá-los para casa outra vez. Tenho certeza de que eles se alegrarão — e você também!

Ambos ficaram em silêncio ao ouvir outro ruído distante. Um prolongado e surdo roncar que parecia provir de todos os cães do mundo.

— O avião que vá embora! — disse Colston.

E então estreitaram-se fortemente, num abraço que não significava temor.

A partir de outubro do corrente ano os soldados de infantaria do Exército norte-americano estarão dotados de um novo capacete, provido em seu interior de um receptor de rádio com antena telescópica. Cada soldado também terá o seu correspondente radar.

A estatura mínima dos professores escolares, no Japão, será de um metro e cinquenta e dois centímetros. Esta decisão acaba de ser adotada pelo governo de Tóquio, que explica o motivo porque assim resolveu: um professor de pequena estatura não tem autoridade sobre os alunos.

ximidades. Perguntou ao camponês porque êle considerava aquela terra tão preciosa.

— Deus sabe como fazer boa terra, e revelou o segredo às minhocas — respondeu o velho agricultor.

LEGUMES E FRUTAS À VONTADE

— Profundamente impressionado, Barret começou a estudar o problema e não demorou muito a ficar convencido da utilidade das minhocas. Dez anos mais tarde, tendo sido vítima de maus negócios e possuindo apenas nove dólares no bolso, decidiu arriscar tudo o que tinha na criação científica desses vermes. E em apenas alguns anos, conseguiu transformar um recanto desolado da Califórnia, num jardim verdadeiramente paradisíaco, cheio de frutas, flores e legumes gigantesco. Tudo isso graças ao riquíssimo **humus** que utilizava!

O dr. Thomas Barret depositou toda a sua confiança nas minhocas; e hoje as exporta para uma dezena de países. Se-

A Minhoca — Salvador da Humanidade

(Continuação da página 82)

guido hoje por um número sempre crescente de discípulos ou imitadores, êle lidera a campanha, não no sentido de que se cultive sempre novas terras,

mas para que se confie às minhocas o papel de regenerar as terras aráveis atualmente exploradas.

Seria admirável, sem dúvida, que o homem reconhecesse, finalmente, os serviços que as minhocas podem prestar à humanidade e utilizasse êsses serviços, em vez de empobrecer continuamente o solo, deixando tudo o mais ao Deus dará. Admirável, mas não impossível.



UMA "ESPECIALIDADE"!

DE acôrdo com as determinações de um tribunal de justiça, a editôra francesa Plon terá que pagar ao escritor Paul Leauteaud 100 mil cruzeiros de indenização por haver extraviado um original enviado para publicação. Trata-se de uns fragmentos de seu "Diário" referente ao ano de 1953, parte escrito à máquina, parte a mão, com uma de suas já famosas penas de galinha.



POR CULPA DAS BATATAS PODRES

OS passageiros que embarcam no Havre com destino aos Estados Unidos e levam seus automóveis são obrigados a submetê-los a uma prévia desinfecção, como consequência de uma ordem ditada pelo Ministério da Agricultura dos Estados Unidos. A medida foi imposta porque, em um porto norte-americano, um funcionário que inspecionava um automóvel francês, encontrou debaixo dos bancos restos de batatas podres. Com êsse requisito, uma operação de embarque, que antes se fazia em quarenta minutos, exige agora mais de sete horas!



PARA QUE FABRICAR VINHO?

UMA invenção alemã, de patente secreta, permite obter vinho sem álcool. Qualquer espécie de vinho pode perder noventa e nove por cento do seu teor alcoólico ao ferver num recipiente vacuifeito, conservando, porém, seu saber e seu aroma. Os bêbedos dirão: "Para que fabricar vinho, então?"

AGUA PURA
SAÚDE SEGURA

VELAS

SENUN

ESTERILISANTE

FABRICADAS
PELO PROCESSO SENUN

soviética ainda é desconhecida. Apenas nove meses de vantagem! Esta revelação foi o suficiente para mergulhar os Estados Unidos num verdadeiro torpor e espalhar a confusão e a inquietude no mundo ocidental.

A explosão atômica de julho de 1949 surpreendeu os cientistas que haviam fixado em 1952 a data em que a Rússia poderia explodir a sua bomba atômica tipo Hiroshima. As virtudes dos caças "Mig", verificadas dois anos mais tarde aumentaram ainda mais a surpresa. A explosão de agosto de 1953 veio confirmar o esforço técnico do adversário e significar que ele rivaliza com os Estados Unidos nesta corrida armamentista, corrida que deve decidir os destinos do mundo.

"A posteriori", os êxitos técnicos do adversário se explicam. O próprio Malenkov declarou, em certa ocasião, que 70 por cento da capacidade industrial da União Soviética produziram equipamentos e armas de alto valor técnico. Isto representa uma distribuição inversa da que existe na economia americana.

Depois de Hiroshima, a arma atômica passou a ser o recurso supremo contra um conflito generalizado. Com o projétil atômico (bomba atômica) e o aparelho aéreo de ação internacional (superbombardeiro B-36) os Estados Unidos criaram um "sistema de armas" destinado a desencorajar toda veleidade de uma agressão aberta contra as nações ocidentais. Este "sistema de armas" era tão poderoso, e tão terríveis os seus efeitos que o seu uso deveria limitar-se a uma resposta, apenas desencadeada depois que a ação direta do adversário atingisse de cheio o mundo ocidental. O campo livre para toda uma gama de hostilidades menores, mas suficientes para exaurir uma parte dos recursos do Ocidente.

As guerras localizadas nasceram desta situação.

Quanto maior o poder destruidor da arma atômica, mais importantes serão os encargos dessas guerras localizadas. A guerra da Coréia, dada a sua amplitude, sugeriu, várias vezes, o emprego de armas atômicas por parte do ocidente. Entretanto, este recuou, porquanto não havia outra alternativa que a acei-

ESTRATÉGIA MUNDIAL:

A Grande Revolução

(Continuação da página 58)

tação da atitude do adversário ou a deflagração de uma guerra mundial.

No início da era atômica, os Estados Unidos tinham em mente desen-

volver um "sistema de armas" de resposta à distância, que seria capaz de assegurar a paz mundial. Mais tarde, a agressividade constante do adversário e as guerras localizadas conduziram ao rearmamento da Europa e levaram os Estados Unidos a enviar poderosos corpos expedicionários, a fim de servir de apoio às forças aliadas do velho mundo. Mas a defesa interna do território federal continuava no último plano das cogitações americanas. Não dispondo a União Soviética da bomba atômica, os Estados Unidos nada tinham a temer. Mas depois de 1949, a situação se modificou. Entretanto, como a Rússia não possuía aviões de grande raio de ação, o perigo ainda continuava pequeno.

Agora, a bomba termonuclear soviética modifica completamente os antigos dados do problema. Em razão de sua formidável potência, é bastante que alguns aviões portadores dessa arma burlem o sistema de defesa para que imensas destruições sejam possíveis. O "handicap" da Rússia torna-se, dêsse modo, sensivelmente diminuído. Após a ação à distância, após os corpos expedicionários e todas as armas possíveis, um novo elemento devia ser acrescentado ao arsenal americano: a defesa integral do solo nacional.

O rearmamento das nações da Europa ocidental, sem dúvida alguma, fez cessar o "vazio" militar surgido depois da Segunda Guerra Mundial, próximo da "cortina-de-ferro". Tratava-se de desencorajar todos os movimentos de ocupação ou anexação além da cadeia de países satélites. Tratava-se, também, de dar a essas nações tão duramente enfraquecidas pela Segunda Guerra Mundial, uma força militar capaz

Aprenda facilmente HARMÔNICA

Pelo método do prof. A. SCHMOLL, prático, teórico, recreativo.
Adaptação para harmônica do célebre método de piano do mesmo autor, adotado nos principais conservatórios de mais de 50 países, inclusive o Brasil. O mais eficiente auxiliar do professor. A venda nas boas casas de música em todo o Brasil, ou diretamente com os distribuidores, pelo serviço de reembolso postal. MÉTODOS, ESTUDOS, MÚSICAS, LIVROS TÉCNICOS, DIDÁTICOS, EDUCAÇÃO SEXUAL etc. Revendedores da Edição Saleciana «LES». A Pedido enviamos listas.

Pedidos a «P R A T O» Distribuidora Littero Musical Ltda.
Caixa Postal 1037 — Rua Sud Menucci 234 — S. Paulo

de torná-las altamente responsáveis em função de uma coalisão; posteriormente, viria a integração que daria seu pleno valor a esse bloco de mais de 200 milhões de habitantes que é a Europa ocidental. Ao abrigo do "Comando Estratégico do Ar" americano e de seus estoques atômicos, a Europa devia poder reconstituir sua força militar, sem que, para isso, enfraqueça a sua economia doméstica.

Mas se, depois de Hiroshima, a primeira parte desse vasto programa de defesa, assegurado pela criação e manutenção de um enorme potencial destruidor logrou um resultado satisfatório, a segunda parte do plano ocidental efetivou-se numa proporção de setenta e cinco por cento. Desde a Conferência de Lisboa, realizada em princípios de 1952, ficou claro que as economias nacionais, mesmo apoiadas pelos Estados Unidos, não permitiriam atingir todos os objetivos visados.

A Inglaterra, em primeiro lugar, alegou seus encargos e responsabilidades na defesa nacional. A França, para defender a metrópole e fornecer a contribuição militar anunciada, estaria forçada a abandonar a Indochina. A inclusão da Alemanha foi julgada militarmente necessária e politicamente inevitável. Se o problema residia em defender as nações ocidentais da Eu-

ropa, era obrigatória a inclusão do solo e do potencial defensivo da Alemanha. É, então, que, depois da morte de Stalin, a atitude do Kremlin deixou entrever por um instante a "coexistência pacífica entre os dois blocos". O mundo ocidental não tinha necessidade de um forte encorajamento para diminuir o ritmo dos seus esforços de rearmamento.

Os menos confiantes achavam que à fase de brutalidade e de hostilidade que havia caracterizado o governo de Stalin, iria suceder um período mais brando quanto aos meios, embora os fins não sofressem alteração alguma. O mundo ocidental deveria adaptar-se para enfrentar um longo período de guerra fria. Por trás de uma ação exterior, marcada por um abrandamento da tensão, o rearmamento soviético prosseguiria no mesmo ritmo. Ao contrário do mundo livre, que, emocionado pela sua opinião pública, estaria obrigado a contar com recursos reduzidos, redimidos por alguns esforços suplementares em caso de crises.

Tal era a situação no princípio daquele período decisivo. A importância da declaração de Malenkov, relativa à explosão de uma bomba termonuclear soviética, não foi imediatamente compreendida pelo mundo ocidental. Mas a proclamação de

Stirling Cole, presidente do "Comitê Parlamentar de Energia Atômica" ("A situação dos Estados Unidos é desesperadora e devemos gastar 10 bilhões de dólares para evitar a nossa destruição") teve uma grande repercussão. Pela primeira vez em sua história os EE.UU. tomavam consciência de estar diretamente a me a ç a d o s

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando for, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua São Januário, 706 Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me por Rembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº

NOME

RUA Nº

CIDADE

ESTADO

Preço para todo o Brasil: Cr\$ 88,00

"GUIA DA MEDICINA HOMEOPÁTICA"

PELO DR. NILO CAIRO

Agora novo e desenvolvido, completamente em dia com a evolução da Medicina Homeopática de nossos dias. Acaba de aparecer a 16ª edição deste utilíssimo livro, revista e aumentada com mais de 300 medicamentos novos, pelo dr. A. Brickmann. É o verdadeiro Médico da Família, sendo incalculável o número de curas maravilhosas que tem realizado. Todas as famílias o devem adquirir e guardar como objeto precioso. Onde não houver médico, ele o substituirá. Quem possuir um exemplar deste livro tem sempre ao seu dispor médico e farmácia.

Um grosso volume com mais de mil páginas, impresso em ótimo papel e solidamente encadernado Cr\$ 150,00

PEDIDOS A
LIVRARIA TEIXEIRA
Rua Marconi, 40 — Caixa Postal 258
SAO PAULO

Remetemos para todo o Brasil pelo reembolso postal, contra cheque, vale postal ou carta registrada com valor declarado.

na vida de seus cidadãos e de seus bens. Os dados básicos do novo problema surgido merecem um exame:

1) — Um novo menosprêzo pelas capacidades reais da União Soviética ajuntava-se aos erros anteriores e induzia à circunspeção, tanto no que dizia respeito à exata apreciação de sua força como no que concernia à qualidade das informações obtidas através da cortina-de-ferro.

2) — Uma bomba termo-nuclear explodiu em Eniwetok em novembro de 1953. Dizia-se ser a mesma equivalente a 4 milhões de toneladas de dinamite (TNT) contra as 20 mil toneladas da bomba atômica tipo Hiroshima. Mas aquela arma exigia uma bomba atômica como detonador. Transformada em bomba ela é capaz de destruir uma cidade de 350 quilômetros quadrados, e seus efeitos são mortíferos a mais de 15 quilômetros do ponto de explosão. Para construí-la sob sua forma primitiva os Estados Unidos teriam gastado 40 bilhões de dólares. Falava-se no ingente esforço que requeria sua fabricação, assim como na enorme despesa exigida pela construção de bombardeiros capazes de transportá-la a grandes distâncias.

3) — O estoque atômico soviético não era conhecido. Sabia-se, porém, que a Rússia possuía conhecimentos técnico-científicos suficientes e o potencial necessário para produzir grandes quantidades de bombas-atômicas (fissão) e, em seguida, projéteis termonucleares (fusão). Calculava-se até que os russos haviam começado a estudar a bomba de hidrogênio antes dos americanos. Isto, pelo menos, foi o que declarou M. L. Strauss, presidente da "Comissão de Energia Atômica". M. Wilson, ao contrário, afirmava que a Rússia levaria mais uns três ou quatro anos para acumular um estoque suficiente. Com relação à bomba atômica, certamente, já dispunham de um número suficiente para destruir os cinquenta centros vitais dos Estados Unidos. Faltavam apenas aviões capazes de transportá-las a grandes distâncias com uma velocidade suficiente para vencer um terrível sistema de defesa. Mais tarde, porém, chegou-se à conclusão de que a União Soviética possuía um "sistema de armas" composto da bomba de hidrogênio e de bombardeiros super-sônicos.

4) — A noção de aumento contínuo dos estoques atômicos tem um valor limitado. O que importa é chamado estoque de saturação, isto é, o número de projéteis necessários à neutralização do território inimigo. O excedente desse estoque representa uma segurança suplementar em caso de erro estimativo, por exemplo, quanto à eficácia da defesa anti-aérea do país atacado. É de grande importância dispor de uma gama de projéteis de todas as potências, e especialmente de projéteis de

alta potência, porquanto esses projéteis reduzem o número dos veículos aéreos.

5) — Diante dos aliados europeus, os EE.UU. se achavam colocados numa nova situação. Retomando a declaração de M. Cole ("...a situação da América é desesperadora..."). Walter Limann escreveu: "Que diria M. Cole se ele fôsse membro da Câmara dos Comuns, da Assembléia Nacional Francesa, do Bundestag, ou da Dieta japonesa? Pois seria membro de um Parlamento, cujo país não teria possibilidade de conseguir 4 bilhões de dólares para gastar com um sistema de defesa contra bombas atômicas! E, mesmo que dispusesse do dinheiro, a proteção obtida seria bem inferior à dos Estados Unidos..."

6) — Cinquenta grandes centros agrupam 71 por cento da capacidade industrial dos Estados Unidos e 54 por cento da sua mão de obra qualificada. A destruição de um número bem menos elevado de pontos sensíveis seria o bastante para imobilizar o arsenal americano, paralisando, simultaneamente, os meios de resposta.

7) — "Não são os homens que devem defender, mas os bens e a organização, sem os quais nada é possível" — escrevia o general Saville, antigo chefe da defesa aérea do território americano. Mas os bens e a organização são tanto mais difíceis de proteger quanto mais avançada e concentrada fôr a civilização industrial.

8) — "Interditar o céu nacional às incursões aéreas inimigas é realizar uma tarefa cuja eficácia não vai além de 30 por cento" — declarou um estrategista europeu. O espaço a cobrir estendia-se por 11.000 quilômetros de comprimento e 15.000 metros de altitude. No tempo em que os aviões voavam a 350 quilômetros por hora e a 6.000 metros de altitude, a defesa da Grã-Bretanha destruía apenas 10 por cento dos aviões atacantes. E com os meios disponíveis no momento, somente 30 por cento dos aviões invasores podem ser abatidos antes de atingirem seus objetivos.

A situação era, então, dramática. Por ordem do general Vandenberg, no momento chefe do Estado Maior da Força Aérea Americana, um estudo especial foi levado a efeito. O famoso "Instituto de Tecnologia", de Massachussets, trabalhou no chamado projeto "Charles". Suas conclusões foram as de que os estudos deviam ser desenvolvidos e o projeto "Lincoln" resultou desta recomendação. Este "projeto" previa a instalação de uma rede de radar, cobrindo todas as bordas do continente norte-americano, utilizando-se corpos de observadores dotados de transmissões correspondentes, construção de centros de defesa, para onde seriam enviadas as informações colhidas pelo radar e onde as máquinas eletrônicas explorassem essas informações. Uma segunda linha de radar asseguraria a defesa imediata das grandes aglomerações. E, finalmente, caças

de grande velocidade e de grande raio de ação, projéteis teleguiados, etc., interceptariam os aparelhos inimigos. Ao mesmo tempo, certas indústrias seriam deslocadas para outros lugares mais seguros. Em suma, o projeto "Lincoln" acarretaria uma despesa de 8 bilhões, segundo uns, e de 4 bilhões, segundo outros.

Não obstante, de acordo com a opinião dos especialistas, quaisquer que fossem as somas gastas, por complexos que fossem os dispositivos instalados, a verdade é que uma defesa 100 por cento eficaz não era possível. Por outro lado, se esta organização defensiva fosse efetivada, poderia dar ao cidadão americano um perigoso sentimento de segurança e criar o famoso complexo "Maginot", do qual os estrategistas europeus têm tanto medo. Ainda bem que, finalmente, o projeto "Lincoln" foi abandonado.

Essa tentativa de defesa integral só foi abandonada porque não se tinha certeza da sua eficácia. E, mesmo, chegou-se à conclusão, atualmente, de que o mais importante é a invulnerabilidade total da força aérea de resposta, isto é, dos "B-36", dos "B-47" e, finalmente, dos "B-52" do general May. Não há necessidade de um projeto "Lincoln" para proteger, de maneira efetiva, as bases onde se encontram, prestes para voar, os aviões atômicos. Não há dúvida de que estes permanecerão dispersos ou abrigados sob o solo.

FAÇAMOS agora um resumo da situação.

Em primeiro lugar, a explosão de agosto de 1953 demonstrou que estava próximo o dia em que a Rússia poderia atacar o próprio território norte-americano. E precisaria de poucos aviões para lançar um ataque decisivo desde que a arma fosse a bomba de hidrogênio. E como não era possível interceptar numa proporção de 100 por cento os aviões inimigos, um programa de defesa, financiado por quantias fabulosas, não protegeria os centros americanos de uma séria ameaça.

A demora poderia ser de dois a cinco anos. Seria aconselhável, então, um ataque atômico preventivo? Também esta solução deve ser rejeitada. A solução é proteger-se, reforçando a arma de resposta e realizando tudo o que for necessário para que



ÓLEO DE PEROBA
surgiu para dar vida nova aos seus móveis velhos e vida longa aos seus móveis novos.

essas possibilidades de resposta não sejam atingidas ou eliminadas por um ataque de surpresa da União Soviética.

Assim, a estratégia americana deve restringir-se ao desencorajamento do inimigo, mediante a demonstração de que tem possibilidade de dar uma resposta imediata. Como é manifesto que não existe, para todo o território norte-americano um sistema de defesa cem por cento eficaz, é preciso proteger este instrumento de resposta eventual e aumentar os meios de defesa que lhe dizem respeito. Limitado às suas finalidades, uma certa defesa é possível. Veremos, então, durante os próximos anos, o reforço dos meios defensivos aplicados ao céu e ao solo americanos.

O desenvolvimento das armas correspondentes será precipitado (radar, aviões, projéteis, etc.)

Dizer — e com razão — que o Ocidente jamais será o agressor é colocar o problema na seguinte alternativa: ou as forças defensivas do ocidente possuem alto valor e são capazes de desencorajar toda veleidade de agressão — o que determina um acordo e um **modus-vivendi** — ou são temidas, e o conflito vem mesmo. Neste segundo caso é preciso, pelo menos, que essas forças estejam prontas para efetuar a resposta, que é a razão de ser do aparelho militar do ocidente. Deve-se considerar também a importância das medidas de proteção que poderiam ser tomadas para salvaguardar esses meios de resposta. Uma perfeita "defesa passiva" formada por meios ofensivos poderosos, constituirá o preço da paz.

É preciso admitir que certos objetivos europeus "merecem" projetos termo-nucleares, que se acham bastante expostos e que o adversário dispõe de aviões com raio de ação limitada, mas capazes de cobrir toda a extensão do território europeu. Principalmente a Alemanha, com suas concentrações industriais, encontra-se particularmente exposta. Mas é claro que o objetivo n. 1 do inimigo será o "Comando Estratégico do Ar". O que não quer dizer que os Estados Unidos devam concentrar na defesa do território nacional a quase totalidade dos seus recursos. Para a defesa da América, a chamada "estratégia periférica" não tem sentido algum.

seja áspero comigo, Joe Wright. Sei de uma coisa a seu respeito... que você não gostaria

Prólogo para um assassinato

(Continuação da página 46)

que fôsse divulgado". Então, Wright falou: fôsse divulgado". Então, Wright falou: — "Você está me ameaçando?". "Não é bem isso... Sei, apenas, que Jim pretende escrever outro livro; e ele sempre precisa de... material". A seguir, entrei no vestíbulo e vi Joe Wright de pé. "Pois bem, sua megera — disse, arquejando de furor — se eu souber que você e Jim estão..." Notou a minha presença e retirou-se. Minha tia riu. Mas não me falou nada. Agora, o senhor compreende o motivo porque receio por tio Jim — continuou Ellen. — Joe Wright é um dos habitantes dêste lugar que viviam apavorados com a tia Grace. Por isso eles querem que tio Jim seja o culpado.

Eu estava tão absorvido pelo que Ellen dizia que não notei a presença do sr. Phipps. Êste se achava de pé, no vestíbulo, esperando que Ellen olhasse para êle.

— Ellen — disse, finalmente — você poderia vir comigo? Peggy não está passando bem...

Ellen se desculpou, retirando-se, seguida do contador do hotel. Fiquei ainda, por algum tempo, tentando refletir sobre a nova situação surgida. Ellen Shaw estava procurando confundir-me, talvez com a intenção de obter o meu auxílio na tentativa de salvar o seu tio.

Por outro lado, encontrei muita facilidade em acreditar em suas palavras. Dêsse modo, a minha teoria, segundo a qual James Wellington Sykes era a pessoa visada pelo assassino, podia igualmente ser aplicada a Grace. Pensei, então, no delegado. Que espécie de acusação Grace Sykes teria contra êle? Seria assim tão importante a ponto de levar Joe Wright a uma atitude extrema?

Assassino ou não, a verdade é que o delegado tinha completo contrôle do caso. E enquanto a cerração envolvesse a ilha, êle estaria à frente da "caçada". Fui ao meu quarto apanhar uns cigarros. Quando já ia saindo, uma figura feminina se aproximou. Era a belíssima senhora Harvey Young.

— Soube que o senhor é piloto e está com um avião aqui nesta ilha — disse ela.

— Poderia levar meu marido e eu para Seattle?

— Com esta cerração não é possível.

— Quando o nevoeiro se dissipar. Creio que não vai demorar muito tempo mais.

— Senhora Young, creio que o meu avião não tem permissão para deixar esta ilha, quer o tempo esteja bom ou mau. Sinto muito, mas não posso servi-los, como seria de meu desejo.

— Em hipótese alguma?

— Em hipótese alguma.

Neste instante o sr. Yong apareceu. Tive a impressão de que êle se encontrava escondido e de que havia mandado sua espôsa na frente, a fim de sondar-me.

— O cavalheiro não nos quer levar, querido — disse a senhora Young.

— Já disse o que tinha a dizer: não posso voar para Seattle.

— Por que você não vai a nado, Harvey? — disse uma voz.

Era a voz de Hal Shaw, que se achava na escadaria. Depois, acabou de galgar o resto dos degraus e juntou-se ao nosso grupo.

— Hal... — começou a sra. Young.

— Seu marido está perdendo tempo, Alice — disse Shaw, ignorando a minha presença — êle está tão assustado que não sabe o que fazer.

Harvey Young agarrou Hal Shaw pela abertura da camisa.

— Cale a bôca! — gritou o Homem de Seattle, enfurecido.

— Largue-me! — exclamou Shaw. — Quase que solto uma enorme gargalhada quando você disse, esta manhã, ao delegado, que seria melhor trazer uns detetives para a ilha. Logo você, Harvey Young! E o que diria aos detetives? Que passou todo êste ano aqui, na ilha, procurando arrancar o dinheiro da minha velha tia? E que, quando ela descobriu suas verdadeiras intenções, ameaçou mandar prendê-lo?

Harvey Young tentou agredi-lo. Mas Hal Shaw recuou um passo e avançou novamente, agarrando-o pelos braços e comprimindo-o contra a parede.

— Você permanecerá aqui — disse Shaw àasperamente. — E dentro de breve terá os detetives que pediu.

Shaw não notou a minha presença. E, após esta cena, retirou-se, seguido do sr. Harvey.

Por algum tempo fiquei sozinho. Mas, de repente, a bela sra. Young retornou, sem o marido, e tocou suavemente em meu braço.

— O senhor não deve acreditar em nada do que disse Hal Shaw. Meu marido e eu visitamos esta ilha freqüentemente. Tôda a cena de há pouco foi porque meu marido notou que Hal está interessado por mim... E Hal detesta meu marido. Por isso é capaz de tudo fazer a fim de dar expansão ao seu ódio.

— Mas, sra. Young, eu não passo de um forasteiro que de nada sabe.

— Não desconheço isto. Porém devo acrescentar que Hal Shaw anda às voltas com dificuldades de outra natureza. Ele e a irmã estão em bancarrota, como o senhor sabe. E, às vezes, perguntava a mim mesma como é que Hal conseguia viver sob o mesmo teto com uma tia riquíssima e que se negava a lhe dar ajuda.

— Pelo que vejo a senhora sabe muita coisa a respeito do que acontece no "Hotel Caribou".

— É muito simples: quando qualquer pessoa passa algum tempo num só lugar, acaba tomando conhecimento de muita coisa, mesmo sem querer. E, depois, esta ilha é um mundo muito pequeno.

Eu estava começando a compreender tudo aquilo.

— E creio que quando fôr possível — acrescentou ela, abruptamente — o senhor nos levará para casa!

Disse e saiu, deixando-me apenas o seu magnífico perfume.

Quando desci para o saguão, vi Hal Shaw atrás da caixa registradora do hotel. Ele estava retirando uma carteira de cigarros de dentro de uma gaveta. Quando cruzei

pelo seu caminho, ele parou, com ar assustado:

— Espere um instante! — disse eu.

— Que deseja! — perguntou ele, dirigindo-me um olhar frio.

— Você levantou graves acusações contra Young, não é verdade?

— O senhor ouviu? Harvey é um es-croque!

— Como você sabe tal coisas?

— Foi tia Grace quem me disse. Ela contou-me que tinha provas suficientes para levá-lo à barra do tribunal. E ia fazê-lo! O senhor não conheceu a minha tia!

— E dou graças a Deus por não ter podido conhecer sua tia.

Eu disse isto impulsivamente, só para ver a reação de Hal, que riu amargamente, e disse:

— Você quer um conselho... pilôto? Não se meta a detetive! O delegado aqui é Joe Wright. Não se preocupe que ele apanhará o assassino.

Shaw saiu, sem dizer mais uma palavra.

O saguão estava deserto. Empurrei uma porta que havia do outro lado e penetrei na saleta para onde Ellen me levara naquela manhã.

O sr. Phipps lá se encontrava com uma garrafa de uísque na mão. Pareceu tão acabrunhado por se ver assim surpreendido que resolvi tranqüilizá-lo com um sorriso.

— Onde está a srta. Shaw? — perguntei.

— Na cozinha — disse ele, nervosamente.

— Que aconteceu, sr. Phipps? Está com medo de alguma coisa?

— Eu não estou com medo — articulou ele, com dificuldade.

— Pois claro! — disse eu, em tom encorajador. — Tudo indica que Jim Sykes matou a própria prima. Pelo menos é o que pensa o delegado. Portanto, ninguém tem motivos para estar com medo.

— Mas eu já disse que não estou com medo!

— Sabe, sr. Phipps, que no livro de James Wellington Sykes há um persona-

gem que me pareceu uma reprodução do... senhor?

Claro que isto nada tinha de verdadeiro. Mas, enquanto eu fazia tal observação, notei que uma grande mudança se processava em seu rosto.

— Sykes nada escreveu a meu respeito — disse êle. — Pode perguntar a quem quer que seja!

Tive a sensação de que êle estava falando a verdade. Mas notei algo de estranho em sua nervosa conduta.

— Quero que me dispense agora. Tenho que fazer algumas contas urgentes — disse, logo a seguir. E dirigiu-se para a porta de saída.

— O pessoal do Hotel Caribou está numa situação difícil, não é mesmo, sr. Phipps? — gritei para êle, antes de desaparecer.

— Não procure envolver a srta. Ellen neste caso! — disse êle, voltando-se e falando com voz ameaçadora. E a porta se fechou atrás dêle, antes de que eu pudesse dizer qualquer coisa mais.

Cruzei a saleta na direção da porta do lado oposto, que abri, penetrando na velha e grande cozinha. Lin, o cozinheiro, e Ellen estavam de pé, ao lado do fogão.

— Você deve parar com isto! — dizia Ellen ao cozinheiro. — Ninguém está acusando você de assassinato! E qualquer acusação que surgir não terá fundamento. Peggy adoeceu por causa do que você disse.

— Ela sempre se levanta muito cedo — disse o cozinheiro. — Mas não em horas tão avançadas da madrugada. E, depois, não devemos esquecer que **ela também está no livro de Jim!**

— Muitas outras pessoas estão retratadas no livro.

O cozinheiro apanhou uma faca com um movimento tão rápido que não me contive, e saltei.

— Ela pensa que eu matei miss Grace com esta faca — disse êle.

Só então Lin notou a minha presença. A faca que empunhava representava uma dupla ameaça. E quando Ellen se voltou e me viu, aproximou-se e tomou-me pelo braço.

— Você se importa de sair da cozinha comigo? — falou, com voz insinuante.

Então, caminhamos para o saguão.

— Ouvi que Lin e Peggy também estão no famoso livro — disse eu. — E agora cada um acusa o outro de assassinato!

— Os dois simplesmente estão com medo.

— Isto é perfeitamente compreensível. Mas o que diz o livro a respeito de Peggy?

Ellen olhou detidamente para mim e depois falou:

— Há alguns anos a pobre Peggy partiu para Hollywood a fim de tentar a carreira cinematográfica, acompanhada de um homem que havia chegado recentemente à ilha. Desgraçadamente, ela e o companheiro só puderam chegar a Portland, onde o homem foi prêso pela polícia como desertor da marinha. Depois descobriram que êle havia roubado dinheiro da tesouraria do navio em que servia.

— E Sykes conta isto no seu livro?

— Minuciosamente! Mas, na realidade, o que feriu Peggy foram as conseqüências. Ela voltou para a ilha e arranjou um namorado, que a amava profundamente. Mas o aparecimento do livro veio acabar com o romance! O rapaz não pôde suportar a situação ridícula e deixou a ilha. Peggy não esqueceu isto.

— E Lin?

— Lin foi brutalmente caricaturado no livro. Êle teve um violento choque com uma funcionária dos Correios, que havia aqui. Realmente, foi um fato muito interessante. Mas não para Lin.

Ellen parou, um instante, como se refletisse, e depois prosseguiu:

— A verdade é que muita gente aqui da ilha anda amedrontada!

— E, tôdas, são pessoas que podem ser acusadas de homicídio — disse eu, conclusivamente.

Neste momento, a porta da frente se abriu e um rapaz de rosto corado entrou no hotel.

— O delegado deu permissão para remover o cadáver — disse êle a Ellen.

(Continua no próximo número)

CORRESPONDÊNCIA

JOSÉ MENDES RIBEIRO (Caixa Postal 123 — Cruzeiro, S. Paulo) — Seu trabalho está sendo examinado pelo departamento competente. Gratos.

PERCILIANO ANTONIO DA SILVA (Rua Frei Caneca, 250, São Paulo) — Idem.

JORGE SÉRGIO LOPES GUIMARAES (Distrito Federal) — Muito interessante. O assunto está sendo estudado para breve e favorável solução.

ANDRÉ DOMINGOS DOS SANTOS (General Caldwell, 216) — Em português aconselhamos a ler... a coleção do **EU SEI TUDO**. Se lê francês e inglês, indicariamos "Journal des Voyages" (francês) e "Adam" ou "Saga" (inglês). São, tôdas, revistas muito dedicadas ao gênero de leitura da sua preferência.

EU SEI TUDO

N.º 471 — ANO XL

N.º 3 — Agosto — 1956

SUMÁRIO:

A promessa (conto)	5 a	9
Distraia-se com o seu cérebro	9 a	12
Uma noite à beira do Niger		10
Os futuros transatlânticos zombarão das vagas e não mais haverá passageiro "enjoados" ...		10
Conhecendo a cidade		12
Viagem a Shangri-lá (conto)	13 a	18
Existem os venusianos? As eternas suposições da habitabilidade interplanetária ...	19 a	26
Descobrimento das fontes do Amazonas	26 a	29
O cometa do grande medo... (Em 1910, o mundo ainda não estava absolutamente certo de escapar a uma catástrofe planetária: mas tudo acabou em risadas e canções populares)	30 a	34
A morte com meias de seda (cont.) ..	35 a	42
Prólogo para um assassinato (conto) ..	43 a	46
Côres que a natureza não pode copiar		47
Estratégia mundial: A grande revolução (A bomba-H nas mãos dos russos, de um lado, e a multiplicação de armas atômicas táticas, norte-americanas, de outro, destroem as concepções clássicas e obrigam os estrategistas a fazer revisão no sistema de defesa ocidental)	48 a	54
Pobre homem (conto)	55 a	57
O sol a serviço do homem	58 a	61
Páginas escolhidas: A estética da desgraça (Euclides da Cunha)		62
Examinando de perto a figura de Herodes, que foi o primeiro perseguidor de Jesus ..	63 a	68
Números fabulosos de hoje		68
Segredos de Scotland Yard: A pista da Bôlsa Amarela	69 a	71
Comparações		71
Vaidade escocesa		71
Dicionário de nomes próprios		72
A minhoca, salvadora da humanidade (Sem essa criatura, das mais derrisórias, a nossa civilização talvez não existisse!) ...	73 a	76
Você pode curar, dormindo!	77 a	83
Conselhos de uma quituteira		84
A pupila do rei (continuação)	85 a	92
Memento EU SEI TUDO — Há sessenta dias — Junho de 1956	93 a	96
Charadas, quebra-cabeças		97

A CAPA Novos avanços foram feitos pelos cientistas no estudo dos fenômenos do sono e do poder repousante e curativo desse estado no indivíduo. Leiam com atenção o artigo **VOCE PODE CURAR, DORMINDO**, à página 77, desta edição.